

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

VINICIUS GARZÓN-TONET

**MARIO RODRIGUES FILHO: DEMOCRACIA RACIAL,
VIOLÊNCIA E FUTEBOL (1919 – 1955)**

Belo Horizonte

2020

VINICIUS GARZÓN-TONET

**MARIO RODRIGUES FILHO: DEMOCRACIA RACIAL,
VIOLÊNCIA E FUTEBOL (1919 – 1955)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Heloisa Maria Murgel Starling

Belo Horizonte

2020

907.2	Garzon-Tonet, Vinicius.
G245m	Mario Rodrigues Filho [manuscrito] : democracia racial, violência e futebol (1919 – 1955) / Vinicius Garzon-Tonet. - 2020.
2020	217 f. Orientadora: Heloisa Maria Murgel Starling.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.História – Teses.2. Rodrigues Filho, Mario, 1908-1966. 3.Futebol - Teses . 4.Democracia – Teses. 5.Historiografia - Teses. I. Starling, Heloisa Maria Murgel. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



"Mario Rodrigues Filho: Democracia Racial, Violência e Futebol (1919 1955)"

Vinicius Garzón-Tonet

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Heloísa Maria Murgel Starling - Orientadora
UFMG

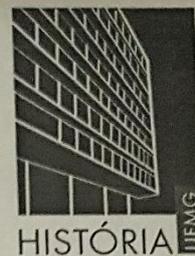
Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva
UFMG

Prof. Dr. Fábio Franzini
UNIFESP

Belo Horizonte, 12 de março de 2020.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



DECLARAÇÃO

Declaro que **Vinicius Garzon Tonet** concluiu o Mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo defendido sua dissertação no dia 12/03/2020 e obtido o Grau de **Mestre** em História, com o trabalho intitulado: "**Mario Rodrigues Filho: Democracia Racial, Violência e Futebol (1919 1955)**".

Belo Horizonte, 12 de março de 2020.

Prof. Dr. Mauro Lúcio Leitão Condé
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em História da UFMG

Agradecimentos

“Essa necessidade de dizer as últimas palavras! Porque, no fundo, nós vivemos a cada dia, desde que nascemos, tentando dizer as últimas palavras. Querendo dizer as palavras essenciais. Dizer alguma coisa. Balbuciar.” Otto Lara Resende a Nelson Rodrigues, 1977.

Gesto pequeno e poderoso o de agradecer. Não estamos sozinhos.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais e ao sistema público de ensino brasileiro. Corpo e alma da minha formação. A eles, a minha eterna lealdade. Como ensinou nosso ex-reitor Jaime Rodrigues: “A UFMG nunca se curvou e jamais se curvará ao arbítrio”.

Agradeço ao PPGHIS, pelo espaço disponibilizado para desenvolver esta pesquisa. Agradeço à CAPES, pela bolsa e por sua importância capital para o avanço da ciência brasileira.

Agradeço à professora e orientadora Heloisa Starling, por ter me acolhido logo no início da minha graduação. Gratidão e orgulho é o que sinto quando escuto o seu nome.

Agradeço aos professores Marcelino Rodrigues da Silva e Douglas Attila, por terem aceitado o convite para participar da banca de qualificação e, no caso do Marcelino, também da arguição final. As sugestões e críticas feitas foram fundamentais para que eu colocasse as ideias no lugar. Agradeço ao professor Fábio Franzini que, gentilmente, se dispôs a vir às Alterosas para avaliar meu trabalho.

Agradeço aos professores da História, em especial, José Antônio Dabdab e José Carlos Reis, cujas aulas ainda povoam minha mente. Também, à Adriana Vidal, pela disciplina “Intelectuais e circulação de ideias na América Latina no século XX”, fundamental para o prosseguimento de meus estudos.

Agradeço aos funcionários do Departamento, Marinho, Maurício, Gustavo e Igor pelo companheirismo e pela prosa boa. Agradeço à Vilma de Souza, luz que nos guia pelos labirintos do conhecimento. Agradeço aos tantos outros funcionários da UFMG que, silenciosamente, a fazem funcionar.

Agradeço às professoras da Letras, Anna Palma e Ana Chiarini, que me forneceram abrigo em uma casa que não era a minha.

Agradeço ao professor Luca Bacchini, pela nova amizade construída no Velho Mundo.

Agradeço ao professor Newton Bignotto. Mestre maior. Inigualável.

Agradeço aos amigos da EBECs, Victor “Bambuí” Muniz – Som, Tomaz de Tassis – Fúria, Pedro Montandon – Sentido, Henrique Rodrigues – Acaso. Pelas horas desperdiçadas, pelos mundos mágicos, pelos eternos retornos, pelas caminhadas intermináveis, pelas noites de Eugênio, pelo mal-estar, pelas aflições compartilhadas. Pela amizade intensa. Pela vida que poderia ter sido e foi.

Agradeço à Carol Othero, amiga-irmã. A você, tudo seria pouco. Pela generosidade. Por tudo que nunca, em tempo algum, poderei retribuir.

Agradeço à amiga certa em horas incertas, Isabela Lemos. De Passos para o mundo!

Agradeço aos companheiros do Projeto República, Rafael Alves, Danilo Marques, Wilkie Buzatti, Pauliane Braga, Francisco Bignotto, Bruno Viveiros, Marcela Telles, José Queiroz, Cecília Vieira, Kelly Morato, Leonardo Miranda, Davi Kacowicz, Lígia Germano, Alda Batista e, em especial, Taciana Garrido, que no início desta dissertação fez chegar às minhas mãos a 1ª edição de *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*. Saúde!

Agradeço aos colegas do FuLiA nas pessoas de Marcus Lage, Élcio Cornelsen, Raphael Rajão e Gustavo Guimarães, pelas discussões e pela leitura atenta da versão parcial desta dissertação. Vida longa!

Agradeço aos colegas de sala, pela companhia e afeto. Aos colegas de EPHIS pela nobre experiência compartilhada. Aos colegas de Caminhão Museu Sentimentos da Terra, haja chão.

Agradeço aos amigos de Bologna, do Clube, do Buena Vista, do Biro-Biro, dos tempos da escola, por serem vida em mim. Agradeço, em especial, ao Vítor Davis, por ter partilhado diuturnamente os dramas finais deste processo.

Agradeço aos professores Luiz Cláudio, Guilherme Amaral e Paula Elise, por terem inspirado em mim o desejo pela História. Agradeço aos meus alunos, pelos sorrisos.

Agradeço à minha família – amparo.

Agradeço aos meus avós, Anna Lúcia, Evaldo, Isolina, Luiz (com saudades) e Maria, porque o passado é carinho.

Agradeço à minha irmã, Isadora, pelo olhar delicado e o coração gigante.

Agradeço à Júlia Werneck, porque o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Tudo. Pelo amor vivo, pela paixão gostosa. Pelo amor que fecunda, pela paixão que devora. Pelo amor soberano, pela paixão escrava. Por tudo. Por nós. Pelo sempre.

À minha mãe, Andréa, mulher-império, conquistadora, com quem aprendi a ter fome de justiça. Ao meu pai, Sérgio, obrigado pelo futebol em minha vida, já nasci Palmeiras.

“O esforço é grande e o homem é pequeno.
A alma é divina e a obra é imperfeita”
Fernando Pessoa

“Pois esta é minha vocação: ser arquiteto
que projeta ruínas.”
Henrique Rodrigues

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo analisar a obra *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, de Mario Rodrigues Filho, escrita em 1947, e a sua relação com o tempo em que foi produzida, a fim de compreender sua participação nos debates sobre futebol e questão racial no Brasil. Para isso, proporá uma discussão sobre a trajetória dessa relação começando por Lima Barreto e suas críticas à segregação racial no futebol, passando por Gilberto Freyre e sua valorização da mestiçagem como fundamento para o sucesso do esporte no país, até chegar em Mario Filho e sua atuação jornalística ao longo das décadas de 1930 e 1940. Realizada a inserção do leitor na profundidade do tema, a meta do trabalho passa a ser investigar como *O Negro no Foot-ball Brasileiro* foi apresentado ao público pelo autor e pelo prefaciador, Gilberto Freyre, assim como foi recebido pela crítica em resenhas da época. Após recuperar formas com que o livro foi assimilado em seu tempo, a pesquisa passará à interpretação do texto dando atenção a quem Mario Filho nomeia como interlocutores, a como constrói o sentido histórico de sua narrativa e a como são formuladas as estratégias argumentativas em sua escrita da história. Por fim, a dissertação terá por foco o modo com que o autor elabora a experiência temporal do passado, para isso analisará como a ideia de revolução realizada no dia-a-dia, ao longo dos anos, é articulada para ditar o ritmo da narrativa. Será investigado, também, como o povo é representado, evidenciando como a intensa atividade descritiva e a atenção às sensibilidades e afetos dos personagens faz com que os corpos negros ganhem visibilidade e transformem-se nos principais agentes dessa história. Ao final, a linguagem da violência será colocada como estruturante das relações raciais em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* para que se estude como o conceito de democracia racial mobilizado por Mario Filho não criava uma mitologia de um Brasil pacífico e, pelo contrário, estava em consonância com o arco de aliança antirracista e democrático de fins dos anos 1940 e articulado no jornal *Quilombo*, dirigido por Abdias Nascimento.

Palavras-chave: Mario Filho; Democracia Racial; Linguagem da Violência; Futebol; Escrita da História.

ABSTRACT

This study analyzes the book *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, written by Mario Rodrigues Filho, in 1947, and its relationship with the context in which it was produced, in order to understand its participation in the debates about soccer and racial issues in Brazil. To this end, it will propose a discussion about the trajectory of this relationship starting with Lima Barreto and his criticism of racial segregation in soccer, passing by Gilberto Freyre and his appreciation of mestizaje as a reason for the success of the sport in the country, arriving at Mario Filho and his journalistic activity throughout the 1930s and 1940s. After inserting the reader in the general background, the goal of this work is to investigate how *O Negro no Foot-ball Brasileiro* was presented to the public by the author and by Gilberto Freyre, who wrote the preface, and how it was received by critics through reviews at that period. After recovering the ways in which the book was assimilated in its time, the research will move to the interpretation of the text, paying attention to who Mario Filho names as his interlocutors, how he constructs the historical meaning of his narrative, as well as the argumentative strategies in his writing of History. Finally, the dissertation will focus on the way in which the author elaborates the temporal experience of the past. To this end, it will analyze how the idea of revolution realized in everyday life, over the years, is articulated, setting the pace of the narrative. It will also be investigated how the Brazilian people is represented, showing how the intense descriptive activity and attention to the sensibilities and affections of the characters make the black bodies gain visibility and become the main agents of this narrative. To conclude, the language of violence will be shown as structuring racial relations in *O Negro no Foot-ball Brasileiro* in order to demonstrate how the concept of racial democracy mobilized by Mario Filho did not create a mythology of a peaceful Brazil and, on the contrary, was in line with the anti-racist and democratic arch of alliances of the late 1940s, as articulated in the *Quilombo* newspaper, directed by Abdias Nascimento.

Keywords: Mario Filho; Racial Democracy; Language of Violence; Soccer; Writing of History.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>CAPÍTULO 1 – FUTEBOL E QUESTÃO RACIAL: QUAL BRASIL?</u>	28
“Matem logo os de côm; e viva o futebol!”: Lima Barreto e os anos iniciais do “jogo dos pontapés”	28
“Um <i>team</i> fortemente afro-brasileiro”: novos rumos do futebol e um laboratório para Gilberto Freyre	40
Mario Filho e o jogo das multidões	51
<u>CAPÍTULO 2 – A RECEPÇÃO DE O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO</u>	58
Gilberto Freyre e Mario Filho apresentam o livro: que história é essa?	58
História ou romance: o que fazia Mario Filho?	71
A recepção de <i>O Negro no Foot-ball Brasileiro</i> : contextualizar para compreender	79
O ensaio de formação: uma chave de leitura	89
<u>CAPÍTULO 3 – O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO: A ESCRITA DA HISTÓRIA</u>	102
Contra quem escreve Mario Filho?	102
História: sentido e tradução cultural	106
As oposições que balizam o sentido da história	115
Fronteiras: o campo, a geral, a arquibancada e a rua	130
<u>CAPÍTULO 4 – O NEGRO NO FOOT-BALL BRASILEIRO: REVOLUÇÃO, CORPO E VIOLÊNCIA</u>	140
A representação do tempo: “o ritmo de um novo tempo”	140
A representação do povo: o corpo na história	155
Linguagem da violência: história sensível e o negro como agente	168
Democracia racial: a utopia de Mario Filho?	183
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	205
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	215

Introdução

Longe do absurdo, é possível e plausível dizer: dos dois monumentos nacionais mais representativos do Brasil, aqui e lá fora, um leva o nome e a forma do Cristo; o outro, batizado como Mario Leite Rodrigues Filho, ou simplesmente Mario Filho (1908-1966) está transfigurado em gigantesca estrutura elíptica de concreto armado¹. Portanto, para início de conversa, há de se convir que uma das responsabilidades desta pesquisa é a de equilibrar, na ponta do lápis, o peso de um Maracanã. Diríamos, ainda, em dia de Fla-Flu, uma vez que este trabalho tem como objetivo investigar a principal obra de Mario Filho, *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, explorando os sentidos que ela nos oferece a partir de seu enraizamento no tempo em que é escrita, examinando, para isso, o próprio livro e alguns debates dos quais ela participa.

No ano de 1946, nosso autor deu início no jornal *O Globo*, em sua coluna diária “Da primeira fila”, em um formato similar aos dos tradicionais folhetins, o que viria ser, no ano seguinte, o livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. A compilação dos textos da coluna, com alterações mínimas, foi publicada pela Irmãos Pongetti Editores com prefácio de Gilberto Freyre e “Nota ao leitor” escrita por Mario Filho.

São quatro os capítulos originais que organizam a obra de 1947: “Raízes do Saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. Atualmente, estamos em sua 5ª edição² e é sempre bom lembrar que quando da sua segunda publicação, lançada pela editora Civilização Brasileira, em 1964, o “*foot-ball*” do título tornou-se “futebol”, assim como outras palavras foram aportuguesadas. Além disso, algumas alterações no texto foram feitas e dois novos capítulos – “A provação do preto” e “A vez do preto” – foram adicionados como os 5º e 6º nesta que se converteu na versão consolidada. Nosso foco, porém, será a obra inaugural. Isso não significa que nos furtaremos a tecer observações, caso necessário, sobre ambas.

¹ O Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, recebeu o nome de Mario Filho logo após a sua morte no ano de 1966.

² RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

Apresentado ao público como um ensaio (“seu ensaio”³; “meu ensaio”⁴) de cariz histórico-sociológico (“contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura”⁵; “sob critério sociológico ou para-sociológico”⁶), *O Negro no Football Brasileiro* pretende contar a história da gênese e do desenvolvimento do futebol brasileiro desde sua origem, em fins do XIX, até meados da década de 1940. O que caracteriza esse processo é a evolução de um jogo que surge como um hábito social restrito às elites sociais brancas e anglófilas para o esporte democrático, miscigenado e nacional. Mario Filho faz isso destacando como a história do futebol brasileiro pode ser contada sob a ótica da exclusão sistemática dos negros pelos clubes e pelas ligas oficiais e sua posterior ascensão. Tendo como recorte espacial o Rio de Janeiro, faz a ressalva de que a história do “*football* carioca [...] não há de diferir, em essência, de nenhuma outra a grandes centros esportivos do Brasil”⁷, conferindo ao seu escrito características nacionais.

Há uma narrativa de formação⁸ que compassa a obra: enquanto permaneceu branco e aristocrático, o futebol era inglês; quando se tornou popular e miscigenado, passou a ser brasileiro. À medida que essa trajetória vai se cumprindo, realiza-se o encontro entre os sujeitos da nação e o futebol, não mais como um simples esporte, mas qual “verdadeira instituição brasileira”⁹, como assinalado por Gilberto Freyre.

A arquitetura do livro é mais ou menos assim: após sua origem no seio da elite, o refinado esporte inglês começa a se espalhar pela cidade e cair no gosto

³ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Football Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. VI.

⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Football Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 6.

⁵ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Football Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. III.

⁶ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Football Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. IV.

⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Football Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 6.

⁸ Ver: RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). *Teoria e Historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Football Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. V.

da população negra. Com sua difusão, o controle aristocrático da prática esportiva, assim como de valores associados a ela, sofre um abalo. Na tentativa de soffrear a entrada dos novos personagens populares no futebol, há uma reação coordenada por parte dos clubes da alta-sociedade.

Entretanto, as expectativas daqueles que desejavam manter o futebol restrito à elite branca são frustradas ao perceberem que não conseguiriam deter o avanço arrebatador da democratização da prática com negros sendo os principais responsáveis pelo bom rendimento das equipes. Ao final, Mario Filho sugere a superação do racismo no futebol (“Porque em *foot-ball* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo”¹⁰) e reitera: “todos os dias, pelo Brasil afora, o *foot-ball* faz isso, bota um Oswaldo Costa [banqueiro e branco] ao lado de um Quirino [jogador de futebol e negro]”¹¹.

Aquilo que acontecia em campo prescrevia o que deveria acontecer fora dele. O fim do racismo no futebol e a queda da exclusividade na participação de pessoas brancas no esporte seria o ponto de chegada da história contada por Mario Filho e evidenciaria o processo de democratização ocorrido no futebol ao longo dos anos. Em seu livro, apesar do uso constante de variações de “democratização” para configurar o processo em desenvolvimento, não conseguimos rastrear qualquer menção à expressão “democracia racial”, apesar deste parecer ser o horizonte do autor. Em apenas um momento, pela nossa leitura, em uma nota de rodapé, a 57, na página 246, Mario Filho cita o prefácio escrito por José Lins do Rego para o seu livro *Copa Rio Branco 32*. Rego utiliza o termo “democracia social” para caracterizar a heterogeneidade racial da seleção brasileira vitoriosa da copa que dá título ao livro. Portanto, um dos nossos objetivos será o de avaliar o significado deste processo de “democratização” que apesar de não ser qualificado como “racial”, oferece, pela disposição dos argumentos, este sentido ao leitor.

Inegavelmente, existe um colorido nacionalista em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, tendo em vista seu final triunfante de comunhão e reconhecimento do

¹⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 293.

¹¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 295.

povo com sua nação após o enfrentamento de adversidades mil para que um destino se efetivasse. Esse desenvolvimento reflete, inclusive, o sentido histórico da nação. Acompanhamos o antropólogo Gilson Gil quando propõe que este grau do texto seja lido como o “nível macro” da estrutura interpretativa de Mario Filho. Gil escreve que aqui Mario Filho “procura visualizar o todo, conceber as grandes forças civilizacionais do Brasil” e que neste plano é possível perceber “grandes linhas ordenadoras de nossa evolução histórica”¹².

Entretanto, acreditamos que suspender nossas análises neste ponto seria uma falha, pois as constatações feitas acima têm importância menor para compreendermos a complexidade interna da obra, aquilo que Gil denomina “nível micro” do pensamento de Mario Filho. Nessa esfera, o autor rechearia a “História com H maiúsculo de nomes, acontecimentos, dilemas, casos, ironias, paixões e expectativas, isto é, histórias com h minúsculo”¹³. Por isso, para nos concentrarmos neste plano analítico, valerá à pena entrar mais no texto, entender seus argumentos, dissecar o modo como a intriga é construída e enfrentar suas ambivalências. Importante perceber que essa divisão parece ter fundamento no método com que Gilberto Freyre, o prefaciador do livro, conduz suas pesquisas, sobre isso, Jorge Morais e José Ratton afirmam que

É comum encontrarmos, na obra de Gilberto Freyre a descrição e análise de um fenômeno de ordem macrosociológica intercalado por referências a pessoas concretas de carne-e-osso, pessoas estas que exemplificariam, ou antes, demonstrariam a existência do fenômeno sob análise. [...] A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático.¹⁴

Em momento oportuno, faremos considerações sobre essa maneira de assimilar as experiências históricas dentro da narrativa de Mario Filho.

¹² GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 19 e 20.

¹³ GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 20.

¹⁴ MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011, p. 89 e 91.

A última edição de *O Negro no Futebol Brasileiro*, publicada pela Editora Mauad, apresenta o livro em sua capa como obra clássica¹⁵. Um dos maiores pesquisadores do assunto, Maurício Murad, também afirma que a obra é um “clássico no exato sentido do termo”¹⁶. Não sem razão existem tais julgamentos, já que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* foi um dos primeiros a abordar o esporte com maior complexidade, vendo nele um fenômeno cultural e social relevante para a compreensão do Brasil como um ente dotado de particularidades. Ademais, o livro gerou e tem gerado grande repercussão: já foi aviltado, consagrado, e há também quem acuse sua humana mediocridade ou diga que é preciso superá-lo. Em meio a tempestades e calmarias, incontornável é para quem se arrisca a pensar o futebol no Brasil. Por isso, Mario Filho e sua criação são sempre convidados a responder novas perguntas.

O crítico literário e escritor Sérgio Rodrigues sugeriu, e não foi o primeiro a fazê-lo, em recente entrevista à *Folha de S. Paulo*¹⁷, que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* encontraria seu justo lugar na prateleira ao lado de *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. Acolhendo a avaliação de Sérgio Rodrigues, aceitamos alguns desafios. O primeiro, de colocar Mario Filho em diálogo com uma série de pensadores que buscou interpretar o país a partir de questões de fundo semelhantes¹⁸. O segundo, será o “dever dos vivos para com a memória dos grandes autores mortos”¹⁹. Missão nada fácil se lembrarmos que seu irmão Nelson Rodrigues advertiu que “Mário Filho merecia que o velassem multidões imortais”²⁰. Missão difícil, sem dúvidas, mas atribuição essencial do historiador, pois como ensina Evaldo Cabral de Mello:

¹⁵ “O maior clássico sobre o futebol brasileiro”. RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, capa.

¹⁶ MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, 1999, p. 432.

¹⁷ ILUSTRÍSSIMA CONVERSA: Futebol é tão fantástico que quase sempre supera a ficção. Entrevistador: Uirá Machado. Entrevistado: Sérgio Rodrigues, 25 jun. 2018. Podcast.

¹⁸ Lembrando que tal relação já foi proposta em: GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

¹⁹ MELLO, Evaldo Cabral de. O ovo de Colombo gilbertiano (1). In: *Um imenso Portugal: História e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 257.

²⁰ RODRIGUES, Nelson. “O homem fluvial”. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 11.

cumpre-nos a tarefa de procurar compreendê-los, o que equivale a dizer, exorcizá-los. Só assim eles descansarão em paz. Um livro incompreendido é uma espécie de alma penada, com a diferença de que, em lugar de missa, pede crítica.²¹

Evaldo Cabral escreveu essas palavras para dar início a uma breve reflexão sobre a obra de Freyre, padrinho intelectual de Mario Filho. Podemos dizer, guardadas as devidas proporções, que muitas das incompreensões sofridas por Freyre, acometem, também, o nosso autor. É como se a penumbra lançada pela árvore frondosa que é Gilberto Freyre, na analogia de Luiz Costa Lima, transformasse em árvore, a sombra. Por isso, será necessário considerar a importantíssima relação entre Freyre e Mario Filho em nossas análises seja no método adotado por este último, seja em suas interpretações dos fenômenos. É crucial lembrar ao leitor, desde já, que é o próprio Mario Filho quem ressalta o valor capital de Freyre para existência de seu mais conhecido trabalho. Ele diz:

Se eu não conhecesse Gilberto Freyre em Apipucos – fôra a Recife matar saudades da infância – talvez êste livro não fôsse escrito. [...] Não me lembro como, naquele primeiro encontro com Gilberto, conversa vai, conversa vem, comecei a falar da luta do negro para vencer no futebol. [...] Não precisei me estender muito, Gilberto foi logo dizendo que eu tinha de escrever o livro. Com aquele material todo eu não devia hesitar um momento. Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou a realizar “O Negro no Futebol Brasileiro”.²²

Portanto, Mario Filho acaba por conduzir Freyre a este lugar de “princípio vital” de sua obra, que preencheu o seu corpo de alma. Entretanto, apesar desta intensa relação, buscaremos outros elementos que compõem o quadro geral no qual o livro se insere e ajuda a construir.

Por isso, nossas reflexões começam em 1919, ano em que um dos primeiros grandes debates que reunia futebol e problemas sociais e raciais ganha maior concretude. Juntamente com outros pensadores, Lima Barreto, ferrenho opositor do futebol e um dos mais notórios pivôs desses embates, funda, com o propósito de opor-se a sua prática, a “Liga contra o *foot-ball*”. Dentre as justificativas do grupo, estava a denúncia de que o esporte era um

²¹ MELLO, Evaldo Cabral de. O ovo de Colombo gilbertiano (1). In: *Um imenso Portugal: História e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 257.

²² RODRIGUES FILHO, Mario. “Confissões: O Negro no Foot-ball Brasileiro (À João Condé)”. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, 13 de abril de 1947, p.9. (Edição 38).

agente da segregação entre negros e brancos. Poucos anos após sua introdução no Brasil, o futebol já estimulava reflexões que tinham por base a temática racial. Importante ressaltar tal fato, tendo em vista que ele pode sugerir uma tradição em se pensar os dois fenômenos – futebol e questão racial – de maneira interligada. Paralelamente, esse conflito foi um dos primeiros a criar nítidos ruídos na versão oficial que desejava fazer do selecionado de jogadores brasileiros majoritariamente brancos, símbolo da representação nacional.

Outro acontecimento auxilia-nos a considerar o ano de 1919 como uma data importante para o início de nossos trabalhos. Nem tanto pelo “fato em si”, mas pela esclarecedora interpretação do pesquisador contemporâneo Marcelino Rodrigues da Silva. No ano em questão, a seleção brasileira venceu o campeonato Sul-Americano. No dia posterior à vitória, o jornal *A Noite*, publicava “isolada do corpo, a metade inferior da perna de Friedenreich” autor do gol da vitória. Friedenreich era “mulato”, filho de alemão branco e brasileira negra. A partir desse recorte aparentemente banal de parte da perna do jogador, Rodrigues da Silva decifra:

Embora o mulato Friedenreich fosse bem recebido nas rodas esportivas, graças à boa posição social de seu pai [...] sua imagem não aparecia com muita frequência na imprensa carioca, certamente em função de seu tipo racial, que não combinava com o modelo do *sportsman* cultivado pelos cronistas. [...] Fotografando a perna de Friedenreich e isolando-a de seu corpo, o jornal executava a função primordial do recorte, jogando fora o que ofendia sua sensibilidade, extraíndo do objeto apenas o que lhe interessava. [...] Deixando-se levar pelo clima descontraído da comemoração, o jornal promovia a sorrateira entrada, nas páginas da imprensa esportiva, daquele fragmento de corpo mulato do *crack* que começava a protagonizar a longa saga de afirmação racial que se desenrolaria ao longo da história do futebol brasileiro.²³

A significação dada por Marcelino Rodrigues ao corpo despedaçado do negro participa do marco inicial das investigações, pois é do nosso interesse estudar como Mario Filho, em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, contribui para subverter essa imagem mutilada e, por conseguinte, desumanizada e despersonalizada do negro.

²³ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 90 - 91.

Já o ano de 1955 institui simbolicamente, com a publicação de *Branços e negros em São Paulo*, dos sociólogos Roger Bastide e Florestan Fernandes, o final de nosso recorte. O trabalho é fruto de pesquisa realizada para o “Projeto Unesco”, instituído em 1950²⁴. Após a Segunda Guerra Mundial, a organização coordenou uma série de estudos sociais em território brasileiro partindo do pressuposto de que o país fosse o laboratório ideal para visualizar a existência de harmonia na convivência étnico-racial. No horizonte da Unesco, estava a imagem do Brasil como representante dessa convivência pacífica e um modelo para a construção de um mundo em oposição àquele que teve no holocausto a expressão mais extremada do ódio racial²⁵. No entanto, as expectativas da Unesco foram contrastadas com os resultados de Bastide e Fernandes que consideraram a imagem da democracia racial brasileira um dos artifícios que ajudaria a encobrir o racismo e as tensões sócio-raciais no país²⁶.

O par “Projeto Unesco” e *Branços e Negros em São Paulo* coloca em perspectiva global problemas brasileiros, assim como tenta desmistificar o imaginário do país como o lugar da ausência de discriminação racial. Acreditamos que esse movimento assinala um novo caminho da pesquisa sobre a questão racial no Brasil atingindo de forma categórica a produção das décadas

²⁴ “A partir de uma demanda da ONU, a UNESCO decidiu, em sua Conferência Geral de 1949, estabelecer um programa de atividades de combate ao racismo para o ano de 1950. Esta política se desenvolveu em diversos planos: debates científicos, estudos sobre relações raciais em vários países, publicação de livros e artigos em revistas especializadas, e programas educacionais utilizando os meios de comunicação de massa.”. MAIO, Marcos Chor. Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. *Dados*, v. 40, n. 1, Rio de Janeiro, 1997.

²⁵ “A imagem positiva do Brasil no terreno das relações raciais já vinha sendo cultivada no plano internacional desde o início do século, especialmente pelos americanos (Hellwig, 1992; Pierson, 1945).” MAIO, Marcos Chor. Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. *Dados*, v. 40, n. 1, Rio de Janeiro, 1997.

²⁶ “Nós, brasileiros, dizia-nos um branco, temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social”. Muitas respostas negativas explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por essa fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial. Contudo, uma vez posto de lado esse tipo de resposta, que não passa de uma ideologia, a mascarar os fatos, é possível descobrir a direção em que age o preconceito. É verdade que esse ideal de democracia impede as manifestações demasiado brutais, disfarça a raça sob a classe, limita os perigos de um conflito aberto. Se a isso acrescentarmos certa bondade natural do brasileiro, o hábito adquirido há séculos de viver com os negros, e mesmo, por vezes, uma certa displicência, compreenderemos melhor que o preconceito não se exprima abertamente, mas de um modo mais sutil ou encoberto. Os estereótipos recalcados agem nas fronteiras indecisas do inconsciente, menos por construções sociais, um ritual institucionalizado, do que por repulsões instintivas, tabus pessoais.” ROGER, Bastide; Florestan, Fernandes. *Branços e Negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959 (1955).

passadas, sobretudo àquela ligada à “matriz freyriana” de interpretação. Marcos Chor Maio, escreve, por exemplo que “a sociologia acadêmica desenvolvida especialmente no Centro-Sul começa a questionar, por meio da pesquisa sistemática, a densa ensaística que vinha desde o final do século XIX”²⁷ e que tinha em Freyre um dos maiores expoentes. Além disso, Maio lembra-nos como essa mudança impactou diretamente a leitura de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*:

O sociólogo Costa Pinto, ao analisar o livro do jornalista Mario Filho sobre a história do negro no futebol brasileiro, critica-o pela utilização de estilo modernista lembrando ‘Gilberto Freyre [que] quase [o] oficializou nos seus trabalhos sociológicos’.²⁸

Sobre isso, o pesquisador Antônio Sérgio Guimarães escreve no mesmo sentido:

A geração brasileira formada pelo projeto Unesco, que a rigor comanda esse campo de estudos dos anos 1950 até os 1970, buscará entender o preconceito de cor de um modo inovador, encravando-o no âmbito das transformações estruturais da sociedade brasileira em sua transição de sociedade de castas para a de classes, ou de sociedade tradicional para a moderna. Ao contrário de Charles Wagley, de Donald Pierson e de Gilberto Freyre, essa geração não restringe sua análise ao campo da cultura ou da interação social.²⁹

Evidente, também, o traço monográfico dos estudos da geração sobre a qual fala Guimarães. Realizados em sua maioria dentro das universidades, como lembra o sociólogo André Botelho, a institucionalização universitária das ciências humanas consolida um “novo padrão cognitivo”, calcado na “pesquisa empírica” e na “monografia científica”³⁰, e o estudo de Bastide e Fernandes é representativo disso. Ao constatar essa diferença, afirmamos que ensaios, e aí está incluído *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, possuem outros modos de verificação do conhecimento, o que “não significa [...] que tenham exatamente aberto mão da pretensão de conferir foros de verossimilhança “objetiva” a suas

²⁷ MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 117.

²⁸ MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 117.

²⁹ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, 2004, p. 19.

³⁰ BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 22, n. 1, São Paulo, 2010, p. 48.

interpretações”³¹. Sendo assim, por reunir a discussão da temática racial em seu núcleo analítico, fornecer uma nova imagem do Brasil aos brasileiros e ao mundo e por fazer parte de um momento intelectual substancialmente diferente do nosso objeto de pesquisa, acreditamos que o ano de 1955, com a publicação de *Branços e Negros em São Paulo*, seja um ponto final interessante para as nossas pretensões.

Sabemos que toda e qualquer definição de marcos é instável e ao menor movimento pode desarranjar-se. Encaremos, portanto, essas balizas como os chinelos que improvisam as traves – balizas – nas peladas praianas: possibilitam o jogo, criam condições para que a trama se desenrole, mas podem, no vai e vem das ondas, ser levadas pelo mar.

Como primeiro exercício intelectual e com pretensões meramente alegóricas, vale o raciocínio por extremos para que o leitor visualize com maior clareza o que nos move em direção a este passado. No período em questão, vamos da classificação dos brasileiros como “macaquitos” na imprensa argentina em 1919³² à apoteose de Leônidas da Silva, o “Diamante Negro”, na Copa do Mundo de 1938. Ou então da exclusão de atores negros de peças e da pintura facial de atores brancos com tinta preta para representar os personagens negros à peça teatral *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, de 1954, transformada no filme franco-italiano *Orfeu Negro*, vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 1960. Saímos do tempo em que a comunidade científica internacional prescrevia o “branqueamento” da população brasileira como saída do atraso no I Congresso Internacional de Raças, em Londres, no ano de 1911³³, para as expectativas internacionais do pós Segunda Grande Guerra com o vislumbre de que o “caso brasileiro” pudesse oferecer um modelo de convívio harmônico entre etnias para o mundo³⁴. No contexto interno, poderíamos estabelecer como antíteses desses diversos “climas” temporais o I Congresso

³¹ BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 22, n. 1, São Paulo, 2010, p. 52.

³² O ocorrido será analisado no primeiro capítulo desta dissertação.

³³ Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³⁴ Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

Brasileiro de Eugenia, em 1929, e o I Congresso Negro do Brasil, em 1950³⁵. Das perspectivas eugênicas de Louis Agassiz e Arthur Gobineau em fins do século XIX e que marcaram o Brasil do início do XX ao interesse de Albert Camus em ver *in loco* sua peça *Calígula* ser representada pelo Teatro Experimental do Negro, em 1949. Da tradição consolidada em representar como brancas as figuras angélicas à potente peça *Anjo Negro*, escrita por Nelson Rodrigues, em 1946. Da inexistência na esfera legal do reconhecimento do preconceito na sociedade brasileira à promulgação da Lei 1.390/1951, conhecida como “Lei Afonso Arinos”, que estabelecia como contravenção penal “a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de côr”³⁶.

É a partir dessa primeira sensação de que “algo mudou” na imagem do país durante esses anos tanto na sociedade brasileira quanto na expectativa global em relação às potencialidades da nação brasileira que partimos para o desafio de investigar aspectos dessa transformação. Certamente, é de uma curiosidade por essas significativas mudanças que nasce neste pesquisador a vontade de deslindar alguns fenômenos do passado. Afinal, como nos ensinava a filósofa mineira Sônia Viegas, “admirar-se é a primeira atitude de confronto, a forma primeira de experimentar-se a diferença, o ser-outro das coisas que nos cercam e das pessoas”³⁷.

Seguindo esta linha, em prefácio ao já citado *Copa Rio Branco 32*, também de Mario Filho, escrito em 1943, José Lins do Rego, amigo e companheiro de trabalho do autor, sinaliza que as transformações na sociedade e na cultura brasileira expostas acima passavam também pelo futebol e eram cuidadosamente observadas pelo prefaciador:

Lendo este livro sobre *foot-ball*, eu acredito no Brasil, nas qualidades eugênicas dos nossos mestiços, na energia e na inteligência dos homens que a terra brasileira forjou com

³⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

³⁶ Ver: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128801/lei-afonso-arinos-lei-1390-51> , Acesso em: 18 de novembro de 2018.

³⁷ VIEGAS, Sônia. *Filosofia, uma boa conversa*. In: VIEGAS, Sônia. [MARQUES, Marcelo (org.)]. *Escritos: filosofia viva*. Belo Horizonte: Tessitura, 2009, p. 22.

sangues diversos dando-lhes uma originalidade que será um dia o espanto do mundo.³⁸

O tempo era de guerra, o Brasil já havia rompido relações diplomáticas com o Eixo, os alemães afundavam os nossos navios e causavam a morte de centenas compatriotas, e “contra o inimigo que enlutou nossa bandeira/ Meu Brasil declarou: Guerra, guerra, guerra!/ É[ra] o grito da nação/ Em represália à audaciosa agressão!”³⁹, na voz de Dircinha Batista. A besta nazista assombrava parte do mundo. Outros tantos acreditavam na pureza do sangue ariano e na superioridade da raça germânica. Trevas. Dentro desta atmosfera, o autor de *Menino de Engenho* coloca no papel, afrontando a crença na pureza racial capaz de mobilizar nações, que o Brasil ainda espantaria positivamente o mundo com a sua diversa composição social e racial – daí a utilização do conceito de “democracia social” para caracterizar a especificidade do time brasileiro de então. De fato, após o fim da Segunda Guerra, vimos que a crença internacional de que o país poderia oferecer um modelo para a convivência racial harmônica é intensificada, tendo na concepção do Projeto Unesco uma de suas mais relevantes expressões.

No que diz respeito à análise do texto de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* propriamente dito, apropriar-nos-emos das reflexões de Jacques Rancière⁴⁰ sobre o que ele denomina de “efeito de igualdade” em romances realistas elaborando uma “democratização literária”. O “efeito de igualdade” seria gerado pela intensa atividade de descrição de um autor em seu texto. Para Rancière, “este é o amedrontador significado de ‘democracia’ literária: qualquer um pode sentir qualquer coisa”⁴¹, independentemente de marcadores sociais de diferença, a partir da descrição. Essa leitura pode ser feita juntamente com as reflexões de Didi-Huberman⁴² sobre a representação do povo. Segundo o autor, para conferir ao povo uma representação digna, seria preciso levar em

³⁸ REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco de 32*. Rio de Janeiro, Irmão Pongetti Editores, 1943, p. 7 e 8.

³⁹ BATISTA, Dircinha. **Grito da Nação**. 1942. <http://memorialdademocracia.com.br/ajax_audio_extra_item/1379> Acesso em: 18/01/2019.

⁴⁰ RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86, v. 29, n.1, 2010.

⁴¹ RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86, v. 29, n.1, 2010, p.79.

⁴² DIDI-HUBERMAN, Geoges. *Rendre sensible*. In. BADIOU, Alain. BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith. *Qu'est-ce qu'un peuple?* Paris: La Fabrique Éditions, 2013. P. 77-114. (Trad. Guilherme Zika, 2017).

consideração a sua heterogeneidade, considerando sua corporeidade, seus afetos e paixões, não tratando-o como um ente uno e indivisível.

Portanto, partindo das referências acima, construímos nossa primeira hipótese. Mario Filho, alicerçado por uma descrição intensa, teria urdido uma representação do povo que fez do negro o principal agente da história do futebol e responsável direto pela realização da democracia racial no esporte. Longe de se tratar de uma trajetória pacífica, o que caracterizaria o processo de democratização racial no futebol seria uma linguagem da violência que deitava suas raízes na escravidão e na falta de um projeto nacional de transformação do negro em cidadão após o fim do regime escravista. Mario Filho faz isso dando uma visibilidade extraordinária aos corpos e emoções dos negros em situações cotidianas que poderíamos chamar de microscópicas. Nesta esfera, teria sido construída uma revolução lenta e não planejada tendo como resultado final a democracia racial. Dessa forma, o conceito de “democratização” apareceria em Mario Filho não como um instrumento para negar tensões e violências raciais, mas como utopia que só pode ser vislumbrada por conta de seu par antagônico - o racismo existente na sociedade. Além disso, o processo de democratização racial no futebol, mediado pela violência, tendo o negro como ator histórico privilegiado e personagem *sensível*, só poderia ser visto como efetivado, porque fora dele estava longe de concretizar-se.

Para não ficarmos reféns de uma análise exageradamente “internalista”, optamos, também, por explorar outras documentações do período, como as resenhas sobre o livro de Mario Filho e fontes jornalísticas que dialogassem com o tema da democracia racial, em especial o periódico *Quilombo*. Assim, chegamos, a outra valiosa referência para a orientação dos trabalhos, fundamentada em J. G. A. Pocock. Os outros documentos aqui submetidos à análise compõem o “contexto linguístico” de Mario Filho, no qual a sua obra se insere. Mais que estar inserida, é a partir deste contexto linguístico que Mario Filho construiu suas ideias e interferiu na ordem das coisas. Afirmamos, por conseguinte, que há uma relação de interdependência entre linguagem e experiência em que nem a primeira é mero reflexo da segunda e nem a segunda é inteiramente criada pela primeira. Além disso, ao ensinar que “cada contexto

linguístico indica um contexto político, social ou histórico, no interior do qual a própria linguagem se situa”⁴³, Pocock alerta-nos para o valor de firmar as análises no plano linguístico, da tessitura do texto, no modo com que as ideias são articuladas, pois assim o historiador torna-se mais cauteloso na hora de dizer algo sobre um determinado passado, vacina-se contra o mal de colocar palavras na boca daqueles que já não podem responder.

O exercício de dispor outras produções do período lado a lado com *O Negro no Foot-ball Brasileiro* tem grande valor metodológico justamente porque auxilia-nos a enraizar a obra em seu tempo, a partir do plano linguístico, em “um conjunto mais amplo de ‘convenções’ ou ‘questões paradigmáticas’ ou modos de enfrentar essas questões, comuns a vários autores mais ou menos contemporâneos”⁴⁴, diminuindo, portanto, os perigosos riscos do anacronismo descontrolado.

Dentro deste mesmo quadro teórico-metodológico encontramos, ainda, Quentin Skinner e suas preciosas lições sobre a importância de situar o objeto estudado em relação ao seu tempo e interlocutores, uma vez que:

If we wish to understand any such text we must be able to give an account not merely of the meaning of what was said, but also of what the writer in question may have meant by saying what was said. A study that focuses exclusively on what a writer *said* about some given doctrine will not only be inadequate, but may in some cases be positively misleading as a guide to what the writer in question may have intended or meant.⁴⁵

Ou seja, o historiador deve perseguir o que foi dito, buscando atribuir sentidos às palavras, mas não só. Deve também, e principalmente, procurar responder a pergunta: o que *fazia* o autor, quando dizia ou silenciava algo naquele momento histórico particular?

Assumindo, portanto, como um pressuposto básico para nossa pesquisa o de ler a obra em seu tempo, é possível elaborar a hipótese de que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* foi recebido no meio intelectual como se apresenta: um

⁴³ POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político moderno*. São Paulo: EdUSP, 2013, p. 37.

⁴⁴ ARAUJO, Circero. Apresentação. In. POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político moderno*. São Paulo: EdUSP, 2013.

⁴⁵ SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. In. *Visions of Politics – Volume I: Regarding Method*. Cambridge: University Printing House, 2014, p. 79.

ensaio histórico-sociológico. Isso pode parecer óbvio, mas por meio das resenhas é possível visualizar algo que algumas análises contemporâneas sobre o livro perdem de vista ao relativizar suas qualidades como obra de interpretação da história social brasileira. Sobre esse ponto, outra hipótese surge em nossas investigações. Os resenhistas teriam aceitado Mario Filho como um debatedor de questões sociais e raciais e o incluído em uma rede de críticas das ciências humanas do período, o que atestaria a qualidade da obra como narrativa histórica. Além disso, com o auxílio da documentação mobilizada poderemos sustentar outra hipótese: que o conceito de democracia racial, naquele período histórico, não possuía o significado de algo que funcionaria como instrumento de dominação social para encobrir violências históricas cometidas contra a população negra, como concebiam Fernandes e Bastide, em 1955. Democracia racial apareceria, assim, como um termo mobilizado e difundido na luta antirracista do período, não se prestando, portanto, a ser um conceito que construísse a imagem de um país pacífico e sem conflitos, tendo no jornal *Quilombo* um de seus mais importantes difusores.

No primeiro capítulo, a partir de um acontecimento aparentemente desconexo com as pretensões de nossa pesquisa, seguiremos a trajetória do início da discussão que intercalava questão racial e futebol. Vasculharemos seus desdobramentos no período em que o esporte consolidou-se no gosto de boa parte da sociedade, desaguando, por fim, na atuação da personagem histórica central do trabalho, Mario Filho.

O que a visita diplomática do Rei Alberto I da Bélgica ao Brasil teria a ver com a discussão proposta? Com sua chegada ao país, a convite do presidente Epitácio Pessoa, o Rei Alberto cumpre uma série de compromissos oficiais e, dentre eles, estar no estádio do Fluminense para assistir a uma parada esportiva e ao jogo organizado pela Liga Metropolitana de Esportes Atléticos. Os times em campo, compilados de atletas de diversas equipes da cidade, possuíam uma característica marcante e que não passou despercebida por Lima Barreto. Não fosse por um atleta de um dos plantéis, todos aqueles jogadores seriam brancos. A partir de crônicas de Barreto, iremos reconstituir um dos primeiros movimentos

críticos ao futebol, que tinha entre suas bandeiras a condenação da prática de exclusão de negros no esporte.

Em um segundo momento, iremos nos debruçar sobre um período crucial para a história da popularização do futebol. Nas décadas de 1920, 1930 e 1940, o esporte tornou-se um fenômeno social de grande impacto, com alterações próprias a organização oficial do esporte e também em sua dinâmica com o poder estatal. Além de procurar refazer sinteticamente essa trajetória, analisaremos os textos jornalísticos de 1922 a 1938, escritos por Gilberto Freyre, que se preocupavam em discutir o esporte sob a ótica racial e que ajudam a esclarecer como Freyre constituiu-se como referência para a formação do pensamento de Mario Filho. É também durante esse período que o autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* ganha maior relevância como cronista esportivo e aí passaremos à nossa terceira seção.

A parte que encerra o primeiro capítulo terá um cunho, até certo ponto, biográfico, já que será dedicada a acompanhar a atuação de Mario Filho na imprensa esportiva. É de nosso interesse apresentá-lo ao leitor antes de passarmos a uma análise mais detalhada de sua obra e da forma com que ela foi recebida. Mario Rodrigues Filho era figura importante na imprensa brasileira, tinha acesso a pessoas poderosas na política e transitava bem pelo meio intelectual e jornalístico da capital da República. Foi dono de jornais, trabalhou na redação de tantos outros e frequentava lugares tradicionais da sociabilidade intelectual carioca daqueles tempos, como o Café Nice e a livraria José Olympio. Sua atuação no assentamento de uma imprensa esportiva mais compassada com a popularização do esporte será alvo de investigação.

No segundo capítulo, proporemos uma leitura contextualizada da obra de Mario Filho. O que significava escrever história nesse momento? Quais eram os referenciais do nosso autor? Como a discussão sobre futebol incorporou tópicos tradicionais da interpretação social no Brasil? Para cumprir essa missão, destrincharemos os textos que acompanham o livro – “Prefácio – O negro no foot-ball do Brasil”, de Gilberto Freyre e “Nota ao Leitor”, de Mario Filho – a fim de esclarecer como o autor desejava ser lido e a qual ramo do conhecimento desejava atrelar sua obra. Dando prosseguimento a essas análises, faremos

apontamentos sobre a recepção de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, ressaltando a história própria que tem o livro e em quais debates ele se inseriu. À luz da recepção em seu contexto, proporemos uma leitura crítica da bibliografia contemporânea sobre Mario Filho e sua obra mais importante.

O objetivo central do terceiro capítulo será o de investigar por dentro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Proporemos um modo de ler a obra, sobretudo no que tange à forma articulada por Mario Filho para escrever a história. Analisaremos como o ensaio insere-se em uma batalha pela memória do futebol brasileiro. Também estudaremos o sentido histórico do texto e como a ideia de tradução configura a assimilação do futebol pela cultura brasileira. Por fim, daremos atenção ao modo com que Mario Filho constrói sua argumentação baseado em pares antagônicos, assim como às metáforas construídas a partir dos ambientes relacionados à prática do futebol como campo, arquibancada, geral e rua.

No quarto e derradeiro capítulo, faremos análises sobre como a questão racial na formação da nação brasileira aparece junto da temática da violência, examinando a democracia racial como conceito chave para entender a história elaborada por Mario Filho. Estudaremos, também, como, no livro de Mario Filho, acontece a representação do tempo e do povo. Veremos como o negro é representado como sujeito ativo da história brasileira e como o autor confere uma representação altamente humanizada dos personagens quando os coloca como sujeitos sensíveis e estabelece a corporeidade dos atores como potentes instrumentos para contar uma história, democratizando literariamente o seu texto, nos moldes propostos por Rancière. Será necessário verificar, também, o que o autor entende por “democratização” e por “negro”, uma vez que a todo instante insiste na fórmula “pretos, mulatos e brancos pobres” para caracterizar a figura do “negro”. Por fim, ampliaremos os nossos horizontes e traremos o periódico *Quilombo* para o debate para averiguar como o conceito de democracia racial foi mobilizado em prol de uma militância antirracista no período.

Capítulo 1: Futebol e questão racial: qual Brasil?

“Matem logo os de côm; e viva o futebol!” – Lima Barreto e os anos iniciais do “jogo dos pontapés”

O sol acabara de nascer e Sua Majestade, o rei Alberto I da Bélgica, já estava de olhos abertos⁴⁶. Acordou cedo naquele domingo chuvoso, 26 de setembro de 1920. Bem protegido das inconstâncias climáticas no luxuoso Palácio Guanabara, Alberto I, olhando através de uma das janelas de seu aposento nada republicano, suspeitou que a tímida luz que cortava os pingos d'água anunciava um belo dia. Às 7h30, o atlético rei, observado por curiosos, já mergulhava nas águas da tranquila Copacabana, repetindo o gesto que fizera ao longo de sua primeira semana no Brasil. Enfrentou o mar até o forte militar na ponta da orla, retornou à praia e foi conduzido ao Palácio Mackenzie para trocar as vestimentas e preparar-se para o seu longo dia.

Às 9h, a comitiva real já assistia a missa ofertada pelo primeiro cardeal da América Latina, D. Joaquim Arcoverde, no Palácio de São Joaquim. De volta ao Palácio Guanabara, agora para o refinado almoço com “dois pratos brasileiros – chicorea paulista e salada Rio Branco”⁴⁷ – ao som de orquestra especialmente convidada para a ocasião da majestosa visita. Bem alimentada, a família real partiu ladeada pelo presidente da República, Epiácio Pessoa⁴⁸, para o hipódromo do Prado do Itamaraty, no Derby Club⁴⁹, para prestigiar os jôqueis em uma disputa de turfe. Mas o principal evento do dia ainda estava por vir.

⁴⁶ Todos os elementos da narração que se segue podem ser verificados nos periódicos: *O Paiz*, 26 de setembro de 1920 (Edição B13125), *O Paiz*, 27 de setembro de 1920 (Edição B13126) e *Correio da Manhã*, 27 de setembro de 1920 (Edição 7880).

⁴⁷ *O Paiz*, “O almoço de suas magestades”, 27 de setembro de 1920 (Edição B13126).

⁴⁸ Epiácio Pessoa foi o principal artífice da visita dos reis belgas ao Brasil. Foi ele o chefe da delegação brasileira na Conferência de Paz de Versalhes, em 1919, ocasião em que convidou Alberto I para ser o primeiro chefe de Estado a conhecer o Brasil republicano. Pessoa, que ainda seria eleito presidente durante a viagem diplomática, buscava construir novas formas de inserção internacional para o país e como uma das primeiras medidas para alcançar tal objetivo, convidou os monarcas. Não deixa de ser curioso que a casa real belga possuía relações com o Império brasileiro. A rainha Elizabeth era neta de D. João VI, sobrinha de D. Pedro I e prima de D. Pedro II, seu nome de batismo era Isabel.

⁴⁹ Na esfera do insondável e do fascínio que gera o acaso, está o fato de que anos depois, neste mesmo local, seria construído o Estádio Maracanã, após intensa luta de Mario Filho e outros. O estádio receberia o nome do nosso personagem após seu falecimento. Esta nota é endereçada aos que procuram sentidos cósmico nas coisas do homem. Sigamos.

O Rio de Janeiro chacoalhava com a passagem real pela cidade. É possível que na casa dos Rodrigues não fosse diferente. O jornalista Mario Rodrigues, marido de Maria Esther e pai de nove criaturinhas, o mais velho, Milton, com seus 15 anos e a mais nova, Irene, nascida recentemente (ou ainda para nascer, não sabemos precisar), havia escrito no dia anterior, no *Correio da Manhã*⁵⁰, sobre a presença das majestades no Brasil. É possível que o jornal ainda estivesse por ali, aos olhos de todos.

Nessa época, Mario Filho, com 12 anos, vivia uma infância banal junto de seus irmãos no bairro Aldeia Campista, bem próximo ao Derby Club. Provável que já houvesse largado a revista infantil *Tico-Tico*, preferindo frequentar as salas de cinema e fumar seus cigarros escondidos⁵¹. Assistia, vez ou outra, um culto batista com a mãe, jogava bola na rua de casa e adorava escutar as histórias contadas por Milton sobre os títulos do Fluminense de 1917, 1918 e 1919. Gostava das histórias, mas não tinha “dinheiro e idade para fazer com frequência a longa viagem da Aldeia Campista à rua Álvaro Chaves, nas Laranjeiras”⁵² para ver as partidas. Situação bem diferente dos ilustres visitantes belgas naquele dia 26, que, levados por automóveis oficiais, deixariam o Derby, em direção à mesma Rua Álvaro Chaves, no mesmo bairro das Laranjeiras, tendo o campo do Fluminense como destino.

O estádio estava lotado, 35 mil presentes⁵³. Todos lá para ver o tão alardeado desfile de 1.500 atletas de variados esportes, de diversos clubes, preparados para impressionar os monarcas. A banda do batalhão naval marchava, os tambores rufavam, os atletas perfilados, movendo-se em pelotões ordenados, bradando cânticos patrióticos, ostentando as bandeiras de seus clubes, da Bélgica e do Brasil. Acenaram para o pavilhão central, para rei Alberto, rainha Elizabeth, príncipe Leopoldo, presidente Epitácio Pessoa. Acenaram para o público. Foram correspondidos. A multidão festejava e, com a cerimônia

⁵⁰ RODRIGUES, Mario. “As majestades de hoje”, *Correio da Manhã*, 25 de setembro de 1920, p.2, (Edição 7878)

⁵¹ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 29 – 32.

⁵² CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 31.

⁵³ O jornal *Correio da Manhã* fala em 25 mil e o *O Paiz*, em 35 mil.

chegando ao fim, o campo ia sendo desocupado. Em poucos minutos, às 15h30, teria início outro programa, assim como o turfe, apreciado por boa parte da elite fluminense⁵⁴.

O futebol, um dos símbolos da modernidade a ser alcançada pela nação tropical, àquela altura já enraizado como hábito social entre grã-finos da cidade, coroaria o dia de obrigações diplomáticas. O jogo: uma partida entre representantes do norte e do sul da cidade do Rio de Janeiro. O time Sul, uniformizado com as cores da Bélgica, o time Norte, com a camisa da Liga Metropolitana. Este era o ápice da exibição da juventude brasileira ao Velho Continente. Bravura olímpica e fidalguia entre rivais observados no moderno esporte inglês. O evento procurava mostrar o melhor do corpo e da alma brasileiros: uma mocidade civilizada e bela, disciplinada e vigorosa. Não fosse por um reserva do time Norte, Luiz Antônio, toda essa mocidade, imagem oficial do país naquele momento, seria inteiramente composta por pessoas brancas⁵⁵ e este um motivo de orgulho para a maioria das autoridades presentes no estádio. Luiz Antônio seria, anos mais tarde, um dos personagens recuperados por Mario Filho em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Conta ele que o jogador, “preto de cabelo esticado”, jogou no Esperança, no Brasil e no Bangu, atuava em várias posições e costumava treinar mais que outros companheiros⁵⁶.

Uma semana mais um dia depois dos reis belgas deixarem o solo brasileiro, isto é, em 23 de outubro, o insubmisso Lima Barreto escrevia na popular revista *Careta*:

A cousa passou despercebida, devido ao atordoamento das festas do Rei Alberto; mas, se assim não fosse, estou certo de que haveria irritação em todos os ânimos.⁵⁷

⁵⁴ *O Paiz*, 26 de setembro de 1920, p. 6 (Edição B13125)

⁵⁵ Uma análise mais detalhada do evento pode ser encontrada em *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Pereira esclarece os sentidos colocados em jogo: “Dando a chance de demonstração da força da identidade brasileira que ia se construindo nos campos esportivos, o desfile a ser realizado na presença de sua alteza ganhava para os esportistas uma importância inaudita. Anunciando um novo tempo para a nação, no qual o atraso seria substituído pelo sucesso vigoroso de uma nova geração de atletas [...] ele era descrito como ‘um acontecimento de grande valia para os annas da nossa brilhante vida desportiva’”. PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 155.

⁵⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 99-100.

⁵⁷ BARRETO, Lima. “Macaquitos”, *Careta*, 23 de outubro de 1920, p.17 (Edição 644).

A “cousa”, por sua vez, não era o fato da contundente ausência de negros no time selecionado para atuar na cerimônia, pelo menos diretamente. É bem possível, e provável, que o cronista soubesse dos boatos que corriam pela cidade de que a Liga Metropolitana desejava restringir a participação de “athletas de côr”⁵⁸ na parada esportiva. Coincidência ou não, confirmou-se a quase inexistência de negros quando da realização do jogo⁵⁹. Normalmente, Lima Barreto estava atento a essas questões e, insinuando que práticas de exclusão de negros não costumavam ser tema de interesse da imprensa carioca que o circundava, pode ter usado da ironia para atingir indiretamente a referida situação. Contudo, é sobre outra “cousa” que o escritor reflete em sua crônica. Deixemos de lado as divagações.

Lima Barreto reagia a uma matéria do jornalista uruguaio Antonio Palacio Zino, com ilustração de Diógenes Taborda, argentino, para o jornal *Crítica*, de Buenos Aires, intitulada “Monos en Buenos Aires”⁶⁰. A equipe de futebol do Brasil, de passagem pelas terras portenhas após um torneio no Chile, teria um amistoso contra o time argentino. A coluna de Zino apresentava, então, aos leitores, quem eram os brasileiros⁶¹:

Ya están los macaquitos en tierra argentina. Esta tarde habrá que prender la luz a las 4 de la tarde para verlos. Los hemos visto pasear por esas calles a los saltitos. Si alguna gente nos resulta altamente cómica es la brasileña. Son elementos de color que visten como nosotros y que pretenden confundirse en la raza

⁵⁸ “Não tem fundamento uma declaração da directoria da Liga”. *O Paiz*, 23 de setembro de 1920, p. 7 (Edição B13122).

⁵⁹ Em sua defesa, a Liga, pela voz de seu vice-presidente Antônio Ferreira Vianna Netto, que viria a ser o árbitro do amistoso ofertado ao rei Alberto, afirmou: “O que a Liga, de acordo com o código proíbe, entretanto, é a presença de profissionais ou pessoas cujo trabalho seja braçal”. *Ibid.* Sobre esse assunto, o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira ressalta: “Para os contemporâneos, cientes de que eram os negros a maior parte daqueles atingidos pela proibição relatada por Ferreira Vianna, a associação não parecia porém tão descabida”. Pereira continua: “Presentes desde os primeiros tempos do futebol no Rio de Janeiro, as distinções raciais sempre haviam acompanhado a escolha dos selecionados brasileiros que disputavam as primeiras partidas internacionais sem nenhum jogador negro”. PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998.

⁶⁰ Para mais detalhes relacionados à publicação da matéria e da charge, ver: PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. *Os hermanos e nós*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

⁶¹ Como as imagens do recorte de jornal encontradas não possuem qualidade apurada, utilizaremos a transcrição feita por Christian L. M. Schwartz, que teve acesso direto ao periódico na Biblioteca Nacional de Buenos Aires. SCHWARTZ, Christian L. M. Futebol em tradução: Língua nacional e estilo de jogo em relatos da imprensa argentina nos anos 20. *Revista ALED*, Brasília, n. 15, 2015, p. 93 – 108.

americana, gloriosa por su pasado y grande por sus tradiciones.⁶²

Lima Barreto então retrucou:

Precisamos nos convencer de que não há nenhum insulto em chamarmos de macacos. [...] A Bélgica tem leões ou leão nas suas armas; entretanto, o leão é um animal sem préstimo e carniceiro. O macaco – é verdade – não tem préstimo; mas é frugívoro, inteligente e parente próximo do homem. Não vejo motivos para zanga nessa história dos argentinos chamar-nos de macacos.⁶³

Ao tentar desarmar o racismo explícito da matéria argentina com bom humor e naturalidade, invertendo sentidos comumente atribuídos ao leão e ao macaco, Lima Barreto fazia o que as autoridades responsáveis pela organização da parada esportiva de dias antes mais temiam quando tentavam restringir a presença de esportistas negros: sugerir, sem abandonar a ironia, uma virtuosidade nas diversas características raciais que formavam o povo e dizer que não havia mal algum em assumir-se daquela forma.

A matéria de Zino e os desenhos de Taborda não geraram reações apenas em Lima Barreto. No calor do momento, lembra-nos Fábio Franzini:

ofendidos, alguns jogadores da seleção foram direto à redação do jornal interpelar os responsáveis pela matéria, enquanto outros optaram por não entrar em campo contra o Barracas — protesto que fez com que a partida fosse disputada somente por oito atletas de cada lado.⁶⁴

Em uma postura diferente da assumida por Lima Barreto, é provável que os jogadores sentiram-se ofendidos com o xingamento de “macaco”, pois não queriam ser vistos aos olhos da comunidade internacional como pessoas negras. Ou seja, a revolta dos brasileiros também poderia possuir caráter racista. Além

⁶² “Já estão os macaquitos em terra argentina. Esta tarde ter-se-á que acender a luz às 4 da tarde para vê-los. Nós os vimos passear por essas ruas aos saltinhos. Se há uma gente que nos parece altamente cômica é a brasileira. São elementos de cor que se vestem como nós e pretendem se misturar à raça americana, gloriosa por seu passado e grande por suas tradições”. ZINO, Antonio Palacio. “Monos en Buenos Aires”. *Crítica*, 03 de outubro de 1920, p.2.

⁶³ BARRETO, Lima. “Macaquitos”, *Careta*, 23 de outubro de 1920, p.17 (Edição 644). Não possuo conhecimento nem meios para afirmar, mas suspeito de que ao trazer à luz o leão, representativo da Bélgica, como um animal inútil e sanguinário, Barreto poderia estar fazendo uma crítica às práticas imperiais dos belgas no continente africano.

⁶⁴ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 19.

de mobilizar os atletas, o episódio quase tomou maiores proporções quando autoridades argentinas entraram em cena:

Temerosos de que a situação embaraçosa despertasse um conflito diplomático, os ministros argentinos das Relações Exteriores e da Justiça se apressaram a instaurar um processo contra o jornal, sob a alegação de que ele ferira “a dignidade e o sentimento patriótico de cidadãos de um país amigo”, segundo a mesma notícia publicada pelo *Correio da Manhã*.⁶⁵

Apesar de todo imbróglio causado pela reportagem, quando voltou ao Rio de Janeiro, a delegação brasileira procurou colocar panos quentes na situação e recuou “garantindo que fora um acontecimento isolado, a nota destoante do ‘modo magnífico por que foram tratados na República Argentina’”⁶⁶. Posição bem diferente era aquela do irrefreável Lima Barreto. Veremos que o nosso cronista não se esqueceu tão rapidamente do episódio.

Passado um ano desses acontecimentos, outro evento envolvendo futebol, questão racial e imagem nacional tomou forma na capital da República. Desta vez, Lima Barreto deixaria de lado a serenidade e faria com que a tinta eternizasse sua “ira santa”. Insurgiu-se contra o que diários como o *Correio da Manhã*, cujo editorialista já era o feroz opositor de Eitácio Pessoa, Mario Rodrigues⁶⁷, e *O Paiz* estamparam em colunas⁶⁸: “O presidente da República não quer ‘homens de côr’ no nosso ‘scratch’”⁶⁹ e “Scratch pró-forma – A exclusão dos negros e mulatos”⁷⁰. O “scratch”, ou seja, a equipe brasileira, disputaria o campeonato sul-americano na Argentina, naquele ano de 1921, e um grupo deveria ser formado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A situação ganhou maior complexidade quando se suspeitou que o membro de

⁶⁵ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 19.

⁶⁶ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 19.

⁶⁷ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 33.

⁶⁸ Importante ressaltar que Lima Barreto era um ávido leitor de jornais, fato confirmado em diversas crônicas por reagir explicitamente à uma outra matéria. Ver, por exemplo, crônica em que Barreto lista algumas manchetes relacionadas ao futebol em diários do país: BARRETO, Lima. “Vantagens do foot-ball”, *Careta*, 19 de junho de 1920, p. 20 e 21 (Edição 626).

⁶⁹. “O presidente da República não quer “homens de côr” no nosso “scratch””. *Correio da Manhã*, 17 de setembro de 1921, p. 5 (Edição 8233)

⁷⁰ CESAR, Cesarino. “A exclusão de negros e mulatos”. *O Paiz*, 17 de setembro de 1921, p. 8 (Edição 13481).

honra da CBD, Epitácio Pessoa, após ter auxiliado financeiramente a entidade, teria exigido em contrapartida um time inteiramente branco para representar o país⁷¹. Barreto então escreveu dois artigos, que foram publicados no mesmo dia, um na revista *Careta* e outro no semanário *A.B.C* :

O futebol é eminentemente um factor de dissensão. Agora mesmo, elle acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina [...]. O “Correio da Manhã”, no seu primeiro estudo “suelto” de 17 de setembro, alludiu ao caso. Eil-o: O Sacro Collegio do Futebol reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados à Buenos-Ayres, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue, negro-homens de cor, emfim. [...] O conchavo não chegou a um accordo e consultou o Papa, no caso, o eminente Sr. Presidente da República. S. Ex. [...] não teve dúvida em solucionar a grave questão. Foi sua resolução de que gente tão ordinária e compromettedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, accrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brazil semelhante esterco humano. [...] Concordaram todos aquelles esforçados cavalheiros que trabalham “pedestrementemente” pela prosperidade intellectual e pela grandeza material do Brazil; [...] A providência conquanto perspicazmente eugênica e scientifica, traz no seu bojo offensa a uma fracção muito importante, quasi a metade, da população do Brazil; deve naturalmente causar desgosto, mágua e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do futebol, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social. O que me admira, é que os impostos, de cujo producto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus thezoureiros infieis, não tragam também a tisna, o estigma de origem, pois uma grande parte delles é paga pela gente de cor. Os futebolés não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem.⁷²

É o fardo do homem branco: surrar os negros, afim de trabalharem para elle. O fute ból não é assim: não surra, mas humilha; não explora, mas injuria e come as dízimas que os negros pagam.⁷³

Ao subir o tom da crítica, o cronista acusava o déficit republicano no que concerne à inclusão dos negros na comunidade política instaurada desde 1889. Esse julgamento não se restringia apenas ao âmbito esportivo. Como nos lembra Lilia Schwarcz, o autor de *Clara dos Anjos* “era contra o espírito patriota e

⁷¹ Ver: PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 177 – 182.

⁷² BARRETO, Lima. “Bemdito futebol!”, *Careta*, 01 de outubro de 1921, p. 5. (Edição 693)

⁷³ BARRETO, Lima. “Meu conselho”, *A.B.C*, 01 de outubro de 1921. p.11 (Edição 343)

nacionalista que tomou os brasileiros por causa do Centenário de 1922, assim como não podia apoiar o veto à presença de afrodescendentes na seleção brasileira⁷⁴ em 1921. No futebol, o déficit citado acima tornava-se explícito, e Lima Barreto tinha bons motivos para acreditar nisso⁷⁵, ainda mais com a posterior confirmação do time que iria para a Argentina, composto “somente por jovens de traços finos e aparência elegante, quase todos sócios dos grandes clubes do Rio de Janeiro. [...] Excluindo novamente de sua formação jogadores negros”⁷⁶.

Déficit republicano, uma vez que a nação, ao menos supostamente, deveria cobrir-se com o manto da igualdade, evitando “dissensões”. O futebol em nada auxiliaria essa tarefa e funcionaria antes como um meio de reforçar a segregação social a partir de um critério racial. Para o escritor, o futebol seria um instrumento a perpetuar a segregação entre brasileiros, separação que “não existe no Senado, na Câmara, nos cargos públicos, no Exército, na magistratura, no magistério; mas existe no transcendente fute ból”⁷⁷. Portanto, a crítica de Barreto não se ancorava no vazio nem manifestava uma aspiração boba e genérica pela “união” do povo brasileiro. O professor Nicolau Sevcenko, nessa mesma direção, aponta “a popularização do futebol como uma séria ameaça aos avanços das ideias e instituições democráticas no Brasil”⁷⁸ no modo de enxergar as coisas do cronista carioca.

Negro, neto de escravizados, Lima Barreto sabia que, em uma sociedade em que todos deveriam estar subordinados ao império da lei, não haveria espaços para a “transcendente” distinção racial de outros tempos. Questionava-se um modelo de nação. Estraçalhava-se o espelho de Narciso da República. Se todo o ordenamento político estava orientado por prerrogativas isonômicas, por que, então, o mundo social escaparia a isso? O autor reivindicava cidadania: negros eram brasileiros e ponto final. O “fardo do homem branco” deitava sua

⁷⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto, triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 445.

⁷⁵ Ver proibições ou tentativas de proibições de inclusão de atletas negros em equipes ligadas a ligas oficiais em PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998.

⁷⁶ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 180.

⁷⁷ BARRETO, Lima. “Meu conselho”, *A.B.C*, 01 de outubro de 1921. p.11 (Edição 343).

⁷⁸ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, n. 22, p. 30-37, 1994.

história na paulatina linguagem da violência constituída no país a partir na escravidão. A perpetuação dessa linguagem, sob a República, como proposto por Barreto, continuava não apenas sobre o corpo do negro escravizado “surrado” e “explorado”, obrigado a ceder sua vida e sua força de trabalho ao homem branco. Ganhava, agora, a forma da “humilhação” e da “injúria” – atingia a alma. A violência continuava, mas agora dissimulada. Contra isso, Barreto bradava denunciando a situação de indignidade da população negra:

Os maiores déspotas e os mais cruéis selvagens martyrisam, torturam as suas victimas; mas as matam afinal. Matem logo os de côr; e viva o futebol, que tem dado tantos homens eminentes ao Brazil! Viva!⁷⁹

A partir do universo social do futebol, Lima Barreto retirava à unha o verniz de modernidade e civilidade que políticos, dirigentes esportivos, literatos, homens de ciência conferiam à imagem do país. As posições de Barreto, por exemplo, contrastavam-se em absoluto com a forma com que outro escritor do período, Coelho Netto, via o esporte. Este era um dos maiores entusiastas do jogo e acabou rivalizando com Lima Barreto. Segundo Leonardo Pereira:

O esporte transformava-se, aos olhos do romancista, em um dos seus mais perfeitos aliados na tarefa de regeneração social. Controlando os impulsos de seus praticantes, o jogo da bola teria o poder de ajudar a criação de uma sociedade no qual os homens, seguindo o modelo dos esportistas, fossem adestrados pelo exercício físico, criando um tempo de paz e de harmonia e abrindo seu peito para os valores cívicos.⁸⁰

Nada disso seria verdade para Lima Barreto. No lugar dos ideais de civilidade: despotismo e selvageria. O arremate deste intenso debate foi feito com Lima Barreto lembrando a reportagem argentina do ano anterior sobre os “macaquitos” e, a partir dela, o autor vingava-se da visão de mundo eugênica e discriminatória presente na sociedade:

P.S. – A nossa vingança é que os argentinos não distinguem, em nós, as cores; todos nós, para elles, somos “macaquitos”. Afim de que tal não continue seria hábil arrendar por qualquer preço, alguns ingleses que nos representassem nos encontros internacionaes de futebol. Há toda a conveniência em

⁷⁹ BARRETO, Lima. “Bemdito futebol!”, *Careta*, 01 de outubro de 1921, p. 5. (Edição 693).

⁸⁰ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 193-194.

experimentar. Dessa maneira, sim, deixávamos todos de ser “macaquitos”, aos olhos dos estranhos.⁸¹

Lendo, portanto, o fenômeno de implementação e desenvolvimento do futebol a partir da temática racial, não surpreende tanto que Lima Barreto desgostasse do jogo e fosse radicalmente contra sua prática⁸². Voltamos aqui a um momento da história em que incrivelmente fazia algum sentido, não apenas opor-se, mas também militar contra a prática do esporte sem ser um lunático. Triste visionário?⁸³

Analisando com os olhos de hoje, pode parecer uma luta contra moinhos de vento, mas certamente era um bom combate. Esse espírito militante estava presente quando o escritor, já bem conhecido, diga-se de passagem, ajudou a fundar a “Liga Contra o *Foot-ball*”⁸⁴, em 1919, com embasamentos sociais e médicos. Além de ser espaço de segregação racial e de seus praticantes serem “portadores de uma pretensão absurda de classe, de raça”⁸⁵, o esporte estimularia confusões, brigas, rivalidades entre indivíduos, estados da federação e grupos sociais, tudo isso na contramão de um projeto civilizatório ou de nação; era um produto importado podendo “deprimir o caráter nacional”⁸⁶, um estrangeirismo, que não escondia suas origens e fazia questão de exibir os pomposos termos em inglês; sugava recursos financeiros do Estado e não dava retorno para a população; maltratava a saúde dos jogadores, era violento,

⁸¹ BARRETO, Lima. “Bemdito futebol!”, *Careta*, 01 de outubro de 1921, p. 5. (Edição 693).

⁸² Além das crônicas já citadas, ver: BARRETO, Lima. “Vantagens do foot-ball”, *Careta*, 19 de junho de 1920, p. 20 e 21 (Edição 626); BARRETO, Lima. “Uma conferência esportiva”, *Careta*, 01 de janeiro de 1921, p.15 e 16 (Edição 654); BARRETO, Lima. “O foot-ball”, *Careta*, 01 de julho de 1922, p. 37. (Edição 732); BARRETO, Lima. “O nosso sport”, *A.B.C.*, 26 de agosto de 1922, p.6. (Edição 390).

⁸³ Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto, Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁸⁴ “Os fundadores da ‘Liga’ são o Dr. Mario de Miranda Valverde, doutor em medicina e commissario de Hygiene e Assistencia Publica; Dr. Antônio Noronha Santos, advogado e jornalista; Amorim Junior, jornalista; Dr. Coelho Cavalcanti, homem de letras e jornalista, e outras pessoas conhecidas”. In: J.A. “Reparos”, *Gazeta de Notícias*, 12 de março de 1919, p. 2. (Edição 70).

⁸⁵ BARRETO, Lima. “A Liga Contra o foot-ball”. *Rio-Jornal*, 13 de março de 1919. In: PEREIRA, 1998, p. 213.

⁸⁶ *Jornal do Brasil*, 15 de março de 1919, p. 5 (Edição 73).

causava lesões e, portanto, não ajudaria em nada na formação física dos brasileiros^{87 88}.

Seja qual for a versão para a introdução do futebol no país – da oficiosa história heroica de Charles Miller, brasileiro, filho de escoceses, que retornou de seus estudos na Inglaterra com materiais necessários para a realização do jogo e o “desejo quase apostólico de desenvolver o esporte”⁸⁹; dos jesuítas do Colégio São Luís, em Itu; ou dos marinheiros ingleses que batiam bola nas praias da costa brasileira – um dado as compassa: o início da prática futebolística em fins do século XIX. Não queremos entrar em discussões historiográficas a respeito das origens do futebol no Brasil, aquilo que nos interessa por ora é que a versão que melhor se adéqua às considerações de Lima Barreto é a primeira, já que representa a ideia da introdução vertical do esporte por uma elite social anglófila. Contudo, Barreto a assume para sabotá-la. Onde alguns queriam ver no caráter inglês do futebol um refinamento eugênico e algo a ser imitado para atingir grau mais elevado de civilidade e nobreza, o cronista cutucava:

o fute ból é cousa ingleza [que] nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da rua da Candelaria e arredores nos quaes todos nós teimamos em vêr lords e pares do Reino Unido.⁹⁰

O cronista apontava aos seus leitores a crua e apática normalidade daqueles ingleses, retirando-os, pois, de um glorioso pedestal social.

Essas considerações servem a um argumento que julgamos importante. Se tomarmos os dados ligados aos círculos sociais da elite paulistana e carioca, chegamos a uma cronologia que pode nos dizer o seguinte: da criação da “Liga Contra o Foot-ball”, em 1919, apenas 24 anos haviam se passado da primeira partida “oficial” em solo brasileiro, 17 da criação da Liga Paulista de Football, 15 da fundação da Liga Metropolitana de Football e três do aparecimento da CBD.

⁸⁷ J.A. “Reparos”, *Gazeta de Notícias*, 12 de março de 1919, p. 2. (Edição 70); E.B.S. “Football – Reparos”, *O Paiz*, 13 de março de 1919, p. 8. (Edição 12572); “Boatos falsos”, *O Paiz*, 14 de março de 1919, p.6. (Edição 12573); *Jornal do Brasil*, 15 de março de 1919, p. 5 (Edição 73). A Liga continua sendo assunto em diversas outras datas ao longo do mês de março.

⁸⁸ Ver: FRANCO JR. Hilário. *A dança dos deuses – futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 69 e 70.

⁸⁹ FRANCO JR. Hilário. *A dança dos deuses – futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p.60.

⁹⁰ BARRETO, Lima. “Meu conselho”, *A.B.C*, 01 de outubro de 1921, p.11 (Edição 343).

Ou seja, em pouco tempo o futebol tornou-se assunto polêmico nas páginas de jornais da capital da República. Pouco antes de sua morte, em 1922, Barreto dedica mais uma crônica ao jogo dos “pontapés”, como costumava dizer.

Sem aliviar nas costumeiras críticas, o escritor parece reconhecer de forma mais categórica a força e maior amplitude social do futebol. Mesmo sendo contra a sua prática, Barreto percebia que o futebol não era mais um esporte praticado apenas nos círculos elitistas da capital. Em seu tom, há qualquer coisa de desistência, de uma retórica do vencido que assume a derrota sem entregar os louros ao vencedor⁹¹:

Toda a gente, hoje, nesta bôa terra carioca, se não fica com os pés ferrados, ao menos com a cabeça cheia de chumbo, joga o tal *sport* ou esporte bretão, como elles lá dizem. Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos, a um clube destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés.⁹²

Pessoas das mais diversas cores e valores estavam, em sua particular visão, inebriadas pelo esporte, inclusive aquelas que participavam “virtualmente”, contorcendo-se, ou simplesmente torcendo, por seus clubes fora das quatro linhas.

A breve história aqui narrada é apenas uma pequena parte, centrada quase que exclusivamente na figura de Lima Barreto, de um dos primeiros grandes e intensos debates públicos, realizado por literatos, médicos, dirigentes esportivos e políticos, sobre o futebol. Ora, e por que esse debate seria importante para o prosseguimento de nossos argumentos?

Primeiramente, porque o jogo instigou, desde muito cedo, o pensamento, sua conseqüente manifestação no mundo e amplas discussões. Em segundo lugar, pelo fato de dois pontos dessa reflexão, a “questão racial” e “questão nacional”, darem forma à tentativa de compreensão do esporte e por fazerem parte de uma linguagem interpretativa dos fenômenos sociais, culturais,

⁹¹ Em outra crônica, alguns meses antes, Lima Barreto escreve ao amigo Dr. Sussekind na Revista Careta: “O meu caro dr. Susse Kind pode ficar certo de que, se a minha ‘Liga’ morreu, eu não morri ainda. Combaterei sempre o tal foot-ball”. BARRETO, Lima. “Como resposta”, *Careta*, 08 de abril de 1922, p.8. (Edição 720).

⁹² BARRETO, Lima. “O nosso sport”, *A.B.C.*, 26 de agosto de 1922, p.6. (Edição 390).

econômicos e políticos já consolidada no pensamento brasileiro paralelamente ao futebol. Por fim, a morte do romancista simboliza, também, o desfecho do projeto que pretendia pôr fim ao “jogo dos pontapés”. Nesse ponto, Barreto foi derrotado. Entretanto, o futebol seguiria rumos diferentes daqueles projetados pelos seus rivais que defendiam o esporte exclusivo às pessoas brancas.

“Um *team* fortemente afro-brasileiro” – Novos rumos do futebol e um laboratório para Gilberto Freyre

No mês de junho de 1938, o *Diário de Pernambuco* intercalava em suas primeiras páginas manchetes sobre a guerra que se anunciava em solo europeu e o desempenho da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo da França, esta que seria a última até que, após os conflitos bélicos que dominaram o globo ao longo da década de 1940, fosse retomada com o campeonato realizado no Brasil, em 1950. Além das primeiras páginas, os assuntos se desmembravam em diversas matérias no corpo do jornal diariamente. Em uma das dezenas dessas notas sobre o futebol, no dia 15 de junho, encontramos a seguinte passagem:

No meio da multidão que se comprimia hontem defronte do DIÁRIO DE PERNAMBUCO, misturado à massa popular, vimos o escriptor Gilberto Freyre, uma das maiores expressões da sociologia brasileira e americana.

O repórter se acercou do escriptor de ‘Casa Grande e Senzala’ e pediu sua opinião sobre a victória do team brasileiro, onde figuravam seis homens de côr num quadro de onze jogadores. O sr. Gilberto Freyre fez-nos então as seguintes declarações:

– ‘Creio que uma das condições da victória dos brasileiros nos encontros com os europeus é o facto de desta vez termos tido a coragem de mandar para a Europa um ‘team’ francamente afro-brasileiro. Os aryanistas que tomem nota disto’.⁹³

Na nota apócrifa vê-se o renomado intelectual disputando espaço junto ao povo indiferenciado aguardando maiores informações sobre a representação nacional no torneio de futebol. Freyre disfarçava-se em meio aos seus conterrâneos e não fosse a lupa do repórter o sociólogo teria se desvencilhado da multidão sem maiores alardes. O jornalista não podia deixar escapar a notícia e colheu o

⁹³ “O team afro-brasileiro e a sua admirável ‘performance’”. *Diário de Pernambuco*, 15 de junho de 1938, p.16 (Edição 141).

depoimento de Freyre, que sentenciou o valor das pluralidade étnica da equipe brasileira por ali mesmo. O intelectual também teria ressaltado a coragem dos dirigentes esportivos por enviarem aos campos europeus, para os olhos do mundo, um selecionado de jogadores negros, fato que diferia em muito a postura dos comandantes esportivos nos anos de Lima Barreto. Freyre ainda recomendava aos aduladores de Hitler: “tomem nota”!

O digno gazeteiro do *Diário de Pernambuco*, porém, não esperava que o mesmo Gilberto Freyre escrevesse uma coluna dois dias depois e revelasse que o encontro não fora muito bem como o relatado:

Um repórter me perguntou antehontem o que eu achava das ‘admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux’.

Respondi ao repórter – que depois inventou ter conversado comigo em plena praça pública, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde da vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos – que uma das condições dos nossos triumphos, este anno, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.⁹⁴

Freyre, portanto, negava o *como*, mas não o *que* da notícia. O título da coluna, de cujo trecho acima foi retirado, é “O foot-ball mulato”, e tornar-se-ia, mais tarde, o escrito mais conhecido sobre futebol do mestre de Apipucos, depois do prefácio à obra de Mario Filho.

Como se vê, o cenário que se constrói é substancialmente diferente daquele edificado nos escritos de Lima Barreto. Possivelmente, o escritor falecido em 1922 não reconheceria no time exaltado por Freyre algumas das razões que o faziam desprezar o futebol. Muita água passara por debaixo da ponte e o esporte se modificara com o passar do tempo. Será nosso intuito nas próximas páginas fazer com que o leitor veja como ocorreram as transformações na prática oficial do futebol, suas novas e importantes vinculações com a esfera do poder estatal e também como o pensamento de Gilberto Freyre se localiza neste cenário, buscando evidenciar como suas ideias fornecem elementos

⁹⁴ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

básicos para que Mario Filho desenvolva seus argumentos em *O Negro no Football Brasileiro*.

No início da década de 1920, Lima Barreto percebia que o detestável esporte entrava no gosto popular e a sua campanha contra o futebol fracassava miseravelmente. Na “boa terra carioca”, como ele diz, parecia que todos estavam hipnotizados e, de fato, foi ao longo da década que o triste visionário não pôde ver que o jogo foi se tornando cada vez mais relevante para a cultura da cidade.

No torneio Sul-Americano de 1919, disputado no Brasil e vencido por ele, já é possível perceber um entusiasmo com o esporte, até então incomum, por parte da imprensa e dos expectadores do *Football Association*. Um aspecto importante desse entusiasmo é que o ato de torcer pelo time brasileiro já passava a ser encarado como um exercício patriótico⁹⁵. Sobre isso, o historiador Leonardo Pereira escreve:

O jogo passava a ter um papel central no processo de efetivação do nacionalismo que ia marcando o período, [...] ganhava forma então uma sólida e poderosa identidade entre brasileiros de camadas diversas. Ao consolidar uma identificação que tinha em sua base diferentes modos de sentir um mesmo orgulho nacional, o futebol convertia-se em um canal privilegiado de afirmação social do instinto patriótico.⁹⁶

Além dessa gradativa vinculação da equipe com sentimentos patrióticos, nas décadas de 1920 e 1930 o futebol vai se tornando, cada vez mais, um negócio rentável para os clubes, com um aumento extraordinário em suas receitas por conta das rendas dos jogos⁹⁷. O número de pessoas interessadas em participar do esporte aumentou consideravelmente, seja como torcedor, atleta, jornalista, leitor, ouvinte, narrador. O rádio tornou-se um meio de difusão do esporte eficaz. Ele conseguia atingir milhares de pessoas Brasil afora. Como mostra-nos Fábio Franzini:

Além de conquistarem a audiência local, no decorrer das décadas de 1930 e, sobretudo, 1940 as ondas do rádio vão levar

⁹⁵ BRINATI, Francisco. ‘Bravos aos Brasileiros!’: A Seleção de futebol como emblema da nação nos jornais durante o Sul-Americano de 1919”. *Intercom* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém – PA, setembro de 2019.

⁹⁶ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 153-154.

⁹⁷ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 290-291.

os principais nomes da bola ao público das regiões à margem do eixo Rio de Janeiro—São Paulo, encurtando a distância entre o centro e a periferia do futebol brasileiro. Já mesmo em 1930, por ocasião da Copa do Mundo disputada no Uruguai, o *Diário Carioca* ressaltava esse aspecto integrador da “radiotelephonia” ao saudar o Rádio Clube do Brasil como “grande benemérito do sport nacional” por levar “até os mais afastados rincões brasileiros a descrição dos jogos mais importantes de nosso football”. E ainda que tal integração tenha sido prejudicada nesses primeiros tempos pelas dificuldades técnicas e pelas próprias características do desenvolvimento da radiodifusão no país, rádio e futebol começavam assim a forjar um espaço de experiências e sentimentos que reforçariam, ou mesmo criariam, uma identidade coletiva dentro da nossa comunidade imaginada.⁹⁸

Outro fato que atesta como nesse período o esporte ganha lugar de destaque no universo social e cultural brasileiro é o vertiginoso crescimento do número de periódicos destinados ao assunto. Comparativamente, a imprensa esportiva foi a que mais cresceu dentro do meio. As investigações de Pereira, confirmam esse salto considerável na imprensa esportiva que saiu

de 5 jornais em 1912 para 58 em 1930 – em um crescimento que, chegando aos 1060%, era muito maior do que aquele verificado pelos jornais noticiosos de forma geral, que fôra de apenas 72,2%. [...] Consolidando uma sólida indústria em torno do jogo, esse movimento elevaria jogadores como Leônidas e Domingos da condição de ídolos do esporte a de grandes personalidades nacionais.⁹⁹

A transição do modelo amador para o profissional também aconteceu nesses anos. No ano de 1933, o profissionalismo foi instituído e institucionalizado na forma da Liga Carioca de Foot-ball. Esta associação contava com a participação dos principais clubes do Rio de Janeiro, como Vasco, Fluminense, Bangú e América, que já se preparavam para o desaparecimento do amadorismo. Longe de ter sido um processo pacífico, a disputa entre defensores do amadorismo e do profissionalismo resultou na existência simultânea de duas ligas que pretendiam regular a prática futebolística. O contraponto à Liga Carioca era feito pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), que por

⁹⁸ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 39.

⁹⁹ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 301.

sua vez estava ligada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), responsável pela formação dos esquadões nacionais¹⁰⁰. A forma de organização amadora do esporte foi predominante em território nacional até sua extinção em 1937, quando a CBD passa a adotar o profissionalismo.

O cerne da querela entre os partidários do regime amador e profissional girava em torno da questão da remuneração dos jogadores e do *status* social relacionado à prática do futebol. Os primeiros afirmavam que os clubes não deveriam ceder espaço para aqueles que desejavam fazer do esporte fonte de renda. Defendiam que só poderiam praticar o jogo os que comprovassem que possuíam meios de subsistência que independiam de suas atuações em entidades futebolísticas. Algumas recomendações chegavam a proibir nominalmente as profissões que impossibilitariam a atuação dos jogadores. O amadorismo acabaria afirmando-se como o modelo de organização que visava a segregar parcelas da população de baixa renda do futebol. Somando-se a isso as restrições de cunho racial já vistas no capítulo anterior.

Entretanto, com o desenvolvimento do futebol e o incremento da competitividade, os clubes passaram a descumprir as normas amadorísticas e, para despistar, praticavam o que ficou conhecido como “amadorismo marrom”. A fraude é simples de entender. As equipes arranjavam trabalhos de fachada para seus jogadores para que esses pudessem investir exclusivamente em seu aprimoramento técnico. Os atletas fingiam trabalhar, mas na verdade dedicavam-se quase que exclusivamente ao esporte. Normalmente, aqueles que aceitavam essas condições de trabalho advinham de classes sociais baixas e com frequência eram negros.

Mario Filho foi um dos grandes defensores do profissionalismo e voz influente para sua concretização ao longo da década de 1930. Uma de suas bandeiras era justamente que a adoção desta modalidade ampliaria a prática oficial aos jogadores negros e pobres que disputavam ligas suburbanas. Logicamente, isso poderia melhorar as atuações das equipes, tendo em vista o

¹⁰⁰ Ver: FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000; PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998.

maior recurso humano disponível e concentrado em apenas uma atividade profissional. Outro ponto positivo do profissionalismo, segundo os seus advogados, seria a maior autonomia do jogador sobre os seus contratos¹⁰¹, já que não precisaria sujeitar-se às vontades dos clubes em manter o sistema “semiprofissional” nem às punições da liga em caso da prática ser descoberta.

É preciso lembrar, também, que quando da chegada de Getúlio Vargas ao poder, tanto o futebol quanto os seus lugares e simbologias passam a ser mobilizados pelo Estado com maior frequência e como instrumento ideológico do poder central. Em 1934, por exemplo, o presidente da CBD era “Luiz Aranha, irmão do ministro da Fazenda Osvaldo Aranha, ambos revolucionários de 1930 e diretamente ligados ao presidente”¹⁰². Lourival Fontes, “diretor da secretaria geral do gabinete do interventor do Distrito Federal”,¹⁰³ viajou para a Copa da Itália do mesmo ano como chefe da delegação. No Estado Novo, anos depois, Fontes seria diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Em 1935, a “Censura Policial”, submetida ao governo federal passa a “controlar o desenvolvimento do jogo [...] aplicando aos clubes de futebol as regras definidas para outras diversões públicas”¹⁰⁴. Vargas andava satisfeito com as relações proveitosas com o futebol, chegando a ser agraciado como presidente de honra do Fluminense¹⁰⁵.

Após 1937, durante a ditadura estado-novista, esta relação torna-se mais evidente. Vargas fez questão de assumir a seleção de 1938 como símbolo nacional, concedeu grande quantia monetária à delegação para custear as suas despesas, sua filha foi escolhida madrinha do time, ministros faziam declarações sobre a importância da participação na Copa, e o torneio aparecia no horizonte

¹⁰¹ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 316.

¹⁰² FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 44.

¹⁰³ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 44.

¹⁰⁴ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 326.

¹⁰⁵ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 327.

como uma vitrine para mostrar a grandeza e potência da nação brasileira¹⁰⁶. Além disso, era recorrente a utilização de estádios para anúncios oficiais e comemorações cívicas¹⁰⁷. No ano de 1939, cria por decreto a Comissão Nacional de Desportos, assim como em 1941, também por decreto, funda o Conselho Nacional de Desportos (CND), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, para organizar o esporte nacional. Segundo Eduardo Dias Manhães, citado por Fábio Franzini, o CND era um

órgão superior e plenipotenciário, um aparelho de Estado responsável pela ‘disciplina’ (corporativista) da ordem desportiva, podendo intervir, arbitrar conflitos e verticalizar linearmente as funções, tratando da efetiva oficialização das entidades e da ordem desportiva, superposto que está à sociedade civil e aos interesses ‘particularistas’, a partir do controle pelo mesmo exercido sobre esta última, inclusive¹⁰⁸

No ano de 1942, por ordens diretas de Francisco Campos, ministro da Justiça, o Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo passa a endurecer o controle sobre a Sociedade Esportiva Palestra Itália, devido a sua origem italiana. A perseguição à equipe foi tamanha que ela viu-se obrigada transformar-se em Palmeiras por conta das pressões do CND¹⁰⁹.

Retornando, agora, ao ano de 1938, por onde começamos nossas considerações, é possível perceber como o movimento de popularização do futebol era crescente. A Copa do Mundo da França, esta que fez Gilberto Freyre manifestar-se no *Diário de Pernambuco*, foi a terceira edição do campeonato mundial. Nas duas primeiras, a participação da equipe brasileira foi tímida e o selecionado de jogadores marcados tanto pela restrição de caráter racial quanto pela divisão entre amadores e profissionais. Na edição de 1934, por exemplo, os

¹⁰⁶ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 327; FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 47.

¹⁰⁷ LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP. Dossiê Futebol*, n. 22, 1994; FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000.

¹⁰⁸ MANHÃES, Eduardo Dias. “Política de Esportes no Brasil”, p. 37. In. FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 69.

¹⁰⁹ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 71-73.

melhores jogadores brasileiros, por já estarem profissionalizados, não podiam atuar pela seleção da CBD, amadora. Já em 1938, quando há uma concórdia entre as federações e o profissionalismo é adotado pela responsável por formar a seleção nacional, o time enviado à França possuía uma quantidade de jogadores negros nunca antes vista nas equipes que representavam o país¹¹⁰.

A chave de leitura oferecida por Gilberto Freyre forneceu elementos para que se pensasse o futebol como expressão da autenticidade do povo brasileiro dentro dos parâmetros da mestiçagem. Antes, porém, da coluna “Foot-ball mulato”, o sociólogo já havia escrito dois outros textos sobre o esporte, ambos no ano de 1929. O primeiro, “Roupas modernas”, assinando como Antônio Ricardo, repele a ideia de que o jogo deveria ser tratado como caso de “polícia de costumes”¹¹¹. Freyre conta que um outro jornal, espantado com a imoralidade das vestes esportivas dos rapazes praticantes de futebol, pregava que a polícia deveria agir. Indo na contramão desta ideia, Freyre desenvolve com graça a argumentação que mais que uniformes esportivos, aqueles trajes seriam o símbolo da modernidade que se aproximava, já que “em toda a parte, a reação é hoje contra o vestuário excessivo ou pesado”¹¹². A atenção volta-se às “novas gerações” que seriam responsáveis pelo “gosto de simplificação, de naturalidade, de franqueza”¹¹³. Freyre identificava que alterações nos hábitos do jovens estavam sendo fomentadas e o futebol, como agente da modernidade, era um dos responsáveis e apelava que “o bom senso, mais do que o puritanismo, é que nos deve dirigir nesse capítulo de vestuários” para ir “aos poucos combatendo os remanescentes do Espírito de Fraque”¹¹⁴. O episódio que surgia como uma banalidade no ritmo da vida ordinária, ganha *status* de símbolo

¹¹⁰ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 318 – 319.

¹¹¹ FREYRE, Gilberto (Antônio Ricardo). “Roupas modernas”. *Jornal da Província* (PE), 06 de novembro de 1929, p. 3. (Edição 256).

¹¹² FREYRE, Gilberto (Antônio Ricardo). “Roupas modernas”. *Jornal da Província* (PE), 06 de novembro de 1929, p. 3. (Edição 256).

¹¹³ FREYRE, Gilberto (Antônio Ricardo). “Roupas modernas”. *Jornal da Província* (PE), 06 de novembro de 1929, p. 3. (Edição 256).

¹¹⁴ FREYRE, Gilberto (Antônio Ricardo). “Roupas modernas”. *Jornal da Província* (PE), 06 de novembro de 1929, p. 3. (Edição 256).

de mudança temporal. A partir dessa observação microscópica, Freyre concluía que o caminho a ser seguido era “o equilíbrio, a moderação, a medida meio”¹¹⁵.

O segundo, intitulado “Fair-play”, assinado por Freyre como Jorge Rialto, conclamava aos praticantes do futebol a realizar o jogo limpo. Segundo o autor, haveria muitos conflitos em campo e uma inadequação dos brasileiros na obediências às regras do esporte. Ele reconhece que os torcedores não devem assistir aos jogos “com a calma e a discrição com que assistem os bons fiéis aos ofícios religiosos”¹¹⁶. Aponta que o entusiasmo não pode degenerar-se em violência e impedir a realização do jogo. Portanto, nesses dois textos, o futebol aparece como um agente civilizatório capaz de oferecer ao Brasil mudanças positivas em sua trajetória modernizante – nada ainda sobre relações raciais.

O terceiro, quase dez anos depois, é o já referido “Foot-ball mulato” e assinado por Freyre ele mesmo. Ali o pensador desenvolve uma análise do futebol brasileiro como uma manifestação do “mulatismo” que caracterizaria a nossa sociedade. No futebol, “surpreza”, “manha”, “astúcia”, “ligeireza” e “ao mesmo tempo de espontaneidade individual” caracterizariam o “mulatismo”. Essa “afirmação verdadeira do Brasil” seria

ágil em assimilar, dominar, amolecer em dansa, em curvas ou em músicas tehcnicas européas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam ellas de jogo ou de architectura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dyonisíaco a seu geito – o grande geitão mulato.¹¹⁷

Portanto, o “mulatismo” definia-se como uma particularidade psicológica do povo, uma inclinação civilizatória em contraponto com aquela representada pelo modelo arianista europeu e isso observado nos diferentes estilos de jogo na Copa do Mundo:

O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja efficiência – menos na defesa do que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste anno com os polonezes e os tchecoslovacos é

¹¹⁵ FREYRE, Gilberto (Antônio Ricardo). “Roupas modernas”. *Jornal da Província* (PE), 06 de novembro de 1929, p. 3. (Edição 256).

¹¹⁶ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

¹¹⁷ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma.¹¹⁸

O futebol, dessa forma, aparecia como um *locus* privilegiado de manifestação do caráter democrático na formação social do país, incrementando o seu valor de modernidade já reconhecido anos antes.

O autor faz questão de frisar “que mulatismo e arianismo são considerados não como expressões étnicas mas como expressões psíquicas condicionadas por influências de tempo e de espaço sociais”¹¹⁹. Sendo assim, o “mulatismo” definiria aquilo que se visualizava na trajetória histórica brasileira, seria um conceito que nasce a partir da análise do comportamento da sociedade ao longo do tempo. Esse “gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem”, marcantes na experiência brasileira ganhariam inteligibilidade quando comparados com o formalismo europeu. Para Freyre, o “mulatismo” poderia ser traduzido em linguagem sociológica em “dionisíaco” e o arianismo em “apolíneo”. Se aquilo que define o “mulatismo” pode ser lido como expressão dionisíaca da formação social, o lado apolíneo seria definido pelo “formalismo”, pelo “methodo científico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo”, pelos “excessos de ordenação”, “excessos de uniformização, de geometrisação, de standardização” e pelos “totalitarismos” que fazem “desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal”¹²⁰.

A presença do elemento negro na Seleção teria sido a confirmação de um país que se encontrava consigo mesmo. Ao aceitar negros na equipe, a CBD acolhia a característica singular da civilização construída a partir da miscigenação – o “mulatismo”. Essa expressão psicossocial do povo brasileiro teria sido a principal responsável por traduzir o futebol para uma língua nacional, ideia que aparecerá em Mario Filho.

Outras passagens importantes de Freyre sobre o futebol estão em *Sobrados & Mucambos*, de 1936. Nele, o autor desenvolve algumas de suas ideias presentes no artigo analisado anteriormente, principalmente

¹¹⁸ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

¹¹⁹ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

¹²⁰ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

demonstrando que pelo futebol, os negros teriam transformado o resultado da carga de violência recebida ao longo dos anos escravagistas em dança futebolística dionisíaca. A “mestiçagem como sublimação da violência”¹²¹ aparece como conclusão daquilo que é exposto por Freyre. Nesse sentido, pontua Wisnik:

Para Gilberto Freyre, o futebol brasileiro extraía as qualidades de luta dançante da capoeira para fins decididamente lúdicos e estéticos, através dos “bailarinos da bola”. O alcance mais engenhoso e inovador dessa formulação é que ela extraía a sua potência afirmativa dos próprios estigmas da escravidão, como uma operação simbólica que extraísse do veneno o próprio remédio.¹²²

Dessa forma, Gilberto Freyre ajudava a dar novo formato para a interpretação do futebol inserido na sociedade brasileira. Se antes, o esporte podia ser visto como um estrangeirismo, um intruso em terras tropicais e instrumento de segregação racial, como em Lima Barreto, a leitura do futebol como espaço democrático, evidência da força da miscibilidade da formação social do país e lugar privilegiado da ascensão social do negro passa a ganhar corpo.

Evidentemente, não é a atuação solitária do mestre de Apipucos que constrói essa imagem do país. O processo de popularização do esporte contou, além dos elementos imponderáveis da história, com diversos atores. Apesar de Freyre fornecer a matéria-prima para a interpretação histórico-sociológica do futebol sobre as quais o pensamento de Mario Filho iria se fundamentar em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, veremos como, paralelamente, o jornalista Mario Filho também atuou durante anos pela reformulação dos sentidos atribuídos ao jogo, bem como pela dissolução do futebol como um esporte exclusivamente branco. Se em seus anos iniciais, o *football association* aparecia para alguns intérpretes como prática restrita e estranha às características do brasileiro, ao longo das décadas de 1920 e 1930, outra imagem do esporte vai sendo construída e vivida como símbolo legítimo da singular identidade brasileira.

¹²¹ WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 195.

¹²² WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 196.

Mario Filho e o jogo das multidões

Mario Filho já era um jornalista consagrado, “sempre de terno, gravata e charuto – fumava uma caixa de ‘Ouro de Cuba’ a cada dois dias”¹²³, quando começou a escrever em sua coluna “Da primeira fila” o que viria a ser o livro, em 1947, *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Segundo Ruy Castro, biógrafo de seu irmão Nelson,

Mario Filho tornara-se uma celebridade nos meios esportivos. Era tão famoso quanto os atletas. Podia ser visto à beira dos gramados, das quadras, dos ringues, das pistas e das piscinas, perguntando e anotando tudo. Frequentava também os bares e cafés favoritos de cada time: o Flamengo no ‘Rio Branco’, o Vasco no ‘Capela’, o América, no ‘Mourisco’. Até que começou a marcar suas entrevistas no ‘Nice’, na Galeria Cruzeiro, apenas porque ficava ao lado de ‘O Globo’. [...] O pessoal do futebol e do boxe passou a frequentá-lo e, como sempre, a turma do samba o seguiu – entre os quais Noel Rosa, com quem Mario Filho sentou-se várias vezes.¹²⁴

Além disso, participava de reuniões com dirigentes esportivos, era cunhado de Bastos Padilha, presidente do Flamengo, e amigo de longa data de Arnaldo Guinle, dirigente do Fluminense, para evidenciar apenas algumas dessas proximidades. Portanto, Mario Filho foi personagem central para o mundo esportivo brasileiro do período. Construiu grande reputação como jornalista, tinha acesso a dirigentes e jogadores. Mais que isso, participava de um agitado circuito cultural no Rio de Janeiro composto por artistas, intelectuais e esportistas, além, claro, de membros de sua família. Seu prestígio fez com que tivesse acesso a governantes também. Não raro ver fotografias suas ao lado de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, por exemplo.

Voltando ao dia 09 de maio de 1946, os leitores d’ *O Globo* já poderiam começar a ler a história que se estenderia por mais cinco meses, batizada da mesma maneira que o trabalho publicado pela Irmãos Pongetti Editores no ano seguinte. Criada em 1942, o público de Mario Filho já estava acostumado com o formato de sua coluna. Dia após dia, colada a uma das margens, ocupando na

¹²³ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 259.

¹²⁴ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 131-132.

vertical um quarto da página, lá estaria a continuidade da história deixada em aberto no dia anterior.

Bem possível que a seção *O Negro no Foot-ball Brasileiro* já tenha sido concebida para ganhar perenidade na forma de livro. Vale lembrar que, antes de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, “Da primeira fila” já havia dado origem a outras duas obras do autor – *Copa Rio Branco*, 32 (1943) e *Histórias do Flamengo* (1945). No caso em questão, a coluna possuía subtítulos, os mesmos do futuro livro, era numerada, e a disposição dos parágrafos era quase sempre correspondente à da obra, ou seja, manteve-se praticamente inalterada. Não fosse por inclusões de notas de rodapé, imagens, prefácio, nota ao leitor, supressão mínima de alguns trechos e pela ausência no livro das últimas oito linhas misteriosamente ilegíveis – quem sabe por conta de um soluço ou espirro do funcionário responsável pela digitalização do arquivo? – na página 12 d’*O Globo* daquele 21 de setembro, os conteúdos seriam rigorosamente os mesmos.

Mario Filho estava n’*O Globo* desde 1931 a convite de seu companheiro de sinuca¹²⁵ e dono do jornal, Roberto Marinho. Possuía, também, desde 1936, seu próprio diário esportivo, o *Jornal dos Sports*. Deu seus primeiros passos na imprensa ainda no *A Manhã* de seu pai, Mario Rodrigues, influente personagem da mídia impressa brasileira durante a Primeira República. O jornal tinha dentre seus colaboradores, por exemplo, Monteiro Lobato, Mario de Andrade e Alcântara Machado¹²⁶. Aos 17 anos, em 1925, era o responsável pelo dinheiro que circulava no *A Manhã*, ocupando o cargo de “diretor-tesoureiro”, uma espécie de gerente do jornal. Gostava de literatura, lia os modernistas de 1922, escrevia contos eróticos que virariam o seu primeiro livro, *Bonecas*, de 1926, e no ano seguinte, escreveria outra obra, *Senhorita*.

No *A Manhã*, começou a escrever sobre futebol, missão que cumpriu ali até o pai ter de vender o jornal por razões financeiras e fundar outro, o *Crítica*, onde continuaria suas coberturas esportivas. Após a morte de Mario Rodrigues, em 1930, Mario Filho assume com o seu irmão, Milton, o comando do *Crítica*.

¹²⁵ CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 115.

¹²⁶ BRASIL, Bruno. “A Manhã, Rio de Janeiro, 1925”. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

Herdaram não só o diário, mas também o conjunto de amigos e desafetos do pai, figura influente no jornalismo e na política daquele momento. Entre os aliados, o presidente Washington Luís e o recém-eleito, Júlio Prestes. Quando a Revolução chegou derrubando o presidente em exercício e transformando a posse de Prestes em nuvem passageira, o *Crítica*, tomado pela fúria popular, foi empastelado e nunca mais voltaria à atividade¹²⁷. Apesar de liberado em poucas horas, Mario Filho chegou inclusive a ser preso.

A normalidade retornava aos poucos, mas os filhos do falecido Mario Rodrigues e da matriarca Maria Esther suaram para ressurgirem em alguma outra redação. Foi quando em 1931, Roberto Marinho ofereceu emprego a Mario Filho. Marinho abriu as portas, inclusive, para que Filho tentasse construir nas gráficas d'O *Globo* seu novo empreendimento junto do amigo Mário Martins. Criaram o *Mundo Esportivo*, que não chegou a completar nem um ano de existência, mas deixou de legado para o jornal de Roberto Marinho o concurso entre escolas de samba no carnaval, formalizado pela primeira vez por Mario Filho e Carlos Pimentel nas páginas do natimorto periódico. Marinho também não se importou quando Mario Filho decidiu comprar o *Jornal dos Sports* em 1936. E foi nas páginas desses dois diários – *O Globo* e *Jornal dos Sports* – que Mario Filho construiria sua importante trajetória como jornalista, sendo peça-chave para a reformulação no modo de cobrir os esportes na capital da República.

Como não é do interesse deste trabalho tecer considerações mais aprofundadas sobre história social, podemos dizer de modo mais ou menos sólido, amparados pela bibliografia, que o futebol, nos primeiros anos de sua implementação no Brasil, em fins do XIX, constituiu-se como um hábito social no seio da elite fluminense. Os *sportsmen*, como eram chamados os jovens membros da elite social que praticavam o *foot-ball association*, trazido da Inglaterra, tornavam-se agentes da modernidade e da civilidade. O “fidalgo

¹²⁷ “Foram invadidos “Crítica”, “A Noite”, o “Jornal do Brasil”, “O País”, “A Notícia”, “Vanguarda” e a “Gazeta de Notícias”. Os estragos foram incalculáveis, mas, a duras penas, todos esses jornais estariam de novo nas ruas, uma ou duas semanas depois. De todos eles, apenas um jamais voltaria a circular: “Crítica”. Ver: CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 106.

esporte”, como classifica o historiador Leonardo Pereira, fazia parte de um imaginário de classe que valorizava a importância da convivência cordial, disciplina, lealdade e o cavalheirismo entre os atletas¹²⁸.

O horizonte de fineza e elegância da *Belle Époque* carioca encontrava no futebol um aliado poderoso. Os clubes “tentavam criar no Rio de Janeiro um espaço onde pudessem manter os novos hábitos adquiridos no exterior”¹²⁹, as ligas formadas por esses clubes na tentativa de controlar a prática do esporte, tinham a “tarefa de zelar pela imagem refinada do jogo”¹³⁰, sob o critério da higienização, o discurso médico validava o esporte e a imprensa, valorizando suas origens inglesas e elevando o esporte a símbolo de distinção social, “satisfazia os anseios das elites e funcionava como barreira ao acesso de membros de outras classes e grupos sociais”¹³¹.

Contudo, para a infelicidade dos articuladores dessa tentativa de segregação social e delimitação da prática a um grupo restrito, bem como do controle de sentidos atribuídos ao jogo, o futebol passou a ser estimado por mais gente. Nitidamente, uma das maiores preocupações dessa elite, orientada por uma visão de mundo eugênica, era que negros atrapalhassem a consolidação do futebol como um marco de diferenciação entre segmentos da sociedade. Entretanto, cada vez mais se via ao redor dos campos dos clubes abastados, trabalhadores e, entre eles, torcedores negros; cada vez mais se percebia que o esporte símbolo de uma elite desejosa de se enxergar como europeia passou a ser jogado por pessoas das mais variadas classes, das mais variadas cores. Isso sem mencionar as ligas paralelas e suburbanas ou partidas informais que não davam a mínima para os espaços oficiais de prática do jogo.

A hipótese levantada por Pereira, e que nos parece razoável e pertinente, é de que a lógica que surge quando tentamos entender esse quadro pós-

¹²⁸ Lembrando que não ignoramos outras formas da prática do jogo e assimilação cultural do jogo: existem diversos futebolis que passam ao largo do nosso objeto. Interessa-nos aquele futebol ‘oficial’, das ligas, dos clubes filiados, justamente porque é com ele que os nossos autores irão dialogar.

¹²⁹ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 21.

¹³⁰ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 61.

¹³¹ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 52.

abolição e pós-proclamação da República é de que “se o campo dos direitos civis não servia mais para distinguir os indivíduos, seria necessário criar novos espaços e mecanismos de diferenciação, que recolocassem as hierarquias sociais perdidas com a República”¹³². Dessa tensão – rápida disseminação do jogo no Rio de Janeiro e desejo de que o futebol continuasse sendo um marcador de hierarquias – surgiu, por exemplo, o intenso debate, capitaneado por Lima Barreto no final da década de 1910.

Do quadro geral acima, o ponto que nos interessa é aquele em que Mario Filho tentará subverter a ordem do discurso. Por isso, é menos importante, para nossa pesquisa, saber como se deu, do ponto de vista social, a difusão do futebol entre as classes populares¹³³.

Segundo o pesquisador Marcelino Rodrigues da Silva, Mario Filho fugiu da interpretação hegemônica do futebol característica das décadas de 1910 e 1920, que tentava dar “ao futebol um caráter de refinamento e modernidade”¹³⁴. Quando assume seu lugar n’*O Globo*, em 1931, o esporte já era o mais popular da cidade e, em algumas situações, já era alçado ao posto de representação nacional, mas a imprensa não havia alterado substancialmente seu modo de tratar o esporte. Imerso nesse cenário, Mario Filho apreendeu as transformações que aconteciam no universo do futebol, bem como sua intensa popularização. A partir disso, soube incorporar a suas análises novas formas de fruir e interpretar o jogo, dramatizando, valorizando rivalidades e resultados, além de conferir aos torcedores um lugar central na dinâmica esportiva. Deixou de lado o futebol como um marcador social de distinção de classe ou de raça, ressaltando o esporte como uma “zona fronteira em que se interpenetravam a cidade das letras e a periferia iletrada”¹³⁵. Na prática, essa mudança no tratamento semântico do

¹³² PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 65.

¹³³ Para outra abordagem, ver: MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. O futebol da *Canela Preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. *Anos 90*, Porto Alegre, n.11, 1999, p.144-161.

¹³⁴ SILVA, Marcelino Rodrigues da. Cidade esportiva/Cidade letrada. In: SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 21.

¹³⁵ SILVA, Marcelino Rodrigues da. Cidade esportiva/Cidade letrada. In: SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014, p. 21.

futebol deu-se sob a forma de realização de campeonatos entre torcidas nas arquibancadas, oferecimento de prêmios ao primeiro torcedor que chegasse ao estádio, sorteios nas páginas do jornal, estímulo à criação de torneios de outros esportes, estabelecendo a mística do Fla-Flu¹³⁶.

No que tange às crônicas e reportagens, José Miguel Wisnik escreve:

Mario Filho foi decisivo para a implantação de um jornalismo esportivo ágil, que trazia seus personagens para a cena visível, em entrevistas que pluralizavam socialmente as vozes do esporte e tornavam definitivamente anacrônica a página estática com notícias de superfície e linguagem engomada.¹³⁷

A agilidade da qual fala Wisnik, refere-se, sobretudo, à maneira coloquial da escrita de Mario Filho. Agilidade por conta da coloquialidade, coloquialidade que construía a visibilidade dos personagens do jogo. E por que “visibilidade”? Porque, ao levar às páginas impressas do jornal formas de compreender o futebol na língua “falada nas ruas e nas arquibancadas dos estádios”¹³⁸, Mario Filho conseguiu dar um tom mais humanizado e menos moralista às análises. No lugar do ideal de cordialidade, a irreverência do povo; da civilidade, as disputas; dos bons modos, as paixões¹³⁹.

Mario Filho levava ao público o sofrimento e a alegria dos jogadores, seus infortúnios particulares e seus hábitos sociais pouco compatíveis com os de um *lord* inglês. Em suma, mirava uma linguagem capaz de dialogar não só com as elites letradas do país, daí um dos motivos para Wisnik pensar em uma pluralidade social de vozes nos textos de Mario Filho.

¹³⁶ Para uma crítica ao protagonismo de Mario Filho: COUTO, André A. G. *Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2016, p.187; COUTO, André A. G. *Vargas Neto e suas crônicas: a imprensa esportiva para além de Mário Filho*. **Ludopédio**, 29 de maio de 2012. Seção Literatura.

¹³⁷ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 233.

¹³⁸ “Mais do que a notícia em si, provocou impacto o tratamento jornalístico dado a ela e o *novo idioma* em que fora escrita, sepultando todo e qualquer formalismo de expressão. A entrevista ocupava meia página; apresentava-se numa linguagem nova, simples e vibrante, lembrando a língua até então somente falada nas ruas e nas arquibancadas dos estádios de futebol, e que estreava no jornal, dando indícios de que a época dos *acadêmicos* estava chegando ao fim”. ANTUNES, Fatima. “Com brasileiro, não há quem possa”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p.124.

¹³⁹ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 21.

Essa demanda por tentar arejar a língua de acentos bacharelescos e de construções empoladas possuía, certamente, um caráter geracional. O projeto intelectual mais amplo, que pertenceu, por exemplo, a diversos modernismos Brasil afora, tentava desobstruir os canais entre dois mundos linguísticos: o polo erudito, quase sempre visto como a ponta fria da relação, e o extremo popular, percebido como lugar de maior vivacidade. Mais que desobstruir, procurava-se conectar esses dois universos existentes e a partir daí lançar novos olhares sobre o Brasil¹⁴⁰.

Assim era não só para Mario Filho, mas também para pessoas próximas em seu convívio pessoal, como seu irmão Nelson Rodrigues, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima e Cândido Portinari, todos engajados, de uma forma ou de outra, na elaboração de novas referências simbólicas para o Brasil, passando também pela forma de representação do elemento negro na composição social do país. Para Mario Filho, o futebol era o lugar de redescoberta da nação e essa reformulação passava essencialmente pela linguagem que ia ao encontro da expressividade e oralidade popular, por isso fazia parte da construção de um Brasil moderno¹⁴¹, juntamente com a profissionalização do esporte e de suas instituições.

As considerações biográficas feitas acima nos serão úteis não apenas para habitar minimamente o pensador em seu mundo, mas também porque antecipam de forma introdutória aspectos fundamentais a serem trabalhados nesta dissertação: o que podemos depreender da relação entre forma e conteúdo de *O Negro no Foot-ball Brasileiro?* Como o livro participa do debate sobre a formação social brasileira? Como são mobilizados ali temas caros às interpretações do Brasil, dos anos 1920 aos 1950, como: assimilação da cultura estrangeira, composição racial do povo brasileiro e o que é e como deveria ser a nação? Como Mario Filho dialogava com pensadores de seu tempo? São perguntas como essas que orientarão nossa investigação.

¹⁴⁰ “A Semana seria no futuro imediato identificada com o momento inaugural – o marco zero para entender a reação de toda uma geração que rompeu com os padrões vigentes, muito vinculados à cultura bacharelesca” SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 338.

¹⁴¹ Ver: SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Capítulo 2 – A recepção de O Negro no Foot-ball Brasileiro

Gilberto Freyre e Mario Filho apresentam o livro: que história é essa?

O estudo realizado no primeiro capítulo traz à luz três momentos distintos da história do pensamento sobre o futebol e será útil para superarmos novos desafios daqui em diante. Por que a escolha desses três nomes, Lima Barreto, Gilberto Freyre e Mario Filho, foi importante? Algumas das razões já foram expostas no decorrer do texto, mas cabe-nos a missão de tentar sintetizá-las para que o leitor possa melhor visualizar o nosso argumento geral.

Pode parecer estranha, à primeira vista, a tentativa de acomodar um dos maiores inimigos que o futebol já conheceu, Lima Barreto, ao lado de um dos seus mais profundos amantes, Mario Filho, entremeados por Gilberto Freyre. Vale lembrar, também, que, até onde pudemos averiguar, nem Freyre nem Mario Filho indicam Barreto como interlocutor para suas reflexões sobre o esporte¹⁴². Aquilo que era o veneno para Barreto, para Freyre e Mario Filho parecia remédio. Como, então, esses três personagens podem ser relacionados?

¹⁴² Gilberto Freyre escreve, em 1956, a convite do biógrafo de Lima Barreto, Francisco Assis Barbosa, o prefácio do *Diário* do autor de *Clara dos Anjos*. Sobre isso, Lilia Schwarcz escreve: “O intelectual pernambucano, no ano de 1956, quando redigiu e datou o prefácio, andava muito empenhado em seu projeto de lusotropicalismo e na difusão do modelo de uma mestiçagem brasileira “democrática – que se converteria ‘numa esperança para um mundo dividido’. Por isso, evidentemente não gostou muito do material que leu. Definiu Lima como ‘ressentido de ser mulato’, e censurou ‘seu saber desordenado e como ele próprio boêmio. Julgou-o ‘desajustado a sofrer constante e intensamente de seu desajustamento de mulato pobre’, bem como tentou achar algum reconhecimento do escritor diante do que chamava de ‘bom padrão racial’ existente no Brasil. [...] Segundo Freyre, o escritor de *Policarpo Quaresma*, ‘por ser pobre’, não teve oportunidade de se transformar em ‘mulato sociologicamente branco’, como ‘o igualmente negroide evidente’ – embora bem ‘mais claro de pele’ – Machado de Assis. [...] Aí ficavam expostos preconceitos de um contexto que condenava a atitude de Lima de não disfarçar sua origem; e, ao contrário, destacar os problemas advindos com o longo e inacabado processo do pós-escravidão. [...] Categórico, reiterou que nossos ‘preconceitos [eram] menos de raça do que de classe’. Era Freyre sem tirar nem pôr, mas vestido num terno tão justo que lhe tolhia os movimentos. O criador de Isaías Caminha não combinava com o Brasil que o pernambucano imaginava e desenhava como nação. Era o oposto disso: escancarava exclusivismos sociais, e mostrava que o problema era de classe, sim, porém de raça (também)”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto, Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 503-504. O texto de Freyre, “O diário íntimo de Lima Barreto”, pode ser encontrado na íntegra em: *Diário íntimo: Memórias*, org. de Francisco de Assis Barbosa (São Paulo: Brasiliense, 1956); *Prefácios Desgarrados* (v.II), org. de Edson Nery da Fonseca (Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: INL, 1978); *Vida, forma e cor* (São Paulo: É Realizações, 2010).

Primeiramente, temos como lugar privilegiado de circulação das ideias e de arena para debates, os jornais¹⁴³. Como se sabe, os textos veiculados em periódicos podem e devem ser lidos como produções que emergem de um campo social e são devolvidas para ele participando ativamente de um sistema de produção de sentidos que se dá na esfera pública e no cotidiano das pessoas¹⁴⁴.

No caso, e aí partimos para o segundo ponto, esses sentidos estão relacionados à dinâmica de participação do futebol na cultura e no mundo político-social brasileiro. Em outras palavras, a interpretação do jogo não pode ser desassociada da interpretação do Brasil¹⁴⁵ naquilo que nos dispusemos a analisar. Além disso, nos três, essa interpretação possui a característica de ser contra hegemônica no plano linguístico – são diferentes expressões em diferentes tempos de movimentos modernistas¹⁴⁶.

Por fim, têm como ponto central de interesse, o lugar social e cultural do negro no esporte, discutindo ativamente, cada um a seu modo, projetos nacionais. Portanto, apesar de diferenças, podem conviver em uma mesma linha de pensamento sobre o futebol e o Brasil.

No que tange ao nosso personagem principal, Mario Filho, demos maior atenção à sua trajetória jornalística e como foi construída a sua importância para o ramo tanto na questão relacionada à sua linguagem inovadora quanto à aspectos formais de organização da imprensa esportiva. Neste segundo capítulo, focaremos nas produções sobre o livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, que é, não nos esqueçamos, filho da lógica de produção de sentidos em

¹⁴³ Ver: MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p.114.

¹⁴⁴ Ver: LUCA, Tânia de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

¹⁴⁵ Por óbvio, para Mario Filho essa afirmação deve ser relativizada, uma vez que sua atuação como jornalista abarcava temas específicos sobre o esporte. Entretanto, não é essa produção que nos interessa.

¹⁴⁶ “Se Lima nunca se vinculou ao movimento modernista, sua literatura, em muitos aspectos, bem que poderia ser incluída em qualquer manifesto dessa natureza. Era ele, também, um defensor irascível de uma literatura em diálogo com as próprias especificidades do país; um algoz da mania generalizada de importação que tomara conta dos brasileiros, e sem a devida ‘tradução local’; um advogado do uso de uma linguagem que incorporasse nossas origens indígenas, africanas e mestiças, assim como a forma popular”. SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto, Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 496-497. Para Gilberto Freyre, ver: ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Introdução. In: *Guerra e paz: Casa-Grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

periódicos sugerida acima, pois gestado nas páginas d' *O Globo*, numa espécie de folhetim.

A obra e produções que dela derivam serão analisadas nas páginas que seguem através de três diferentes lentes, mas sempre buscando honrar nossos compromissos metodológicos com o contextualismo linguístico. Basicamente, essas três telas procurarão responder, respectivamente, as perguntas: como *O Negro no Foot-ball Brasileiro* é apresentado ao público?¹⁴⁷ Como ele é recebido? E o que podemos eduzir de uma análise comparativa do nosso objeto com os escritos de interlocutores?

Como já ressaltado, *O Negro no Foot-ball Brasileiro* é identificado por Gilberto Freyre como um ensaio que contará “um capítulo da história do *foot-ball* no Brasil” sendo, também, “uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileiras na sua transição da fase predominantemente rural para a predominantemente urbana”¹⁴⁸. Portanto, o fenômeno de gênese e desenvolvimento do esporte estaria alinhado a esta chave de leitura histórica e sociológica já consolidada à época – do rural ao urbano. O prefaciador confere prestígio ao autor prefaciado e impulsiona a sua obra em direção aos debates da época. Gilberto Freyre chancelava o livro e suas qualidades para participar da circulação de ideias histórico-sociais daquele tempo.

O enquadramento interpretativo da sociedade brasileira a partir de suas modificações na paisagem rural para a urbana está presente no próprio Freyre,

¹⁴⁷ Sobre a apresentação do livro aos leitores, Marcelino Rodrigues da Silva escreve: “Como o livro é apresentado, como quer ser lido, paratextos: Na “Nota ao leitor” da primeira edição, o jornalista faz uma veemente defesa da veracidade de seu livro, afirmando que ele é “uma obra que desafia [a] contestação”, cujo conteúdo nada mais é do que “a verdade pura e simples”. Essa veracidade teria sido comprovada pelo fato de que esse conteúdo havia sido amplamente divulgado, na coluna “Da primeira fila”, publicada no jornal *O Globo*, sem receber nenhum desmentido ou refutação (RODRIGUES FILHO, 1994, s/p). O pacto proposto pelo autor, então, conclama os leitores a lerem o livro como um relato factual e objetivo, como uma representação transparente da realidade, aos moldes tanto do jornalismo quanto de uma escrita historiográfica tradicional, em que os acontecimentos do passado são apresentados sem uma discussão dos intrincados problemas envolvidos na sua reconstituição. Em outro trecho do mesmo texto, no entanto, o autor mostra que essa reivindicação de veracidade não decorre de uma percepção simplista da escrita da história. Comentando seu método de pesquisa, ele reconhece seu débito com as fontes orais, que lhe permitiram “levantar o véu” que obscurecia os documentos oficiais, entrar “na intimidade dos fatos” e descobrir que “a história verdadeira se escreve de outro jeito” (RODRIGUES FILHO, 1994, s/p). De qualquer modo, neste momento, é como um relato histórico estrito senso que o autor apresenta seu livro”. SILVA, Marcelino Rodrigues da. Os gêneros de um clássico (Em preparação).

¹⁴⁸ FREYRE, Gilberto. *O negro no foot-ball do Brasil* (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. V.

como em Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado e Caio Prado Júnior, para ficarmos com os nomes mais conhecidos. Além disso, o ensaio de Mario Filho teria

importância para o estudo sociológico e psicológico da ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira, [uma vez que] entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuso no Brasil, nenhum excede, em importância, ao foot-ball.¹⁴⁹

Dessa forma, por ser o principal lugar da escalada social do negro no Brasil, o futebol estaria mais que legitimado como um relevante objeto de investigação histórico-sociológica.

Sendo assim, observamos a utilização de uma forma tradicional – o ensaio histórico – para a manifestação de seu pensamento, bem como a delimitação de um novo objeto nos horizontes sociológicos de então – o futebol – que, por sua vez, faria parte de uma constelação interpretativa maior – do rural ao urbano e a ascensão social do negro. O objetivo do livro vai se desvelando aos poucos e aparece como sendo o de demonstrar, a partir da reconstrução da história social do futebol, como que de estrangeiro, branco e elitizado o futebol transformou-se em brasileiro, mestiço e democrático¹⁵⁰.

As considerações feitas acima oferecem possibilidades para que se responda a pergunta: o que Mario Filho estava fazendo ao escrever *O Negro no Foot-ball Brasileiro*? Por mais difícil que seja tal missão, é preciso tentar resgatar o mínimo da intencionalidade que guiou a escrita do autor. Para evitar sondar o

¹⁴⁹ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. VI.

¹⁵⁰ Nossa forma de abordar o prefácio de Gilberto Freyre afasta-se da leitura do pesquisador Antônio Jorge Soares. Ele diz que o prefácio é elogioso para disfarçar o constrangimento que Freyre *teria* em escrever um texto dizendo o que “realmente pensava”. Para quem teve acesso ao prefácio de Freyre ao livro de Lima Barreto, sabe que o sociólogo não tinha problemas em dizer o que pensava. O pesquisador ainda usa esse dado para arregimentar forças para sua hipótese de que: “Talvez pelas proximidades, e sobretudo pela diferença de rigor, um certo tom de elogio recheado de ambiguidades permeie o *Prefácio de 47*. [...] Freyre identifica o NFB como um vigoroso e excelente texto. Entretanto, nas entrelinhas, indica que a obra deveria ser colocada no seu devido lugar. [...] Mas, afinal, não fica bem escrever o prefácio criticando abertamente o texto”. E continua: “A partir dessa janela aberta por Freyre sobre o caráter do estudo, do ponto de vista do rigor e da perspectiva disciplinar, reforça-se a hipótese de que o NFB, antes de ser um estudo sociológico, seria um romance”. SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 149 - 150.

insondável ou cair na armadilha de transformar a intenção em algo metafísico ou transcendente, buscaremos nas palavras escritas os rastros de sentido.

Seguindo essa perspectiva, o primeiro ponto que deve ser evidenciado é a consciência metodológica de nosso autor para averiguar suas hipóteses e cumprir seus objetivos. Para contar a história da dinâmica de exclusão e inclusão dos negros no futebol brasileiro, Mario Filho pondera sobre quais fontes utilizar. Em sua “Nota ao Leitor”, explicita que recorreu aos “jornais até [19]10”¹⁵¹, para verificar dados objetivos sobre os jogos, como resultados, escalações e estatísticas, em um tempo em que a produção sobre o esporte era incipiente e sua prática, bem restrita.

Continua sua argumentação agradecendo o ex-goleiro do período, Marcos de Mendonça, por lhe emprestar seu álbum repleto de recortes jornalísticos sobre o esporte: “o mais completo repositório dos acontecimentos do *foot-ball* de [19]10 até [19]19”¹⁵². Segundo Mario Filho, há uma mudança crucial no futebol em 1910, ano em que começa a “se tornar uma paixão do povo” e, conseqüentemente, “assunto jornalístico”¹⁵³. Dessa forma, se o norte das análises dos jornais até 1910 era factual e estatístico, com o álbum de Marcos de Mendonça, foi possível “acompanhar [...] a história da importância do *foot-ball*” e, talvez o mais relevante, o caderno “fornecia nomes, me apresentava a uma porção de gente que eu podia consultar. Essas conversas com os próprios personagens da história do *foot-ball* brasileiro é que iam enriquecer o meu ensaio”¹⁵⁴.

Portanto, é possível perceber um princípio de adequação metodológica sofisticado, em que a dinâmica de uso das fontes primárias respeita os objetivos norteadores da história. Essa escolha metodológica permite que Mario Filho defina o grau de importância de cada documento, assim como o que é possível dizer a partir deles. Nesse sentido, o recurso à fonte oral – “conversas com os

¹⁵¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 5.

¹⁵² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 5.

¹⁵³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 5.

¹⁵⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 6.

personagens da história” – constitui-se como o principal fundamento de sua pesquisa e responsável direto pelo “enriquecimento” da narrativa, tendo em vista que poderia fornecer, pelo caráter testemunhal, algo que os outros documentos omitiam e silenciavam.

O emprego das fontes orais está visceralmente entrelaçado com a hipótese de seu trabalho, a saber, que as restrições à prática futebolística de cunho social perpetradas pelos clubes e pelas ligas escondiam, na verdade, objeções de cunho racial. É importante que isso fique claro, uma vez que Mario Filho, ao ir em direção aos vestígios do passado, não o faz esvaziado. Leva consigo dúvidas e conceitos. Em outras palavras, Mario Filho suspeita que instituições futebolísticas, “limitando-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praços de pré e por aí afora, jogassem *foot-ball*”¹⁵⁵, estariam, na realidade, impedindo que jogadores negros participassem do esporte, pois era notória a coincidência entre esses tipos profissionais e a população negra no contexto pós-abolição na capital do país. Com isso, “os jornais”, “os livros de atas”, “as leis das entidades”, as “correspondências dos clubes”, as “súmulas dos jogos”, “os registros oficiais”, “o maior arquivo do esporte brasileiro”, a coleção completa da revista “*Vida Sportiva*”, apesar de consultados e de manifesta utilidade, teriam um peso extraordinariamente menor que a “tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita”¹⁵⁶ na composição dessa história.

Vale lembrar que esse enquadramento metodológico, se analisado comparativamente, diverge em gênero, número e grau do modo de se fazer história preconizado por um eminente historiador brasileiro – e amante do futebol¹⁵⁷ – ligado à tradição profissional, José Honório Rodrigues, que dizia:

¹⁵⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9.

¹⁵⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9.

¹⁵⁷ “José Honório tinha algumas admirações e cultivava inúmeras animosidades. Destituído de senso lúdico ou de humor, era, nesse sentido, bem pouco carioca. Decerto cultivava certo gosto de viver – mas, desajeitadamente, não se adaptava às situações -, amando o mar, a praia, as caminhadas. Contudo, implicava com pessoas e coisas, chegando a odiá-las. Prova do traço é seu gosto pelo futebol: ia aos estádios como apaixonado torcedor do Flamengo, vendo nos outros clubes inimigos. O jogo não era uma

Para definir, portanto, a pesquisa histórica, deve-se reconhecer como seu objetivo fundamental e característico o documento escrito, o papel, livro, relatório, memória, jornal¹⁵⁸.

É exatamente desse conjunto de documentação escrita que Mario Filho tomará certa distância, evidenciando que sua linha de raciocínio histórico possuía referências diferentes de preceitos historiográficos mais tradicionais. Parece claro, inclusive, que nosso autor estabelece um diálogo com o modo corrente de escrita da história, ou que pelo menos tem ciência de que o que faz ataca o passado por outro flanco. Nesse ponto, a adequação entre autor e prefaciador parece evidente e por isso precisamos ser prudentes e lembrar que, apesar de Mario Filho não possuir formação acadêmica, Freyre formou-se a partir de outras visões do fazer historiográfico dentro de instituições universitárias, principalmente, nos Estados Unidos. Dessa forma, seria impreciso dizer que o modo de condução da história elaborado por Mario Filho está imune à concepções formuladas no interior de estabelecimentos de ensino superior.

Mario Filho sabe que os “documentos oficiais”, idealmente, seriam os pilares para edificação de um texto sobre o passado, mas que, em seu caso, a tradição escrita, “dos documentos oficiais, graves, circunspectos, dos jornais que não dizem tudo”¹⁵⁹, seria menos pertinente, e constata que “documentos oficiais me mostraram que a história verdadeira se escreve de outro jeito”¹⁶⁰. Insistimos, então, em reafirmar a lucidez do pensador no que tange ao procedimento que antecede e prepara o produto final do historiador, seu texto. O autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* quer entrar na “intimidade dos fatos” e descobrir como se

disputa esportiva, mas uma guerra. O futebol dava-lhe mais desgosto que prazer, pois, se festejava as vitórias de seu quadro, amargava as derrotas e sobretudo as glórias dos outros. Ser fluminense, vascaíno ou botafoguense era um insulto, embora tivesse, como não podia deixar de ter, amigos com essas filiações; aceitava-os, mas, no campo, quando advertido dessa condição, fazia-lhes restrições, como se fosse pecado ou crime não ser torcedor do Flamengo, condição meramente passional.” IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a Historiografia Brasileira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 56.

¹⁵⁸ RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952, p. 19.

¹⁵⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9.

¹⁶⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9

deu a “luta do negro”¹⁶¹. Porém, quando lança suas indagações às fontes escritas, recebe como resposta um retumbante silêncio.

Com o intuito de romper com esse estado de coisas, Mario Filho faz uma escolha conhecendo suas consequências:

Eu *preferia* [grifo nosso], porém, ouvir dirigentes, jogadores e torcedores. Ouvi centenas deles, de tôdas as épocas do *foot-ball* brasileiro. Quando podia ouvir o próprio não procurava outro. Reuni, assim, um material de tal ordem que surpreendeu alguém cuja opinião prezo muito [provavelmente uma referência a Freyre]. O material era tanto, e com tamanho requinte de detalhe, que ficava a dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, catalogá-lo, usá-lo numa narrativa corrente, sem um claro, uma interrupção. Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação.¹⁶²

Ora, quem *prefere*, avalia, põe na balança e, por fim, coloca algo à frente, estabelecendo uma gradação de valores. A preferência foi por trabalhar com as fontes orais, as conversas, as falas dos próprios personagens, dos que viveram, viram, foram testemunhas de um tempo já ausente, método tão antigo e controverso quanto a própria História. Aqui, o artifício fazia-se necessário, já que essa história não poderia emergir da mudez da documentação oficial. Uma investigação sobre o passado, portanto, cujas fontes “permaneceriam ignoradas”¹⁶³, legadas à noite dos tempos, impossibilitando a inteligibilidade sobre a história social do futebol brasileiro, caso Mario Filho não as conduzisse à luz.

O trecho citado anteriormente também traz algo que caracteriza a sua obra: o desejo de totalidade, de construir uma história que amarrasse início, meio e fim. Assim, para o autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, apenas o contato direto com “centenas” de pessoas, de “tôdas as épocas” poderia atender esta demanda.

¹⁶¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9

¹⁶² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9.

¹⁶³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 5.

A carta pública de Marcos de Mendonça, um dos principais personagens da história do futebol no Brasil, a Mario Filho dá pistas sobre como o autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* conduzia as suas pesquisas orais:

Não denunciar, entretanto, ao público o quanto você usou e abusou da nossa paciência, tirando-nos, por vezes, da cama às tantas da madrugada, perturbando a nossa vida com conversas intermináveis, cheias de ‘como é que é?’, e de ‘você se recorda?’, quando o assunto *football* era o último a nos interessar, seria esconder uma verdade que precisa ser proclamada. Ainda bem que dessa tortura nasceu um grande livro e que já hoje estamos todos nós, suas vítimas de ontem, refeitos de penas e remidos de pecados.¹⁶⁴

Esse depoimento, junto das ponderações de Mario Filho sobre o uso de fontes orais, vão na contramão das interpretações contemporâneas de Ronaldo Helal, César Gordon e Antônio Soares. Os primeiros afirmam que “poderíamos entender *O Negro no Foot-ball Brasileiro* como uma compilação de relatos da tradição oral do futebol”¹⁶⁵ e o último diz que o autor:

Opera com uma espécie de deslocamento de foco: qualquer ‘causo’ ou fato serve para colocar em destaque a separação entre brancos e negros (ricos e pobres), a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir do futebol.¹⁶⁶

Na carta, as palavras de Mendonça parecem corroborar, em sentido contrário às exposições acima, as conclusões do pesquisador Maurício Murad: “Mario não se baseou em causos. Pesquisou durante anos, conversou, anotou, conviveu, numa verdadeira observação participante”¹⁶⁷. A pesquisa de Mario Filho poderia não possuir questionários e outros métodos academicamente controlados como nos dias de hoje, mas possuía rigor, ou seja, não era simples esforço compilatório.

¹⁶⁴ MENDONÇA, Marcos de. “Carta sobre o ‘Negro no Football Brasileiro’”. *Jornal dos Sports*, 04 de fevereiro de 1949, p.5. (Edição 5968). (Carta escrita a Mario Filho em 01 de abril de 1947).

¹⁶⁵ HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Maud, 2001, p. 55.

¹⁶⁶ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 45.

¹⁶⁷ MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, 1999, p. 437. Registre-se que a expressão “observação participante” é utilizada na resenha do sociólogo Luís Costa Pinto na revista *Sociologia*, em 1947.

Contudo, Mario Filho assume que pela profusão de detalhes, a desconfiança sobre a veracidade de seu relato poderia surgir. A angústia que se segue após a constatação da imensa matéria-prima reunida é assombro característico dos historiadores. Mario Filho deixa isso explícito no texto que escreve à João Condé, para o importante suplemento literário, “Letras e Artes”, do jornal *A Manhã*, pouco após a publicação do livro. Esta edição, em particular, é um brinco, com textos de Otto Maria Carpeux e o raro poema de Jaime Ovalle, *Fogo Morto*¹⁶⁸, dedicado ao amigo José Lins do Rego. Retomando aquilo que nos interessa, foi na parte intitulada “Confissões”, em que escritores falam sobre o processo de criação de suas obras¹⁶⁹, que o depoimento de Mario Filho saiu:

Com aquele material todo eu não devia hesitar um momento. Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou a realizar ‘*O Negro no Futebol Brasileiro*’. Eu precisava de um estímulo assim, porque você não pode avaliar o trabalho que me deu juntar tudo isto numa narrativa corrente, sem uma interrupção. Tive de ir buscar fato por fato nas fontes originais, dispensar na memória de uma porção de gente que eu conhecia e não conhecia, que se lembrava e não se lembrava. Custou-me tanto êste livro que fiquei gostando mais dêle do que dos outros que escrevi. Uma prova de que não me arrependo de tê-lo escrito.¹⁷⁰

Unindo o trecho acima com a “Nota ao Leitor”, vê-se claramente relevantes preocupações de Mario Filho: como costurar as pontas soltas desse retalho? Como transformar essa matéria-prima em um produto final coerente e aprazível? Como não ser confundido com um ficcionista? Por conter tantos detalhes, difíceis de serem cotejados com documentos impressos, que supostamente atestariam a verdade das interpretações, não seria o trabalho colocado sob suspeição?

Na tentativa de enfrentar as indagações acima colocadas, estabelece um pacto ético com o leitor – “Não, eu não usei a imaginação” – afastando de si a pecha de mentiroso ou romancista. Essa é uma forma de comprometer-se com a verdade dos fatos, ou antes, com um modo de operação mental próprio ao

¹⁶⁸ Ver: WERNECK, Humberto. *O Santo Sujo: A vida de Jaime Ovalle*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

¹⁶⁹ SCALZO, Fernanda. História da literatura mora nos “Arquivos Implacáveis”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 de março de 1996. Caderno Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/21/ilustrada/1.html>. Acesso em: 21/02/2019.

¹⁷⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. “Confissões: O Negro no Foot-ball Brasileiro (À João Condé)”. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, 13 de abril de 1947, p.9. (Edição 38).

campo histórico, que em sua linguagem aparece como uma negativa do uso da imaginação.

Além disso, importante lembrar que essa necessidade de negar a imaginação na escrita poderia ser uma resposta à forma com que José Lins do Rego havia prefaciado o seu *Copa Rio Branco*, 32, fazendo muitas referências às qualidades de Mario Filho como “mestre do romance e da crônica”¹⁷¹, dizendo que o livro era “um romance verdadeiro”¹⁷² e que “a Copa Rio Branco de 1932 teve a sorte de encontrar um historiador que é um romancista. E é nesta aliança do fato com a imaginação que está a grande história que sobrevive”¹⁷³. Assim, Mario Filho buscava ativamente um distanciamento de qualquer forma de leitura de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, como uma obra ficcional. Ainda sobre este tópico, Mario Filho oferece a dúvida, como a navalha que separaria aquilo que entra e aquilo que sai de sua história:

Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas. Às vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas.¹⁷⁴

Dessa maneira, o pensador demarca suas pretensões nos limites da veracidade, esta comprovada pela postura de precaução frente àquilo que lhe chega aos ouvidos. Usando a dúvida como método, Mario Filho exhibe os cuidados fundamentais de sua pesquisa e que, ao fim e ao cabo, lhe darão credibilidade.

Além disso, o autor julgou razoável que esse pacto ético também não fosse o bastante para atender os anseios dos leitores pela verdade das coisas. Por que teriam de confiar apenas em suas palavras? Sendo assim, podemos verificar essa preocupação a partir do momento em que certifica que seu livro, além de tudo, passou por um processo extenuante de validação, uma vez que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* “teve a mais ampla divulgação jornalística que se

¹⁷¹ REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco*, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943, p. 6.

¹⁷² REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco*, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943, p. 6.

¹⁷³ REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco*, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943, p. 8.

¹⁷⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 10.

poderia desejar”, saiu diariamente nas páginas d’ *O Globo*, “o jornal de maior circulação na imprensa brasileira”¹⁷⁵. Dessa forma, Mario Filho atribuía ao público a função retificadora do texto, sendo esse o motivo dessas palavras:

Uma vaidade eu tenho: a de apresentar uma obra que desafia contestação. Se eu tivesse exagerado, para não dizer deturpado os fatos, não faltariam desmentidos. [...] E não apareceu uma refutação de quem quer que fosse, embora quase todos os personagens da história do *foot-ball* brasileiro estejam vivos, tenham lido as páginas reunidas neste volume. O que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples.¹⁷⁶

A verdade histórica de sua narrativa ancorava-se, também, no respaldo dado pelos leitores d’ *O Globo* durante os meses em que ela era publicada. Para Mario Filho, a ausência de contestações, inclusive dos atores desse passado, comprovava a “verdade pura e simples”¹⁷⁷ que contava no livro – sem “exageros”, sem “deturpações”, como diz.

Dessa forma, podemos perceber que Mario Filho leva para a construção de sua narrativa histórica um regime de veracidade típico do ofício jornalístico, em que os atores e leitores daquilo que é exposto devem ser capazes de reconhecer imediatamente a correspondência entre o real social e o escrito nas páginas do periódico, gerando, assim, a credibilidade do escritor. Essa espécie de metamorfose do jornalista em historiador é colocada da seguinte maneira por José Miguel Wisnik:

O jornalista (que vemos conversando com jogadores em fotos do início dos anos 30, com o típico chapéu de banda e um cigarro no canto direito da boca, qual um repórter de *Boca de Ouro* ou *Vestido de Noiva*) desdobra-se depois no ensaísta e intérprete que tratou em detalhe e em conjunto do fenômeno de cuja produção e projeção pública ele foi um dos motores fundamentais.¹⁷⁸

Não se pode, portanto, desconsiderar este lugar de enunciação da verdade do jornalista Mario Filho. O jornalista investiga, revela e possui a ambição da

¹⁷⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 10.

¹⁷⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 10.

¹⁷⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 10.

¹⁷⁸ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 233.

credibilidade. É por isso que Wisnik chama atenção para a qualidade de *nativo* do autor:

O grande estudioso clássico do futebol brasileiro é, portanto, um *nativo* (como se usa o termo em antropologia) que se envolveu no próprio fenômeno até a raiz dos cabelos, fundando no espaço dos meios de massa as condições para o desenvolvimento das potencialidades que ele veio a exaltar. Seu trabalho difere, em quase tudo, dos tons ditados pela observação acadêmica que mal começava a se implantar sistematicamente no Brasil.¹⁷⁹

Portanto, Mario Filho possuía pelo menos dois caminhos para chegar à “intimidade dos fatos”, como sugere. Tanto por ter sido um nativo nesta história quanto por comungar dos preceitos do seu mestre Gilberto Freyre. Vale lembrar que Freyre avaliava o cotidiano como lugar preferencial de análise. No prefácio de *Casa-Grande & Senzala*, escrito por ele mesmo, aparece este apreço por recompor o tempo do dia-a-dia como instrumento analítico:

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social. No estudo da sua *história íntima* [grifo nosso] despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina da vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo.¹⁸⁰

Por mais que a legitimidade de sua pesquisa possa ser colocada em questão, Mario Filho tenta solidificar a plataforma sob a qual seu conhecimento se assenta. Ao fazer sua investigação – com objetos e objetivos, hipótese e métodos – coincidir com o universo mental regido pelo ponteiro da memória desses que teriam condições de refutar as conclusões de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, Mario Filho acaba tecendo uma colcha de irrefutabilidade bem firme para suas análises, já que um dos produtos gerados por esse casamento acaba sendo a confiança na palavra do autor – jornalista transformado em historiador – por conta do respaldo dos próprios personagens. Do ponto de vista formal, apesar de Mario Filho buscar harmonia entre história e memória, não transforma seu texto em um memorial, tendo em vista todo o procedimento metodológico apresentado em sua “Nota ao Leitor” e escrutinado nas páginas precedentes.

¹⁷⁹ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 238.

¹⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 22.

História ou romance: o que fazia Mario Filho?

A partir do que foi exposto, pode-se constatar com segurança analítica – se um dos nossos pressupostos não for o de que o autor ou prefaciador estão querendo dizer, na verdade, o oposto do que afirmam – que a intenção de Mario Filho era a de escrever um livro de história, sob a forma ensaística, mobilizando, também, sua credibilidade como jornalista, e que possuía refinada consciência metodológica de seu trabalho. Inclusive, evidenciava, dentre outras coisas, em sua “Nota ao Leitor”, que o fazer historiográfico não se limitaria ao texto escrito e envolveria todo um processo, desde a seleção das fontes até critérios externos de validação do que está escrito.

Há uma grande diferença entre o modo em que abordamos *O Negro no Foot-ball Brasileiro* daquele exposto por um dos mais significativos estudiosos da obra, Antônio Jorge Soares, que lamenta: “O *problema* [grifo nosso] é que Mário Filho situou o NFB [*O Negro no Foot-ball Brasileiro*] como uma obra de história”. Essa conclusão advém da forma com que Soares vê o livro e seu autor:

Mário Filho não teria construído um estudo histórico ou sociológico sobre o negro no futebol brasileiro. Dito positivamente, a construção, a estrutura ou trama de sua obra está mais próxima do gênero literário, do romance, do conto ou da história-ficção. [...] Demonstrou-se que o NFB é um entrelaçado de “fatos”, realizado a partir de uma estrutura narrativa literária heróica, que se articula à construção do sentimento de nacionalidade.¹⁸¹

Sendo assim, as nossas pretensões contextualistas distanciam-se bastante das lentes de leitura de Soares. Ao colocar como um “problema” a classificação proposta por Mario Filho de seu próprio texto, o pesquisador aponta para um caminho interpretativo que acaba ditando outros ritmos à época em que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* foi publicado e cria alguns ruídos na tarefa do historiador de compreender e explicar a vida que o antecede.

Mario Filho não teria percebido, como Soares, que seu livro não era obra historiográfica, mas sim ficcional e, com isso, dado início à mitologia fundacional do futebol brasileiro. Nessa linha de pensamento, Antônio Soares, acaba indo

¹⁸¹ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 151.

além das margens do livro e sugere que Mario Filho não pôde viver a vida que sempre desejara. Não teria percebido, como Soares percebeu, que sua vocação era outra:

Mario Filho não tem um projeto intelectual tão bem determinado, até porque as circunstâncias de sua vida, ou melhor, de sua família, não permitiram que se dedicasse à sua vocação de romancista.¹⁸²

Desta feita, teríamos um Mario Filho que, nutrindo o desejo de ser ficcionista, sem nunca poder realizá-lo¹⁸³, haveria recalcado essa vontade e espriado sua “vocação de romancista” por outros lugares. Isso ajuda a explicar as impressões de Soares, que diz: “ao se ter em mãos essa obra” temos “a impressão de se estar diante de um romance de tipo histórico”¹⁸⁴. Em nosso trabalho, evitaremos análises como essa.

Uma das maiores contribuições de Soares para o debate é lembrar a todos do dever básico do historiador de desconfiar e não ler os vestígios do passado com crédula ingenuidade. Contudo, não reputamos justo descreditar e descartar aquilo que é dito justamente pelo escritor sobre a sua criação.

Longe de ser um “problema” para nós, ao classificar sua produção como historiográfica, Mario Filho oferece ao receptor uma chave de leitura e um rastro a ser seguido para que questões sejam levantadas sobre aquele passado. Por que optou por essa classificação? Quais são seus fundamentos? Como essa afirmação dialoga com o seu contexto linguístico? O que diziam seus interlocutores? A partir desses traços do passado é possível construir algum conhecimento sobre o fazer histórico do período? Esse é o ritmo que pretendemos dar à nossa investigação.

O caminho de dar voz aos personagens desse tempo parece-nos mais fértil à tentativa de se aplicar ao livro, como fez Soares, as teses de Vladimir Propp. Esta abordagem mira as funções desempenhadas pelos personagens dentro da estrutura da narrativa, para mostrar como que a lógica do conto

¹⁸² SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 148.

¹⁸³ Vale lembrar que Mario Filho escreveu livros assumidamente ficcionais, como vimos no primeiro capítulo.

¹⁸⁴ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 15.

independe da particularidade da ação desses mesmos personagens, já que simbolizam algo que os ultrapassa, e cumprem um papel maior, a saber, o de apresentar sempre a mesma estrutura ficcional variando apenas as peças em jogo. Por isso, enfatiza a “estrutura narrativa literária heroica”¹⁸⁵ como evidência do caráter não historiográfico do texto. Sobre a relação entre ações microssociais e seu potencial explicativo de fenômenos mais complexos no nível macro será abordado em capítulos subsequentes.

Um bom ponto de partida para começarmos o aprofundamento do assunto é a profícua discussão contemporânea, iniciada por um artigo de Soares, que vem a ser, inclusive, uma versão adaptada de sua tese de doutorado. Essa série de artigos produziu inúmeras formas classificatórias para o gênero de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*: “mito”¹⁸⁶, “romance”¹⁸⁷, “romance sociológico”¹⁸⁸, “crônica-romance”¹⁸⁹, “conto”¹⁹⁰, “crônica”¹⁹¹, “crônica romanceada”¹⁹², “compilação de relatos da tradição oral”¹⁹³ ou “livro de memórias”¹⁹⁴ são algumas

¹⁸⁵ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 151.

¹⁸⁶ “A recontada história do futebol transforma-se em mito”. SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo. LOVISOLO, Hugo. SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Maud, 2001, p. 14.

¹⁸⁷ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 22 e outras.

¹⁸⁸ HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014, p. 9.

¹⁸⁹ “Constitui uma espécie de crônica-romance”. SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo. LOVISOLO, Hugo. SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Maud, 2001, p. 16.

¹⁹⁰ “O conto de Mario Filho e a invenção de uma tradição”. SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo. LOVISOLO, Hugo. SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Maud, 2001, p. 14.

¹⁹¹ “O mais correto [...] seria qualifica-lo como crônica”. MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, 1999, p. 437.

¹⁹² SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo. LOVISOLO, Hugo. SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Maud, 2001, p. 16.

¹⁹³ “Nesse sentido, poderíamos entender o NFB [*O Negro no Foot-ball Brasileiro*] como uma compilação de relatos da tradição oral do futebol. [...] não podemos, no entanto, nos dar o luxo de circunscrever o livro nos limites da ficção literária”. HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cezar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol*: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Maud, 2001, p. 55.

¹⁹⁴ “Penso que, ao propor uma leitura de *O negro no futebol brasileiro* como um livro de memórias, meu trabalho também se enquadrava nessa perspectiva de negociação das fronteiras que separam os gêneros discursivos e os campos disciplinares. Escolhendo propositalmente um rubrica genérica que, assim como a crônica, encontra-se na fronteira entre a História e a literatura, eu buscava salientar sua pertinência

delas. Convém registrar de pronto, que longe de serem inválidas as análises as quais não subscrevemos, são, ao contrário, bastantes pertinentes. Diríamos mais: elas são condição necessária para as reflexões aqui propostas. De certo modo, essas discussões contemporâneas reeditam academicamente algo que as resenhas de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* feitas à época do livro já nos apresentam: a dificuldade de determinar o seu gênero. Essas resenhas serão exploradas, por nós, mais à frente, com o devido cuidado.

Recentemente, o professor Marcelino Rodrigues da Silva fez uma importante revisão do debate iniciado por Antônio Jorge Soares, ordenando os modos com que a crítica vem lendo *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Marcelino enxerga dois momentos principais no modo de recepção do livro: a primeira etapa seria a do seu uso como fonte, a segunda abarcaria as reflexões “problematizadoras” do texto – que questionam o uso da obra como fonte, discutem o seu gênero, sua validade como livro de história etc. Porém, fora o próprio texto de Marcelino, os analistas costumam não levar para a discussão os procedimentos específicos de tessitura de um texto histórico, que como vimos, é como se apresenta ao público. Acreditamos que essa abordagem tenha valor para ampliar nosso conhecimento sobre *O Negro no Foot-ball Brasileiro*.

Dizemos isso, pois supomos que a forma com que concebemos o trabalho do historiador condiciona as nossas futuras conclusões. Consequentemente, é justo evidenciar nosso pressuposto que uma obra histórica não se limita ao material final nas mãos do leitor. Acompanhando o pensamento de Paul Ricoeur, percebemos a narrativa como apenas uma das três pontas da equação do procedimento historiográfico, apesar de ser a mais visível. É por isso que estamos dando tanta atenção os elementos que circundam o texto.

Esses três tempos da escrita da história, que “não constituem estágios sucessivos, mas sim níveis intrincados aos quais somente a preocupação didática confere uma aparência de sucessão cronológica”¹⁹⁵, foi chamada de “operação historiográfica” por Paul Ricoeur. Esse “arcabouço tríplice” – “Fase Documental”, “Fase Explicação/Compreensão” e “Representação Histórica” –

simultânea aos dois campos, sua maneira particular de articular fato e ficção”. SILVA, Marcelino Rodrigues da. Os gêneros de um clássico (Em preparação).

¹⁹⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 247.

continua a ser, segundo ele, “o segredo do conhecimento histórico”¹⁹⁶. O filósofo francês escreve:

Há interpretação em todos os níveis da operação historiográfica, por exemplo, no **nível documental** com a seleção das fontes, no **nível explicativo-compreensivo** com a escolha entre modos explicativos concorrentes. [...] A **representação** no plano histórico não se limita a conferir uma roupagem verbal a um discurso cuja coerência estaria completa antes de sua entrada na literatura, mas que constitui propriamente uma operação que tem o privilégio de trazer à luz a visada referencial do discurso do historiador.¹⁹⁷

Com isso, afirmamos que Mario Filho cumpre etapas que qualquer outra pessoa interessada em escrever ficção não precisaria cumprir. Haveria em nosso personagem a preocupação em realizar as três fases da escrita da história: o esforço de seleção de fontes, definição de critérios analíticos e a narração. Daí, talvez, a necessidade de Mario Filho em afirmar que não utilizou a imaginação para escrever *O Negro no Foot-ball Brasileiro*¹⁹⁸. Talvez, o escritor tenha vislumbrado que é na fase da representação histórica que há maior aproximação entre a história e a ficção e que poderia ser questionado nesse sentido, como já ressaltado em capítulos anteriores. Dessa forma, é justamente por querer responder à pergunta: “que diferença separa a história da ficção, se ambas narram?”¹⁹⁹, que Ricoeur auxilia-nos quando estabelece os procedimentos presentes no fazer historiográfico.

Além disso, Ricoeur preocupa-se com a dinâmica de leitura, do contato do público com o livro acabado, e diz que história e ficção:

distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. [...] Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob a conduta do devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. Além disso, ao ultrapassar o limiar da escrita, ele se mantém em guarda, abre um olho crítico e exige, se não um discurso verdadeiro comparável ao de um tratado de física, pelo menos um discurso plausível, admissível, provável e, em todo caso,

¹⁹⁶ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 263.

¹⁹⁷ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 248.

¹⁹⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 9.

¹⁹⁹ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 253.

honesto e verídico; educado para detectar as falsificações, não quer lidar com um mentiroso.²⁰⁰

Vimos que o pacto estabelecido com os leitores, da parte de Mario Filho, foi exatamente aquele que rege as produções historiográficas. Cabe a nós perguntar ao tempo: esse pacto foi aceito pelos leitores?

Desta feita, como já exposto, afastamo-nos das interpretações de Antônio Jorge Soares, mas não só. Acreditamos que a forma com que abordamos o texto de Mario Filho não seja a mesma dos antagonistas de Soares, a saber, César Gordon Júnior, Ronaldo Helal e Maurício Murad. Dizemos isso, pois, apesar de acompanharmos o segundo grupo na defesa intransigente da possibilidade de utilização de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* como fonte primária, os pesquisadores adotam métodos que acabam por deixar invisível o caráter historiográfico que o livro possuía para seu contexto linguístico. E é justamente por esta vereda que desejamos entrar no debate.

Para cumprir nossa missão, o estudo feito pela pesquisadora Fernanda Haag, “Mario Filho e *O Negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro”, muito nos auxiliou no rastreamento das resenhas que aqui serão analisadas e balizarão nossas observações. Conseguimos ampliar a lista, mas sem o caminho apontado por ela, reconhecemos que nossa tarefa seria um tanto quanto mais difícil, para não dizer impossível. Contudo, a historiadora afirma:

O negro no futebol brasileiro contou com 100 exemplares para a venda e 20 fora do comércio em sua primeira edição, tiragem bem pequena para a época, mesmo que não fosse o período de *boom* editorial da década de 30, o mercado possibilitava tiragens bem maiores. Livro pequeno com 295 folhas, capa amarela, com o título em vermelho e um pequeno desenho de uma bola, o gol e um jogador negro, de leitura acessível e tema tentador.²⁰¹

Antes dela, Antônio Jorge Soares também havia constatado:

A obra tem 295 páginas e, segundo consta no próprio livro, *imprimiram-se 100 exemplares no formato 25x20, em Papel*

²⁰⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, p. 274 - 275.

²⁰¹ HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014, p. 7.

Holanda, numerados de 1 a 100”, e 20 exemplares numerados de I a XX, “fora de comércio”.²⁰²

A partir da crença de que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* tivesse tido baixo número de exemplares em sua primeira publicação, Soares pontua que “este dado pode indicar que a primeira edição teve pouca circulação”²⁰³, Haag também conclui:

100 exemplares não dá a possibilidade de o NFB ter sido feito para o ‘grande público’, pelo contrário, parece direcionado para um público específico: basicamente os intelectuais.²⁰⁴

Recentemente, em fevereiro de 2019, em artigo publicado no portal Ludopédio²⁰⁵, o pesquisador Denaldo Alchorne de Souza faz afirmações no mesmo sentido de Soares e Haag e que evidenciam a estabilidade da crença na baixa tiragem do livro e sua consequente conclusão, a de que Mario Filho publicou *O Negro no Foot-ball Brasileiro* para circular em um grupo exclusivo de intelectuais:

Um dado interessante sobre a edição de 1947 é o que trata de sua divulgação. Segundo informações contidas no próprio livro: a tiragem foi de apenas 100 exemplares e mais 20 de cortesia. Será que a repercussão que a obra obteve nos anos seguintes se deveu somente à edição de 1947, conforme consagrado na bibliografia especializada? Afinal, poucos privilegiados tiveram acesso à obra. Por outro lado, as tiragens diárias de O Globo na época estavam acima de 20 mil exemplares. Isso possibilitava o maior acesso das classes trabalhadoras às histórias sobre o foot-ball brasileiro, contadas pelo aedo Mário Filho em suas crônicas. Parece que o livro estava direcionado a outro público, seletivo e restrito, e revelava a intenção do autor de ser reconhecido pelo meio intelectual.²⁰⁶

Entretanto, a nossa pesquisa levou-nos em outra direção. Na verdade, a edição “numerada de 1 a 100” diz respeito à “Edição de Luxo”, que custava à

²⁰² SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 16.

²⁰³ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 16.

²⁰⁴ HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014, p. 7 - 8.

²⁰⁵ Site: www.ludopedio.com.br.

²⁰⁶ SOUZA, Denaldo Alchorne de. Mario Filho: a influência de Gilberto Freyre (1938-1950). *Ludopédio*, 26 de fevereiro de 2019, Seção Futebol Total. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/mario-filho-a-influencia-de-gilberto-freyre-1938-1950/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

época Cr\$200,00. Todavia, também estava em circulação a “Edição Comum”, chamada de “Edição Popular”, de Cr\$30,00, ao que parece sem numeração e destinada ao grande público. A livraria Civilização Brasileira era a distribuidora exclusiva e os leitores interessados poderiam adquirir um exemplar “em todas as livrarias e na redação de ‘Jornal dos Sports’”. Poderiam, também, solicitar via serviço postal, ao preencherem e enviarem o voucher²⁰⁷:

Sr. Mario Rodrigues Filho – Avenida Rio Branco, 114 – 4º andar
– Peço enviar um exemplar do ‘O Negro no Football Brasileiro’.
Junto remeto a importância de Cr\$30,00 (edição popular),
Cr\$200,00 (edição de luxo).
Nome:
Residência:
Estado:

Tudo indica, portanto, que Mario Filho não se desviou do desejo de atingir as massas, como fazia no jornal²⁰⁸. O livro possuía duas tipologias, preços distintos, várias formas de acesso e possibilidades de compra, assim como os anúncios perduram nas páginas d’ *O Globo Sportivo* e do *Jornal dos Sports* pelo menos até 1949, ano em que suspendemos nossas preocupações com a publicidade dedicada à obra.

É líquido e certo aquilo que afirmam os pesquisadores: Mario Filho desejava que sua obra chegasse aos intelectuais e fosse repercutida por eles. As resenhas e livros com dedicatórias atestam esse fato. Mas isso é uma das partes da nossa equação. Mario Filho queria ver seu livro sendo lido por todos. Infelizmente, um dos limites de nossa pesquisa será o de avaliar apenas as resenhas de personagens do circuito intelectual apontado por Fernanda Haag, possivelmente todos leitores da “Edição de Luxo”. Sem pesares, deixaremos para outro historiador a missão de encontrar e historiar os modos de recepção “populares”. No mundo da física, sabe-se bem da impossibilidade de determinar simultaneamente a velocidade e a posição de um elétron e é assim encaramos a nossa tarefa. O que aqui temos é um limite, não uma interdição.

²⁰⁷ *Jornal dos Sports*, 26 de março de 1947, p. 6.

²⁰⁸ “As tiragens diárias de *O Globo* na época estavam acima de 20 mil exemplares”. SOUZA, Denaldo Alchorne de. Mario Filho: a influência de Gilberto Freyre (1938-1950). *Ludopédio*, 26 de fevereiro de 2019, Seção Futebol Total. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/mario-filho-a-influencia-de-gilberto-freyre-1938-1950/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

A recepção de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*: contextualizar para compreender

Costuma-se dizer que os limites restringem, mas também possibilitam. Sem eles, ficamos à deriva e corremos o sério risco de nos perder. Por isso, convém fazer com que o leitor veja as margens que contém o curso de nossas considerações. Ao todo, estarão sob análise 19 resenhas. Delas, 12 estão no *Jornal dos Sports*, cinco em outros periódicos (*Correio da Manhã*, *O Jornal* ou *A Manhã*), uma na *Revista da Semana* e, por último, mas não menos importante, uma na revista *Sociologia*, da Escola Livre de Sociologia e Política. A primeira resenha foi publicada em 1946, ainda sobre o texto do jornal, 11 apareceram em 1947, seis no ano de 1948 e a última que conseguimos rastrear, em 1949.

As resenhas são feitas pelas mãos de gente de peso. De forma sucinta, apenas para situar o leitor, podemos dizer que José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Olívio Montenegro são os intelectuais ligados à literatura que escrevem sobre *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. O primeiro, escritor consagrado, amigo pessoal de Mario Filho, colunista do *Jornal dos Sports*. Queiroz²⁰⁹, àquela altura, já respeitadíssima nacional e internacionalmente na crônica e no romance. Lima²¹⁰, um titã da poesia, tem uma mesma resenha publicada em dois diferentes momentos. Montenegro, citado por Mario Filho no livro²¹¹, era ensaísta, crítico e tinha forte atuação jornalística.

Além de José Lins, outros dois colunistas do jornal de Mario Filho escrevem: Manoel Vargas Netto²¹², sobrinho do ex-presidente, e Pedro Nunes²¹³, que teve a responsabilidade de, no *Jornal dos Sports*, ocupar o lugar de Ary Barroso após sua morte.

²⁰⁹ BIOGRAFIA. Rachel de Queiroz. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

²¹⁰ BIOGRAFIA. Jorge de Lima. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2816/jorge-de-lima>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

²¹¹ Ver: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 278.

²¹² COUTO, André A. G. Vargas Neto e suas crônicas: a imprensa esportiva para além de Mário Filho. **Ludopédio**, 29 de maio de 2012. Seção Literatura.

²¹³ COUTO, André A. G. *Cronistas esportivos em campo*: letras, imprensa e cultura no *Jornal dos Sports* (1950-1958). Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2016, p.187.

Marcos de Mendonça, ex-goleiro do Fluminense, símbolo dos primórdios do futebol no Brasil e dono do álbum que serviu como fonte para Mario Filho, escreve não uma resenha, mas uma “carta sobre *O Negro no Foot-ball Brasileiro*”²¹⁴. João Luso, responsável por uma coluna sobre livros na *Revista da Semana* também assina um comentário sobre o livro e João Condé²¹⁵ cede espaço na sua ilustre coluna “Confissões”, no suplemento do *A Manhã*, “Letras e Artes”, para que Mario Filho escreva sobre o seu processo de escrita²¹⁶.

Outro grupo de resenhistas não pertencia, em sentido estrito, ao mundo literário nem ao jornalístico, tampouco ao futebolístico. História, filosofia e sociologia são as áreas desses outros personagens. O filósofo e professor universitário, que já havia publicado obra na coleção “Documentos Brasileiros”, da Editora José Olympio, Djacir Menezes²¹⁷, dá sua contribuição interpretativa, assim como Ary da Matta²¹⁸, professor universitário e autor de livros didáticos de História. Nelson Werneck Sodré, militar, comunista e historiador escreve uma das maiores resenhas por nós rastreada. Ademar Vidal, historiador membro do Instituto Histórico da Paraíba e estudioso da cultura a partir da componente negro na forma o social brasileira²¹⁹ também escreve sua resenha. Fecham a

²¹⁴MENDONÇA, Marcos de. “Carta sobre o ‘Negro no Football Brasileiro’”. *Jornal dos Sports*, 04 de fevereiro de 1949, p.5. (Edi o 5968) (Carta escrita a Mario Filho em 01 de abril de 1947).

²¹⁵ SCALZO, Fernanda. História da literatura mora nos “Arquivos Implacáveis”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 de março de 1996. Caderno Ilustrada. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/21/ilustrada/1.html>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2019.

²¹⁶ Consideramos para fins analíticos este texto de Mario Filho para as nossas interpreta es.

²¹⁷ VERBETE. Djacir Lima Menezes. FGV – CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/djacir-lima-menezes>. Acesso em: 04 de abril de 2019; BARBOSA, Diego. Livro “O outro nordeste”, de Djacir Menezes, ganha terceira edi o. **Diário do Nordeste**, 19 de novembro de 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/livro-o-outro-nordeste-de-djacir-menezes-ganha-terceira-edicao-1.2027674>. Acesso em: 04 de abril de 2019.; CARVALHO, José Maurício. Djacir Menezes e o problema do conhecimento. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, v.29, 2012.

²¹⁸ BIOGRAFIA. Ary da Matta. Laboratório de Ensino e Material Did rico da USP. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/1207>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

²¹⁹ VIDAL, F.; ROSA, M.; LIMA, I. Objetos, coisas e memória popular sobre o negro escravo na Paraíba nos inéditos de Ademar Vidal. *XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informa o* – ENANCIB 2018. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1411/1790>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

lista Luís Costa Pinto, João Lyra Filho, sociólogos e Maria Isaura Pereira de Queiroz, estudante de sociologia da USP²²⁰.

Importante destacar a presença de Costa Pinto nessa lista. Ele é um dos mais proeminentes estudiosos da questão racial no Brasil, publica sua resenha em uma revista acadêmica e participa do Projeto Unesco, divulgando os resultados de sua pesquisa no livro de título semelhante ao de Mario Filho, *O Negro no Rio de Janeiro*, inclusive citando-o como referência bibliográfica.

Após termos feito a listagem, algumas perguntas logo aparecem quando notamos que a maioria dos textos analisados foi publicada no jornal cujo proprietário era o autor do livro: teriam essas crônicas valor analítico? Não estariam contaminadas de saída? Não teriam sido escritas movidas única e exclusivamente pelo sentimento de amizade, companheirismo ou subordinação entre resenhistas e autor/proprietário do jornal? Certamente, essa é uma dimensão dos escritos que precisa ser evidenciada. Contudo, poderíamos colocar essas questões de outra maneira: será que intelectuais respeitados das mais variadas áreas escreveriam algo completamente alheio às suas vontades ou contra as suas crenças? Será que deveríamos tratar com menosprezo as palavras de José Lins do Rego, Nelson Werneck Sodré, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Djacir Menezes, João Lyra Filho, Olivio Montenegro, Manuel Vargas Netto ou Maria Isaura Pereira de Queiroz?

Acreditamos que o caminho a ser seguido seja o de estabelecer de princípio que Mario Filho possuía uma rede firme e bem consolidada composta por importantes membros da elite letrada brasileira, o que certamente ajudou na penetração de suas ideias no meio intelectual. Mais que isso, Mario Filho era parte ativa dessa rede, cujo articulador principal parece ser Gilberto Freyre. Não podemos subtrair esses aspectos de nossa investigação. Devemos, ao contrário, somá-los a ela.

No que se refere às resenhas, compõem um quadro complexo de interpretação de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* com convergências e divergências entre si. Apesar do tom respeitoso e elogioso, não são escritos

²²⁰ AGÊNCIA FAPESP. Morre a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz. Agência Fapesp, 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/morre-a-sociologa-maria-isaura-pereira-de-queiroz/29492/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

laudatórios, irrefletidos, ou como se diz, “chapa-branca”. Mesmo curtas, conseguem, via de regra, propor uma interpretação para o livro, situá-lo no contexto das letras e da ciências sociais nacionais, tecer comentários sobre o estilo narrativo, a dificuldade da pesquisa, principais interlocutores e influenciadores, assim como oferecer um lugar intelectual para Mario Filho, classificando-o de variadas maneiras. A partir dessas fontes primárias pretendemos visualizar os padrões que a própria época estabelecia para digerir e assimilar o livro *O Negro no Foot-ball Brasileiro*.

Começamos, pois, por aquilo que chamaremos de observações estéticas sobre o livro. É interessante notar que a qualidade narrativa é apontada em diversas resenhas. Rachel de Queiroz, por exemplo, apresenta Mario Filho como dono de uma “linguagem plástica, suave, generosa”²²¹, assim como para Djacir Menezes o autor escreveria mantendo suas virtudes originais “sem perder a elegância literária de cronista”, conseguindo aliar “minúcias de historiógrafo e paciência de beneditino” à “intuição artística”²²². Essa linguagem “amena, clara”²²³ fez com que não poucos sentissem a obra com um “sabor de romance”²²⁴, qual pesquisadores contemporâneos, e Mario Filho “quase com a volúpia de escritor que cria personagens queridos”²²⁵.

A característica escorreita da escrita do autor é comparada à forma literária não para afirmar a ficcionalidade da obra, mas sim para sugerir que esse modo de narração acaba servindo muito bem à história, pois transmitiria uma “sensação de autenticidade”, uma “força de vida”, já que “os fatos, as pessoas ‘vivem’, não são empalhados, não são mumificados”²²⁶. A história em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* teria uma qualidade representativa singular “que não se

²²¹ QUEIROZ, Rachel de. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 07 de julho de 1948, p.5. (Edição 5789).

²²² MENEZES, Djacir. “Um livro singularmente valioso”. *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1947, p. 7 (Edição 5477).

²²³ “O negro no football brasileiro”. *Correio da Manhã*, 02 de abril de 1947, p.10. (Edição 16076).

²²⁴ VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

²²⁵ MENEZES, Djacir. “Um livro singularmente valioso”. *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1947, p. 7, (Edição 5477).

²²⁶ “Mario Filho lança hoje O negro no foot-ball brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.1 e p.4. (Edição 5392).

endurece em forma de relatório nem se empacha de nomes e de datas”²²⁷. Vargas Netto diria sobre o texto: “tudo é vida. E a vida é o colorido, o movimento, a emoção, o cômico e o dramático”²²⁸ e João Lyra Filho, sintetizaria essa vivacidade do estilo de Mario Filho da seguinte maneira:

A variedade das tintas chama o leitor para dentro de muita frase despreziosa, mas ilustre, que desenvolve pensamentos sisudos e alenta a meditação afeiçãoada ao ambiente da cultura. Há no livro, poesia e interesse para os que fazem vida de espírito. Há roupa e chão.²²⁹

O trecho acima ajuda-nos a passarmos a um ponto crucial de nossas interpretações. Lyra Filho escreve que “há roupa e chão” em *O Negro no Football Brasileiro*, sentenciando, assim como outros, a qualidade de Mario Filho como um escritor que combina forma e conteúdo. A união de beleza e informação na narrativa teria, no sentido aqui apresentado, o poder de tornar visível um tempo já ausente, diferentemente de outras maneiras de se escrever história.

Mesmo a quem o estilo de Mario Filho desagrade, essa virtude relacionada à representação do passado é afirmada. Na *Revista da Semana*, João Luso observa:

Correntio e claro, nem sempre fiel, é certo aos preceitos da velha gramática. [...] É como se ouvíssemos tudo isto contado, com inteligência e saber superiores, por um verdadeiro *foot-baller*.²³⁰

Luís Costa Pinto, na revista *Sociologia*, diz, na mesma direção:

Nas páginas do ensaio, os exemplos, que o autor apresenta com uma clareza notável, numa prosa agradabilíssima, embora prejudicada, aqui e ali, pelo estilo gaguejado que o modernismo difundiu em nosso meio e Gilberto Freyre quase oficializou nos seus trabalhos sociológicos.²³¹

²²⁷ MONTENEGRO, Olivio. “Uma história de football”. *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948, p. 4 e 5. (Edição 5796).

²²⁸ VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

²²⁹ LYRA FILHO, João. “O negro no football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

²³⁰ LUSO, João. Livros Novos - O Negro no Foot-ball Brasileiro. *Revista da Semana*, RJ, 14 de agosto de 1948, p.37. (Edição 33).

²³¹ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947, p. 181-184.

Luso e Costa Pinto incomodam-se com o fato de Mario Filho pertencer a uma tradição modernista e freyriana, que repensou as formas de apresentação de ideias nas artes, no jornalismo e também na produção histórica e sociológica, sem que o juízo positivo deles sobre o que é apresentado no texto seja alterado. Não é demais lembrar que o próprio Gilberto Freyre foi duramente criticado por alguns justamente por esse estilo narrativo. Marcos Maio reproduz uma crítica de Paulo Duarte a Freyre e à sua família intelectual, em 1947:

Paulo Duarte associa o governo de Getúlio Vargas com a obra de Gilberto Freyre e seus seguidores, criticando a ‘pequena sociologia do nordeste (...) [composta por] alguns romancistas que passaram a girar em torno da sociologia do Sr. Gilberto Freyre, agradável pela leveza, muitas vezes real mas em muitos pontos colorida da fantasia, pretende[ndo] impor um tipo brasileiro negro ou mulato como o único legítimo tipo brasileiro’.²³²

Sobre essa reformulação linguística, já abordada em capítulos anteriores, Bernardo Buarque de Hollanda lembra-nos que:

a questão da oralidade era, neste sentido, um forte ponto de convergência entre os próceres do regionalismo nordestino e do modernismo paulista, na medida em que ambos compartilhavam do elogio da linguagem oral e da importância de se inserir no texto escrito as locuções e os vocábulos presentes na cultura popular.²³³

A pouca importância da “velha gramática”, a característica de “como se ouvíssemos tudo contado” e o “estilo gaguejado” dizem respeito a esse mundo de renovação linguística e temática que apesar de grandes adeptos capitaneados pelo mestre de Apipucos e ter em Mario Filho um dos seus agentes continuadores, não possuía unanimidade e chegava a ser, inclusive, combatida por grupos intelectuais.

Apesar de algumas críticas, as considerações sobre aspectos literários do livro combinam-se ao elogio de sua potência representativa. Mesmo porque alguns dos resenhistas possuem visões semelhantes às de Mario Filho sobre

²³² MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 115.

²³³ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do país do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: PUC, 2003, p.76.

como deve ser o ritmo de um texto. No entanto, apenas os elementos estéticos apontados não são capazes, evidentemente, de garantir o caráter historiográfico daquilo que é narrado. Como vimos, o texto acabado é apenas a terceira ponta de um processo mais complexo²³⁴. A qualidade literária em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* só serve à história porque combina-se às outras etapas da operação historiográfica.

Desta feita, é crucial lembrar que resenhistas também chamam a atenção para a qualidade da pesquisa ali apresentada. Ary da Matta escreve sobre a

boa técnica da pesquisa rigorosamente desenvolvida [e que] Mario Filho sistematizou depoimentos, artigos e notas de jornais e revistas, arquivos de clubes e entidades esportivas, estudou súmulas de árbitros e laudos médicos, empilhando documentário cujos comprovantes conheço e enchem pastas.²³⁵

Para Jorge de Lima, “é preciso considerar-se obra séria, muito séria” *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, assim como para Nelson Werneck Sodré, o livro deveria receber “as honras de um estudo a sério, feito de minúcias, estabelecido na observação e na tradição oral, nos documentos também”²³⁶. Costa Pinto também repara no “trabalho de verdadeira ‘observação participante’”²³⁷ desenvolvido pelo pesquisador Mario Filho que, mesmo “sem pretensões acadêmicas[,] [...] vai ensinando, mesmo aos acadêmicos, muita verdade pura que põe em xeque a demagogia grosseira que não raro se insinua nos estudos sobre o assunto”²³⁸.

Portanto, percebe-se a construção de uma grade interpretativa sobre a obra que dispõe lado a lado a sua feição literária e a sua seriedade metodológica. Com a publicação de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, o autor parece ganhar um novo *status* nas letras nacionais e os dois elementos citados ajudam nessa visão sobre Mario Filho. Ele é tratado como “observador e analista dos fatos sociais”²³⁹,

²³⁴ Ver reflexão iniciada na página 71.

²³⁵ DA MATTA, Ary. “Futebol e Sociologia”. *A Manhã*, 02 de abril de 1947, p. 4. (Edição 1732).

²³⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. Sociologia do esporte. *Jornal dos Sports*, 08 de julho de 1948, p. 5 e 6. (Edição 5790).

²³⁷ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947. Murad usa a mesma expressão – “observação participante” – para classificar o trabalho de Mario. Ver: MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, 1999.

²³⁸ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

²³⁹ VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

“admirável estilista da crônica esportiva do Brasil, agora também consagrado como sociólogo”²⁴⁰, “estupendo ensaísta”²⁴¹, “cauteloso observador de laboratório a ser apontado como merece pelos mais dignos ‘scholars’”²⁴². Consolida-se como um especialista no assunto, e mais, como um intérprete da realidade sociocultural brasileira, como veremos. A confiança que, por exemplo, João Luso deposita em Mario Filho é de grande responsabilidade:

Ninguém se lembraria de negar a idoneidade do sr. Mario Filho em matéria de football. Equivaleria isso a opinar, por exemplo, que o sr. Rodolfo Garcia nada sabe sobre História do Brasil; o sr. Oliveira Viana é leigo em sociologia; o sr. Levi Carneiro está no ‘abc’ da jurisprudência; e o sr. A. Austregésilo não entende patavina de psiquiatria.²⁴³

Ninguém contesta a autoridade de Mario Filho quando o assunto está relacionado ao futebol, como evidenciado na passagem anterior. Além disso, ao combinar sua inteligência sobre o esporte à interpretação histórica, seu trabalho é recebido como pesquisa pioneira e o autor como um visionário. “Note-se ainda que Mario Filho trabalhou num território ainda intacto, num território desconhecido”²⁴⁴, escreve Vargas Netto. Djacir Menezes acentua a “posição nitidamente precursora”²⁴⁵ do autor, Rachel de Queiroz o compara a Homero, uma vez que o livro seria “uma espécie de *Ilíada* do *foot-ball* nacional”²⁴⁶, Ary da Matta considera que “do ponto de vista da pesquisa sociológica, o livro assume posição singular como depositário de material virgem” e que Mario Filho teria “tirado praticamente do nada, de um assunto que não possui outra bibliografia que não sejam seus livros anteriormente publicados”²⁴⁷. Ademar Vidal ressalta

²⁴⁰ NUNES, Pedro. *Jornal dos Sports*, 23 de março de 1947, página 10. (Edição 5395).

²⁴¹ LYRA FILHO, João. “O negro no football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

²⁴² LIMA, Jorge de. *A Manhã*, 08 de maio de 1947, p. 4. (Edição 1761). LIMA, Jorge de. “O Negro no Football Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 09 de julho de 1948, p.5 e 6. (Edição 5791).

²⁴³ LUSO, João. Livros Novos - O Negro no Foot-ball Brasileiro. *Revista da Semana*, RJ, 14 de agosto de 1948, p.37. (Edição 33).

²⁴⁴ VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

²⁴⁵ MENEZES, Djacir. “Um livro singularmente valioso”. *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1947, p. 7. (Edição 5477).

²⁴⁶ QUEIROZ, Rachel de. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 07 de julho de 1948, p.5. (Edição 5789)

²⁴⁷ DA MATTA, Ary. “Futebol e Sociologia”. *A Manhã*, 02 de abril de 1947, p. 4. (Edição 1732).

a “originalidade nessa associação de esporte com o elemento humano”²⁴⁸ e, por fim, Costa Pinto escreve:

A bibliografia sociológica e antropológica do Brasil enriquece-se, com êste ensaio, de um depoimento valioso que lhe indica um campo virgem para pesquisas fundamentais sôbre nossa situação racial e social.²⁴⁹

Mario Filho teria ocupado um vácuo não só nos estudos sobre o futebol e sua história, mas na própria leitura sobre a formação nacional, tópico tradicional à época. João Lyra Filho, por exemplo, anota:

Sua obra é de documentação: antecipa aos séculos seguintes a tarefa a que rareados sociólogos se devotam hoje, quanto à explicação do Brasil já vivido. Quem pretender aprofundar raízes no conhecimento da riqueza humana deste país, não prescindirá dos dados sociológicos condicionados pelo desporto.²⁵⁰

Mario Filho tentava fazer aquilo que tantos outros fizeram antes dele: explicar e compreender o Brasil. Só que agora com a peculiaridade de fazê-lo através do esporte. Porém, note-se que o fato de Mario Filho não pertencer ao mundo da pesquisa profissional, acadêmica, é apontado como um valor e quase que condição para que o estudo social do futebol fosse realizado. Nelson Werneck Sodré apresenta um olhar sobre essa relação:

Certamente, para a maioria dos nossos homens de estudo, seria mais interessante que essa atenção toda derivasse para outros temas, que essas reuniões tempestuosas fossem em torno de assuntos mais elevados, que esses astros fossem escritores, jornalistas, professores, debatendo temas como a imortalidade da alma, ou se o Brasil foi descoberto por acaso ou de propósito.²⁵¹

Ao debruçar-se sobre o futebol, o escritor afastava-se do “sibaritismo vesgo [...] em que o intelectual se pretende um ser divorciado da vida”²⁵², na percepção de Sodré. O resenhista indica, ainda, que o preconceito em relação ao tema

²⁴⁸ VIDAL, Ademar. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *O Jornal*, 04 de abril de 1947, p. 4. (Edição 8260).

²⁴⁹ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

²⁵⁰ LYRA FILHO, João. “O negro no football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

²⁵¹ SODRÉ, Nelson Werneck. “Sociologia do esporte”. *Jornal dos Sports*, 08 de julho de 1948, p. 5 e 6. (Edição 5790).

²⁵² SODRÉ, Nelson Werneck. “Sociologia do esporte”. *Jornal dos Sports*, 08 de julho de 1948, p. 5 e 6. (Edição 5790).

abordado por Mario Filho estava presente na “nossa gente intelectualizada”, nos “circunspectos senhores da ciência”, que viam o futebol como “uma atividade pouco nobre”²⁵³ não creditando ao esporte o *status* de objeto a ser pesquisado.

Dessa forma, como contraponto ao desinteresse da ciência estabelecida nos canais oficiais de produção e reprodução do saber, apreendemos das resenhas a imagem de um Mario Filho que dialoga, a partir da história, com gostos populares, assim como inúmeras áreas do saber. Encontramos nesses textos referências à importância de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* para a psicologia²⁵⁴, literatura, antropologia e sociologia. Ary da Matta sintetiza essa visão do seguinte modo, não deixando de observar também o ineditismo da pesquisa:

ensaio original e corajoso que não foi ainda convenientemente compreendido, mas que constitui um capítulo novo na antropologia, na sociologia e na psicologia social. Não importa que o assunto estivesse ausente das preocupações dos nossos especialistas e que fosse colocado à margem, intencionalmente.²⁵⁵

Se sugerimos anteriormente que em sua “Nota ao Leitor”, Mario Filho possuiria marcos metodológicos de abordagem de fontes diferentes das ciências humanas profissionais, mas mantendo um diálogo constante com elas, as resenhas sob análise dão ainda mais corpo à esta hipótese²⁵⁶. Mario Filho era visto como alguém que corre por fora e que se sabia apartado do círculo profissional de produção do conhecimento, mas não por isso deixou de dialogar e fornecer suas contribuições, aos olhos dos resenhistas, às áreas humanísticas do conhecimento. Ou seja, Mario Filho era aceito no debate público como alguém capaz de influenciá-lo a partir da elaboração de um trabalho interpretativo da história social brasileira. Agora, ainda com as resenhas e outras fontes em mãos, vamos nos dedicar a entender um pouco mais como e em quais debates de seu tempo Mario Filho estava entrando.

²⁵³ SODRÉ, Nelson Werneck. “Sociologia do esporte”. *Jornal dos Sports*, 08 de julho de 1948, p. 5 e 6. (Edição 5790).

²⁵⁴ João Lyra Filho fala das contribuições à “psicologia coletiva” e em texto sem autor no *Correio da Manhã* fala-se do “valor psicológico” do livro.

²⁵⁵ DA MATTA, Ary. Futebol e Sociologia. *A Manhã*, 02 de abril de 1947, p. 4. (Edição 1732).

²⁵⁶ Ver capítulo: “Gilberto Freyre e Mario Filho apresentam o livro: que história é essa?”

O ensaio de formação: uma chave de leitura

Apesar das variadas classificações recebidas, as mais recorrentes são as que tratam Mario Filho por sociólogo ou historiador. Percebe-se, inclusive, que os termos em muito se aproximam e se não são intercambiáveis, parecem complementares. A decisão pela classificação ambivalente, longe de ser algo particularizado em Mario Filho, fazia parte de uma tradição consolidada da história intelectual brasileira e que como bem observam Edison Carneiro e Luís Costa Pinto, em 1955, referem-se

ao impulso de influências metodológicas que predicavam pela renovação da História como ciência partiu-se, então, para uma nova abordagem, de base e inspiração principalmente sociológica, do nosso passado²⁵⁷.

Citam, então, o padrinho intelectual de Mario Filho, Gilberto Freyre, aquele que o teria *animado* a escrever o livro²⁵⁸, como o “marco divisório entre a antiga e a moderna fase dos estudos de história social no Brasil”²⁵⁹ e também o sucesso dessa forma de abordagem comprovado pelas

coleções ‘Brasileira’, da Cia. Editora Nacional, e ‘Documentos Brasileiros’, da Livraria José Olímpio, entre outras, [que] acolheram inúmeros estudos, ensaios e monografias que procuravam verticalizar a análise social do nosso passado, quase todos contribuindo principalmente para uma re colocação dos problemas de interpretação da história nacional e refletindo a influência fecunda e renovadora que o desenvolvimento de outras ciências sociais – sociologia, economia, estatística, demografia, antropologia, etc – pode ter sobre a metodologia da história^{260 261}.

²⁵⁷ COSTA PINTO, L. A. e CARNEIRO, Edison. *As ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: CAPES - Série Estudos e Ensaio – 6, 1955, p. 60.

²⁵⁸ “Portanto foi mestre Gilberto Freyre que me animou a realizar ‘O Negro no Futebol Brasileiro’”. RODRIGUES FILHO, Mario. “Confissões: O Negro no Foot-ball Brasileiro (À João Condé)”. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, 13 de abril de 1947, p.9. (Edição 38).

²⁵⁹ COSTA PINTO, L. A. e CARNEIRO, Edison. *As ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: CAPES - Série Estudos e Ensaio – 6, 1955, p. 61.

²⁶⁰ COSTA PINTO, L. A. e CARNEIRO, Edison. *As ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: CAPES - Série Estudos e Ensaio – 6, 1955, p. 61.

²⁶¹ “Afinal, ele [José Olympio] também acreditava que ‘um país se faz com homens e livros’, a ponto de adotar esta emblemática frase lobatiana como lema de sua empresa. E não era o único, por certo. Octalles, Schmidt, Cruls e Grieco, os Pongetti, Galeão Coutinho, Henrique Bertaso e outros mais também pareciam dispostos a pôr o país em sintonia consigo mesmo e com o mundo”. FRANZINI, Fábio. *À sombra das Palmeiras: A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2006, p. 75.

Fato relevante é que a segunda edição de *O Negro no Foot-Ball Brasileiro*, foi publicada na coleção “Retratos do Brasil”, da editora Civilização Brasileira, que em muito seguia a lógica das coleções citadas acima²⁶².

Assim, é como ensaio histórico-sociológico que o livro consolida-se em seu tempo e Mario Filho alçado a intérprete da “realidade brasileira”. Uma obra de história social a partir de métodos já validados por autores que o precederam e que possuía, como vimos, relevantes temáticas sociológicas em discussão – transformações na paisagem rural e urbana brasileira, relações raciais e assimilação de um elemento cultural estrangeiro pelo nacional.

Um pujante debate intelectual presente no país desde o final do século XIX e que continuaria no pós-Segunda Guerra gravitava em torno daquilo que singularizaria o Brasil no concerto das nações. O que distinguiria o Brasil dos demais países? No que diz respeito ao pensamento de Mario Filho, *O Negro no Foot-ball Brasileiro* é construído como este ensaio histórico-sociológico que pretende ler o Brasil e oferecer alternativas de futuro a partir da gênese e desenvolvimento do futebol pátrio. Por isso, entendemos o livro como um ensaio de formação nos termos que sugeriu Henrique Estrada Rodrigues, já que nessa linhagem de autores existe a:

preocupação central com os destinos da vida pública no Brasil, notadamente com as condições de um país de origem colonial e escravocrata, e com forte herança rural [...]. [Eles] assumiram como tarefa interpretar a difícil reconciliação entre um país que sonhava em ser moderno e uma realidade circundante que, de origem ibérica e escravagista, parecia oferecer poderosos obstáculos aos seus ideais.²⁶³

Ao analisar o papel central do negro na evolução do esporte, Mario Filho discute nossa origem colonial e escravocrata. Vimos, também, como sua produção foi concebida dentro dos marcos do fenômeno da transição rural-urbana e que existia ali o projeto de um Brasil moderno. Mario Filho, com “uma

²⁶² Ver: HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014, p. 14.

²⁶³ RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). *Teoria e Historiografia*: debates contemporâneos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 258-259.

elegância de historiador nato”²⁶⁴, é aquele que vai “historiando”²⁶⁵ o futebol brasileiro, pelo “aspecto social da história”²⁶⁶. Olívio Montenegro reconhece no autor a “faculdade de evocar e uma arte de escrever”, mas afirma: “se vê que não é livro de novela mas de história”²⁶⁷. Juízo semelhante tem João Luso ao afirmar que “a bem dizer, o livro é a história de todo o *football* brasileiro”²⁶⁸. Ainda, lendo o “livro do ponto de vista dos estudos históricos”, Ary da Matta conta uma expectativa surgida após ler *O Negro no Foot-ball Brasileiro*:

Mas o melhor voto que se poderá fazer diante deste livro é que seu autor com ele se despeça da crônica esportiva e passe aos domínios dos estudos de inspiração científica, iniciados com este livro.²⁶⁹

Logo, para Da Matta, que era historiador profissional, professor, autor de livros didáticos de História, pela primeira vez, Mario Filho fazia um trabalho dentro dos marcos da ciência social, divergindo, portanto, de toda a sua produção literária e não científica. Não haveria, portanto, incompatibilidade entre prosa ensaística e qualidade científica da pesquisa.

A combinação entre o estilo de escrita e o passado que é contado, levamos a sua dimensão fronteira lembrada por Jorge de Lima e que já estava rascunhada nas observações estéticas que os leitores de Mario Filho fizeram da obra:

E as armas de que lança mão são as mais simples: *nem a ciência nem o estilo-empáfia do grande e celeberrimo ‘Sertões’* [grifo nosso]. Ele conta as coisas despreocupadamente, conversando com o leitor sem querer pregar nenhum susto nem bancar o entendido. E conta tudo descrevendo a história do *football*, e saturando o leitor de observações bastantemente eruditas, minuciosas, valiosíssimas.²⁷⁰

²⁶⁴ LIMA, Jorge de. *A Manhã*, 08 de maio de 1947, p. 4. (Edição 1761). LIMA, Jorge de. “O Negro no Football Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 09 de julho de 1948, p.5 e 6. (Edição 5791).

²⁶⁵ VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

²⁶⁶ LYRA FILHO, João. “O negro no football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

²⁶⁷ MONTENEGRO, Olivio. “Uma história de football”. *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948, p. 4 e 5. (Edição 5796).

²⁶⁸ LUSO, João. “Livros Novos - O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Revista da Semana*, RJ, 14 de agosto de 1948, p.37. (Edição 33).

²⁶⁹ DA MATTA, Ary. “Futebol e Sociologia”. *A Manhã*, 02 de abril de 1947, p. 4. (Edição 1732).

²⁷⁰ LIMA, Jorge de. *A Manhã*, 08 de maio de 1947, p. 4. (Edição 1761). LIMA, Jorge de. “O Negro no Football Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 09 de julho de 1948, p.5 e 6. (Edição 5791).

Djacir Menezes também comenta:

[Mario Filho] sente artisticamente o espetáculo, *situando-se nessa fronteira indecisa onde termina a arte e começa a ciência* [grifo nosso]. Enfim como estou, habituado a outra ordem de observações, somente poderia apreciar esse livro colocando-me nessa *zona acinzentada da fronteira* [grifo nosso] figurada acima para escrever o sabor de impressões superficiais. Em todo caso, suficientes para perceber os lineamentos límpidos e positivos de uma valorosa contribuição para as letras nacionais.²⁷¹

Sobre o gênero, lembremos, o que ensina Fernando Nicolazzi: “o ensaio não é bem uma boa História, mas também não é todo Literatura”²⁷² e é aí que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* parece encontrar seu lugar. No ensaio as ambiguidades internas são permitidas, assim como testes de pensamento compõe a própria dinâmica textual, o que não significa que suas interpretações sejam aleatórias e arbitrárias. Em suma, tem-se maior liberdade para formular reflexões e explicações gerais para seu objeto a partir da documentação levantada.

Mas vale perguntar, após o caminho percorrido até o momento, se existiria, a partir das resenhas, outras formas de verificarmos a validade interpretativa de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* como obra historiográfica em seu tempo. Temos em mente que para esse questionamento ser respondido afirmativamente deve-se partir do suposto que o livro está em diálogo com a produção que o circunda.

O autor assenta-se em uma tradição da produção intelectual brasileira sobre como deve-se ler o passado. Assim como outros trabalhos, o movimento que faz o ensaio de Mario Filho é duplo: entender a história e propor uma intervenção na atual realidade brasileira. Mas não pensemos que a esfera propositiva seja evidenciada apenas como uma conclusão final do texto. Além de ser isso também, ela é o próprio modo de narrar e a forma de compreender os eventos. Em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, a proposta de intervenção está amalgamada com a tessitura do texto e isso será analisado nos próximos

²⁷¹ MENEZES, Djacir. “Um livro singularmente valioso”. *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1947, p. 7. (Edição 5477).

²⁷² NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 382.

capítulos. Por ora, vale dizer que o próprio desenrolar da história do negro no futebol é evidência daquilo que deveria ser seguido pelo Brasil-Nação e, dessa forma, também em Mario Filho:

o ensaio histórico-sociológico seria uma forma privilegiada para representar o País, não no sentido da descrição ufanista de suas paisagens e de seu povo, à maneira de certo romantismo, mas como representação que conduz à tarefa de solucionar os impasses sociais vivido pela nação.²⁷³

A representação historiográfica do Brasil, como ressalta Pinto Gil, é em estilo épico, já que a epicidade seria o “vetor capaz de ordenar e entrelaçar os eventos e relatos surgidos durante a narração”²⁷⁴, oferece, ela mesma, soluções para problemas sociais brasileiros.

Contudo, já vimos que Mario Filho não pertence ao *métier* acadêmico e sua produção é paralela a esse mundo. Algumas expressões sugerem que esse lugar do autor pode interferir na pretensão interpretativa do livro. Mesmo no prefácio da primeira edição, Gilberto Freyre fala em “critério sociológico ou **para-sociológico**”²⁷⁵, sugerindo que aquele estudo não seria sociologia de fato, ou então não precisaria ter complementado a adjetivação com o “para-sociológico”. Luís Costa Pinto, também, ao dizer que o livro é um “ensaio de **sabor** sociológico”²⁷⁶, dá a entender com a palavra “sabor”, que o que teríamos ali não é sociologia mesmo, ou ainda quando joga com uma ambiguidade em torno do que teria feito o escritor: “o trabalho de Mario Filho – **ou sua pesquisa**, se preferirem”²⁷⁷. João Luso parece apreciar a obra sob essa mesma lente quando diz que “esses escritos quotidianos seguem agora, **mais ou menos**, uma linha de ligação e seguimento”²⁷⁸.

²⁷³ NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 434.

²⁷⁴ GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 30-31.

²⁷⁵ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. IV.

²⁷⁶ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

²⁷⁷ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

²⁷⁸ LUSO, João. “Livros Novos - O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Revista da Semana*, RJ, 14 de agosto de 1948, p.37. (Edição 33).

Acontece que mesmo quando esses asteriscos são colocados na análise do trabalho de Mario Filho, sua legitimidade como saber autorizado sobre o passado social brasileiro não é posta em questão, mesmo não sendo escrito por um historiador ou sociólogo em sentido estrito. Além disso, a pensadora Ângela de Castro Gomes nos ensina que historiadores nunca são os únicos responsáveis por oferecer à sociedade uma visão sobre passado. Para ela, os historiadores:

não detêm o monopólio desse processo de construção [do passado], atuando interativamente com outros agentes, que não são homens do seu *métier* e que frequentam outras esferas disciplinares ou ocupam outras funções sociais fora do campo intelectual.²⁷⁹

Certamente, Mario Filho é um desses personagens que de fora do *establishment* colabora para a formação de uma cultura histórica nacional, não apenas pelo livro em debate, mas por toda a sua atuação como escritor, jornalista e dono de jornal. Tinha trânsito em diversas áreas, seu jornal era lido, suas colunas circulavam e muitos de seus livros esgotaram-se. Possuía uma linha de pensamento e procurava difundir-la para seus leitores.

Bom, “esse Mario não é professor, nem tem título oficial”²⁸⁰, não passou por processo de formação acadêmica em nenhuma área das ciências sociais ou históricas, mesmo assim propunha-se a dialogar com pensadores formados. Nas resenhas, as afirmações sobre o lugar epistemológico de Mario Filho com *O Negro no Foot-ball Brasileiro* são acompanhadas de justificativas e comprovações de que o autor faz parte de um círculo de debates que se associa ao próprio desenvolvimento das ciências sociais brasileiras, mesmo não tendo formato monográfico.

Por exemplo, José Lins do Rego lança ao cientista social do futuro um desafio: “amanhã, quando se fizer um balanço de nossa ascensão de raça, há de o sociólogo procurar num Mario Filho uma contribuição valiosa”²⁸¹ e essa contribuição, aos olhos de João Lyra, dava-se pelo escritor “incorporar-se à

²⁷⁹ GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996, p. 158.

²⁸⁰ LIMA, Jorge de. *A Manhã*, 08 de maio de 1947, p. 4. (Edição 1761). LIMA, Jorge de. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 09 de julho de 1948, p.5 e 6. (Edição 5791).

²⁸¹ REGO, José Lins do. Coluna ‘Esporte e Vida’. “O negro no football”. *Jornal dos Sports*, 24 de maio de 1946, p. 3. (Edição 5141).

rareada falange dos que aprofundam conhecimento na explicação das realidades sociais deste país”²⁸². Rachel de Queiroz evidencia como os temas sociológicos tradicionais ganham forma original a partir do esporte dizendo que o livro:

é o estudo exaustivo de um fenômeno – a democratização, ou melhor, a mulatização (pois entre nós as duas palavras querem dizer praticamente a mesma coisa), de um esporte que desembarcou aqui com a máscara de esporte para grã-finos e ricos, mas pelo qual o povo se apaixonou.²⁸³

Por sua vez, Sodré mostrava como o estudo revelava para o esporte “a intensa luta social que por toda a parte se processa”²⁸⁴ e Maria Isaura Queiroz, utilizava termos sociologicamente consolidados para dizer que “o livro de Mario Filho é prova da nossa feição dionisíaca”²⁸⁵. Da mesma maneira, Ary da Matta lê *O Negro no Foot-ball Brasileiro* sob a ótica dos “fenômenos de mobilidade social, dos contatos entre raças e culturas diferentes” e que Mario Filho “reedita, circunstancialmente, os mesmos processos que outros sociólogos haviam denunciado em relação à formação da sociedade colonial”²⁸⁶.

Além dessas passagens que atestam que existia um círculo de debates no qual Mario Filho estava inserido e que balizava os modos de recepção, temos dois bons exemplos de como o autor estava sujeito à crítica de fato pelo conteúdo do livro. Nesse sentido, é valioso perceber que Lyra Filho faz com *O Negro no Foot-ball Brasileiro* aquilo que é próprio dos diálogos intelectuais: reconhece a importância na interpretação social do “estupendo ensaísta”, como diz, e oferece um contraponto à sua análise. A citação é longa, mas de suma importância para o prosseguimento da argumentação:

Ao contrário do que pensa o estupendo ensaísta não cremos que se desenvolva ‘processus’ de competição, entre negros e brancos do país. As diferenciações se diluem no passo que eleva o ‘status’ do mulato. Entre nós, como acentuou Theodoro

²⁸² LYRA FILHO, João. “O negro no football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

²⁸³ QUEIROZ, Rachel de. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 07 de julho de 1948, p.5. (Edição 5789).

²⁸⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. “Sociologia do esporte”. *Jornal dos Sports*, 08 de julho de 1948, p. 5 e 6. (Edição 5790).

²⁸⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “O football e o caráter dionisíaco do brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 24 de julho de 1948, p.5. (Edição 5804).

²⁸⁶ DA MATTA, Ary. “Futebol e Sociologia”. *A Manhã*, 02 de abril de 1947, p. 4. (Edição 1732).

Roosevelt – ‘qualquer negro ou mulato capaz recebe o lugar conquistado pela sua capacidade’. [...] Donald Pierson fixou a conclusão, com ciência e oportunidade. [...] A tensão é do interesse econômico. A multiplicação e descentralização das atividades sociais misturam as origens, com mulatos ascendem individual e genericamente, sem dependência de grupo ou de classe. Não há competição entre raças. Há concorrência entre interessados, na qual vence o mais apto. Quando no football havia só sentimento (amadorismo), admitimos que se pudesse pensar de outro modo, mas desde que o interesse econômico (profissionalismo) participa do desporto, não há luta de classe, mas concorrência de posição. [...] Como explicam os doutos, ‘na determinação do ‘status’ social, a competência do indivíduo tende a superar a origem racial’. A luta é de posição ou, como disse Bertrand Russell, a luta é pelo êxito.²⁸⁷

Portanto, João Lyra Filho deixa clara a sua oposição ao pensamento do autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, uma vez que, na sua perspectiva, Mario Filho enganava-se em ver algo como uma “luta de classes” entre negros e brancos no Brasil. Para Lyra, seguindo os estudos de Donald Pierson, as disputas na sociedade pós-abolição não passariam pelo filtro da cor e sim pela capacidade de cada indivíduo buscar meios de ascensão social. Portanto, Lyra Filho criticava o fato de Mario Filho enxergar tensões e lutas raciais em lugares onde ela não existiria. Veremos, no capítulo final, como os apontamentos do crítico ajudam a esclarecer os sentidos do conceito de democracia racial para a época e para os intelectuais em torno de Mario Filho.

Outra crítica vem de Luís Costa Pinto que direciona seu olhar para um lugar semelhante àquele que João Lyra. Apesar da coincidência sobre a parte do argumento de Mario Filho a ser criticado, Costa Pinto não subscreveria a análise de Lyra Filho. Enquanto este último diz que a discriminação racial é inexistente, Costa Pinto, avizinhandose de Florestan Fernandes e Roger Bastide, por exemplo, frisa que a entrada do Brasil no modo de produção capitalista e o processo de urbanização do país trouxeram alterações no modo de reprodução do preconceito. Costa Pinto pontua, então, que em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* a importância da classe para a dinâmica de discriminação na sociedade brasileira é subvalorizada em relação à perspectiva racial:

²⁸⁷ LYRA FILHO, João. “O negro no football brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

A história da instituição [futebol] e de sua passagem de um estado de *folk* para um estado de *civilização* não é feita, porém, no seu conjunto, mas é vista através do status do negro e dos papéis por ele ocupados durante essa transformação. O autor preferiu, por razões que não discutimos, fazer ênfase sobre o aspecto racial.²⁸⁸

Por conseguinte, o problema não seria o fato de Mario Filho ter ignorado aspectos de classe, mas o modo que o faz. Assim, o resenhista continua:

êle mesmo [Mario Filho], porém, fornece inúmeras e luminosas provas, que se somam às preexistentes, que demonstram a tendência da linha de côm se identificar com a linha de classe, e como esta última predomina como fator de discriminação quando, em casos individuais, os dois fatores de diferenciação social deixam de estar identificados.²⁸⁹

Desta forma, mesmo Mario Filho não conferindo a atenção devida, na visão apresentada acima, aos fatores de classe, Costa Pinto conclui sinalizando a importância da pesquisa para as novas formas de compreensão dos preconceitos de cor na sociedade de classe capitalista:

Sem desmerecer a importância dos conflitos culturais que o papel de crescente importância desempenhado pelo negro no futebol ia determinando, o livro de Mario Filho deixa evidente que aqueles conflitos não se compreenderão sem que se tenha a atenção voltada para o fundamental e que êle mesmo define assim: 'no fundo, luta de classes, sem ninguém dar por isso, é claro'.²⁹⁰

Assim, Costa Pinto insere Mario Filho em um lugar capaz de dialogar com formas de abordar o problema racial brasileiro não só pelo filão da cultura, crítica comumente direcionada à Freyre, mas também por estar atento a aspectos relacionados às classes sociais e como elas interagem com a questão racial.

Além dos debates com figuras relevantes do cenário intelectual brasileiro, em discussões que ultrapassam os limites futebolísticos, Mario Filho foi interlocutor de seu companheiro de imprensa e também historiador do futebol nacional, Tomás Mazzoni. Nascido na Itália, veio para o Brasil ainda criança e

²⁸⁸ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

²⁸⁹ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

²⁹⁰ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

tornou-se um dos mais respeitados jornalistas esportivos por aqui, principalmente em São Paulo²⁹¹. Mazzoni era também apaixonado por história e escreveu uma série de almanaques sobre futebol e históricos de clubes, além de ser um incentivador do desenvolvimento de outros esportes no Brasil e ideólogo daquilo que denominou *O esporte a serviço da pátria*²⁹². Em 1950, Mazzoni, já profissionalmente consagrado, escreve um livro grandioso, no volume e na ambição. O seu objetivo era escrever a história geral do futebol brasileiro. Dizia ele que a obra *História do Futebol no Brasil* “foi possível tão somente a 30 anos de arquivo por nós organizado, onde reunimos todos os documentos possíveis e necessários”²⁹³.

As preocupações do texto são em relação à objetividade dos fatos e acontecimentos, datas, ordens, origens, escalasções, resultados: “o primeiro ‘estádio’”²⁹⁴, “a primeira Liga”²⁹⁵, “a primeira bola brasileira”²⁹⁶, “o certame paulista de 1902, o primeiro realizado no Brasil”²⁹⁷, “a primeira vitória de um quadro brasileiro sobre o time dos ingleses”²⁹⁸, “o ‘sururu’ entre assistentes [...] o primeiro da série interminável”²⁹⁹, etc. Citações longuíssimas de documentos escritos tomam conta de boa parte das páginas, assim como classificações de campeonatos, nomes de jogadores, presidentes, funcionários, ligas, clubes, explicações morais e técnicas para derrotas e vitórias. O livro também está repleto de fotografias impressas em boa qualidade.

Aquilo que nos interessa não é como o texto é construído, mas como a sua construção está intimamente ligada, por oposição, ao método de Mario Filho. Mazzoni, apesar de mencionar *O Negro no Foot-ball Brasileiro* nas referências bibliográficas e listar o seu autor como um dos poucos historiadores do esporte ao lado de Antônio Figueiredo, Leopoldo Santana, Paulo Varzea, Max Valentim,

²⁹¹ SILVA, Rafael Santos da. “Ordem em Jogo: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo em Thomaz Mazzoni (1920-1941). Dissertação de Mestrado (Departamento de História), PUC-Rio, 2013.

²⁹² MAZZONI, Tomás. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: S/e, 1941.

²⁹³ MAZZONI, Tomás. “Introito”. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. s/n.

²⁹⁴ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 20.

²⁹⁵ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 26.

²⁹⁶ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 26.

²⁹⁷ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 30.

²⁹⁸ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 30.

²⁹⁹ MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950, p. 38.

Horácio Werner, Afonso de Castro, Indalicio Mendes e Pimenta Neto, já no primeiro parágrafo da introdução, expõe que a *História do Futebol no Brasil* não partia dos mesmos pressupostos historiográficos de seu colega. Nesse caso, sem citá-lo, a alfinetada em Mario Filho é evidente: “Não se trata, pois, de nenhuma história escrita pelo método ‘ouvimos dizer’, ou ‘nos contaram assim e assado’”³⁰⁰. E continua:

Nossa preocupação foi a de reunir, nessa obra, antes de mais nada, os maiores dados possíveis acerca dos fatos principais, de importância estritamente nacional. Fatos e episódios de maior vulto, como interesse geral.³⁰¹

História, nessa concepção, portanto, seria fundamentada apenas em documentos oficiais, reunidos em arquivos. Se o produto da pesquisa de Mario Filho era essencialmente interpretativo, Mazzoni faz história com o intuito de “reunir”, “documentar” e “descrever”, “desde o seu berço até hoje”³⁰². Em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, percebe-se a proeminência do acontecimento pequeno, aparentemente despretensioso, banal, corriqueiro, enquanto a *História do Futebol no Brasil* os fatos, os acontecimentos que seriam intrinsecamente mais significativos, ditam o ritmo da escrita. O jornalista ítalo-paulista evidencia os seus critérios historiográficos:

Por história devemos ter presente, em primeiro lugar, a participação do Brasil nos campeonatos internacionais, as disputas dos campeonatos nacionais, os jogos dos clubes brasileiros com os estrangeiros, etc; a implantação do futebol nos principais Estados, a fundação dos clubes de maior projeção nacional, os episódios e ocorrências que tiveram repercussão, interesse e movimento geral na vida do futebol no país. Foi esse o critério que escolhemos, para escrevermos a história.³⁰³

Se Mario Filho mimetiza a oralidade das suas fontes quando escreve o seu ensaio, Tomás Mazzoni tem pouca preocupação literária com seu texto, tornando-o mais frio, mais descritivo, como o próprio autor assume na

³⁰⁰ MAZZONI, Tomás. “Introito”. *História do Futebol no Brasil* (1894-1950). São Paulo: Edições Leia, 1950, p. s/n.

³⁰¹ MAZZONI, Tomás. “Introito”. *História do Futebol no Brasil* (1894-1950). São Paulo: Edições Leia, 1950, p. s/n.

³⁰² MAZZONI, Tomás. “Introito”. *História do Futebol no Brasil* (1894-1950). São Paulo: Edições Leia, 1950, p. s/n.

³⁰³ MAZZONI, Tomás. “Introito”. *História do Futebol no Brasil* (1894-1950). São Paulo: Edições Leia, 1950, p. s/n.

introdução, acaba emulando a linguagem das atas e das notícias objetivas. Aquilo que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* tem de pitoresco, como diziam alguns resenhistas, *História do Futebol no Brasil* tem de cinza, para ficarmos no universo das metáforas das cores.

Essa breve comparação demonstra como havia diversas maneiras de se pensar a história do futebol no Brasil, com divergências significativas entre elas. Além do círculo intelectual ligado às ciências sociais, havia o embates entre esses dois grandes cronistas esportivos sobre o modo de se escrever a história e, até mesmo, sobre o que era essa história. Quando colocado em perspectiva, o caráter ensaístico do livro de Mario Filho é fundamental para que se compreenda o espectro analítico da obra e as análises que escapam à lógica do que poderia ser chamado de rigor científico no procedimento historiográfico ou, pelo menos, à paixão pelas fontes escritas e oficiais. Sobre as diferentes características interpretativas do ensaio e da produção historiográfica, Nicolazzi também escreve:

A utilidade conferida ao ensaio histórico, se olhada com as lentes dos requisitos científicos da Historiografia, coloca também uma questão epistemológica sobre a objetividade do relato. Pois, esse caráter pragmático do gênero opera no sentido de criar condições para os autores de intervir na vida política nacional.³⁰⁴

Quando Olivio Montenegro escreve em sua resenha que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* “não se endurece em forma de relatório nem se empacha de nomes e de datas”³⁰⁵, como já exposto anteriormente, é porque a “história relatório”, factual e obcessivamente objetiva era uma possibilidade nesse contexto historiográfico. *A História do Futebol no Brasil*, de Mazzoni, talvez seja o melhor contraexemplo da proposta elaborada por Mario Filho.

Sendo assim, todo o quadro acima exposto, faz com que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* apareça como uma obra legitimada no espaço intelectual brasileiro por alguns caminhos. O primeiro, que diz respeito à rede formada pelas ilustres figuras que resenham o livro. A chancela desses intelectuais cumpre um papel

³⁰⁴ NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 415.

³⁰⁵ MONTENEGRO, Olivio. “Uma história de football”. *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948, p. 4 e 5. (Edição 5796).

relevante para todos aqueles que se aproximam do texto, pois funciona como um alerta positivo no que se refere à qualidade e/ou seriedade da pesquisa³⁰⁶.

Contudo, caso suspendêssemos nossas observações nesse momento, poderíamos estar sugerindo que apenas o peso da assinatura dos resenhistas seria o responsável pela validação do discurso apresentado em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Vimos que não. Portanto, outro aspecto, diz respeito àquilo que é dito, aos comentários e críticas expostas no grupo de resenhas. Além disso, quando a discussão ficava circunscrita ao campo dos “historiadores do esporte”, percebe-se que embates metodológicos e teóricos apareciam com toda a força e engendravam produções absolutamente diferentes. Pelo que foi apresentado, é possível concluir que as ideias de Mario Filho faziam sentido nos debates históricos, sociológicos, antropológicos e esportivos de então tanto pelo seu estilo narrativo, quanto pela pertinência de suas considerações e pela abertura do texto para dialogar com temáticas vivas de sua época.

³⁰⁶ Ver: HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014, p. 9.

CAPÍTULO 3 – O Negro no Foot-ball Brasileiro: a escrita da história

Contra quem escreve Mario Filho?

Acreditando que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* está em diálogo com a discussão sobre Brasil e suas questões raciais, é chegada a hora de convocar Mario Filho e sua obra, dentro desse cenário, para melhor compreendê-los. Nesta primeira etapa de análise do texto, buscaremos identificar os interlocutores negativos, os antagonistas, aqueles contra quem Mario Filho escreve seu texto. Após esse momento, daremos atenção às perguntas: como o autor constrói a ideia de sentido histórico? Como a sua narratividade calcada em oposições, ou dicotomias, como analisado por Antônio Soares³⁰⁷, do estilo branco *versus* negro, geral *versus* arquibancada, oferecem um modelo de compreensão da história do negro no futebol brasileiro, ou até mesmo, da história do Brasil? Como é feita a construção da temporalidade dessa história? Quais são os ritmos temporais dessa história de continuidades e mudanças? Qual a importância da representação do negro em Mario Filho? Como ela é feita? Por fim, tentar responder como Mario Filho se insere no debate sobre democracia racial?

As palavras com as quais Mario Filho começa a contar sua história no primeiro capítulo são as seguintes:

Há quem ache que o *foot-ball* do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava pra desconfiar.³⁰⁸

De saída, o escritor alerta o seu público que escreve contra uma determinada memória – o saudosismo do futebol do passado – e os seus respectivos sujeitos – os saudosistas dessa era. Fica evidente que o tempo que será revisitado em seu livro estará em disputa. Em Mario Filho, o movimento de escrita da história é uma atividade de fissura no passado estabilizado na lembrança dos

³⁰⁷ Ver: SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, capítulo 2.1.

³⁰⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 13.

saudosistas e, conseqüentemente, um corte no imaginário da branquitude implicada no contexto futebolístico, já que o saudosista era sempre branco. Por isso, percebendo-se como capaz de trazer à luz um passado silenciado, contra-hegemônico, o exercício historiográfico mostra-se recurso potente dentro da dinâmica social, já que capaz de confrontar uma verdade estabelecida que tentava controlar a visão sobre as transformações no esporte.

Vale lembrar a contribuição de Antônio Jorge Soares neste tópico quando escreve que, para Mario Filho:

O futebol dos “saudosistas” era um entretenimento exclusivamente de brancos. Em seu texto, ser branco se confunde com a idéia de elite. Tanto é assim que branco, quando não pertencente às elites, vem adjetivado de pobre.³⁰⁹

Mario Filho ao estabelecer uma relação entre um modo padrão de exercitar a memória (o saudosismo), a classe e a cor desses sujeitos da lembrança (branca), mostra como o fator racial é um filtro importante para entender a forma com que alguém diz algo sobre o tempo passado e que essa reconstrução temporal jamais é desinteressada. O saudosista atribui valor a um tempo que não é mais em detrimento daquilo que é hoje. Ao perceber que a atribuição de valor positivo aos primórdios do futebol era sempre feita por sujeitos brancos, Mario Filho vislumbra um objeto de investigação – talvez partilhasse com o seu irmão Nelson Rodrigues o sentimento de que “toda unanimidade é burra”.

O texto continua:

E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos *teams*, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam a atenção. Sabia-se quem era o preto, quem era o branco, o branco e o preto não se confundiam.³¹⁰

Portanto, os sujeitos de lembrança brancos estabeleciam o valor superior do passado em relação ao presente. Acontece que o passado alcançado pela

³⁰⁹ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 24.

³¹⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 13.

memória dos saudosistas era um lugar de segregação racial em que quase a totalidade dos sujeitos envolvidos no esporte era também branca. O saudosismo crava suas raízes, daí o título do capítulo inicial, “Raízes do Saudosismo”, em um tempo perdido e que não poderá voltar a ser: o da hegemonia branca no esporte.

Nesse tempo, na visão do saudosista, não havia confusão racial, a ordem calcada na segregação pela cor estava mantida e, por sua vez, o seu lugar social privilegiado dentro dessa formatação da comunidade brasileira estava garantido. A tentativa de valoração positiva desse passado por pessoas brancas que também foram personagens dessa história acaba revelando-se, afinal, como uma estratégia psicológica com implicações político-sociais, uma vez que coincidente com a matriz eugênica de visão da história brasileira abordada no início desta dissertação.

Essa forma de associação baseada na cor era tão forte que Mario Filho dá um exemplo, mais à frente, de que nem mesmo rivalidades nacionais foram capazes de desarticular a união dos brancos nesse primeiro momento: “não se falava em guerra, os ingleses se davam bem com os alemães, quando se juntavam não se sentiam tão estrangeiros”³¹¹. Mesmo em 1914, com tensões entre Inglaterra e Alemanha elevadas, no Brasil, ingleses e alemães sentiam-se mais brancos que nacionais e, por isso, mais próximos do que separados.

Além de escrever contra essa memória hegemônica do futebol, o autor escreve para evitar o esquecimento das personagens envolvidas nessa história. Repete o gesto que funda a História como prática específica. Se Heródoto escreve para “evitar que os vestígios das ações praticadas pelos homens se apagassem com o tempo e que as grandes e maravilhosas explorações dos Gregos, assim como as dos bárbaros, permanecessem ignoradas”, Mario Filho não constrói com a sua história um projeto memorialístico muito diferente. Em determinado momento ele escreve: “jogador de *foot-ball* só valia enquanto jogava, deixava de jogar, ninguém se lembrava mais dele”³¹². Dessa forma,

³¹¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 14.

³¹² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 212.

mesmo sem deixar isso explícito no texto, é possível afirmar que o exercício historiográfico de Mario Filho busca desconstituir, por um lado, a memória saudosista branca de elite como lugar hegemônico e, por outro, oferecer a eternidade (ou o vislumbre dela) às centenas de personagens que aparecem em sua narrativa sob o título *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. O caso do jogador Fausto, “o preto, de roupa surrada, que mal sabia assinar o nome”³¹³ é emblemático nesse sentido. Após uma longa carreira no futebol, que o fez a “Maravilha Negra” do esporte, “morreu esquecido num sanatório em Palmira”³¹⁴. É contra esse apagamento, portanto, que Mario Filho mobiliza seus esforços.

Esse duplo exercício – desarticulação e edificação de memórias – feito por Mario Filho, longe de ser traço particular do nosso autor, é próprio do campo político. O historiador contemporâneo Fernando Catroga ajuda a esclarecer essa relação entre memória e poder:

Ademais, se a memória é instância construtora e cimentadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objeto de poder(es) mediante a seleção do que se recorda e do que, consciente ou inconscientemente, se silencia.³¹⁵

Por isso, Mario Filho, ao escrever uma história social do futebol, enraíza a sua narrativa no mundo político que contempla os entraves de memórias. Parece inegável, também, que o autor obteve êxito em seu projeto e que transformou-se em uma espécie de memória oficial do futebol brasileiro, como costuma-se afirmar. Muito desse status da obra, deve-se ao sucesso com que o autor opera aquilo que Benedict Anderson irá perceber como fundamento da urdidura de uma comunidade imaginada, o que será analisado no tópico a seguir: como se dá construção da percepção de um tempo que conduz a coletividade, significada como nacional, em marcha gloriosa para o futuro, com a concatenação de

³¹³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 214.

³¹⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 289.

³¹⁵ CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p.74.

fragmentos significados como totalidade, transformando, assim, acaso em destino³¹⁶.

História: sentido e tradução cultural

Em capítulos anteriores abordamos o fato de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* poder ser lido como um ensaio de formação nacional. Pela própria dinâmica desse tipo textual, o leitor, após finalizada a leitura, pode visualizar uma trajetória cumprida pelo seu país. Das suas origens, à sua realização, passando pelo desenlace dos seus conflitos. Em Mario Filho, esse sentido da narrativa foi chamado por Pinto Gil de “nível macro” do texto, como já vimos. Comporia essa dimensão da obra a epicidade na construção da história do futebol que de branco, aristocrático e inglês transforma-se em popular, miscigenado e brasileiro. Agora, tentaremos compreender como esse sentido, que Pinto Gil chamou de “nível macro”, é urdido a partir de estratégias narrativas. Sobre a articulação entre os dois níveis da narrativa, o intérprete escreve:

Mario Filho não recai nesta fragmentação contemporânea de grande parte do pensamento historiográfico. Ele se dispõe a recuperar a ideia de sentido, e, mais ainda, se propõe a ver como este sentido aponta para um progresso na experiência civilizacional dos brasileiros.³¹⁷

Temática recorrente do pensamento no Brasil e na América Latina, Mario Filho faz a sua contribuição à crítica daquilo que era visto como importação e imitação de elementos de outras tradições sem passar por uma espécie de filtro da nacionalidade. Escrevendo contra “o *foot-ball*, importado, *made in England*”³¹⁸, escrevia a favor da transformação desses elementos estrangeiros em nacionais. Não os recusava, como o fez Lima Barreto, que não acreditava em síntese possível entre o inglês futebol e a cultura e formação social local. Para ele, o futebol funcionando como uma espécie de instrumento de dominação oligárquica – branca e anglófila – deveria ser eliminado para o bem da saúde

³¹⁶ Ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³¹⁷ GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 35.

³¹⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 15.

nacional e os rumos da república – e da população negra. No caso de Mario Filho, essa adaptação do elemento estrangeiro seria a sua própria condição de sobrevivência e estaria intimamente ligada à capacidade de mistura racial no esporte.

A direção deste processo está dada a todo instante. A citação feita no parágrafo anterior continua da seguinte maneira evidenciando o caminho do futebol no Brasil:

*O foot-ball importado, made in England, tinha de ser traduzido. E, enquanto não se traduzisse, se abrisse [grifos nossos], quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês.*³¹⁹

As próprias escolhas sintáticas na construção das frases oferecem ao leitor a tradução que se realizará inevitavelmente encaminhando o esporte para sua verdadeira potência e sentido históricos – *tinha de ser traduzido*. Soares assim observa este fenômeno:

A construção enfática deste cenário implica que, quase logicamente, deverá existir um outro no final: o cenário do futebol brasileiro e negro. A passagem de um a outro é o objeto central da narrativa.³²⁰

Nesse primeiro momento, o tópico da tradução aparece no plano linguístico. A língua franca nos primórdios do futebol no Brasil, segundo o recorte do autor, era o inglês. O que se ouvia em campo era: “*man on you*”, “*come back forwards*”, “*take your man*”, “*goal-keeper*”, “*full-back-right*”, “*full-back-left*”, etc³²¹. Assim, Mario Filho revisita esse passado analisando jornais com as escalações de duas equipes pioneiras no esporte no Brasil, o Paysandú Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association, “clubes fechados, para ingleses e filhos de ingleses”³²²:

As coleções dos jornais estão aí, basta procurar as escalações dos *teams* [...]. Essas escalações deviam ser a tortura dos

³¹⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 15.

³²⁰ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 29-30.

³²¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 15.

³²² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 14.

compositores e dos revisores. Também dos leitores, a maioria sem saber nada de inglês, tendo de soletrar os nomes.³²³

Esses dois clubes exemplificavam desde o início do texto o nó que seria desfeito ao longo do livro. Os clubes representavam a importação cultural sem adaptação – “pedaços da Inglaterra transplantados para o Brasil”³²⁴. O efeito prático disso é sentido imediatamente na “tortura dos compositores e revisores”³²⁵ para lidar com a miríade de termos em inglês e nomes estrangeiros, já que não sabiam a língua. Em um primeiro momento, a tensão entre o léxico importado e dificuldade local em se relacionar com ele é resolvida pela imitação. Imitação essa que se revelará oca.

“Os brasileiros acharam bonito, quiseram imitar os ingleses”³²⁶ no que diz respeito à supressão do prenome nas escalções em prol do aparecimento do sobrenome. Assim, Clyto Portela virou C. Portela, Felix Frias, F. Frias, exatamente como faziam os ingleses. Contudo, rapidamente essa fórmula encontra problemas em sua relação com a vida local. “Eram dois Etchegaray, Victor e Emílio. Quando os dois jogavam estabelecia-se a confusão só desfeita pela maneira brasileira: Aí, Victor! Aí, Emílio!”³²⁷.

Diante do problema imposto pela forma importada – dois jogadores em uma mesma partida com o mesmo sobrenome – a resolução surge de maneira espontânea e orgânica – “maneira brasileira”. O desfecho do dilema guarda muita semelhança com aquilo que vimos Gilberto Freyre chamar de “expressão do nosso mulatismo”, este que seria “ágil em assimilar, dominar, amollecem em dança, em curvas ou em músicas técnicas européas ou norte-americanas angulosas para o nosso gosto”³²⁸. Sem teorizar, Mario Filho, mobiliza uma linguagem interpretativa dos fenômenos muito comum à tradição da formação

³²³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 14-15.

³²⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 14.

³²⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 14.

³²⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 15.

³²⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 15.

³²⁸ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

nacional que diz respeito à relação entre o caráter brasileiro e seus modos de tratamento. Além da relação com Freyre e seu “mulatismo”, poderíamos citar Sérgio Buarque de Holanda quando escreve em *Raízes do Brasil* como característica do “desejo de estabelecer intimidade [...] a tendência para a omissão do nome de família no tratamento social. Em regra é o nome individual, de batismo, que prevalece”³²⁹.

No acontecimento citado em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, a adaptação é feita desobedecendo inconscientemente as regras impostas pelo costume inglês e a tradução do futebol começa a acontecer de maneira não planejada, a partir disso que Holanda denominou “ética de fundo emotivo”³³⁰. Mesmo que Mario Filho não cite Holanda, essa parece ser uma ideia que circulava com muita intensidade no círculo intelectual de Mario Filho. O próprio Gilberto Freyre faz menção ao fenômeno ocorrido na história brasileira em que os nomes amaciaram-se³³¹, na linguagem das fontes.

A dinâmica daquilo que Mario Filho generaliza sob o manto de “maneira brasileira” produz ela mesma os meios para que elementos estrangeiros sejam “abrasileirados”, bastando que se insiram minimamente na lógica local para que se dê sua transformação. Nesse ponto, o paralelo entre o futebol e o *cricket* é fundamental para entendermos os destinos de cada um na cultura nacional. O autor escreve que “no *cricket*, sim, os ingleses não quiseram saber de mistura. Brasileiro para entrar no *team* de *cricket*, nem branco”³³² e como consequência não adquiriu importância no Brasil, mantendo-se como prática restrita. Percebemos, aqui, que a mistura, a miscibilidade, tem valor positivo e constituiu-se como princípio necessário para o abasileiramento. No *cricket*, lugar onde ela não existiu, houve atrofia.

Entretanto, caso a restrição à entrada de brasileiros não existisse, o esporte também não teria grande adesão voluntária, pois, segundo Mario Filho, “os brasileiros nunca foram muito com o *cricket*. Jogo bom para inglês. Os

³²⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2016, p.256.

³³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2016, p.257.

³³¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 340

³³² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 16.

jogadores se acolchoavam, quase que vestiam armaduras medievais, para empunhar o seu *but*³³³. Sendo assim, se entendermos o significado de tradução não apenas no plano linguístico mas também no cultural, existiriam condições particulares ao *cricket* que impediriam a sua tradução para a cultura local. Ou seja, independentemente das restrições internas perpetradas pelos coordenadores desse esporte, vetando a entrada de brasileiros e evitando a mistura, a experiência histórica brasileira com inexistência de um passado medieval no país, e não sua predisposição biológica, recusaria o jogo em seu sistema cultural. Um esporte com jogadores “acolchoados” quase que com “armaduras medievais”, e isso funcionando quase como uma metáfora para a importação de ideias, não poderia ser objeto dessa tradução e ajustado à cultura local; seria uma espécie de falsificação.

O processo de tradução do futebol para a língua local, no ritmo da história contada por Mario Filho, acontece menos como um projeto e mais como uma manifestação autêntica da personalidade nacional, que se revela nos pequenos gestos do cotidiano, que ganham significação macrossocial. Mesmo no seio da elite há esse impulso que recusa certas formalidades enraizadas em práticas culturais estrangeiras e um poder em traduzir o que vem de fora em uma língua brasileira. Os dois próximos exemplos citados evidenciam o que foi dito.

Ao descrever uma viagem de uma equipe do Rio de Janeiro a São Paulo, Mario Filho fala dos custos elevados da viagem, da hospitalidade dos anfitriões que pagam as despesas dos visitantes e do ambiente refinado do encontro. Além disso, narra o costume da época em, após as partidas, festas serem oferecidas para selar a sociabilidade de elite e a atmosfera de cordialidade entre os rivais.

Acontece que o futebol inspirava paixões, vale dizer, após o jogo, em caso de um time sair vencedor, a outra parte saía, necessariamente, derrotada. A formalidade da festa agia como um pacto social entre pares da elite que pretendia recalcar as paixões envolvidas na performance esportiva:

A ideia partia dos vencedores, os vencidos ainda tontos, sem cabeça para pensar em nada, muito menos em comemoração.

³³³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 16.

Comemoração da derrota? Era feio recusar, os vencidos tinham de se mostrar à altura dos vencedores³³⁴.

Este império da formalidade exigia que os derrotados, “sem amarrar a cara, nada de mostrar tristeza, a dôr da derrota, e sem regatear o dinheiro”³³⁵, reprimindo a “ética de fundo emotivo” ou seu temperamento cordial, na linguagem buarqueana, ou seu “mulatismo”, na gramática freyreana, participassem do evento. Assim, Mario Filho sugere que a participação dos atletas acontecia por mera convenção social, já que era a moldura inglesa de sociabilidade que impedia a manifestação dos reais sentimentos envolvidos naquela relação de disputa. Esse evento, citado no início do livro e trazido em outras ocasiões sofre alterações quando essa tensão entre forma e conteúdo torna-se insuportável. Essa prática chega ao fim subvertida pela possibilidade de vazão das paixões estimuladas pelo futebol.

Há portanto um sentido contido na própria maneira de apresentar os eventos em seu processo de abasileiramento: da contenção em moldura estrangeira à liberação sentimental própria ao caráter brasileiro. É como se em um rio congelado, a água que corre silenciosa por debaixo da fina camada de gelo buscasse, metro após metro, um lugar para emergir.

Possível observar como essa característica orgânica e não planejada de transformação do futebol em elemento nacional é levantada, também, quando Mario Filho descreve uma noitada de jogadores do Botafogo e do Fluminense. Neste dia, um tradicional cântico inglês sofreu uma tradução livre e jocosa por parte dos jogadores dos clubes de elite do Rio de Janeiro. O autor relata que: “*And more we drink toghether* ficou sendo ‘onde mora o Pinto Guedes’. E *for he is a jolly good-fellow* passou ‘a baliza é bola de ferro’”³³⁶.

E assim, diante desse processo de abasileiramento do esporte inglês, pergunta-se:

Como acabaria aquilo? Bastava olhar para o Bangú. Os ingleses ficando de fora, pouco a pouco. Mais operários no *team*, menos

³³⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 21.

³³⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 22.

³³⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 22.

mestres. Preto barrando branco. Não seria o destino do *foot-ball*? O *foot-ball* se tornando brasileiro demais. Não brasileiro como o remo. O remo era brasileiro a seu jeito. Brasileiro, mas branco.³³⁷

Ao perguntar ao leitor: “como acabaria aquilo?”, Mario Filho sabe a resposta: “era inútil lutar contra o *foot-ball*, que tomara conta de tudo”³³⁸; “havia uma coisa, porém, em que ninguém tinha pensado: a importância cada vez maior do *foot-ball*”³³⁹, ou ainda, “o *foot-ball* estava ficando importante demais”³⁴⁰.

Essas interferências do autor na história são formas de conduzir o leitor à mesma conclusão daquele que escreve sobre os processos de transformação ocorridos na experiência passada. Elas ensinam àquele que lê o sentido enrustido no acontecimento, configurando-se, desta feita, uma espécie de teleologia. São os olhos de Mario Filho que veem a impotência da batalha contra o futebol, uma vez que os atores implicados naquele presente-passado não poderiam conhecer os resultados de suas ações. O elemento de imponderabilidade da experiência no presente é suprimido como estratégia narrativa para alertar que não haveria outro caminho possível a ser percorrido nesse processo histórico. Sobre isso, Pinto Gil escreve:

Mesmo as historietas tinham que portar algum ensinamento, o que faziam ao operar pedagogicamente, ou seja, como lições para que as gerações partilhassem de uma sabedoria comum normativa. Como Nelson Rodrigues dizia: “Mario Filho tinha a nostalgia do gigantesco”, daí sua insistência em ultrapassar o que fosse descontínuo, irregular e inconstante. Sua ênfase estaria sempre no monumental, gigantesco e empreendedor.³⁴¹

O futebol avançava como uma força própria, irresistível, congruente com o caráter nacional, assim como expressão dele. Novamente, pela própria

³³⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 44.

³³⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 55.

³³⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 131.

³⁴⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 131.

³⁴¹ GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 245.

estratégia de construção frasal, o destino final do futebol brasileiro renunciava-se no time do Bangú: brasileiro, popular e não exclusivamente branco.

Fenômeno similar deu-se no Flamengo, respeitando o mesmo padrão narrativo de Mario Filho, em que o sentido final do texto manifesta-se pouco a pouco em seu desenvolvimento. Apesar de seu início excludente, o clube faz a transformação tal qual o Bangú:

Virou clube do povo quando acabou com a história de só branco no *team*. Abrindo as portas da Gávea para os pretos. O povo sentiu-se flamengo. Gente de todas as classes ia para o campo para uma batalha de conféti, como para um festa de São João.³⁴²

Para Mario Filho, “a razão da popularidade do *foot-ball*” era “a vocação de todo mundo para ele”³⁴³. E esta vocação o vetor capaz de traduzi-lo em esporte nacional, atravessador de classes e raças e subversivo de formas fixas. O autor sentencia que “o *foot-ball* já não podia ser chamado de inglês” e que “*foot-ball* soava como uma palavra brasileira [...] não precisava de tradução”³⁴⁴. Tudo isso ligando-se à inversão realizada pelo esporte no que diz respeito à importação e imitação da produção estrangeira: “os outros ingleses, os que jogavam *foot-ball*, trataram de se tornar brasileiros, fazendo letras, dando Charles”³⁴⁵, ou seja, praticando “um *foot-ball* mais vistoso, mais bonito, mais brasileiro”³⁴⁶, que extrapolava as formas estabelecidas, criava novas palavras com o mesmo alfabeto, alargava a linguagem do jogo. Sob essa ótica, o esporte mantinha o significante “*foot-ball*” e ampliava os seus sentidos – a tradução arrebatava o original.

Ainda sobre a tradução do futebol, interessante notar que ela é feita com o auxílio da cultura que traduz, ou seja, não é apenas uma tradução objetiva, mas uma atividade que mobiliza elementos nativos para que tenha significado

³⁴² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 268-269.

³⁴³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 44.

³⁴⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 64.

³⁴⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 64.

³⁴⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 64.

para a cultura de chegada. No esquema da tradução do futebol, o “como para uma festa de São João”, na citação feita acima, funciona como um recurso conhecido pela população local para assimilar o novo elemento que aparece no horizonte. Da mesma maneira, funcionará o carnaval e o samba.

Desse modo, Mario Filho, já encaminhando a conclusão de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, irá amarrar o movimento de adaptação e tradução cultural galvanizado pelo sentido histórico do futebol para a nação brasileira a partir de dois jogadores: Leônidas da Silva e Domingos da Guia:

Talvez porque o que Leônidas fazia fosse mais brasileiro, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos. Como o samba. Toca-se um samba, seja onde for, só se vê gente gingando o corpo. Domingos gingava o corpo, mas não com aquele desembaraço de Leônidas, que se desmanchava todo. Dançando samba. Jogando *foot-ball*. A sobriedade de Domingos chocava como uma coisa vinda de fora. Da Inglaterra.³⁴⁷

Após a trajetória realizada e ídolos formados, para Mario Filho, Leônidas seria mais brasileiro, pois representativo desse repertório nacional presente na história da tradução do futebol para a língua local – continha a potência da miscigenação, gingava transgredindo a forma fixa e tinha correspondência popular com o samba. Domingos, apesar de falar bem a nova língua, ainda tinha o sotaque, o acento inglês – a sobriedade e a ginga limitada pela forma. Como observado por Moraes e Ratton Jr., Gilberto Freyre, no prefácio, viu nesses dois jogadores – Leônidas e Domingos da Guia – atores individuais, sujeitos irreduzíveis, que apesar disto representariam sinteticamente um, o modelo dionisíaco, e o outro, o apolíneo, do futebol brasileiro, respectivamente³⁴⁸.

É por conta desta operação epistemológica que Freyre escreve no prefácio de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*: “A dança dançada baianamente por *um* Leônidas; e por *um* Domingos [grifos nossos]”³⁴⁹, e não “por Leônidas” ou “por Domingos”. Novamente, são Moraes e Ratton Jr. que apontam para essa

³⁴⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 278.

³⁴⁸ MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011, p. 103.

³⁴⁹ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. VI.

construção de uma metonímia no modo com que Freyre entende a relação entre processos particulares e sociais. Para um caso análogo ao que acabamos de descrever, escrevem: “É por isso que Freyre utiliza a expressão ‘os Leônidas’”³⁵⁰.

Sendo assim, percebe-se que o sentido histórico do texto contém a ideia de tradução cultural, em que elementos nativos como a miscibilidade, aversão à forma fixa e cordialidade são fundamentais para o triunfo do futebol, e que podem ser metonimizadas em atores individuais. Essa tradução deu-se de modo não sistematizado, não planejado e acontecia em eventos mínimos do cotidiano dos personagens envolvidos na trama de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Além disso, Mario Filho constrói estratégias argumentativas para que o sentido final do texto seja dado aos poucos, na tessitura da narrativa. O futebol traduzido seria a expressão daquilo que Marcelino Rodrigues chamou de “o Brasil moderno de Mario Filho”³⁵¹ e consequentemente congruente com a sua atuação jornalística no projeto de alterar os significados do jogo. O futebol serviria, desse modo, como um lugar privilegiado para se pensar os futuros possíveis para a comunidade nacional.

As oposições que balizam o sentido da história

É uma característica de *O Negro no Foot-Ball Brasileiro* o raciocínio por oposições. Esse modo de conduzir o pensamento, consiste em pôr elementos que se contrastam frente-a-frente para que o sentido da mensagem apareça dentro e a partir desses limites. Vale dizer, assim, que apesar de serem significantes extremos, pertencem à mesma teia de significação. Esses significantes constituem-se como pares opostos, mas em constante interação, além de não possuírem significação fixa.

Esse pensamento por extremos pode ser lido como um método para apresentar ideias e oferecer interpretações. Gilberto Freyre, que não nos esqueçamos é prefaciador da obra, por exemplo, ao propor a chave do equilíbrio

³⁵⁰ MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011, p. 103.

³⁵¹ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

de antagonismos para compreendermos a formação do Brasil utiliza o recurso dos significantes extremos para analisar o passado brasileiro:

Antagonismos de economia e de cultura. A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo.³⁵²

Poderíamos, ainda, citar suas reflexões sobre Apolo e Dioniso, além dos títulos de seus livros: *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados & Mucambos*, *Ordem & Progresso*. Recurso utilizado também por Holanda com seus pares trabalho e aventura, semeador e ladrilhador, americanismo e iberismo, Antígona e Creonte. Longe dessa forma ter sido criação desses pensadores canônicos, é antes um modelo antigo e que perdura pelos anos quando particularidades nacionais são escrutinadas. A utilização de pares antagônicos como estratégia argumentativa pode ser vista desde os modelos que pensavam o Brasil em “litoral e sertão” ou “rural e urbano”, aliás este último também presente nas molduras interpretativas de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, como já visto no capítulo anterior. No pensamento latino-americano, a utilização dos personagens shakespearianos Ariel e Calibã para a tentativa de compreensão de fenômenos políticos, sociais e intelectuais também foi amplamente usada.

Na prática, Mario Filho utiliza deste recurso para a) esclarecer diferenças sociais, denunciar situações de iniquidade e fornecer sínteses, ou ainda, b) fazer com que esses extremos funcionem como pontos de partida e chegada para o fluxo do sentido histórico da narrativa. Lembrando que os modos de utilização dessa estratégia podem se misturar, não sendo possível, muitas vezes, separá-los. Esse artifício narrativo já foi analisado por Antônio Soares e pretendemos ampliar suas significações.

Como exemplo do primeiro grupo poderíamos citar “a diferença entre Charles Hill e Heráclito. Um branco, mestre da fábrica, o outro, preto,

³⁵² FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 78.

marinheiro”³⁵³. Branco opõe-se a preto; mestre de fábrica, opõe-se a marinheiro. Essas oposições pertencem à mesma trama de significação – racial e de classe – pois serão os limites para entendermos os significados das diferenças entre esses personagens.

Conta Mario Filho que Heráclito era um bom goleiro, porém com problemas alcóolicos e que, não raro, entrava bêbado em campo sofrendo injúrias por parte da torcida:

Querendo sempre pegar a outra bola, a bola que não existia. O pessoal da arquibancada, que já achava que *foot-ball* era jogo de branco, acabou de se convencer. Ali estava a prova, no Heráclito. Botava-se um preto no *team* e era aquilo. Pobre Heráclito!³⁵⁴

Acontece que, como se vê, essas injúrias não se baseiam no alcoolismo do jogador e constituem-se, na verdade, como preconceitos raciais. Mario Filho poderia suspender aí sua história, contudo a Heráclito opõe-se Charles Hill: “muito jogador branco, antes dele [Heráclito], tinha entrado bêbado em campo. Bêbado de chorar. O caso de Charles Hill [...] mas branco, branquíssimo, da raça superior”³⁵⁵. Ao ser revelada, com sarcasmo, a situação antagônica, o leitor é capaz de visualizar que por de trás da indignação contra as condições éticas de Heráclito dentro de campo, estava o racismo, uma vez que com Hill nada acontecia.

Mario Filho finaliza o episódio estabelecendo mais uma oposição que se soma às outras. A separação de raça e de classe³⁵⁶ edifica também oposições em hábitos alimentares, demonstrando uma sutileza analítica no que tange os

³⁵³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 97.

³⁵⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 97.

³⁵⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 97.

³⁵⁶ “Mário constrói a oposição de classe social e raça, onde, em determinados momentos da narrativa, classe social engloba raça, ou vice-versa. Contudo, uma questão poderia ser levantada: como o futebol no Brasil teria se tornado uma marca tão distintiva de raça se a sociedade caracterizava-se pela mestiçagem e pela indefinição racial? Neste sentido, o NFB pode ser analisado em dois planos. No plano discursivo, ser elite associa-se com branquidade, status social e econômico. Entretanto, na prática das relações sociais, a idéia de branquidade se enfraquece em benefício do status sócio-econômico-cultural. Este paradoxo está claramente marcado no NFB”. SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 32-33.

costumes sociais da época: “O branco bebia *bock-ale*, bem geladinha, uísque do bom, o preto bebia cachaça”³⁵⁷. Após revelada a situação de iniquidade a partir de opostos, o autor conclui denunciando que o critério para julgar as ações dos indivíduos não eram seus atos eles mesmos, mas a cor da pele: “A grande culpa de Heráclito era ser preto”³⁵⁸. Diante da clara situação de injustiça, o leitor é convocado a tomar um lado nessa história.

Assim, o negro sempre julgado negativamente e as transgressões dos brancos toleradas, expõem um quadro em que expectativas sociais em relação à cor dos jogadores são analisadas: para o branco, foi um deslize, para o negro “ali estava a prova”³⁵⁹ de que não servia para o esporte. Por isso, também, quando tratando da ilegalidade na naturalização de jogadores brasileiros em italianos, Mario Filho escreve que:

o jogador branco, então, tinha todas as facilidades. Era branco, se trocasse de nome, se arranjasse um sobrenome italiano, ninguém na Itália daria pela coisa. [...] Muito jogador, de nome brasileiríssimo, tomou o seu navio para a Itália com passaporte falso.³⁶⁰

Esses jogadores brancos, além das facilidades em encontrar espaços à margem da lei para realizarem os seus desejos representavam no sistema de sentido do texto a negação de sua identidade brasileira. Negros que eventualmente conseguiram sair do país sem os recursos disponíveis aos brancos “é que se importavam” e faziam “muito mais questão de continuar a ser brasileiros [...] porque não quiseram assinar um papel, um pedido de naturalização. Eram brasileiros, não houve dinheiro que os convencesse”³⁶¹. Eram esses que não se sentiam desterrados do Brasil, nem mesmo quando em outras terras. A partir da oposição criada, a ação individual de jogadores negros adquire feições de vetores da nacionalidade e do orgulho nacional,

³⁵⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 97.

³⁵⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 97.

³⁵⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 94.

³⁶⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 231.

³⁶¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 231.

estabelecendo um modo de leitura dos fenômenos sociais e históricos bem semelhante ao executado por Freyre e que será analisado mais à frente em nosso trabalho.

A partir da tensão entre os diferentes extremos, um sistema de privilégios que aglutinava questões raciais e classistas vai ficando mais evidente:

Oswaldinho branco, Joel branquíssimo, Sobral mulato, Mineiro preto. Sobral e Mineiro não faziam parte do grupinho privilegiado dos donos do *team*. Eram apenas jogadores, humildes operários da vitória. Corriam em campo, molhavam a camisa, tanto ou mais do que os outros, quando acabava o jogo ficavam para um lado iam mesmo a pé para o vestiário, devagar, na procissão dos ídolos carregados em triunfo. Joel e Oswaldinho lá em cima, nos braços da multidão [...] Não estranhavam, estavam acostumados com pouca coisa.³⁶²

Além das transgressões toleradas, o reconhecimento do esforço dos “operários da vitória”, não proprietários, portanto, daquilo que produzem, também era deixado de lado. Oswaldinho e Joel, “donos do *team*”, no topo e aos olhos de todos, desejados. Sobral e Mineiro, ocultados no espaço fechado e sem glamour dos vestiários, fora do ritual de comemoração da vitória, como se nem dela tivessem participado, caminhando para fora de campo como quem caminha para o esquecimento. A resignação de Sobral e Mineiro diante do evento, remete à experiência de vida de ambos e, mais que isso, ao conhecimento de uma ordem estabelecida da qual estão de princípio excluídos. Em outras palavras, era a normalidade na qual estavam inseridos.

Ainda sobre o período em que o destino do futebol ainda não havia se cumprido, o raciocínio por oposições continua da seguinte forma:

O *foot-ball* não alterava a ordem das coisas. Pelo contrário. Onde se podia encontrar melhor demonstração de que tudo era como devia ser? O branco superior ao preto. Os ídolos do *foot-ball* todos brancos. Quando muito, morenos. [...] A superioridade de raça, da raça branca sobre a raça preta, a superioridade de classe, da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa. A baixa lá em baixo, a alta lá em cima.³⁶³

³⁶² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 202.

³⁶³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 69.

O futebol, dessa forma, inserido na lógica social excludente da Primeira República, funcionava como lugar de reprodução da sua divisão e distância sociais e de contribuição para a perpetuação de estigmas de inferioridade característicos da sociedade recém egressa do regime escravocrata e em transição para uma sociedade de classes. O critério social é evidente para Mario Filho: “Para alguém entrar no Fluminense tinha de ser, sem sombra de dúvida, de boa família”³⁶⁴; ou ainda: “não bastava saber jogar *foot-ball* para entrar num clube como o Fluminense e o Botafogo. Era preciso ser de boa família”³⁶⁵. Dessa maneira: “as distâncias sociais, com todas as suas gradações, mantidas religiosamente”³⁶⁶.

Voltando a questão do sentimento de superioridade entre raças e classes, ressalte-se que o autor indica que essas situações são relacionais. A classe média, inferior à alta, mas superior à baixa. Essa constatação histórica de Mario Filho compagina-se à interpretações historiográficas recentes. Por exemplo, o historiador Sidney Chalhoub aponta que:

A reconstrução do preconceito racial e nacional neste contexto passa, na verdade, tanto por uma série de imposições propaladas de cima para baixo pelas classes dominantes quanto pelos ajustamentos dos populares às condições concretas da luta pela sobrevivência.³⁶⁷

Outra oposição derivada de relações de classe e de raça é a que diz respeito ao trabalho e ao lazer. O futebol, em seu começo, sendo um lugar de sociabilidade de elite, era um espaço do lazer, da diversão, da ludicidade: “O trabalho não combinava com o *foot-ball*”³⁶⁸. A prática do esporte era luxo daqueles com tempo livre. Assim,

para entrar no Fluminense o jogador tinha de viver a mesma vida de um Oscar Cox, de um Felix Frias [...], todos homens feitos, chefes de firmas, empregados de categoria de grandes casas,

³⁶⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 24.

³⁶⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 44.

³⁶⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 50.

³⁶⁷ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p.61.

³⁶⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 86.

filhos de papai rico, educados na Europa, habituados a gastar [...]. Quem não tivesse boa renda, boa mesada, bom ordenado, não aguentava o repuxo.³⁶⁹

Essa esfera do lazer não poderia ser afetada pelo mundo do trabalho subalterno, que na história social brasileira está relacionado a um significado depreciativo, por isso “a Liga Metropolitana não deixava praça de pré jogar em nenhum clube (Nem praça de pré, nem garçom, nem barbeiro. Quem recebesse gorjeta, quem tivesse emprego subalterno, era cortado. Até *chauffeur*).”³⁷⁰

Quando essa visão já não é tão influente um episódio demonstra como o futebol pôde funcionar como instrumento para, novamente, inverter uma ordem social estabelecida. Anatol Rosenfeld, muito inspirado por Mario Filho, já havia sugerido esta inversão em “O futebol no Brasil”:

Apenas poucas décadas antes havia sido abolido o sistema de escravidão. Ainda aderiu uma mancha a qualquer trabalho manual. Dar pontapés numa bola era um ato de emancipação. De repente o próprio jogo tornou-se trabalho, e pôde igualmente relacionar-se com a emancipação dos escravos.³⁷¹

Sobre a mesma temática, Wisnik conclui:

Mais do que qualquer outro esporte, o futebol dava lugar a essa gana, da parte de descendentes de escravos ou não, de brincar com a obrigação, de meter os pés pelas mãos e de explorar a margem ampla e única de gratuidade, de invenção individual, de produtividade e ócio, de uma narratividade aberta ao épico mas também ao trágico, ao dramático, ao lírico e ao paródico, que só o futebol inglês, entre muitas formas concorrenciais do esporte moderno, permite. Nele, mulatos criam uma linguagem lúdica (a curvatura da reta e a quadratura do circo) na qual se costuram os fios mal amarrados da escravidão mal abolida e sem projeto, e que se convertem numa afirmação esplêndida de potência, que é promessa de felicidade.³⁷²

Em 1933, por exemplo, após um título do Bangu, clube do subúrbio do Rio de Janeiro, com operários no time e na torcida, há uma simulação do luxo restrito

³⁶⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 20-21.

³⁷⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 134.

³⁷¹ ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 85.

³⁷² WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 242.

às classes abastadas, pois os trabalhadores faltam ao trabalho no dia seguinte. “Muito torcedor do Bangú dormindo na rua, deitado na calçada, até na porta da igreja”³⁷³, escreve Mario Filho, como se o futebol, naquele instante, tivesse sido capaz de sublimar as relações capitalistas de trabalho. Diante da ausência dos funcionários, “a administração da Companhia Progresso Industrial do Brasil não estranhou, compreendeu, quem ia pensar em trabalho um dia depois do Bangu levantar o campeonato?”³⁷⁴. Uma concórdia geral é, dessa forma, estabelecida e isso marca o lugar do futebol no Brasil para Mario Filho. Sobre esse aspecto, Marcelino Rodrigues aponta que “há no livro um evidente esforço para acomodar esses elementos em uma narrativa de conciliação e democratização”³⁷⁵. E justamente nesse ponto, residiria a “promessa de felicidade”, como lido por Wisnik, para a nação brasileira.

A relação entre o remo e o *cricket* com o futebol também pode ser analisada dentro deste sistema de oposições. Nesse esquema será possível reconhecer, para além das já citadas: elite e popular, indiferença e desejo, garoto e moleque, bola de pelica e bola de meia, prática restrita e prática vulgarizada, dentre outros.

Mario Filho escreve que nos primeiros anos de futebol “quem era do remo olhava quem era do *foot-ball* por cima”³⁷⁶. Aquele era o principal esporte de então, “os jornais falavam mais de remo”³⁷⁷, seus praticantes com ares de superioridade calcadas na assimetria masculino e feminino, já que “o *foot-ball* tinha, para o remador, uma delicadeza de ballet”³⁷⁸, sendo “o remo mais

³⁷³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 258.

³⁷⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 259.

³⁷⁵ SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mario Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 207.

³⁷⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 39.

³⁷⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 41.

³⁷⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 42.

másculo”³⁷⁹. Mas o sentido extraído da oposição entre gêneros não era o único presente.

Na cabeça dos remadores, a feminilidade do futebol teria relação também com sua infantilidade, uma vez que

jogadores correndo atrás de uma bola, levantando a perna, dando saltinhos [...] correr, pular, parecia coisa de crianças. Por isso as crianças gostavam tanto de *foot-ball*. As ruas se transformavam em campos de *foot-ball*.³⁸⁰

Superado o paralelo entre o feminino e a infância, instaura-se a dicotomia entre infância e maturidade. No mundo das crianças, o interesse pelo futebol dava-se pela sua ludicidade, contudo Mario Filho localiza o lugar da brincadeira de bola na rua, no espaço público. E na perspectiva dos remadores, que se sentiam superiores, “o *foot-ball* se vulgarizava, se alastrava como uma praga”³⁸¹. Em oposição ao remo de ambientes restritos, esporte “brasileiro, mas branco”³⁸², como já visto. Além disso, “os espectadores ficavam distantes dos remadores, tendo que observar a competição através de binóculos”³⁸³.

O futebol tornava-se do povo, “qualquer moleque, qualquer preto podia jogar *foot-ball*. No meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais”³⁸⁴. Fora dos ambientes controlados, da ordem social rígida no mundo dos adultos, o novo esporte contagiava como uma praga, diferentemente do remo que “terminada a regata, o torcedor não voltava para a casa com vontade de entrar para um clube de remo”³⁸⁵. Quando colocado em relação ao futebol, Soares escreve que seu praticante:

era diferente, pois confundia-se corporalmente com os homens comuns. O homem comum poderia se ver jogando; remando,

³⁷⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 41.

³⁸⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 42-43.

³⁸¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 43.

³⁸² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 44.

³⁸³ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 41.

³⁸⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 43.

³⁸⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 43.

não. Além do mais, futebol era uma atividade que se identificava com a infância. Homens pulando, correndo atrás de bola, lembrava os jogos tradicionais de criança. Remar, não.³⁸⁶

Para a velha ordem identificada com o remo, “vulgarizar” significava incluir um grupo de pessoas desqualificadas nas dinâmicas de lazer – “qualquer preto” poderia praticar. Portanto, esse olhar de cima possui tanto o julgamento de caráter social quanto racial.

Entretanto, a “praga” do futebol não cativava apenas os meninos pobres e negros, mas também os brancos de elite: “Nas ruas dos bairros chiques a bola era de pelica, de gomos coloridos, nas ruas de bairros pobres, a bola era de meia”³⁸⁷. Sempre na rua, as condições materiais envolvidas na prática são consideravelmente diferentes. Apesar disso, respeitando a lógica do sentido histórico do texto, na infância, neste momento em ruas distintas, independentemente da cor ou classe, já há união silenciosa pelo gosto.

Além disso, há uma diferença entre a nomenclatura utilizada para distinguir as crianças, como era o costume social dos anos sob análise: os ricos e brancos são garotos, os brancos pobres e os negros são moleques. Para os garotos, para que o seu futuro de sucesso seja concretizado, basta que o tempo aja: “o garoto de boa família [...] crescia e tinha um lugar garantido no Fluminense, no Botafogo, no América. Um lugar à espera dele”³⁸⁸. Neste mundo das hierarquias sociais rígidas da Primeira República, o espaço para o mérito é reduzido devido ao tamanho da desigualdade que separa pelo berço as distintas esferas sociais. A normalidade dos garotos era o treinamento em campos, vendo os jogadores diariamente nos clubes, com os equipamentos à disposição, com a boa vontade dos adultos em ensiná-los. Os lugares esperavam por eles.

Em contrapartida, “a desvantagem do moleque era enorme”³⁸⁹, mas foi essa experiência que fez deles virtuosos. “Não iam para o colégio, ficavam na

³⁸⁶ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 41-42.

³⁸⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 43.

³⁸⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 81.

³⁸⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 80.

rua”, “os pretinhos, os filhos da cozinheira³⁹⁰, sabiam fazer bolas de meia, redondinhas, que saltavam”, fato que melhorava “domínio de bola”³⁹¹. Na rua, no espaço público, fora dos clubes, dos ambientes regrados, os moleques adaptavam-se e adaptavam o jogo às suas condições materiais e adquiriam habilidades inexistentes nos garotos³⁹².

Curiosamente, aquela hierarquia rígida no mundo dos adultos começa a ser desfeita no universo infantil. Há uma inversão simbólica na atribuição de valores às qualidades necessárias para a prática do jogo: “fazendo inveja aos garotos de boa família” eles “paravam, com vontade de matar a aula, de jogar *foot-ball* também”³⁹³. Submetidos às formalidades do jogo regrado nos clubes, esses garotos sentem inveja, pois os recursos materiais escassos não funcionam como freio para a liberdade de jogar e, por isso, esta operação mental de Mario Filho casa com o que dissemos sobre o processo de tradução do futebol. A vontade de “matar aula” pode ser lida de forma mais ampla como o desejo de fugir à forma fixa preestabelecida e aprender na rua. Mais à frente veremos como o par universidade e rua se constitui como um ponto dentro desse modo de ver a história. É o caráter improvisado do jogo que chama a atenção dos garotos, e justamente “a mais simpática improvisação”³⁹⁴, já havia sido classificada por José Lins do Rego em prefácio à *Copa Rio Branco*, 32, como uma “boa moda brasileira”³⁹⁵.

Dissemos que o *cricket* também funciona como significante que se opõe ao futebol. Descrevendo um dia de jogo de *cricket*, apenas com ingleses, já que,

³⁹⁰ Percebe-se que a questão racial aparece junto do universo do trabalho em muitas passagens.

³⁹¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 80.

³⁹² “Os moleques de rua eram autodidatas, jogavam aquilo que intuía ser futebol, enquanto os meninos de “boa família” jogavam o futebol à inglesa, aquele aprendido com professor. A partir desta oposição entre a socialização do menino de ‘*boa família*’ e os moleques de rua, Mário introduz uma mediação: a pelada se torna uma ‘zona de confraternização’”. SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 54.

³⁹³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 80.

³⁹⁴ REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco de 32*. Rio de Janeiro, Irmão Pongetti Editores, 1943, p.7.

³⁹⁵ REGO, José Lins do. A biografia de uma vitória. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco de 32*. Rio de Janeiro, Irmão Pongetti Editores, 1943, p. 7.

segundo Mario Filho, não aceitavam nem os brasileiros brancos, e seu clima apático, o autor diz:

Em dias de *foot-ball* a coisa mudava de figura. Os operários ficavam para ver, muitos brancos, mulatos, pretos, com vontade de dar também o seu pontapé na bola. Bastava a bola ir fora, e ela ia fora de quando em quando, êles corriam atrás dela, como garotos atrás de um balão de São João.³⁹⁶

Além de aspectos já abordados, vemos a mesma vontade de participar do jogo nesses operários, como vimos nas crianças. A essa vontade, oposto está a indiferença para com o remo e o *cricket*. Sabemos que desse desejo contido para jogar futebol virá a glória e a realização nacional.

O título do capítulo 2 de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* traz a oposição “O campo e a pelada” que

estabelece, inicialmente, a separação entre elites e populares. As elites possuíam o *ground* ou o *field* para o aprendizado do futebol à inglesa, e os populares (população em sua maioria de negros, mulatos e mestiços) possuíam a pelada ou racha nos terrenos baldios.³⁹⁷

Essa divisão muito tem a ver com os extremos garoto e moleque. O campo dos garotos, a pelada dos moleques:

Nesses contatos entre o campo e a pelada, os moleques de pé no chão impressionavam os garotos de boas famílias. Que levavam para o colégio a notícia de um pretinho que ia ser um grande jogador de *foot-ball*. Só vendo o domínio de bola que ele tinha. O pretinho crescendo, porém, não ia para o campo, ia para a pelada, se arreentar nos arranca-tocos.³⁹⁸

Algo ultrapassa essas interações entre garotos e moleques e é o próprio sentido histórico do texto já analisado. Portanto, vale registrar que a utilização da infância aparece sob duas lentes. A primeira dispõe como oposições infância e maturidade. Nessa oposição o caminho natural e orgânico da vida de um indivíduo – da infância à idade adulta – seria utilizado para significar o percurso transcorrido pela evolução do futebol e da própria sociedade brasileira durante

³⁹⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 17.

³⁹⁷ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 52.

³⁹⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 81.

os anos em estudo. Em segundo lugar, confrontam-se o garoto e o moleque. Separados pela ordem social, o gosto pelo o esporte os uniu. Se as hierarquias sociais eram rígidas, a lógica do desejo é porosa e abraça todos os seres humanos. Desse gosto, ocorre uma inversão simbólica dessa mesma ordem social até então inimaginável no mundo dos adultos: a inveja de jovens brancos e de elite dos moleques “pretos”, “mulatos” e “brancos pobres”, como diz Mario Filho. Agora, o que deve ser observado é como esses dois universos relacionados à infância imbricam-se. Acredito que a chave da compreensão para tal esteja no “contato” em contraposição às distâncias bem conservadas de outrora. Esses seriam espaços de “mediações”, como sugere Soares, “caminhos ambíguos e tortuosos pelos quais o preto e o mulato teriam tido acesso ao futebol: fábrica, terrenos baldios que se improvisavam em campos e contatos esporádicos entre elite e populares”³⁹⁹.

Quando Mario Filho fala em “contato” ele não está se referindo a qualquer encontro, mas sim ao encontro entre crianças, que simbolizam os construtores do futuro, seres sem experiência e abertos ao mundo, pois não dominam as regras sociais dos adultos. Acreditavam em um futuro que até então era impossível: “um pretinho que ia ser um grande jogador”⁴⁰⁰, porque não sabiam que o futebol era um espaço restrito às elites brancas. À vista disso, as crianças representam o signo da mudança que irá acontecer ao final da trajetória de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Outro ponto presente e relevante neste contato é que ele se dá na rua, na cena pública. O futebol no Brasil em sua trajetória de formação começa a se hibridizar fora dos espaços institucionais e quando as classes e as raças encontram-se na infância.

O pensamento de Mario Filho torna-se mais complexo se não deixarmos escapar o que o espaço da rua representa em outra relação antagônica. A rua funcionava como substitutivo à educação formal para aqueles que não puderam, devido ao sistema de exclusão social na vida republicana, ter acesso às instituições. O ensino às camadas marginalizadas era negado inclusive na esfera

³⁹⁹ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 25.

⁴⁰⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 80.

esportiva. A estrutura dos clubes é vista como uma espécie de universidade⁴⁰¹ em que as classes privilegiadas podem aprender o futebol. Mario Filho, então, escreve: “O jogador preto não podia aprender com o professor”⁴⁰² e continua:

Assim o preto, quando aprendia, era quase sozinho. As portas dos grandes clubes fechadas para ele. Das academias. A expressão academia, academia de *foot-ball*, significando o grande clube, onde se ensinava *foot-ball* de fato, nasceu na geral, não na arquibancada. O branco pobre, o mulato, o preto, estabelecendo a diferença entre o grande e o pequeno clube. A academia e a escola pública. O campo cercado, com arquibancada e tudo, e a pelada, um campo sem grama, pelado. Quando não entre o *field*, como saía no jornais, ou *ground*, e a rua. Um verde, macio, de grama bem aparada, um tapete, o outro de barro, de pedra. Muito diferente. O branco dos *fields*, dos grande clubes, tendo ainda por cima um professor, o capitão do *team*, gritando sem parar, em inglês. O preto das peladas, das ruas, não tendo ninguém. A única coisa que o ajudava era a intuição. A certeza de uma vocação que o fazia fabricar um bola de meia, para jogar, para aprender. Procurando se lembrar do que tinha visto. Imitando, a memória servindo de espelho. Um espelho não muitas vezes fiel. Deturpando jogadas.⁴⁰³

No contexto de abandono social dos negros no período pós-abolição da escravidão, o “preto” teve de aprender sozinho – pela intuição, imitação criativa e vocação – realizando ele mesmo o movimento de tradução do futebol inglês. Há uma separação entre essa camada da população e as instituições seja no futebol, seja na educação formal. Frente à débil comunidade republicana, os negros só tinham uma alternativa para lidar com o novo tempo: aprender por conta própria, à margem das instâncias oficiais. O que os negros possuíam era o desejo de participar e se esperassem que outros os convidassem não participariam do jogo. Não lhe restaria outra opção, o negro precisava ser agente de sua história. E nessa agência improvisada e intuitiva, ele foi traduzindo o *foot-ball*. Por isso, harmonizando o significado de “aprender sozinho” com o restante

⁴⁰¹ “O jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em *foot-ball*. O grande clube sendo uma espécie de universidade. Tudo quanto era professor ia para lá. Ingleses, brasileiros que tinham estudado na Europa, todos com o seu curso de *foot-ball*. Foram eles que trouxeram o *foot-ball* para o Brasil” RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 75.

⁴⁰² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 75.

⁴⁰³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 76.

do texto perceberemos que essa solidão não é individualizada, mas antes indica a solidão de um grupo social frente às instituições da época.

A metáfora dos clubes como espaços pedagógicos ganha potência, pois Mario Filho relata que foram os torcedores da “geral”, não os da arquibancada, que estabeleceram a comparação. Ou seja, os próprios membros da classe baixa, que coincidia majoritariamente com a população negra, identificavam nos clubes o paralelo com instituições inalcançáveis, como o ensino superior.

Não podemos deixar passar a oposição entre campo e pelada, uma vez que é única que ganha *status* de título de capítulo. O campo aparece como ambiente estruturado, bem cuidado, restrito, macio, colorido, estrangeiro, com todos os recursos necessários para a prática do esporte, enfim, o cume social do problema em questão. A pelada, por sua vez, é o lugar da ausência, nua, árida, dura, cinza, mas está no espaço público, na rua, é de todos. O contato com o jogo nos campos é mediado por equipamentos; nas peladas, os que jogam, com “pé no chão”, têm contato direto com o mundo, sem proteção, sem mediação. Essa ideia de um contato direto entre o corpo do povo particularizado em indivíduos pretos, mulatos, brancos pobres e o chão da “pelada”, produz uma imagem potente para construções identitárias, uma vez que esse solo é a esfera pública do solo pátrio. É da comunhão entre aqueles pés e aquela terra que nascerá o Brasil moderno, um Brasil capaz de realizar-se historicamente, porque seus filhos são exatamente a extensão do seu solo.

No encontro entre os mundos da elite e do povo:

que o futebol brasileiro forma sua identidade, isto é, existe uma conciliação em busca da unidade das metades “superior e inferior”. Mediação por sinal muito semelhante à da *Casa-grande & senzala* ou dos *Sobrados e mucambos*.⁴⁰⁴

Um contato, afinal, que permitia a circulação cultural entre elite e povo, negros e brancos, garotos e moleques. Mas lembrando que o principal agente da construção da identidade é o polo que tem o corpo em contato direto com o chão pátrio. Finalizamos esta etapa com essa caracterização, pois agora iremos nos

⁴⁰⁴ SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 55.

debruçar sobre aquilo que acreditamos ser o significado nas relações entre o campo de jogo e o ambiente que o circunda.

Fronteiras: o campo, a geral, a arquibancada e a rua

Já foi dito que em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* a rua configura-se como espaço público de encontro entre classes e raças, assim como laboratório de aprendizado para populações marginalizadas no período inicial da República. Além disso, no que poderíamos chamar de topografia do texto, ela está situada do outro lado dos muros dos estádios de futebol, daí a sua relação antagônica com os clubes. Os estádios, por sua vez, possuem em seu centro o campo, que está circundado pela geral, lugar em que a classe baixa assiste as partidas, e arquibancada, local mais elitizado.

Mario Filho explica a dinâmica da audiência em um jogo construindo metáforas domésticas. Há uma correspondência entre lugar ocupado no estádio e o lugar social, assim como lugar social e espaços ocupados no interior de uma casa. A arquibancada seria a sala-de-estar, “a geral [...] era a cozinha, a copa, o quintal. Mais pra dentro, quase pra fora”⁴⁰⁵. No que diz respeito à quantidade de pessoas presentes: “mais gente, a princípio, na arquibancada. A geral quase vazia”⁴⁰⁶. A comparação deixa evidente o caráter segregacionista dentro de um mesmo espaço: “Quem era da geral ficava na geral, quem era da arquibancada ficava na arquibancada. Todos satisfeitos. Não havia choques. Pelo menos essa era a ilusão”⁴⁰⁷. A arquibancada-sala certamente o lugar privilegiado nesse cenário, o mais confortável e aquele que traz consigo a ideia de prazer, desfrute, sociabilidade, deleite e descompromisso. Já a geral como cozinha/copa/quintal o local apartado, secundário, que remete ao universo do trabalho e do serviço prestado a quem está na sala. Mario Filho identifica esse espaço, ainda, como

⁴⁰⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 32.

⁴⁰⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 34.

⁴⁰⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 32.

um entre-lugar, uma vez que “dentro, quase pra fora”, na divisa entre os da arquibancada e os de fora do estádio, como veremos.

Não é de menor importância lembrar que Gilberto Freyre vê a cozinha como ambiente essencial para a formação nacional, pois ali teria acontecido uma das mais bem sucedidas misturas da cultura brasileira sob a coordenação dos negros:

Um traço importante de infiltração de cultura negra na economia e na vida doméstica do brasileiro resta-nos acentuar: a culinária. O escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos.⁴⁰⁸

Nesse mesmo sentido, Soares afirma que:

Talvez a metáfora da casa tenha relações com a interpretação freyreana da proximidade entre a casa-grande e a senzala, ou entre os sobrados e os mucambos. A geral, embora separada da arquibancada, funcionava como complementaridade, tal como a senzala da casa grande ou a cozinha do sobrado.⁴⁰⁹

É plausível dizer, após o caminho percorrido até aqui, que Mario Filho ao associar o lugar destinado no estádio às pessoas mais pobres, que coincidem majoritariamente com a população negra, possui a mesma intenção de valorar positivamente esse grupo étnico-social como responsável direto pelo sucesso do futebol e sua capacidade de transformar a miscibilidade em uma das maiores potências da cultura brasileira.

Não obstante, os da geral não fazem parte por completo desse espetáculo. Para os atores envolvidos na partida, Mario Filho escreve que quando entravam em campo “corriam logo para o lugar mais cheio de chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, muitas flores, frutas, plumas. [...] Os jogadores não iam depois repeti-lo diante da geral, onde se amontoavam os torcedores sem colarinho e gravata”⁴¹⁰. No princípio, apesar de geral e arquibancada serem o público, os jogadores reconheciam apenas aqueles da elite – seus pares – como expectadores dignos de serem saudados. Na geral,

⁴⁰⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 452.

⁴⁰⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 38.

⁴¹⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 36.

os excluídos do interior. Quem está em campo estabelece um pacto com quem está na arquibancada, pois há ali uma relação de espelhamento entre iguais.

Os da geral, excluídos de dentro, porque ainda existia a audiência que utilizava de artimanhas para assistir sem pagar a entrada, do lado de fora. Havia, dessa forma, a arquibancada-sala, a geral-cozinha (ou copa, ou quintal) e “o sereno era o morro, que se cobria de curiosos sem dez tostões para comprar uma geral, e que só viam pedaços do jogo. Metade do campo, um *goal* lá embaixo, lá no fundo, os jogadores pequeninos”⁴¹¹. Do outro lado do muro do estádio, essas pessoas motivadas a ver o jogo faziam como a necessidade as aconselhava. Dessa forma, possuíam visibilidade incompleta do campo e dos praticantes. Estavam excluídos do cenário onde a partida acontecia e tendo acesso torto a ela, não a vivenciavam em sua inteireza. Uma vez mais, é a falta e o entre-lugar que marcam as populações marginalizadas nos anos iniciais do futebol na narrativa de Mario Filho.

A relação das equipes com a disposição do estádio e o constante aumento de relevância do futebol para a população do Rio de Janeiro era a seguinte: “O Fluminense e o Botafogo não viam perigo nenhum nessa vulgarização do *foot-ball*. A arquibancada ficava de um lado, a geral do outro”⁴¹². Inclusive, quando brigas aconteciam no estádio, o código social deveria ser respeitado e estava internalizado, segundo Mario Filho: “um preto podia brigar com um branco se o branco fosse da geral. Em branco da arquibancada ele não tocava”⁴¹³. Ou seja, para esses clubes de elite, desde que a ordem social fosse mantida, não haveria problema na popularização do jogo. Entretanto, já vimos que o sentido histórico do texto corre em direção oposta às expectativas dos membros das elites esportivas do Rio de Janeiro.

Fazendo uma breve recapitulação teríamos no centro das atenções o campo, esse lugar em que o jogo acontece observado por todos, submetido a regras próprias, com jogadores, em sua maioria, brancos e da elite carioca. Na

⁴¹¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 32.

⁴¹² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 44.

⁴¹³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 62.

arquibancada, teríamos, na audiência, o mesmo grupo social daqueles que participam da partida. Na geral estavam “o branco pobre, o mulato e o preto”, como Mario Filho classifica. No sereno, nos morros que ficam fora do estádio, o mesmo grupo social da geral, só que sem condições de pagar pelo ingresso.

Evidenciando essa correspondência entre campo e arquibancada, Mario Filho escreve: “os garotos do Rio na arquibancada. Sem perder um jogo. Cada jogador do Fluminense era um professor para eles. Não é assim, é assim. Eles podiam bater bola dentro do campo”⁴¹⁴. Em outro momento: “O campo. O campo do Fluminense aberto para os garotos do Rio, fechado para os moleques. [...] Os moleques na cerca, de olho grande, esperando que uma bola fosse fora”⁴¹⁵. Os moleques, fora do espaço próprio para o jogo, como vimos, mas “de olho grande”, cheios de vontade de participar e sem ninguém para ensiná-los. A chance deles de chutar uma bola de verdade era “quando ia fora, e assim mesmo um moleque ou outro, o mais ligeiro, o mais valente, à disposição deles”⁴¹⁶.

O campo vai se configurando assim como um espaço privilegiado e de manutenção do *status quo* daquela sociedade:

Toda quarta-feira os garotos do Rio treinavam no campo da rua Guanabara. Vinham com suas maletas, tal qual os jogadores do Fluminense, com as suas chuteiras, as suas meias de lã, as suas camisas.⁴¹⁷

Mesmo nas horas em que não aconteciam as partidas, o campo configurava-se como um lugar social bem específico inalcançável para os moleques. A oportunidade para participar era quando a bola ia para fora, saía daquele espaço. E a bola só vai para fora, porque a jogada, o lance, não fora bem-sucedido. A bola, quando ultrapassava, sem querer, essa fronteira que não era meramente espacial, mas também simbólica, caía na rua e dava início a um embate de todos contra todos para ver quem conseguiria anarquicamente chutá-la. Aquele que

⁴¹⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 79.

⁴¹⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 79.

⁴¹⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 79.

⁴¹⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 79.

conseguia tocar na bola, o fazia, não por conhecimento aprendido, mas por virtudes naturais, emulando uma luta pela sobrevivência individual.

Aos moleques, um mundo marcado pela falta, pela ausência quando comparado o universo dos garotos. Os moleques

não podendo ter nada disso. Nem o campo, nem a bola, nem a chuteira, nem as meias, nem as camisas. Jogando na rua, de pé no chão, com bola de meia. Quando cresciam e entravam para um clube, clube pequeno, de gente pobre, estranhavam a bola, a chuteira. A bola enorme, dura, cheia demais, pesada de tanta lama das peladas.⁴¹⁸

Feita a passagem para o mundo adulto, há o estranhamento por conta do confronto entre a experiência vivida nesse mundo em que tudo faltava, em que não havia recursos técnicos para mediar o uso do corpo com o esporte – não têm isso, nem aquilo –, e o mundo formal, do jogo regrado, com seus materiais próprios. Esse moleques – brancos pobres, mulatos e pretos – estranhavam o mundo oficial do futebol não por uma ignorância atávica, mas por serem consequência de um problema social maior que o próprio esporte, já que este espaço era o da reprodução da ordem social na Capital do Brasil. O forte trunfo dos moleques era a capacidade de adaptação e improviso.

Como vimos, foram esses moleques, nas ruas, que passando à idade adulta, realizaram a transformação no destino do futebol no Brasil pelo contato com os submetidos à esfera étnico-social do campo. O esporte que se tornou nacional e que promoveu, na narrativa de Mario Filho, o encontro do Brasil consigo mesmo, teve na sua origem a marca da falta e do espaço público como lugar principal para a subversão dos privilégios abrigados nos espaços privados⁴¹⁹. Um Brasil que se construiu, portanto, da margem para o centro.

Além disso, a transgressão fez parte desse desejo de participar do espetáculo que era restrito a poucos. Mario Filho conta do desejo insaciável dos moleques para ver os treinos dos times:

⁴¹⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 80.

⁴¹⁹ “Mario Filho priorizo a rua como espaço social privilegiado de constituição da identidade nacional. Foi na rua que se aprendeu a jogar bola, a ser malandro, a jogar capoeira, a trabalhar, a ser artista e a enfrentar os fracassos e a própria morte sem medo”. GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 129.

Os mais atrevidos desciam [o morro], dispostos a tudo para entrar. A pedir esmola. A pular o muro. O muro não era tão alto assim. Havia sempre um pretalhão na calçada, vendendo um empurrão para dentro do campo por quatrocentos réis. [...] O pretalhão, às vezes, ajudava o moleque sem cobrar nada.⁴²⁰

Os moleques descem do morro para a planície, sendo essa outra das oposições socioespaciais que têm a ver com a dinâmica de urbanização da cidade. O morro, lugar da falta, desce em busca de transgredir a ordem das coisas, invadir a planície sem ser convidado, entrar em campo de qualquer maneira, pedindo esmola, pulando o muro, rompendo a fronteira. Os moleques contavam até com a solidariedade do “pretalhão”, que ajudava correndo o risco de ser pego e sofrer as consequências. Os meninos e o ajudante tinham de utilizar de estratégias para despistar as suas ações e uma delas era fingir que estavam brincando de “pula carniça”⁴²¹. Nesse modelo de construção narrativa sobre o ludíbrio, há uma lógica de fundo análoga ao surgimento da capoeira como luta que se traveste de dança. Rosenfeld discorreria sobre essa qualidade da luta:

A famosa *capoeira*, forma acrobática de autodefesa, cujos representantes, quase sempre homens de cor, sabiam derrubar redondamente o adversário perplexo através de uma técnica rica em truques de violentas cabeçadas e ágeis rasteiras, tanto mais quanto a última foi cultivada como dança com acompanhamento musical.⁴²²

Novamente, é a lógica da sobrevivência que coordena as atitudes do moleques. Sem recursos, ainda estavam sob a vigilância dos funcionários de dentro do campo ou da polícia. Tinham de driblar as adversidades – improvisar coletivamente – para se colocarem no espaço do campo e, ao fim e ao cabo, fundarem um novo modelo de relações.

Por isso, quando um negro como Jaguaré conseguiu sucesso como jogador, fazia de tudo para não sair de campo.

Questão de vida e morte. Parando de jogar Jaguaré voltaria a ser o que tinha sido, a andar de tamancos, toque toque, um palito espetado num canto da boca. Teria de carregar de novo sacos

⁴²⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 79.

⁴²¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 78.

⁴²² ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 75-76.

de farinha para o Moinho Fluminense, de pegar no pesado. Só um branco como Fortes podia dar-se ao luxo de não querer jogar.⁴²³

Jaguaré sabia da dificuldade para estar naquele espaço e conhecia a luta para se manter ali. Os obstáculos enfrentados por Jaguaré deviam-se à sua condição étnica e, assim, ele dependia quase que exclusivamente de si para não voltar ao lugar social de onde havia saído:

Por isso ele chegava a dormir no vestiário, deitado no banco duro, de pau. Fazia um travesseiro com os braços cruzados, com um pouco pegava no sono. Welfare só o acordava na horinha do *team* entrar em campo. E acordava-o de leve, tocando-lhe no ombro.⁴²⁴

Jaguaré vive uma situação de deslocamento. Está no centro da lógica futebolística (em campo) mas não tem os luxos dos jogadores brancos. O caso de Manteiga é melhor exemplo desse entre-lugar de jogadores negros em clubes em que os hábitos que os circundam pertencem à elite branca. Manteiga

não dizia nada, mas ficava para o seu canto, no seu lugar. Entrava no vestiário, mudava de roupa depressa, só se sentia bem dentro do campo. Os outros jogadores brincavam com ele, Perez chegava a lhe dar palmadinhas na barriga. Podiam tomar intimidade com ele, ele não tomava intimidade com ninguém. Tratando todo mundo de senhor, tirando logo o chapéu quando alguém se aproximava para falar com ele [...]. O jogo acabava, os torcedores da geral entravam em campo, carregavam Manteiga em triunfo. Era o momento de glória de Manteiga. Todo mundo gritando América e Manteiga. Até as moças da arquibancada.⁴²⁵

Manteiga não sabe estar nesta centralidade social de festas glamorosas que ofereciam os clubes: “Manteiga teria preferido ficar na calçada, de longe”⁴²⁶, no lugar que historicamente foi destinado à população negra. Mesmo sendo figura principal no time trata com ares de inferioridade os colegas. Manteiga sabe estar apenas no centro do espetáculo, em campo, no jogo, onde no livro ocorrerá a

⁴²³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 208 209.

⁴²⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 213.

⁴²⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 136.

⁴²⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 136.

democracia racial ou nos braços dos seus iguais da geral. Não pertence, porém, ao correspondente social desse *centro* esportivo – a arquibancada.

Outra forma de entrar em campo, fora as já mencionadas, era o “sururu”, a briga que acontecia dentro dos estádios durante as partidas: “o sururu levava o branco pobre, o mulato, o preto para o campo”⁴²⁷. Entravam em campo a partir da transgressão violenta, da invasão e do rompimento da fronteira estabelecida com a geral. Acontece que Mario Filho escreve também: “Não os levava, porém, para a arquibancada”⁴²⁸. A arquibancada permanecia como um lugar inatingível para aquele grupo social. Para Manteiga, a arquibancada eram as festas glamorosas em que não se sentia bem, Jaguaré ia do campo para o vestiário ignorando o luxo da arquibancada. Essas três histórias relatadas por Mario Filho encarnam o futuro do futebol em sua dinâmica com a sociedade brasileira. O processo de democratização que aconteceria no futebol, não chegava ao mundo social – as arquibancadas permaneciam inalcançáveis.

Porém, uma aparente interação entre os lugares do estádio acontecia no intervalo:

todo mundo ia para o bar. Quem saía da arquibancada recebia o tal cartão, para se distinguir de quem saía da geral, que não recebia cartão nenhum. Mas o que diferenciava o homem da arquibancada do homem da geral não era o cartão. O porteiro olhava, via logo. Principalmente quando o homem da arquibancada tinha uma fitinha, com as cores do clube, em volta do chapéu de palha.⁴²⁹

Nesse caso, quando o tempo de jogo é suspenso, há um convívio entre as partes, mas que não se configura como mistura, já que o sistema de diferenciação de torcedores continua nos cartões recebidos pelos da arquibancada. Novamente, o que marca a classe baixa é a falta. Mario Filho observa que o cartão também não seria necessário para que o porteiro soubesse quem pertence a qual lugar. O reconhecimento das condições sociais de uma pessoa é claro devido à vestimenta, mas também poderia ser pela cor da pele.

⁴²⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 62.

⁴²⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 62.

⁴²⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 32.

Quando o tempo da partida cessava, a convivência entre diferentes correspondia à segregação do mundo social.

Outro caso, o do confronto entre o jogador Feitiço e o presidente da República Washington Luís, evidencia como o campo e a arquibancada equivalem a lugares sociais distintos que começam a se separar:

Washington Luís, presidente da República, pensando que mandava num campo de *foot-ball*. Estava lá em cima, na tribuna de honra, de casaca e cartola, os jogadores cariocas e paulistas cá em baixo, no campo, atrás de um bola. [...] Subitamente o jogo para, não continua, o juiz tinha marcado um *penalty* contra os paulistas, os paulistas iam abandonar o campo. Washington Luís fica sério, dá uma ordem a um oficial de gabinete. É a ordem para o jogo continuar, uma ordem do presidente da República. [...] A resposta de Feitiço, mulato disfarçado, que nem era capitão do *scratch* paulista, foi que o doutor Washington Luís mandava lá em cima – lá embaixo sendo o campo – quem mandava era ele.⁴³⁰

O presidente desautorizado por um jogador negro: o que ocorria em campo parecia ter autonomia em relação a vida fora das quatro linhas. Durante o jogo, o tempo que regia as relações era outro, diferente das lógicas de poder estabelecidas fora de campo. É a partir de pontos como esse que Roberto da Matta irá dizer sobre a capacidade pedagógica do futebol em ensinar a sociedade sobre cidadania⁴³¹.

Por fim, percebe-se que na dinâmica entre locais do estádio e a rua existe um movimento da margem ao centro. Aqueles que eram proibidos de participar, apartados das regras do jogo, do outro lado do muro ou da grade, esperando a bola sair de jogo para darem um chute, começam a ter espaço em campo, respeitando o sentido histórico do texto:

o povo descobrindo, de repente, que o *foot-ball* devia ser de todas as cores, *foot-ball* sem classes, tudo misturado, bem brasileiro. O chute de Friedenreich abriu caminho para a democratização do *foot-ball* brasileiro. Democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo.⁴³²

⁴³⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 198.

⁴³¹ DA MATTA, Roberto. Opio do povo ou drama. *Novos Estudos*, São Paulo. v.1, n.4, 1982, p.54-60; DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. DA MATTA, R. (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

⁴³² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 70-71.

Em Mario Filho, o povo – brancos pobres, negros e mulatos – caminha paulatinamente da margem para o centro do jogo, apropriando-se de um lugar tradicionalmente da elite branca carioca. Paralelamente, observa-se a manutenção das hierarquias no ambiente externo ao jogo.

CAPÍTULO 4 - O Negro no Foot-ball Brasileiro: revolução, corpo e violência

A representação do tempo: “o ritmo de um novo tempo”

Vargas Netto, em sua coluna no *Jornal dos Sports*, no dia 20 de março de 1947, escreve que *O Negro no Foot-ball Brasileiro*

possibilita que a gente também evoque e imagine, no ritmo de um novo tempo, e através das distâncias irremediáveis, cenas e personagens redivivas, com o mesmo encanto e sedução com que os marinheiros cativos escutavam o sussurro das ondas no bojo das conchas companheiras.⁴³³

Pelo menos duas referências ao tempo estão sugeridas no trecho. “No ritmo de um novo tempo” é a primeira delas. É enriquecedor tentar entendê-la como uma interferência do presente na reconstrução do passado. É o “novo tempo”, o tempo contemporâneo àqueles sujeitos em 1947, o único tempo realmente novo, que dita o “ritmo” da obra. Sem surpresas, Benedetto Croce diria que:

A necessidade prática, que está por trás de cada consideração histórica, confere a cada história o caráter de “história contemporânea”, uma vez que, por mais que os fatos pareçam cronologicamente remotos ou remotíssimos, ela sempre será, na realidade, história referida à necessidade e às situações presentes, nas quais se propagam suas vibrações.⁴³⁴

Assim, é o ritmo do presente de Mario Filho que faz vibrar o tempo passado. Ou também, o ritmo que Mario Filho empresta ao seu presente faz vibrar o tempo passado. A luz do mundo também seria a luz dos olhos de Mario Filho, e assim o é para qualquer pessoa.

A segunda, é sobre a forma com que Mario Filho reconstrói o passado. Restituindo um tempo que quer-se o da experiência, da textura do vivido, chegar-se-ia àquilo que foi visto, sentido, ouvido no lugar de outros personagens, em outros tempos. Um método empático, portanto, que tem em Gilberto Freyre o

⁴³³ VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

⁴³⁴ CROCE, Benedetto. *La storia come pensiero e come azione*. Laterza: Bari 1966, p.11.

seu principal articulador. Em *Casa-Grande & Senzala*, ele explica a razão de ser desse método:

Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o ‘tempo perdido’. Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos.⁴³⁵

A partir de agora, veremos como Mario Filho leva à cabo o projeto de um “passado que se estuda tocando em nervos”, aventurando-se em meio a sensibilidades, procurando restituir o tempo perdido do cotidiano de outrora por meio da escrita da história.

Pode não ter sido o que foi sinalizado por Vargas Netto, mas essas duas esferas do tempo combinam-se e revelam aspectos sobre como o tempo foi representado em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Nesse ponto, Mario Filho parece ter duas preocupações especiais que confluem para o sentido histórico da trama: o tempo da nação e o tempo do cotidiano no passado.

O texto possui um narrador e é ele o responsável por encadear os eventos passados em uma intriga coesa e coerente. Toda narrativa histórica encerra uma representação do tempo em seu constituir-se, pois as mudanças e permanências que o passar do tempo traz irremediavelmente precisam aparecer de algum modo ao leitor.

Para as reflexões que se seguem, precisaremos lembrar que *O Negro no Foot-Ball Brasileiro* é um ensaio histórico-sociológico de formação nacional. Assim, o que dá ordem ao tempo da narrativa é a trama fortemente marcada pela noção de evolução e configurada em gênese, desenvolvimento e conclusão de um processo histórico de uma totalidade imaginada como nacional. O sentido desse espaço nacional far-se-ia ver a partir do desvelamento de sua história e todos os eventos ali apresentados seriam expressão deste ente particular e único: o Brasil. A ideia que permeia grande parte dessa produção intelectual calcada nos fundamentos da “formação” é a de que, pela narrativa dos eventos

⁴³⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 22.

passados, seria possível revelar o Brasil aos brasileiros, com seus vícios e virtudes, e caminhos a serem seguidos ou soterrados.

Os tópicos analisados nos subcapítulos anteriores não estão imunes, portanto, a esta representação do tempo. Vimos que Mario Filho escreve contra um tempo branco no esporte que possuía forças em seu presente pela memória dos saudosistas.

Já passamos, também, pelo sentido histórico construído em manifestações do futuro da narrativa em eventos passados. São sinais, advertências urdidas pelo narrador em diferentes etapas do processo histórico em questão. São exemplos dessas interferências: “A popularidade de Friedenreich sendo uma advertência... O que interessava era o *goal* da vitória. [...] Metida por um branco, um mulato, um preto, pouco importava”⁴³⁶. E também a história de superação que se anuncia em: “O jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em *foot-ball*”⁴³⁷. Ou seja, se o “branco tinha de ser”, em algum momento não será mais.

As oposições foram trabalhadas como instrumentos narrativos para a construção do sentido histórico do texto. Nesse ponto, a reflexão sobre a direção contida nos pares infância-maturidade e margem-centro é particularmente interessante, pois acabam configurando-se como metáforas do processo de evolução do futebol nacional que realizaria um projeto possível de ser espelhado para a própria nação brasileira. A infância contendo em potência aquilo que irá florescer na idade adulta. A população pobre e negra marginalizada rumando, a cada acontecimento, para o centro do espetáculo.

O intérprete de Mario Filho, Gilson Pinto Gil, ao articular as camadas que ele denominou nível micro e macro da obra, diz:

Não se deve conceber as historietas de forma muito fragmentaria. Mario Filho não relataria estes casos singulares de maneira desconexa e inconstante. Haveria uma intenção e um ideal que ordenariam e selecionariam estes relatos, tornando-os mais estruturados e interessados do que poderiam parecer à

⁴³⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 132.

⁴³⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 75.

primeira vista. Este nível micro pode ser mais “humilde, baixo e disperso”, porém isto não quer dizer que não tenha um padrão e que os casos que aparecem não possuam certa ordem.⁴³⁸

Dessa forma, na concatenação dos casos aparentemente individuais e isolados estaria a trajetória nacional. Operação muito semelhante à de Freyre, uma vez que para o pensador, na ótica de Morais e Ratton Jr.:

A personalidade tem um componente coletivo, ou seja, o agente social expressa, além de suas características irredutivelmente individuais, a cultura, os costumes, os valores e a história da sociedade em que viveu. Nesse sentido, o autor afirma, por exemplo, que seus “apontamentos autobiográficos [são] menos referentes a Félix, indivíduo isolado..., [e mais] ao Cavalcanti, chefe de família patriarcal” (1959b, p. CVI, cf. também, 1968a, pp. 51ss.). [...] A análise dos processos históricos de mudança social, segundo Freyre, passa necessariamente pela ação dos agentes sociais, e esta ação só pode ser capturada pelo método que ele denominou de empático.⁴³⁹

Portanto, vê-se Mario Filho, ao mobilizar o nível micro de sua narrativa, a partir do método empático, como ferramenta de visualização e compreensão dos movimentos sociais, seguindo caminhos apontados por seu mestre.

No que diz respeito a *O Negro no Foot-ball Brasileiro* especificamente, esse modo de ver a história utiliza uma linguagem de contrações e dilatações temporais sob os significantes “revolução”, “revolta” e “reação”. O processo de transição do regime amador para o profissional no futebol também é parte importante para entendermos as mudanças e continuidades nessa história.

É preciso deixar claro que, durante o processo de abasileiramento e democratização do esporte, acontece a querela entre aqueles que desejavam manter a prática do futebol como amadora e aqueles que defendiam sua profissionalização⁴⁴⁰. Na trama de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* essa disputa pode ser entendida como momento decisivo para o sucesso do esporte como símbolo nacional.

⁴³⁸ GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997, p. 130.

⁴³⁹ MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011, p. 91.

⁴⁴⁰ Como jornalista, Mario Filho sempre foi um aberto defensor de que o esporte se profissionalizasse.

Apenas para situar factualmente o nosso leitor, de modo geral, futebol passou por três etapas: amadorismo, semiprofissionalismo/amadorismo marrom e profissionalismo⁴⁴¹. Nos anos iniciais da prática futebolística, no Rio de Janeiro, no polo “oficial” de concentração do jogo⁴⁴², este a que Mario Filho apega-se para construir sua visão sobre o esporte e seu processo de popularização, os jogadores deveriam ser amadores.

Os jogadores, ao estarem em campo, deveriam fazê-lo por prazer e lazer. Se, para os membros da elite social, “era impossível impedir a vulgarização da paixão futebolística, fazia-se necessário ao menos selecionar os *players* com quem disputariam os *matches*, evitando o tão indesejado contato com pessoas estranhas a seu meio”⁴⁴³. Para isso, o futebol não poderia ser local para adquirir renda, pelo contrário, os praticantes tinham gastos com os clubes, pois deveriam pagar taxas assim como participar dos compromissos sociais dessas comunidades, tudo bem de acordo com as práticas de diferenciação social dos primeiros anos da República. Os clubes que integrassem a liga amadora – Liga Metropolitana – deveriam possuir sede social, campo, pagar joia de admissão, mensalidades e percentagem de renda dos jogos⁴⁴⁴. Sobre a sistematização da prática amadora, Fábio Franzini esclarece que:

⁴⁴¹ Quem desejar saber mais detidamente como se configuravam cada uma dessas práticas e como se deu a transição ver: FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000; PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 155.

⁴⁴² “Como sabemos, diversas ligas existiam para além dessa linhagem oficial do futebol brasileiro: Essa proliferação de clubes teve como consequência imediata o surgimento de novas Ligas e campeonatos. Por todo o lado eram criadas associações para absorver aqueles clubes que, mesmo após a flexibilização, não conseguiram espaço na Ligar Metropolitana. Fundada por clubes de regiões como Cascadura e o Engenho de Dentro, surgia em 1912 a “Liga Sportiva Suburbana”. No ano seguinte, formada por clubes pequenos como o Portinho F.C., o Municipal F.C. e o Dois de Junho F.C., apareciam a Federação Brasileira de Foot-ball” e a “Liga Sportiva de Foot-ball. Era em 1915, porém, que esse movimento chegaria ao seu auge – com o surgimento de associações como a Liga Meridional de Foot-ball”, que agregava associações dos ainda distantes bairros de Copacabana e Ipanema; a “Associação Brasileira de Spots Atlético”, iniciada pelos sócios do Mayrink F.C; a “Associação Carioca de Foot-ball”, organizada por clubes da região do cais do porto; e a “Liga Sportiva Fluminense”, formada pelos clubes de fora da capital”. PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 114.

⁴⁴³ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 15.

⁴⁴⁴ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998, p. 114.

Tais medidas, em linhas gerais, cobravam dos atletas o “nível social” julgado imprescindível à condição de esportista. Na prática, essa determinação subjetiva significava que eles deveriam, entre outras coisas, ter algum grau de instrução, possuir uma ocupação regular e dispor de tempo livre para treinamentos e jogos. Tudo para preservar uma “atividade amadorística pura”, de acordo com Anatol Rosenfeld.⁴⁴⁵

Contudo, com o aumento da competitividade e o desejo da vitória, veio a necessidade de ampliar o quadro de jogadores e nem todos atendiam os critérios da Liga. Estabeleceu-se, assim, o sistema chamado “semiprofissionalismo” ou “amadorismo marrom”, já que fraudava o modelo vigente. Franzini continua:

Mas, em que pese seu aparente rigor, os critérios sócio-econômicos de seleção ainda eram contornáveis, às vezes até com a colaboração dos próprios clubes que os instituíam. Era comum, por exemplo, seus diretores arranjar empregos fictícios para os craques “desocupados” de seus quadros, ou então professores para os analfabetos, que assim regularizavam sua situação junto às entidades organizadoras.⁴⁴⁶

A organização amadorística passa a ser fraudada com frequência tal que a unidade de classe e raça no futebol é quebrada e personagens de outras camadas da sociedade, que não a da elite, passam a frequentar os campos com maior regularidade.

O acirramento do conflito entre aqueles que desejavam profissionalizar os jogadores e os que queriam manter o regime amador dá-se em 1924 com a dissidência da Liga Metropolitana e o surgimento da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), organização que prometia cumprir o regime amador em sua integralidade. O Vasco, o principal time da Liga Metropolitana, conseguiu fazer com que o campeonato organizado por ela possuísse mais repercussão do que o da AMEA. Diante desse fato, em 1925, há a negociação da entrada do Vasco na AMEA e, com isso, a Liga Metropolitana perde força. Após longos embates, paralelamente à AMEA, surge em 1933, a Liga Carioca de Foot-ball, a primeira a assumir abertamente o profissionalismo no esporte. Embora contasse com a participação das grandes equipes da capital fluminense,

⁴⁴⁵ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol*: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 16.

⁴⁴⁶ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol*: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 16.

a CBD ainda reconhecia como legítima a AMEA, que continuava com o regime amador. Estes embates só chegam ao fim com a adoção do profissionalismo pela CBD em 1937⁴⁴⁷.

Em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, o aparecimento do conflito entre amadorismo e profissionalismo ganha densidade quando o Vasco da Gama consegue o acesso à primeira divisão no campeonato da Liga Metropolitana de 1923. Mario Filho narra desta maneira fato: “Um clube da segunda divisão, porém, subiu para a primeira divisão. Chama-se Clube de Regatas Vasco da Gama, e trouxe, com êle, mulatos e pretos”⁴⁴⁸.

A equipe, “clube da colônia, seguia a boa tradição portuguesa da mistura”⁴⁴⁹, levava para o epicentro daquilo que Mario Filho vinha descrevendo como lugar privilegiado de brancos de elite, toda uma população que pela simples presença desafiava o *status quo* da Liga Metropolitana, já que “o mulato e o preto eram, assim, aos olhos dos clubes finos, uma espécie de arma proibida”⁴⁵⁰. Esse contingente de negros e “brancos, alguns mal sabendo assinar o nome”⁴⁵¹ possivelmente era visto pela elite fluminense como a “classe perigosa”, como já bem trabalhado por Sidney Chalhoub⁴⁵². Vale lembrar que Mario Filho já havia dito que: “o *foot-ball* não alterava a ordem das coisas. [...] O branco superior ao preto. Os ídolos do *foot-ball* todos brancos. Quando muito, morenos”⁴⁵³. O Vasco, abalava esse sistema constituído, mas Mario Filho alerta:

⁴⁴⁷ “A afirmação do profissionalismo, contudo, não significou a acomodação dos conflitos que marcavam o meio futebolístico nacional. Como a CBD reiterara seu caráter amadorístico, o compromisso firmado entre paulistas e cariocas cria a Federação Brasileira de Futebol (FBF) para abrigar os principais clubes do país, agora profissionais. O choque entre o “espírito amadorista” e os novos tempos abria assim outra crise institucional, que atingiu seu ápice às vésperas da disputa da segunda Copa do Mundo, realizada na Itália, em 1934”. FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 43-44.

⁴⁴⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 143.

⁴⁴⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 143.

⁴⁵⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 143.

⁴⁵¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 143.

⁴⁵² Ver: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

⁴⁵³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 69.

não se pense que essa opção pelo componente racial na equipe fosse por voluntarismo. O que norteava o Vasco era o pragmatismo, já que “o preto era para a necessidade”⁴⁵⁴.

Bem, e o que tudo isso tem a ver com a forma de representação do tempo construída pelo narrador dessa história?

Na trama de Mario Filho, o passado do futebol constitui-se como o lugar em que se observa a democratização de um elemento cultural estrangeiro e de elite. O caso do Vasco seria exemplar desse processo que já estava acontecendo de maneira subterrânea, do outro lado do muro dos estádios, nos subúrbios do Rio, no desejo de chutar a bola em crianças e operários, na porosidade interclasse do universo infantil. O episódio é um ponto de inflexão na narrativa de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Ele evidencia o processo revolucionário que estava acontecendo lentamente no Brasil:

O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma *verdadeira revolução* [grifo nosso] que se operava no *foot-ball* brasileiro.⁴⁵⁵

Uma revolução sem o instante revolucionário, aquele que promete inaugurar o novo a partir de uma suspensão temporal. Uma revolução sem organização objetiva dos revolucionários. Em suma, um movimento que opera muito mais no cotidiano, nos pequenos gestos, nas revoltas pontuais e individuais, ou até mesmo nos descuidos e brechas abertas, por exemplo, pela *necessidade* do Vasco em ter negros no time, do que nas movimentações coletivas que miram, diretamente, o lugar do Poder para tentar tomá-lo para si. O processo de tradução do futebol em uma linguagem nacional muito tem a ver com a revolução em curso. Uma revolução que traduziria o brasileiro para ele mesmo desde o momento em que o futebol começa a ser praticado no Brasil.

Esse processo revolucionário deitava, ainda, suas *raízes* na “tradição portuguesa da mistura”, como vimos na citação acima. Portanto, apesar do

⁴⁵⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 144.

⁴⁵⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 152.

recorte cronológico do livro ir da instauração do futebol no Brasil no século XIX, o Vasco, clube de imigrantes portugueses, atua como vetor que atualiza a tradição da miscibilidade dos colonizadores. O luso-brasileiro Vasco da Gama é meio para que a revolução melhor se visualize, mas não é de forma alguma o protagonista do processo. A revolução de que fala Mario Filho é operada pelo negro e adquire a forma de sua “ascensão social”, como estampado no derradeiro capítulo da obra de 1947, já que essa trajetória ascendente do negro no esporte é o movimento que traz igualdade a uma organização social estruturalmente desigual.

O regime amador do futebol encontrava paralelo com outro período histórico brasileiro que ultrapassa as margens temporais abordas pelo livro. Uma das consequências do amadorismo era a dificuldade que o jogador encontrava quando desejava mudar de equipe:

o jogador sentia-se preso, acorrentado, um condenado às galés. Mais do que isso: um *escravo*. Muito jogador se chamava de *escravo* [grifo nosso], alimentando a revolta que crescia dentro dele.⁴⁵⁶

Nesse caso, “a revolta do branco igual à revolta do preto”⁴⁵⁷, mas o importante é que a ruptura com esse tempo de “escravidão” só será alcançado por meio da ação – revolta não programada – dos personagens que sofriam com essas restrições. Não seria a graça das elites a responsável por cessar o período de “escravidão”, como veremos.

Voltando à história de Mario Filho, o Vasco sobe para a primeira divisão e começa a ter bons resultados que levariam a equipe ao título de 1923. Dessa maneira, à revolução evidenciada pela ascensão da equipe vascaína opõe-se a “reação dos grandes clubes”⁴⁵⁸. “Tornou-se quase uma questão nacional derrotar o Vasco”⁴⁵⁹, diz Mario Filho, e “para que ninguém pudesse dizer que os

⁴⁵⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 227.

⁴⁵⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 227.

⁴⁵⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 155.

⁴⁵⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 146.

grandes clubes estavam contra os pequenos, contra os pretos. Estavam contra os portugueses”⁴⁶⁰. Segundo o autor, disfarçando o preconceito racial com xenofobia, os clubes reativos à composição do time do Vasco criam, em 1924, uma nova liga, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)⁴⁶¹. Esta nova entidade, como vimos, prezaria pelas boas práticas do amadorismo, que estava sendo sistematicamente rompido sobretudo pelo Vasco com a criação de empregos fictícios para seus jogadores poderem jogar o esporte como “amadores”. Mario Filho escreve:

A distinção que se estabeleceu entre a AMEA e a Liga Metropolitana foi esta: uma liga de clubes de brancos, a outra, liga de clubes de brancos, mulatos e pretos, tudo misturado.⁴⁶²

A Liga Metropolitana, esvaziada devido a debandada de times grandes para a AMEA, continua a funcionar com o Vasco dentre os seus membros. À revolução que urde lentamente um novo tempo contrapõe-se o tempo da reação encarnado na liga defensora do amadorismo. O espírito contrarrevolucionário aparece como uma articulação por critérios raciais e econômicos, uma vez que:

não era uma nova época que surgia, era a velha época que voltava, o bom tempo do branco superior ao preto. [...] O bom tempo do amadorismo. O amadorismo, o esporte pelo esporte, era para quem estava de cima. Enquanto houvesse amadorismo, os brancos seriam superiores aos pretos, os ricos aos pobres.⁴⁶³

O sentido histórico do texto encontra obstáculos que funcionam como força oposta à revolução em curso. Um movimento que pressiona o tempo a ser como era antigamente e que chega a parecer concretizado, tendo em vista que Mario Filho diz que para alguns personagens a sensação era a de que “voltara,

⁴⁶⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 146.

⁴⁶¹ Sobre a veracidade da restrição por critério racial ver: MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, 1999.

⁴⁶² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 160.

⁴⁶³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 156.

realmente, o bom tempo, quase não se via pretos nos *teams* da AMEA⁴⁶⁴, isto sendo “a prova que (19)19 tinha voltado”⁴⁶⁵.

Assim, o amadorismo da AMEA restaurava a antiga ordem das coisas e “os grandes clubes não precisavam de mais nada para fazer tudo voltar a ser o que era dantes: bastava o amadorismo puro, coisa para os bem de vida”⁴⁶⁶. Os negros não conseguiriam cumprir as exigências laborais necessárias para comprovar seu caráter amador, mesmo se conseguissem,

se ganhassem bastante, ainda teriam de passar pela prova terrível do b, a, ba. Acabara-se o tempo do jogador só precisar saber assinar o nome na súmula. Se não soubesse escrever e ler corretamente, e na presença de alguém assim como o presidente da Liga, estava cortado. [...] A papeleta de inscrição tornou-se quase um exame de primeiras letras. Uma porção de perguntas.⁴⁶⁷

O tempo da reação fazia, inclusive, com que o critério educacional virasse parâmetro para a adesão à Associação. Não bastassem os critérios sociais, que devido à particular história brasileira coincidiriam com a cor da pele negra de tantos, um instrumento análogo ao “exame de primeiras letras” seria aplicado aos jogadores. Essa prova de alfabetização reforçava as táticas segregacionistas da nova liga, uma vez que a população marginalizada no Brasil não teve acesso às instâncias formais de educação, daí a oposição feita por Mario Filho, e já estudada anteriormente, entre universidade e aprendizado na rua.

Entretanto, a reação que fazia parecer que “tudo entrava nos eixos novamente”⁴⁶⁸, mostrava-se, na realidade como uma ilusão, uma percepção alterada do ritmo temporal em curso, um devaneio, e ressalta Mario Filho: “a ilusão durou pouco, os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante

⁴⁶⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 161.

⁴⁶⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 162.

⁴⁶⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 156.

⁴⁶⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 158.

⁴⁶⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 149.

de um fato consumado”⁴⁶⁹. O fato estava consumado mesmo antes do término da narrativa, a revolução em curso não encontraria obstáculos suficientes para instaurar o ritmo do novo tempo.

O Vasco, mesmo fora da AMEA, que havia se convertido na principal liga da cidade, conseguiu fazer do torneio da Liga Metropolitana mais popular devido a sua grande torcida e a qualidade do seu time⁴⁷⁰. Franzini escreve que “ante a esse fato, os dirigentes da Associação não tiveram outra saída senão render-se à popularidade do ‘inimigo’, ainda que fosse antes por conveniência que por convicção ou simpatia”⁴⁷¹ e o time da cruz de Malta é aceito sem as restrições anteriores na AMEA em 1925.

Era impossível deter o tempo dessa revolução silenciosa que fazia do modelo amador algo obsoleto. Antes “todos tinham de ser iguais. Até na cor”⁴⁷² – brancos. Não havia alternativa. Agora, via-se “a vantagem de misturar brancos, mulatos e pretos, de não olhar para a cor dos jogadores, de estar livre de preconceitos de branquidade”⁴⁷³. A miscibilidade no futebol cumpria sua feliz trajetória:

Desapareceu o limite, que até os clubes pequenos respeitavam, para o número de mulatos e pretos no *team*. A única coisa que importava era o jogador. Se fosse bom, podia ser mulato, ser preto, os clubes da zona norte abriam os braços para ele. O América não queria que os mulatos e pretos se metessem a brancos, frequentassem a sede. Em campo tinham os mesmo direitos dos brancos, fora do campo era diferente.⁴⁷⁴

Em campo, a revolução avançava e democratizava o jogo, fora dele o ritmo era outro e as distâncias raciais e sociais permaneciam conservadas. Ao relatar a revolta de Fausto, jogador negro do Vasco em excursão com sua equipe por

⁴⁶⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 152.

⁴⁷⁰ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 22-23.

⁴⁷¹ FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000, p. 23.

⁴⁷² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 60-61.

⁴⁷³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 190.

⁴⁷⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 190.

Portugal, Mario Filho diz que “em campo tinha mais liberdade, podia fazer o que bem entendesse, largar a bola, acertar o português. Fora do campo, português por todo lado, precisava disfarçar, dar um esbarrão, pedir desculpas”⁴⁷⁵.

O tempo da prática profissional do esporte chega de maneira irresistível devido aos efeitos do amadorismo marrom que fortalecia as equipes. Diante desse quadro, “falava-se abertamente de profissionalismo”⁴⁷⁶ e “o Fluminense, cansado de perder campeonatos, tornou-se um pioneiro do profissionalismo”⁴⁷⁷. Nesse momento, segundo Mario Filho, “os pretos estavam por cima”⁴⁷⁸, o selecionado nacional nunca havia possuído uma configuração racial tão heterogênea como em 1932. Contudo, há o efeito dessa mudança nos artífices da reação fracassada:

O jogador branco, de boa família, ficava com vergonha de deixar de ser bom moço. Todo mundo pensando que ele era amador e, de repente, é um profissional, vive do clube. Viver do clube sendo, para os amadoristas, quase o mesmo que viver de mulher.⁴⁷⁹

O novo tempo trazia alterações da ordem psicológica e abalava o estável mundo dos privilégios sociais. Há o constrangimento social por conta das mudanças, mas também:

O jogador branco, de boa família, não tinha medo só de se tornar profissional, tinha vergonha também. O medo era de perder aquela vida gostosa de amador. O jogador mandando no clube, jogando a pedido, todo mundo atrás dele, jogue, jogue, jogue, e ele se fazendo de rogado. Acabava entrando em campo, sacrificando-se mais uma vez. Se jogasse mal, ninguém podia abrir a boca. Eu sou amador.⁴⁸⁰

Vergonha e medo são os corolários da profissionalização para os jogadores identificados com a antiga ordem. O medo estava relacionado, também, a perda

⁴⁷⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 223.

⁴⁷⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 247.

⁴⁷⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 244.

⁴⁷⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 246.

⁴⁷⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 250.

⁴⁸⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 249.

da capacidade de mando do jogador, com “mulatos e os pretos toma[ndo] os seus lugares”⁴⁸¹, lugares que, como vimos, esperavam pelos membros da elite, que, na antiga ordem, deveriam ser ocupados por eles. A revolução que se operava em campo retirava o poder do jogador branco de elite, pois o processo de democratização racial no futebol era um movimento que igualava os jogadores em uma mesma categoria profissional. Não haveria espaço para “donos do *team*”⁴⁸² como outrora.

O novo regime representa a entrada do processo de relações econômicas capitalistas no futebol, em que o *status* anterior, fortemente ligado à sociedade hierarquizada, teria menos impacto que a capacidade de jogo dos atletas envolvidos no espetáculo. “Nunca se vira nada parecido”, escreve Mario Filho, “para os brancos que tinham ficado de fora, com medo de perder a situação privilegiada de amador, com vergonha de deixar de ser bom moço, foi um choque”⁴⁸³.

A revolução proporcionou a novidade, e a novidade foi sendo construída paulatinamente. Leônidas da Silva e Domingos da Guia sendo as maiores expressões do novo tempo, e esse novo tempo expressão maior do processo que vai sendo encadeado ao longo da reconstrução do passado. Por isso, “o passado que encontrava com o presente. [...] Em (19)19 Leônidas se chamava Friedenreich, em (19)38 Friedenreich se chamava Leônidas. A glória de Leônidas revivia a de Friedenreich”.⁴⁸⁴ O tempo da revolução religava princípio e fim através de personagens particulares. Essa conexão invisível entre Leônidas e Friedenreich só se torna possível pelo modo de articulação do tempo na narrativa. Interligados, também, pelo ritmo do tempo revolucionário estariam todos os que se moviam pela reação e aqueles contra quem Mario Filho escreve no presente: os saudosistas. A memória destes últimos seria uma das expressões dos reacionários do passado em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*,

⁴⁸¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 142.

⁴⁸² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 201.

⁴⁸³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 259.

⁴⁸⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 286.

que impossibilitados de concretizar suas ações contra o processo de democratização do esporte, levaram para o plano da memória um simulacro de sua vitória.

Como outra relação que une as partes dessa história, poderíamos citar, ainda, a relação entre Fausto e Leônidas.

Fausto se matando em campo, abrindo caminho para eles, eles garotos, com a vida toda na frente. Leônidas pôde dar cabeçadas, brincar com a sorte. A carreira dele uma verdadeira montanha russa, cheia de altos e baixos. Dera cabeçadas, subira, descera, para subir, desce, subir outra vez. E Leônidas ainda se queixava. Quem devia se queixar era Fausto.⁴⁸⁵

Fausto, a “Maravilha Negra”, teria aberto os caminhos para Leônidas e, ao contrário deste, não teria usufruído do tempo que ajudou a inaugurar, “a luta de tantos anos fôra, lentamente, acabando com ele”⁴⁸⁶. Leônidas liga-se a Fausto por pertencerem a um mesmo processo histórico de fundação de um novo tempo – construído lentamente. Fausto foi agente da construção dessa história, tanto quanto Leônidas, contudo em momentos distintos. Se na vida ordinária Fausto sofreu as consequências contingenciais do seu tempo, no sentido histórico do texto, seu sofrimento ganha ares de sacrifício: daí o cansaço e a exaustão do jogador. Abriu caminhos e “morreu esquecido, num sanatório de Palmira”⁴⁸⁷, não colheu os frutos da sua ação. Quem os colhia era Leônidas, que mesmo vivendo em um mundo que Fausto jamais teve a sorte de viver, reclamava.

Depois de tudo que foi exposto, seria empobrecedor ler essas queixas de Leônidas como meras reclamações deslocadas ou como ingratidão com seus predecessores. Se entendermos a história de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* a partir desse tempo lento da revolução democrática não programática que se opera em pequenos gestos do cotidiano no interior da narrativa, podemos pensar na postura de Leônidas como ações de perfil democrático, uma vez que tal sistema define-se pela sua incompletude e por demandas constantes por parte

⁴⁸⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 288.

⁴⁸⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 288.

⁴⁸⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 289.

dos cidadãos ativos. Não existe democracia plena, ela pode sempre ser ampliada, alargada, e caso os atores do presente ficassem presos às conquistas passadas, o próprio sistema entraria em processo de corrupção, pois tornar-se-ia anacrônico. Por isso, Mario Filho, apesar de decretar que “*em foot-ball* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo”⁴⁸⁸, abre espaço para pensarmos que a democracia racial em campo estava concretizada devido ao seu inacabamento e ao que ela poderia oferecer para fora de *campo*.

A representação do povo: o corpo na história

A estrutura geral da obra, como vimos, é calcada em oposições. A principal delas, no nosso entender, é a que tem como antagonistas elite social e classes populares. Mas ao afirmar isso não entraríamos em conflito com aquilo que inclusive está estampado no título do livro e promete ser o tema daquela história? A principal dicotomia não deveria ser o par brancos e negros? Admitimos que essa é uma posição consistente e defensável, mas enxergamos de outra maneira.

O par de caráter racial, não obstante sua independência epistemológica na dinâmica da narrativa como observado anteriormente, está contido na divisão elite-povo. No livro, a dicotomia entre brancos e negros acaba em síntese. A história do futebol acaba sem o menor “vislumbre de racismo”⁴⁸⁹. O ritmo da revolução operada dentro do esporte ofereceria uma solução para problemas raciais. Contudo, reparemos naquilo que Mario Filho escreve em suas últimas palavras da primeira edição:

O banqueiro Oswaldo Costa, outro ilustre filho de Alfenas, no centro da mesa, Quirino à sua direita. Todos os dias, pelo Brasil afora, o *foot-ball* faz isso, bota um Oswaldo Costa ao lado de um Quirino.⁴⁹⁰

⁴⁸⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 293.

⁴⁸⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 293.

⁴⁹⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 294.

O jogador negro Quirino *ao lado* do banqueiro branco Oswaldo Costa, e não *em seu lugar* ou *no mesmo lugar*. Um negro e um branco ao lado um do outro, neste contexto, certamente significando o sucesso na trajetória de democratização do futebol – “o *foot-ball* faz isso”. Acontece, que se o racismo foi diluído no contexto esportivo, a disparidade econômica continua entre os dois. Há uma independência entre as duas esferas – econômica e racial – mesmo que componham a mesma trama narrativa. O derradeiro exemplo do livro mostra como as posições de classe permaneciam mesmo após a revolução operada no esporte. Fora de campo, a estratificação racial e econômica continuava a mesma. “O branco cumprimenta o negro, abraça-o, manifesta-lhe amizade, mas deixa-o mergulhar nas camadas mais baixas da sociedade”⁴⁹¹, observariam Florestan Fernandes e Roger Bastide alguns anos depois. No mesmo sentido, Nelson Rodrigues declarou ao jornal *Quilombo* que “qualquer artista branco toma café com um colega negro, e brinca, e faz piada. Mas isto não implica, evidentemente, numa igualdade que nunca existiu e que ninguém parece disposto a admitir”⁴⁹².

Além disso, não se pode ignorar que o conceito de negro parece alargar-se, uma vez que sempre aparecem como agentes do mesmo lado do conflito “pretos, mulatos e brancos pobres”, sem que a força do racismo seja negada ou diminuída. “Negro” surge como uma categoria que tenta dar conta tanto do aspecto racial quanto de classe em seu texto. Por isso, apesar de existir, como afirmamos mais acima, a possibilidade de compreender a obra a partir desse par racial, acreditamos que, como propõe Wisnik, não é possível entender a obra:

Segundo um modelo racista baseado na oposição binariamente marcada de branco e negro. A verdade é que Mario Filho consegue tocar naqueles aspectos ambivalentes e problemáticos, porque nem sempre diretamente visíveis, que a historiografia tende muitas vezes a descartar, na impossibilidade de absorvê-los ou enquadrá-los.⁴⁹³

⁴⁹¹ BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branco e Negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008, p. 155.

⁴⁹² RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁴⁹³ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 199.

É preciso estarmos atentos às nuances tanto de caráter racial quanto de caráter social.

Note-se, ainda, que além de estar presente no título do livro e de um capítulo – “A ascensão do negro” – Mario Filho utiliza pouquíssimo a palavra ao longo da narrativa, sempre buscando precisar se a situação que conta envolve pretos, mulatos, brancos ricos ou pobres⁴⁹⁴.

De onde, será, teria vindo esta ideia de sugerir a ampliação do conceito de negro? Uma primeira hipótese é que como a principal divisão estruturante da obra é povo e elite, Mario Filho não poderia negar o fato da existência de brancos pobres, contudo não poderia mobilizar essa minoria no contingente da classe baixa para ignorar que a linha de classe possui marcas raciais. Resolve isso então, utilizando pouquíssimas vezes o termo negro e sempre fazendo questão de enfatizar detalhadamente qual era a classe e a cor do personagem em questão, como dito anteriormente. Negro, então, daria todo o peso racial para a trajetória que pretende contar e resolveria o problema no nível micro da narrativa fazendo corresponder negro ao povo, lembrando que na camada popular havia, também, brancos pobres.

Outra hipótese surge da leitura do livro de Fernandes e Bastide citado no parágrafo acima. Mario Filho teria observado – mas não explicitado no livro – aquilo que a dupla de sociólogos escreve sobre o que é dito por muitos negros

⁴⁹⁴ “João Reis (2000: 233; 2003: 23) registra, na primeira metade do século XIX, na Bahia, dois termos raciais principais: “preto”, que designa os africanos, e “crioulo”, que designa os negros nascidos no Brasil. Na segunda metade do século XIX, entretanto, na mesma província, a tendência é que o termo “preto” passe a abarcar igualmente a africanos e descendentes de africanos. “Negro” deixa então de designar a “cor” e passa, paulatinamente, a ter um significado racial e pejorativo. Do mesmo modo, analisando a imprensa paulista do período abolicionista, Lilia Schwarcz (1987: 195-196) conclui que, em São Paulo, nos anos que antecederam a Abolição, cheios de fugas e revoltas de escravos, e de acirramento ideológico entre abolicionistas e escravistas, o termo “negro” ganhou uma conotação muito pejorativa, ao contrário de “preto” que adquire um significado mais neutro. A mesma autora reproduz texto do século passado em que a palavra “classe” é usada para referir-se a senhores e escravos (Schwarcz 1987: 186). Hebe M. M. Castro⁶ parece concordar com Schwarcz, pois transcreve uma poesia satírica, publicada no jornal *O Monitor Campista* em 1888, a qual sugere que no pós-Abolição, “negro” estava ainda carregado de sentido ofensivo, referindo-se a “escravos”, enquanto “preto” era entendido como referência à cor e não à posição social. [...] Uso essas referências bibliográficas para deixar assente o seguinte: nos anos 1920 encontramos aqueles que são considerados pioneiros dos movimentos negros atuais referindo-se a si mesmos e construindo uma certa identidade social a partir de vocábulos, conceitos e idéias legados do passado. Chamam a si mesmos de “homens de cor” e “homens pretos”, e chamam seu coletivo de “classe”. A princípio, as palavras “raça” e “negro” são usadas por eles de maneira bastante distinta da que hoje é usada pelos ativistas negros”. GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Intelectuais negros e modernidade no Brasil. Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, Working Paper, 2003, p. 23-24.*

da classe baixa em relação ao seu sentimento com os brancos de mesma condição:

Se [o preto] é recusado em certos lugares, bares, salões de beleza, clubes, sabe que o branco de igual condição também não é recebido ou só dificilmente. Por conseguinte, o problema da cor não se apresenta para ele com a mesma intensidade, e o ressentimento contra o branco, quando se revela, permanece cuidadosamente localizado. [...] De modo que muitos pretos dessa classe consideram, nas respostas ao nosso inquérito, que o Brasil não tem preconceito de cor.⁴⁹⁵

Os sociólogos, que inclusive destinam uma seção do livro para tratar do esporte, chegaram a essas conclusões por meio de questionários investigativos. Evidentemente há uma monumental diferença entre os métodos sociologicamente controlados destas entrevistas e aquelas feitas por Mario Filho. O ponto, contudo, é que Mario Filho pode ter tido acesso a esse tipo de posição de negros que rejeitavam a existência do racismo devido à abrangência dessa visão de mundo no período. O trecho a seguir vai ao encontro da leitura que estamos sugerindo. Percebe-se uma ordem social interiorizada pelos sujeitos, que agem no mundo a partir dessas referências:

O Fluminense podia, por isso fechar-se mais. Fechar-se mais significava embranquecer-se mais. Sem ofender o mulato, o preto. O mulato e o preto, pelo contrário, achando que o Fluminense tinha de ser mais branco.⁴⁹⁶

Assim sendo, Mario Filho teria trazido para o seu texto mais uma voz popular ao colocar pretos, mulatos e brancos pobres como atores do mesmo processo – a luta do negro. Ao mesmo tempo teria subvertido a ideia de ausência de racismo presente na visão explicitada no trecho de Bastide e Fernandes, pois a cor dos personagens é destacada como marcadora social.

O fator de classe, para Mario Filho, é mais um elemento que deve ser levado em consideração para qualquer análise da história social brasileira. Ignorar as complexidades das relações de classe e raça seria ignorar o mundo

⁴⁹⁵ BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008, p. 191.

⁴⁹⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 62.

diante de seus olhos. Visão não muito diferente de Fernandes e Bastide, que escrevem em 1955:

Quem pretender evitar certas confusões correntes nesta matéria deverá então admitir que estamos diante de um caso típico de estratificação social, em que as diferenças de situação econômica e de posição social, fundamentais e determinantes, são igualmente significativas quando consideradas em termos de raça e de cor.⁴⁹⁷

Percebendo isso, Luís Costa Pinto, na resenha que faz de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, escreve:

O autor preferiu, por razões que não discutimos, fazer ênfase sobre o aspecto racial; ele mesmo, porém, fornece inúmeras e luminosas provas, que se somam às preexistentes, que demonstram a tendência da linha de cor se identificar com a linha de classe, e como esta última predomina como fator de discriminação quando, em casos individuais, os dois fatores de diferenciação social deixam de estar identificados.⁴⁹⁸

A cor e a pobreza são marcadores sociais tão fortes para Mario Filho, que, em certos momentos, o sujeito branco pobre pode ser tido pelas elites como negro por ser operário, por exemplo, já que este estava no lugar legado à população que fora escravizada e entrou no regime republicano e na ordem capitalista sem correções do poder público. Em determinado momento, o autor escreve:

Um grande clube embranquecia mulatos e pretos. Jogando, torcendo pelo Vasco, os mulatos e os pretos ficavam à vontade, como se fossem brancos. Os mulatos e os pretos do São Cristóvão sentiam-se mais mulatos e mais pretos. Faziam questão de ser mulatos e pretos, orgulhando-se disso, embora se ofendessem por qualquer coisinha. Ofendiam-se por qualquer coisinha para não perder a ocasião de meter o braço num branco.⁴⁹⁹

Classe e raça não se confundem, é bom deixar claro. Entretanto, possuem íntima relação, fazendo com que os próprios agentes, em alguns casos, relativizassem a sua condição racial por conta do lugar ocupado na hierarquia social. É esse

⁴⁹⁷ BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. São Paulo: Global, 2008, p. 93.

⁴⁹⁸ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

⁴⁹⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 187.

tipo de imbricação que fará com Mario Filho chegue à conclusão de que estava diante de uma “luta de classes”:

No fundo, luta de classe, sem ninguém dar por isso, é claro. Todos levando a coisa mais para a rivalidade entre o clube do subúrbio e o clube da cidade. Rivalidade que se acentuava de um lado só, do lado do clube do subúrbio. O clube do subúrbio se afastando, ficando cada vez mais longe, querendo até se separar. Separar por que? Porque se sentia outro clube, outra gente.⁵⁰⁰

Dessa forma, assumindo a avaliação que a estrutura polarizada entre elite e povo é a principal em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, justamente pelo conflito entre brancos e negros estar dentro de suas balizas, passemos a novas considerações que dependem do juízo que foi feito acima.

O antagonismo entre povo e elite não oferece uma síntese como brancos e negros na democracia racial em campo. Essa percepção já havia sido sugerida na leitura que Costa Pinto fez da obra:

Outro aspecto, que merece ser ressaltado, do ensaio é que êle deixa provado, sem a menor sombra de dúvida, o quanto é insubsistente apontar-se a existência de ídolos esportivos de côr negra como prova de nossa ‘democracia racial’. Em verdade, a presença dos Leônidas, dos Domingos, dos Faustos, dos Gradins – negro de ‘pé de ouro’ – marca a distância entre a montanha e a planície, entre a classe e sua ‘aristocracia’ digamos assim.⁵⁰¹

O que faz Costa Pinto é evidenciar que por mais que os negros atuassem em condições de igualdade durante as partidas, ainda haveria distâncias de caráter racial muito bem conservadas na vida social incapazes de serem dissolvidas pela existência de ídolos negros. Os ídolos confirmavam, ao contrário do que poderia parecer, a ausência da democracia racial na vida social brasileira.

Lembremos que Quirino, negro, e Oswaldo, branco, podem significar essa síntese pelo aspecto racial, mas não pelo de classe, já que um continua de um lado como jogador e outro como banqueiro. A nossa meta é esclarecer um pouco mais sobre como a voz narrativa de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* foi capaz construir o núcleo popular de modo a fazer aparecer um mundo enraizado na

⁵⁰⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 33.

⁵⁰¹ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

experiência dos personagens e, por isso mesmo, marcado pela centralidade da violência nas suas relações, assim como pela presença telúrica, corpórea, sensitiva e gestual do negro, principal componente das classes populares, como sujeito histórico.

Isso indicaria uma preocupação de Mario Filho em levar ao plano da representação sujeitos dotados de interesses, angústias e subjetividade que, longe de aparecerem como filigranas narrativas, constituem a trama da história e interferem nos rumos que ela toma. Para essa empreitada utilizaremos como principais referências os pensadores: Georges Didi-Huberman e Jacques Rancière.

A partir de uma tradição benjaminiana, Didi-Huberman preocupa-se com o problema de “conferir aos povos uma representação digna”⁵⁰². A discussão empreendida pelo pensador francês questiona modos de representar o “povo” como uma entidade una, indivisível, totalizante. Essa seria uma forma asséptica e idealizada de conceituar algo que existe como multiplicidade. Seria, ainda, uma forma de reificar o popular e desconsiderar a existência real de pessoas de carne e osso, que viveram em tempos passados com seus corpos e suas aflições, com seus corpos afetados e afetivos. Para o intelectual:

História não é contada somente por meio de uma cadeia de ações humanas, mas também por meio de toda uma constelação de *paixões* e de *emoções* experimentadas pelos povos.⁵⁰³

O ponto principal para o historiador é que não se retire das ações humanas no tempo a sua dimensão de experiência, que se evite encobrir uma história carregada de humanidade sob o véu da explicação. Para viabilizar seu projeto de “tornar sensível” a história, é necessário que a “visibilidade dos corpos”⁵⁰⁴ esteja presente.

Também as análises de Jacques Rancière sobre o romance realista francês do XIX podem oferecer um caminho proveitoso para melhor entender O

⁵⁰² DIDI-HUBERMAN, Geoges. Rendre sensible. In. BADIOU, Alain. BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith. *Qu'est-ce qu'un peuple?* Paris: La Fabrique Éditions, 2013. P. 77-114. (Trad. Guilherme Zika, 2017), p. 13.

⁵⁰³ DIDI-HUBERMAN, Geoges. Rendre sensible. In. BADIOU, Alain. BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith. *Qu'est-ce qu'un peuple?* Paris: La Fabrique Éditions, 2013. P. 77-114. (Trad. Guilherme Zika, 2017), p. 12.

⁵⁰⁴ DIDI-HUBERMAN, Geoges. Rendre sensible. In. BADIOU, Alain. BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith. *Qu'est-ce qu'un peuple?* Paris: La Fabrique Éditions, 2013. P. 77-114. (Trad. Guilherme Zika, 2017), p. 5.

Negro no Foot-ball Brasileiro. Em oposição aos pensadores, principalmente Roland Barthes, que enxergavam as descrições extensas do realismo como futilidade, excesso ou superficialidade, Rancière afirma que essa nova maneira de mobilizar a linguagem gera, na verdade, um “efeito de igualdade”⁵⁰⁵ no texto. O que caracterizaria esse efeito seria a “distribuição de capacidades de experiência sensorial”⁵⁰⁶ para as personagens que representam pessoas comuns, fora do nicho aristocrático, assim como a multiplicação da descrição de objetos e cenas banais do cotidiano no âmbito da representação literária. Essa redistribuição do sensível, em que “qualquer um pode sentir qualquer coisa”, configuraria, para Rancière, uma “democracia literária”⁵⁰⁷.

Como apontado em capítulos anteriores, Mario Filho foi um dos responsáveis por um giro semântico na escrita jornalística sobre futebol na imprensa brasileira. Paralelamente a isso, considerando o conceito de “democracia literária”, não seria absurdo dizer que o jornalista-historiador ajuda a promover uma nova forma de produção historiográfica trazendo para sua narrativa vozes e sensibilidades de culturas populares. E, nesse movimento, contribui para construir representações do negro humanizadas pela visibilidade de seus corpos.

Uma das principais características de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, e que já foi apontada por diversos críticos da obra ao longo do tempo, é a forma intensa com que Mario Filho deseja levar o passado ao seu leitor. Deseja fazer com que vejam, ouçam, sintam texturas, como nesse trecho:

A camisa do Bangú não era, como agora, de malha colante, com listras largas, vermelhas e brancas. Tinha as listras bem finas, quase juntas. E uma gola mais parecida com um colarinho mole. Pelo menos com um desses colarinhos de hoje, cujo desenho saiu das camisas esporte. O tecido um pouco sedoso e brilhante, como musseline. Nem todas as camisas eram iguais. Algumas tinham, bem no centro, de cima a baixo, barras do mesmo pano, de listras horizontais. Barras largas, da grossura de um punho, finas da grossura de um dedo.⁵⁰⁸

⁵⁰⁵ RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86, v. 29, n.1, 2010, p.79.

⁵⁰⁶ RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86, v. 29, n.1, 2010, p.79.

⁵⁰⁷ RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86, v. 29, n.1, 2010, p.79.

⁵⁰⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 18-19.

Mario Filho, opta por transformar a camisa em objeto relevante para a narrativa, ampliando os sentidos que ela pode oferecer. Era esse uniforme *não uniformizado* que igualava operários e mestres no clube do subúrbio. A camisa não é apenas um objeto, ela é dotada de particularidades e pode ser testemunho de um passado.

Ao ressaltar a presença das cozinheiras negras nos clubes e sua relação maternal com os jogadores, a característica descritiva e empática do autor também está presente. Balbina, a cozinheira da equipe do São Cristóvão “acendia o fogo, ficava mexendo na panela do mingau. Saía mingau gostoso, grosso, de muito leite, muita farinha de trigo, muito ovo. A Balbina não cobrava nada pelo serviço”⁵⁰⁹ e quando ia assistir os jogos “arregaçava as mangas de renda, bem curtas por sinal, mostrava os braços pretos e roliços de doceira, e gritava pelos meninos”⁵¹⁰. Junto dessa mulher está a imagem da abundância, da quantidade, da fartura, da sustança da mãe provedora que dá sem pedir nada em troca. Muitas pinturas modernistas da década de 1920, inclusive, fazem esse tipo de representação da mulher negra. Balbina não é uma presença delicada, é grossa, espaçosa, que preenche também os olhos de quem lê, toma conta do quadro. É possível visualizá-la, imaginar a sua alegria em ver aqueles que ela havia alimentado em campo, balançando os braços, acenando euforicamente.

A religiosidade popular também aparece em sua forma mais ordinária, sem elaborações teóricas ou tentativas de atribuição de sentido imediato àquilo que é narrado:

Dentro do embrulho, uma garrafa de cerveja preta, uma garrafa de água do mar, um ramo de arruda, meia dúzia de velas. Telê abria o embrulho, tirava primeiro a garrafa de cerveja preta, com fôrça em cima da cerca, e dava as costas depressa, para não ver a espuma saltando, senão estragava tudo. Depois voltava para o dormitório, destampava a garrafa de água do mar, apanhada na praia de Santa Luzia que era mais perto, regava o ramo de arruda, e começava a atirar água pelos quatro cantos do quarto estreito e comprido. Feito isso, acendia uma vela, pingava um pouco de estearina derretida num pires, a vela tinha

⁵⁰⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 185.

⁵¹⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 186.

de ficar queimando até o fim junto da porta de entrada do dormitório.⁵¹¹

É com essa intensa atividade descritiva que faz do campo de futebol terreiro, trazendo para o texto a religiosidade popular com seus ritos, com o som do “batuque entrava pela madrugada”⁵¹², com as comemorações que se entrelaçavam com festas populares de São João e ao samba.

Na descrição nos hábitos de Joaquim Prado, que “era preto, mas era de família ilustre, rico, vivia nas melhores rodas”⁵¹³. Se vestia como um “verdadeiro *lord* [...] nada de cores berrantes, nem mesmo o contraste do branco e preto, tão do agrado do homem de cor”⁵¹⁴. Ou então, ao falar de Fausto que “não tinha nada [...] chegava a passar necessidade. A mãe cada vez mais magra, não parando de manhã até de noite, varrendo o chão, limpando as panelas, cozinhando”⁵¹⁵. Pela lógica do cotidiano, do corpo negro sem forças, tendo que continuar trabalhando e especificando quais tarefas, dando nomes aos objetos, Mario Filho construía o acesso ao passado.

Talvez uma das passagens mais significativas para aquilo que estamos tentando demonstrar, seja quando aquele que havia se convertido em “Imperador do *Foot-ball*”, o Feitiço, vai escrever o seu nome na súmula da partida⁵¹⁶:

O Imperador do *Foot-ball* mal sabia assinar o nome na súmula. Passava uns cinco minutos torturando-se, procurando-se lembrar, com medo de se esquecer de uma letra, ter de começar de novo. Do éle não se esquecia nunca, o éle saía enorme. Feitiço chegava a se assustar com o tamanho do éle, diminuía o ú, achava o ú pequeno demais, tratava de rabiscar o i maior do

⁵¹¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 205.

⁵¹² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 207.

⁵¹³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 24.

⁵¹⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 25.

⁵¹⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 221.

⁵¹⁶ Além do caso de Feitiço, Mario Filho apresenta outros. Por uma questão de adequação optamos por analisar apenas o fenômeno envolvendo esse jogador. Apenas para registro, outro caso de violência simbólica análogo ao que será investigado nas próximas páginas, é o referente ao jogador Paschoal que por não saber escrever preferiu trocar de nome para cumprir a tarefa com maior êxito. Ver: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 113-115.

que o ú, menor do que o éle. O zê ia de qualquer maneira, gente em volta, esperando, se impacientando, Feitiço acabava ou não acabava de assinar o nome? Naqueles cinco minutos não era o Feitiço, era o Luiz Matoso, um mulato humilde, de cabeça baixa pela vergonha de não saber assinar o nome direito. Bem ou mal o nome de Luiz Matoso ficava na súmula, tudo mudava. Luiz Matoso desaparecia, o Feitiço estufava o peito, empinava o queixo, entrava em campo.⁵¹⁷

Bem, vários elementos do trecho merecem atenção. Feitiço foi o jogador, que segundo Mario Filho, teria desafiado a ordem do presidente Washington Luís para que a partida entre as seleções de Rio de Janeiro e São Paulo, em 1927, recomeçasse. Como vimos, Feitiço teria dito ao presidente que ele possuía poder na política, mas que em campo não. A partida não recomeçou.

Feita essa recapitulação, estamos diante de um imperador que não sabe escrever, mais que isso, tem imensas dificuldades em assinar o seu próprio nome. Acontece que aquele que escrevia na súmula não era o “Imperador do Futebol”, o seu império era em outros domínios, *em campo*. Essa espécie de primeiro imperador do futebol brasileiro que teria dado início àquilo que José Wisnik chamou de “contraparte simbólica” aos impérios nacionais, que “pelo menos dentro do campo [...] no seu núcleo lúdico, não é nem político, nem econômico, nem militar: ‘não um império que contra-ataca’, mas um ‘contra-império’ que se faz na contramão dos impérios”⁵¹⁸, perderia a sua majestade ao ter de cumprir as exigências da liga.

Nessa passagem, Mario Filho evidencia a descontinuidade entre as identidades do personagem. Era *em campo* em que haveria a correspondência entre o personagem e ele mesmo, onde a ascensão do negro fora construída. É ali o seu lugar de triunfo, de poder, de afirmar essa “contraparte simbólica”, de que fala Wisnik, em relação às instituições que silenciosamente – ao obrigar a assinatura dos jogadores na súmula, por exemplo – tentam recolocar o sujeito negro em sua marginalidade, mantendo o seu *status quo*, forçando que a sua identidade esteja sempre fraturada. Lembrando que o *campo* é o lugar em que

⁵¹⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 200.

⁵¹⁸ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 23.

se operará a revolução, como vimos, e que o negro tem de batalhar para permanecer, pois corre o risco de perder espaço e cair no esquecimento. Aos olhos de todos, Luiz Matoso sentia-se pressionado no momento da assinatura. A duração do instante do ritual antes do início do jogo parecia se estender vagorosamente até que ele acaba e, por algum *feitiço*, Luiz Matoso transfigurava-se no Imperador Feitiço, de peito estufado e queixo erguido, demonstrando a sua vitalidade e poderio

É possível perceber como a temática da ambivalência identitária atravessa o ensaio *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Ela fica evidente no caso de Friedenreich, “o famoso mulato que se disfarça de não-mulato – esticando o cabelo e usando gorros”⁵¹⁹, em Carlos Alberto – “cobrindo a pele com pó-de-arroz”⁵²⁰, na geral-copa-cozinha-quintal “dentro, quase pra fora” do estádio, e agora na dupla personalidade Feitiço/Luiz Matoso. Nesse sentido, as palavras que Wisnik usa para Friedenreich, valeriam para Feitiço: “nele, podemos ver a ambivalência do mulato *nem rejeitado nem admitido*”⁵²¹. No futebol, essa ambivalência, como já dissemos, parece ter fim na conclusão do argumento do livro. O caso de Feitiço é exemplar: o campo como domínio, o futebol como império. Contudo, a ambivalência permaneceria na própria relação do esporte com a sociedade. Novamente, Feitiço/Luiz Matoso tornam-se exemplares.

Outro aspecto relevante que podemos extrair do excerto de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* citado acima é como o nome de Feitiço é ocultado até o momento em que a própria grafia do personagem apresenta a sua identidade. O leitor pode ter uma primeira sensação de que Feitiço escreve seu nome de maneira incorreta, até se lembrar que “Feitiço” é um apelido. Segue, então, os traços do jogador esperando, letra após letra, rabisco após rabisco, o nome se revelar por completo. Então, Luiz aparece, o nome do “mulato humilde, de cabeça baixa”. Feitiço começa a assinar a súmula como “Feitiço, o Imperador” e termina como “Luiz Matoso, o subalterno”. As estratificações sociais e raciais

⁵¹⁹ WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 198.

⁵²⁰ WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 198.

⁵²¹ WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 198.

sublimadas durante o tempo de jogo, aparecem com toda a sua intensidade no momento em que Feitiço registra seu nome na súmula. Sente-se sua apreensão, seu temor, seu esforço quase que de um “moleque” diante de figuras de autoridade rigorosas e ameaçadoras, sente-se sua transpiração, seu coração palpitando até toda a tensão ser desfeita com seu trote soberano para dentro de campo.

Além desse passeio pelos afetos do personagem e, novamente, da construção da empatia por aquele sujeito, já que um estudo feito “tocando em nervos”⁵²², como propunha Gilberto Freyre, não é fato menos importante que nome de Feitiço – Luiz – não surja em sua completude sem maiores delongas. Lembremos da análise que Marcelino Rodrigues faz, em *Mil e uma noites de futebol*, da forma com que a imagem do corpo negro aparece nos primórdios do jornalismo, por meio da foto da perna de Friedenreich, enaltecida como objeto responsável pela conquista da equipe brasileiras em 1919⁵²³. Mario Filho, ao valorizar a escrita do nome decomposto em suas unidades mínimas – as letras –, assim como o desenho dos garranchos e a dificuldade de Feitiço em realizar a operação exigida pela liga, coloca em cena a extensão do corpo fragmentado do jogador negro, como acontecera com a perna de Friedenreich.

As letras parecem não ter significado para Feitiço. Ele as escreve apenas pela obrigação e não se reconhece naquela desordem alfabética. Luiz, para Feitiço, é L, U, I, Z, ou então, “éle”, “ú”, “i”, “zê”, mais o embaraço em escrevê-las. Só após recolher esses cacos e as letras formarem um nome, Feitiço aparece em sua inteireza. Curiosamente, os defeitos do jogador na escrita, como a sua falta de linearidade, tornam-se virtudes em campo, não só do Imperador Feitiço, “acostumado a correr em campo de um lado para o outro, atravessava a rua Direita, ia bater na Avenida Quinze, com pouco estava na rua São Bento”⁵²⁴, mas do próprio futebol brasileiro que surge do processo histórico narrado por Mario Filho. Uma vez mais, toda a complexidade do ator social individual

⁵²² FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 22.

⁵²³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 15.

⁵²⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 198.

funcionaria como metonímia do processo macrosocial narrado na história. Essa propriedade vista em Feitiço, mas generalizável, seria “a irrupção de eventos *não lineares* e imprevisíveis (criação de espaços vazios, corta-luzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita)”⁵²⁵ em contraposição à “linearidade do esporte britânico”⁵²⁶, como propõe Wisnik ao apropriar-se das ideias de Pier Paolo Pasolini.

À título de conclusão, percebemos que a unidade analítica povo ganha vida pela intensa atividade descritiva de Mario Filho e aparece de forma heterogênea e complexa por ser preenchida com dimensões afetivas e corpóreas dos sujeitos históricos. As ações dos personagens não são mais importantes que as suas sensações e percepções das experiências cotidianas. Por isso, o conceito de “democracia literária”, de Rancière, pode ser aplicado juntamente com a proposta de Didi-Huberman de conferir aos povos representações dignas que passassem por uma narrativa da afetividade dos personagens. O sentido da história contada em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* não depende da forma com que ele é construído. E nessa construção a descrição de sociabilidades populares e de sensações dos atores fazem com que os corpos dos personagens tornem-se visíveis e fundamentais para a inteligibilidade do processo histórico. Essa dimensão corpórea da história só aparece com tanta potência pela opção de Mario Filho em vasculhar o cotidiano e em construir na temporalidade do dia-a-dia as grandes transformações que fermentavam na experiência histórica brasileira. Agora chegou a hora de investigar como a violência costura as relações sociais e raciais no livro.

Linguagem da violência: história sensível e o negro como agente

O processo de tradução do futebol, a revolução no ritmo do dia-a-dia ocorrida no esporte, a lógica das oposições na construção dos argumentos, em suma, toda essa história de formação nacional, estaria mal compreendida caso não

⁵²⁵ WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio*: O Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 13.

⁵²⁶ WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio*: O Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14.

dedicássemos a devida atenção para as relações de violência que atravessam as relações raciais em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Longe de fazer coro à leitura de uma imagem de Brasil harmônico, Mario Filho acentua a violência como elemento sem o qual não compreenderíamos o processo de democratização racial do futebol. José Miguel Wisnik já apontou para essa relação em seu clássico *Veneno Remédio*:

Mario Filho expõe a inclinação brasileira à adaptação miscigenante, à 'reciprocidade de culturas' e raças, sem esconder-lhe os sinais contrários, num processo inacabado e não idílico, mesmo que triunfante em campo: violências, mazelas miúdas, preconceitos, estigmas, misérias, doenças (focos dentários, sífilis, alcoolismo) e fraquezas psicológicas povoam o livro, evidenciando o terreno minado de onde se extrai a sua afirmação. Ao mesmo tempo, o campo onde vige essa reinterpretação do futebol é um regime permeável, conflitivo e plástico, de exclusões e inclusões em revirada.⁵²⁷

Seguindo, assim, os rastros que a violência deixa na obra, procuraremos dar continuidade à proposta de entender como Mario Filho representa o universo popular e o negro, bem como demonstrar que sua narrativa cria uma fissura no mito do Brasil pacífico. Para isso, devemos explicitar, antes de mais nada, o que entendemos por "linguagem da violência", esta forma de comunicação entre pessoas e instituições que formou-se no país.

Ao contarem e interpretarem a história do país, em *Brasil: uma biografia*, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling escrevem:

Como se fosse um verdadeiro nó nacional, a violência está encravada na mais remota história do Brasil, país cuja vida social foi marcada pela escravidão. Fruto da nossa herança escravocrata, a trama dessa violência é comum a toda a sociedade, se espalhou pelo território nacional e foi assim naturalizada.⁵²⁸

Para elas, os séculos de regime escravocrata teriam deixado marcas profundas no mundo político-social a ponto de uma sociabilidade violenta ser naturalizada como meio para resolução de conflitos em todo território brasileiro e, por isso, ter ganhado o *status* de linguagem. A partir da dualidade estruturante do modo de

⁵²⁷ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 239.

⁵²⁸ SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 14.

produção escravista, senhor-escravo, construiu-se toda uma lógica de relações derivadas dessa assimetria, que ultrapassariam, e muito, as fronteiras da economia.

Em outro momento, por exemplo, afirmam que a:

Escravidão foi mais que um sistema econômico: ela moldou condutas, definiu desigualdades sociais, fez da raça e da cor marcadores de diferença fundamentais, ordenou etiquetas de mando e obediência e criou uma sociedade condicionada pelo paternalismo e por uma hierarquia estrita.⁵²⁹

A rotina de um sistema de exploração e dominação de um ser humano sobre outro calcada em critérios raciais configurou-se como uma “espécie de violência legal e moral institucionalizada”⁵³⁰, que, urdiu, ao longo dos anos, uma “linguagem da violência”, tanto na comunicação entre Estado e Sociedade, quanto na comunicação intrassocial. Por estar internalizada nas relações sociais, a violência seria uma longa continuidade na nossa história que “resiste e se dispensa na trajetória do Brasil moderno, estilhaçada em milhares de modalidades de manifestação”⁵³¹.

Acreditamos ser *O Negro no Foot-ball Brasileiro* um instrumento, por conta das inúmeras manifestações de violência contidas em suas páginas, a partir do qual poderíamos ter acesso à linguagem de que falam Schwarcz e Starling. Desde formas oficiais até a sua interiorização por parte dos personagens, no livro de Mario Filho, a violência não aparece em momentos isolados, mas constitui-se como “moeda corrente” nas relações entre os personagens e instituições. Em outras palavras, ela não se mostra esquematizada, como recurso utilizado apenas para reprimir determinados grupos, e não é monopolizada por nenhum ente. A forma com que ela aparece no texto está de acordo com o ritmo cotidiano dos acontecimentos, que dão corpo à narrativa. A violência como linguagem apareceria em situações

⁵²⁹ SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 96.

⁵³⁰ SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 228.

⁵³¹ SCHWARCZ, Lília; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 14.

despretensiosas, como se fossem naturais, e pode ser silenciosa, dissimulada, aberta, institucional, simbólica, reativa, etc.

A violência acompanha o ritmo da revolução que culmina na ascensão do negro e na democracia racial no esporte. Se vimos que nesta revolução não existe exatamente um instante disruptivo, a violência em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* também não possui um grande momento, mostra-se no emaranhado de ações dos personagens. Todos dominam essa linguagem, todos são iguais no que diz respeito à capacidade de ação dentro desse sistema, variando apenas as intensidades, as causas e consequências dos atos.

Percebemos na postura da Liga Metropolitana, que “não deixava praça de pré jogar em nenhum clube”⁵³², uma restrição à prática do esporte por critérios trabalhistas, que acaba sendo também racial, um desses tipos de violência. Em outro caso, o Fluminense elaborava estratégias para não ser alvo de troças relacionadas à composição racial de sua equipe, “tratando [...] de ter mais cuidado, de não botar mais um mulato no *team*. Principalmente um mulato que quisesse passar por branco”⁵³³. Da mesma maneira, o Flamengo negava dar espaço em sua equipe de futebol a um garoto que viva ao redor do clube, porque “o garoto cresceu, aí o Flamengo reparou na côr dele. Não tinha nada contra ele, pena que ele não fosse branco”⁵³⁴. Também preocupado com a própria imagem, o time brasileiro deixou de levar Nelson Conceição para o torneio Sul-Americano de 1925 na Argentina, pois se “fosse para Buenos Aires os brasileiros seriam chamados de ‘*macaquitos*’”⁵³⁵, como em outras situações. Apenas pelo acúmulo desses relatos, percebemos um padrão de atuação violenta que se cobre com o manto da normalidade.

A violência segregacionista vai agindo de modo dissimulado, disfarçado, nunca assumindo o seu caráter essencialmente violento. As estratégias para

⁵³² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 134.

⁵³³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 59.

⁵³⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 175.

⁵³⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 176.

apartar o negro são variadas e a história do jogador Mineiro, do América, é exemplar nesse sentido. Ele

vestia-se bem, sempre ao rigor da moda, tinha finuras de cavalheiro, delicadezas de dama. Um dia podia esquecer-se de que era preto, aparecer numa 'soirée' dançante do América, querer tirar uma moça para dançar. Por isso, o Bem-te-vi não deixava de convidar o Mineiro para um cinema, para um teatro, sessão de dez à meia-noite, depois da fita, da revista, sentava-se com ele num café, ficava batendo papo até quase de manhã.⁵³⁶

Com medo de que o jogador negro “esquecesse” de sua condição racial e sentisse que poderia participar dos refinados bailes da elite carioca, o América elabora estratégias designando um responsável, o Bem-te-vi, para que o atleta, fizesse outros programas durante a realização das festas e não aparecesse no ambiente selecionado do clube. Mesmo adequando-se aos hábitos da elite, Mineiro é segregado pela sua cor. Disfarçadamente, criava-se um meio de isolar o jogador negro sem que a interdição de caráter racial ficasse escancarada.

Uma das tipologias da violência racial em Mario Filho tem a marca da dissimulação. Em outra oportunidade, o autor mostra como a tentativa de esconder diferenças raciais aparecem das mais variadas formas. Por exemplo, para jogadores importantes como Leônidas, Waldemar, Domingos e Fausto, era comum que a palavra “preto” fosse substituída por outra menos chamativa: “*colored*”⁵³⁷, como se isso pudesse alterar a realidade das coisas.

Além dessa forma de violência que muito tem a ver com a relação das instituições com jogadores negros, há a violência sob a forma de ofensas diretas, xingamentos que mobilizam um vasto repertório racista de nomenclaturas. O jogador uruguaio Gradim, chamado de “negro fedorento”, sem poder “se ofender [...] senão apanhava”⁵³⁸. Além disso, durante o jogo, sofre com os ataques de Pindaro de Carvalho, que “metendo o pé, com muito mais vontade do que metia o pé em Welfere. Welfere branco, branquíssimo, Gradim preto, pretíssimo. Num

⁵³⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 190-191.

⁵³⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 262.

⁵³⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 127.

preto até dava gosto meter o pé. Todo mundo gostava, batia palmas”. Mario Filho nos dá a ver um sistema de violência autorizado contra os negros em diferentes esferas. É gozo aquilo que sente Pindaro ao “meter o pé” em um “preto, pretíssimo”, pois a intenção por de trás do gesto é racista, mas o gesto em si pode ser dissimulado, uma vez que entradas fortes fazem parte do jogo, não haveria diferença objetiva entre agredir um branco ou um negro. Some-se a isso o fato de que Pindaro não tem maiores problemas em passar ao ato, uma vez que a censura à agressão de cunho racista inexistente, pelo contrário, é respaldada tanto pelo seu desejo quanto pela plateia que “bate palmas” efusivamente quando o jogador negro é violentado. Como se não bastassem os xingamentos, a impossibilidade de reação, a perseguição dentro de campo, há o fenômeno, depois da passagem de Gradim pelo Brasil, de apelidar todo e qualquer jogador preto de “Gradim”. A generalização pode ter duas facetas: a primeira a da homenagem ao jogador, a segunda a homogeneização dos negros e a retirada de suas particularidades, e nesse caso, uma espécie de violência simbólica.

Sobre as ofensas de cunho racial, Mario Filho conta do movimento ativo dos torcedores do Fluminense para dirigir palavras depreciativas a Nelson Conceição: “os sócios do Fluminense mais dispostos largavam as cadeiras da bancada social, preferiam ficar debaixo do sol, na arquibancada, atrás do gol de Nelson Conceição. Assim tinham mais liberdade para descompor o preto”⁵³⁹. “Descompor o preto” com “liberdade” sendo, portanto, o objetivo desses torcedores. O time do Vasco, como consta no livro, por ser racialmente diverso, é o mais insultados dos clubes: “os jogadores começaram a ouvir gritos, descomposturas, o torcedor se justificava dizendo que pagara a entrada”⁵⁴⁰. As situações evidenciam a normalidade das ofensas de cunho racial, seja buscando um lugar mais adequado para xingar o jogador no estádio, seja pelo sentimento de estar autorizado a ofender por ter comprado o ingresso.

Mario Filho enfatiza como as ofensas possuíam preferencialmente caráter racial. O torcedor do América, por exemplo, “procurava uma maneira de ofender

⁵³⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 171.

⁵⁴⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 171.

Leônidas, e lá vinha a cor”, tratando-o por “moleque”, “preto sem-vergonha” ou “negro sujo”⁵⁴¹. Mesmo aquele que seria aclamado no final do livro como o principal jogador brasileiro, e representante de um estilo, não escapava à trama dos xingamentos racistas. O autor ainda ressalta que os gritos da torcida do América, ofendiam por conta do ressentimento de o jogador não ter aceitado a proposta de transferência para o clube e continuado nos quadros do Bonsucesso. Ou seja, o insultam, pois aquele negro teria escapado de seus domínios, não seria um “preto útil”, imagem que também aparece no livro.

Diferentemente de Gradim, Leônidas reage: “acabou não aguentando mais, fez um gesto feio”⁵⁴². A reação de Leônidas causou uma desordem gigantesca, pois era como se ele não tivesse o direito de reagir às agressões, então “quase que o mundo veio abaixo. Silvio Pacheco, o *keeper* do América, foi logo dando nele. A multidão invadiu o campo, lincha, lincha”⁵⁴³. Não parece existir freio para a lógica de práticas violentas, elas sempre se mostram como alternativas viáveis para enfrentar as situações. E é desde cedo que os sujeitos são introduzidos nesta linguagem.

Conta Mario Filho que quando “moleques” resolviam jogar bola atrás da Igreja eram duramente enfrentados. Logo na infância, esses meninos que, como vimos, viviam à margem das condições formais de ensino, sem material para praticar o futebol, sem acesso aos clubes, eram apresentados à violência como resposta para suas ações. O algoz dos meninos era Alfredo China, “um mulato de olhos apertados [que] aparecia de vara, metia a vara em tudo quanto era moleque que ia encontrando”⁵⁴⁴. Além de apavorar os meninos e deixar a marca da vara em seus corpos, destruía com uma navalha a bola da brincadeira. A bola, na narração da história, transfigura-se em órgão humano, e a ação de destruição do objeto parece encarnar a perspectiva desses “moleques” incrédulos com que acontecia. Diz o narrador: “uma tira de câmara de ar pulando

⁵⁴¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 237.

⁵⁴² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 239.

⁵⁴³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 239-240.

⁵⁴⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 93.

parecia que era sangue que espirrava”⁵⁴⁵. Pelas ações de Alfredo China, os garotos iam aprendendo que a violência funcionava como importante instrumento de regulação social.

O caráter de mediação de conflitos que assume a linguagem da violência, que indica como as tensões raciais eram assimiladas na lógica do dia-a-dia, pode ser observado quando Mario Filho dá voz, por meio do discurso direto, a Pernetá, torcedor “mulato” do São Cristóvão, no momento em que este puxa uma navalha com o objetivo de cravá-la em “um branco que valesse uma cadeia”⁵⁴⁶. De modo geral, conta Mario Filho, “o torcedor do São Cristóvão não puxava a navalha para qualquer branco. Tinha de ser um branco de categoria, um cartola”⁵⁴⁷. À condição racial, deveria somar-se a social. No caso, Paulo Azeredo, dirigente identificado como “mais do que um branco, era o branco. O branco que olhava o São Cristóvão de cima porque o São Cristóvão tinha mulatos e pretos no time”⁵⁴⁸. Pernetá, em sua violência reativa diz: “pelo amor de Deus, me deixa abrir a barriga desse branco”⁵⁴⁹, dirigindo a sua indignação (e navalha, que faz parte do discurso) a Paulo Azeredo, identificado como símbolo da elite racista de então, um “branco que valia a cadeia”⁵⁵⁰. A navalhada é a primeira opção do torcedor e parece ser o modo de resolução de conflitos naturalizado por aquele sujeito. Da mesma maneira, que estaria naturalizada em Paulo Azeredo a inferioridade dos negros em relação aos brancos, manifesta em seu olhar vertical, de cima para baixo, para os jogadores do São Cristóvão.

No que tange à construção oral e coloquial do “me deixa” na fala de Pernetá, é possível, novamente, chamar a atenção do leitor para o fato de que tanto nas palavras, quanto nos gestos, o elemento popular ganha singularidade

⁵⁴⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 94.

⁵⁴⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 188.

⁵⁴⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 187.

⁵⁴⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 188.

⁵⁴⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 188.

⁵⁵⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 188.

e independência em relação ao polo elitista da história. Apesar das particularidades do livro de Mario Filho, e de sua atuação precedente como jornalista, ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940, essa visibilidade dos modos de expressão populares já havia sido observada por tantos outros. É por isso que Marcelino Rodrigues relembra que:

não é difícil perceber o quanto suas ideias e formas de recriar e interpretar o jogo são tributárias dos valores, das ideias, das concepções estéticas e dos projetos que circulavam no cenário artístico e cultural de sua época.⁵⁵¹

Por exemplo, Manoel Bandeira, em sua “Evocação do Recife”, poema de 1925, feito a pedido de Gilberto Freyre⁵⁵², escreve os consagrados versos sobre a “língua errada do povo / língua certa do povo”. Ou ainda, no poema, também de 1925, “Pronominais”, de Oswald de Andrade, quando escreve sobre o “bom negro e o bom branco” que “dizem todos os dias ... me dá um cigarro”, invertendo o lugar do pronome na construção frasal. O próprio Gilberto Freyre, em *Casa-Grande & Senzala*, analisa esta característica. Segundo ele, para a colocação pronominal, existiria o uso português e o uso brasileiro, e seria absurdo considerar este último como ilegítimo:

Seria sufocarmos, ou pelo menos abafarmos metade de nossa vida emotiva e das nossas necessidades sentimentais, e até de inteligência, que só encontram expressão justa no ‘me dê’ e no ‘me diga’. Seria ficarmos com um lado morto; exprimindo só metade de nós mesmos.⁵⁵³

Portanto, além da construção ser identificada com um modo próprio de adaptação da língua portuguesa nos trópicos e por isso “a língua certa do povo”, utilizada pelo “bom negro e o bom branco”, Freyre atribui à construção uma raiz sentimental. É justamente essa matriz emotiva que aparece na ação de Pernetá, suplicando a Deus, e aproximando a barriga do branco da navalha – extensão de seu corpo –, pelo menos no plano da construção frasal por conta do uso do

⁵⁵¹ SILVA, Marcelino Rodrigues da. Futebol brasileiro, invenção modernista. In. SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte, Editora Relicário, 2014, p. 40.

⁵⁵² PALOMO, Victor. Evocações do lugar de origem: a saudade em “Evocação do Recife” e “Recife”, de Manuel Bandeira. *Revista Crioula da USP*, São Paulo, n.13, 2013, p.4.

⁵⁵³ FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002, p. 344.

pronome antes do verbo. Para Pernetá, o discurso é ato que realiza no plano do imaginário o ato violento de reação ao maior símbolo, em sua perspectiva, do sistema racista no futebol.

A disposição de Pernetá para entrar em conflito com um diretor esportivo, está presente, também, em Fausto que:

era capaz de brigar, de tocar o braço em qualquer um, jogador, torcedor, diretor do Vasco. Diretor não se metesse com ele. De diretor, Fausto estava farto. Um cartola, ele se matando em campo, o cartola lá na tribuna de honra, refestelado numa boa cadeira de vime. Ah! Se ele pudesse chegar um dia, não jogar, mandar um cartola mudar de roupa, entrar em campo, para ver o que era bom.⁵⁵⁴

Nesse caso, o que se sobressai é a vontade do jogador em inverter os papéis em cena, para que aquele em situação confortável experimentasse na pele o que passava um jogador de futebol. Era da assimetria entre tarefas, recompensas e reconhecimento que surgia o desejo de Fausto em brigar com o diretor. A reação violenta surgiria assim como uma consequência do próprio sistema desigual entre diretores e jogadores negros. Mais uma vez percebemos que a democratização é fenômeno ocorrido exclusivamente no campo, durante o jogo.

Outra situação em que a violência é mediadora de relações, é no caso do torcedor do Fluminense Chico Guanabara:

um valentão de chapéu de palha de aba cortada, no alto da cabeça, lenço no pescoço, navalha no cinto, tamanco saindo do pé. Ninguém falasse mal do Fluminense perto dele. Chico Guanabara ia logo tocando o braço, passando rasteira, puxando a navalha. Um capanga do Fluminense. Como torcedor, como capanga, servia.⁵⁵⁵

Chico, negro, elemento popular, torcedor do clube símbolo da aristocracia futebolística, bastava que alguém falasse mal de seu time, para que dispusesse seu corpo em situação de alerta para agredir seu adversário. Contudo, essa postura de Chico Guanabara em nada altera a sua condição de inferioridade para aqueles de dentro do clube. Era um “capanga” aos olhos dos sócios. Mas

⁵⁵⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 215.

⁵⁵⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 31.

Chico também tinha boa percepção da situação, não há espaço para pensarmos em manipulação ou falsa consciência por parte do personagem, já que Mario Filho conta que:

Chico Guanabara não pretendia ser outra coisa do Fluminense. Nunca lhe passara pela cabeça vestir a camisa das três cores. A camisa das três cores ficava bem em Edwin Cox, fino, elegante, que jogava de casquete. A camisa que ficava bem no Chico Guanabara era a do clube do morro. Até como torcedor ele conhecia o seu lugar. Na geral, olhando de longe a arquibancada.⁵⁵⁶

A ordem social está interiorizada pelos personagens da narrativa e estes, por sua vez, sabem como transitar dentro dela, pois o imperativo da sobrevivência no tempo do cotidiano faz com que as pessoas adequem-se às relações sociais. Chico vive uma vida dupla, em que possui um clube que é seu por filiação social, este sim, clube que veste a camisa, e outro por filiação emocional, o Fluminense.

A argúcia da observação de Mario Filho penetra modos, hábitos, jeitos, sotaques, porque é nesse mergulho na vida do eixo popular da narrativa, que mínimos detalhes podem evidenciar situações de desigualdade que têm de fundo a discussão racial. Logo no início do livro, o autor descreve o descuido dos ingleses para vestirem-se e levanta a hipótese que isso acontecia “talvez, por orgulho de raça superior”⁵⁵⁷. Embora não haja a confirmação de que o desleixo era devido ao sentimento de superioridade racial, Mario Filho utiliza o exemplo para revelar como a despreocupação com o visual era um privilégio relacionado à cor. O jogador Francisco Carregal, para atenuar os estigmas de cor, fazia o oposto de William Procter, o inglês. Carregal procurava estar alinhado, porque “no meio de ingleses, de portugueses, de italianos, sentia-se mais mulato, queria parecer menos, quase branco”⁵⁵⁸. Nesse contexto, portanto, a tentativa de mobilizar hábitos de classes altas poderia constituir-se como estratégia para disfarçar a cor da pele.

⁵⁵⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 31.

⁵⁵⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 19.

⁵⁵⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 20.

São diversas as situações que o negro é o próprio agente da violência contra o seu corpo, suas expressões, suas características físicas para tentar adequar-se aos padrões do esporte fidalgo, moderno, civilizado, branco. A cor da pele, em alguns personagens, é recusada, escondida. A história é assim para Friedenreich, que fazia o processo de “amansar o cabelo”, já que “era cabelo ‘não nega’”, e denunciava “o mulato”⁵⁵⁹. Também para Miranda que:

passou a usar gorro, a esconder o cabelo ruim. [...] De gorro ele podia passar, um pouco mais moreno do que os outros, com a sua racinha, mas sem chamar muita atenção. Não queria chamar atenção, por isso o gorro na cabeça.⁵⁶⁰

Além desses dois, havia também Carlos Aberto, mulato que passa a defender o Fluminense, o clube símbolo do futebol elitista e branco dos primeiros anos de prática no Rio. Mario Filho, então, descreve aquilo que Carlos procurava fazer para que a sua condição racial passasse despercebida:

Enchendo a cara de pó de arroz, ficando quase cinzento. Não podia enganar ninguém, chamava até mais atenção. O cabelo de escadinha ficava mais escadinha, emoldurando o rosto, cinzento de tanto pó de arroz. Quando o Fluminense ia jogar com o América, a torcida de Campos Salles caía em cima de Carlos Alberto: ‘Pó de Arroz!’⁵⁶¹

A escala que a linguagem da violência opera do futebol atinge também a forma com que o jogador negro deseja ser visto, constrangendo, por vezes, o sujeito a esconder-se, negar sua identidade visando a integração impossível.

A centralidade que ocupa o negro, principal camada do elemento popular, no livro, não é apenas pela sua contribuição para formação nacional, mas também por essa presença que remete à sua experiência cotidiana. Seja reprimindo, inclusive esteticamente, suas próprias características físicas, seja pelo deslocamento por não dominar códigos sociais.

Exemplo disso é uma viagem para o Uruguai, em 1924. O time brasileiro com a presença de brancos e negros embarcou no navio para Montevideu. No

⁵⁵⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 59.

⁵⁶⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 142.

⁵⁶¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 58.

cruzeiro, os jogadores negros imitavam os jogadores brancos nos pequenos ritos sociais, como os jantares de gala: “não queriam fazer feio, tinham vergonha de perguntar, de mostrar que não sabiam”⁵⁶². Um dos jogadores que estava sendo imitado, percebendo tal situação, resolve pregar uma peça nos companheiros e finge beber a água presente nos vasos de flor. Todos o acompanham e o ocorrido tem um desfecho em tom de brincadeira. Apesar disso, ele evidencia o deslocamento do jogador negro nesse mundo em que o futebol aparece como agente da civilidade europeia e corrobora a visão dos defensores da diferença entre raças, uma vez que “ainda se falava nisso, para mostrar a diferença que havia entre um jogador do Fluminense e um jogador do Vasco, entre um branco e um preto”⁵⁶³. Sabemos que a modernidade de Mario Filho será justamente construída por esse jogador que a princípio está marginalizado. Até que isso aconteça, é a timidez, o corpo contido que marca muitas vezes os atletas negros que começam a obter sucesso e passam a ter acesso às camadas economicamente mais altas da sociedade.

A linguagem da violência é indissociável do processo de abasileiramento do futebol narrado por Mario Filho e o negro é agente objetivo dessa história. É o corpo do “preto calando, se roendo”, ao ver o privilégio dos jogadores brancos em poder reclamar de certas condições profissionais, e que continua a jogar “a molhar a camisa, a se matar em campo, esperando um dia, o seu dia”⁵⁶⁴. Dia esse de ir ao espaço público, de estar em campo e poder ter uma reclamação ouvida, como os jogadores brancos tinham, mas sabendo que “talvez não chegasse nunca esse dia. Por isso mesmo ele tinha que aguentar”⁵⁶⁵. É o rosto do jogador negro que é pintado com o pó-de-arroz, sufocado, transfigurado e seu cabelo escondido. A lógica da opressão de caráter racial na estrutura da narrativa é sempre construída a partir dessas situações do cotidiano, em que até

⁵⁶² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 177.

⁵⁶³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 177.

⁵⁶⁴ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 222.

⁵⁶⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 222.

mesmo o silêncio pode revelar uma situação de violência. É o caso de Mineiro, impedido de ir às festas do América:

pena que ele fosse preto. Se não fosse preto podia ir às vesperais dançantes, às festas do América. Como era preto, tinha de ficar lá em baixo, no 'hall', no bar, jogando bilhar. Não dizia nada, mas sentia cá por dentro.⁵⁶⁶

Por fim, o processo revolucionário de ascensão do negro no futebol ganha sentido último na democracia racial justamente pela explicitação da linguagem da violência no decurso do tempo. Não há Brasil pacífico, o que existe é o que Freyre diz no prefácio sobre o desenvolvimento do futebol que “tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura”⁵⁶⁷. Em campo, a violência racial seria, pois, sublimada. Fora dele continuaria caracterizando as relações sociais no país, as “velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro”⁵⁶⁸ não encontrariam condições favoráveis para a sua sublimação. Por isso, Wisnik afirma

Os horrores que Gilberto Freyre descreve como superados pelo advento do futebol parecem uma descrição cabal e precisa daqueles que conhecemos hoje: a violência urbana, o crime organizado (os morros enfrentando ‘a polícia das cidades sob forma de confrontos mais sérios que os antigos’), a malandragem (elevada a oportunismo e irresponsabilidade generalizada) resistindo como ‘um mal’ crônico e ‘um inconveniente’. O futebol chegou a se formar (no sentido de ter desenvolvido plenamente as suas potencialidades, a ponto de dominá-las), e a nação não. Os destinos opostos da cultura e da sociedade apresentam-se como duas faces do mesmo nó, e a terapia pela cultura, que faz do mal o seu antídoto, resiste no seu ponto estacionário. Não é à toa que, visto pelo prisma do futebol, que o encarna aos olhos de todos, *o país se realiza extraordinariamente enquanto não se realiza nunca*.⁵⁶⁹

Entretanto, podemos chamar a atenção para o desnível no que tange ao refinamento conceitual entre Freyre e Mario Filho. O mestre de Apipucos, ao falar de sublimação, reconhece que o impulso violento do homem é inextirpável de

⁵⁶⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 238.

⁵⁶⁷ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. V.

⁵⁶⁸ FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil (Prefácio). In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. III.

⁵⁶⁹ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 244.

sua humanidade, ao passo que Mario Filho parece ver a sua eliminação, já que “em *foot-ball* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo”⁵⁷⁰. Lendo, portanto, o desfecho de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* a partir da elaboração teórica de Freyre, é bom lembrar que os termos utilizados para compreender o lugar da violência nessa história remetem a um vocabulário das ciências psicológicas. Como vimos, em “Football Mulato”, Gilberto Freyre diz que “psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato”⁵⁷¹ e que o “mulatismo” era considerado “não como expressões ethnicas mas como expressões psychosociales condicionadas por influências de tempo e de espaço sociaes”⁵⁷². Portanto, esse traço psicológico “mulato” – construído historicamente e não atávico – seria justamente aquilo que o brasileiro arrastaria consigo, independentemente de sua condição social ou racial, tanto nas qualidades que remetem ao improvisado ou à negação do formalismo europeu quanto na participação na trama linguística da violência evidenciada pelos caminhos da história de Mario Filho.

A violência como impulso irracional que marca o “ser mulato” é condicionada por “influências de tempo e de espaço”⁵⁷³ e encontra a sua sublimação em dança dionisíaca no futebol, seu recalçamento nas diversas formas de dissimulação vistas na história social brasileira, assim como a sua manifestação explícita nos xingamentos e confrontos corporais em *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. O “ser mulato” não seria uma classificação que expressaria apenas o lado solar da brasilidade e sim toda a complexidade formativa do povo submetido a experiências históricas comuns – aí incluída a violência de matiz racial. O final democrático é sim um o desfecho harmonioso e de comunhão entre o povo e o ente nacional sugerindo um caminho a ser percorrido pela nação, contudo na elaboração da 2ª edição da obra, em 1964, Mario Filho revê essa harmonia, desfazendo-a no capítulo 4 (antigo capítulo final) e reelaborando-a no 6º capítulo, “A vez do preto” (novo capítulo final), evidenciando que a análise de

⁵⁷⁰ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 293.

⁵⁷¹ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

⁵⁷² FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

⁵⁷³ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4 (Edição 143).

novos fenômenos fez com que essa harmonia, mesmo em campo, fosse revista e reformulada.

Agora, vamos explorar como o conceito de democracia racial aparece como uma horizonte a ser atingido no modo de ver o mundo em Mario Filho, assim como possivelmente era mobilizado como argumento antirracista em certo período da história por conta de sua amplitude semântica e capacidade de aglutinar diversos personagens de perspectivas diferentes em torno de uma mesma causa. Na seção que se segue, tanto a segunda edição de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, que é transformada em *O Negro no Futebol Brasileiro*, quanto o jornal *Quilombo*, preferencialmente sua coluna fixa denominada “Democracia Racial”, serão chamados para o debate.

Democracia racial: a utopia de Mario Filho?

Sabemos que o tema da democracia racial é espinhoso. Hermano Vianna já fez reflexões no sentido de mostrar como o termo comumente aparece isolado do corpo da argumentação, apartado por aspas que criam um invólucro, uma distância de segurança entre o autor e aquilo que o conceito pode significar⁵⁷⁴. Discutir democracia racial, não sem motivos, mobiliza paixões. Como o nosso intuito ao logo desta dissertação não foi o de analisar o conceito, mas sim a obra de Mario Filho, é preciso evidenciar ao leitor que não se pretende aqui atropelar uma discussão que, do ponto de vista historiográfico, mereceria o uso de uma diversidade de fontes maior, assim como a ampliação da bibliografia especializada sobre o tema.

Contudo, o horizonte da democracia racial é uma das chaves de leitura do nosso personagem, e por isso é digno de nossa atenção. Procuramos suprir eventuais limitações com o cotejamento da duas edições do livro e a análise do jornal *Quilombo*, idealizado por Abdias Nascimento, em 1948, com funcionamento até 1950. A justaposição das edições justifica-se pelo movimento de mudança no texto operado por Mario Filho e que receberá devida atenção em

⁵⁷⁴ VIANNA, Hermano. A meta mitologia da democracia racial. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa. *O Imperador das Idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil; UniverCidade; Fundação Roberto Marinho; Topbooks, 2001.

momento oportuno. Já o periódico ganha relevância para as nossas pretensões, pois ajuda a esclarecer que Mario Filho não estava só em sua perspectiva, uma vez que projeto defendido pelo *Quilombo* vai ao encontro das formulações do autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Da mesma maneira, a reflexão proposta como encerramento de nossas análises em momento algum abandona o que foi dito nas páginas precedentes. Com isso, dizemos que não se pode pensar o tópico da democracia racial em Mario Filho desconsiderando as nossas propostas de leitura, sobretudo no que tange ao enraizamento de seu texto no seu tempo, à centralidade da visibilidade corpórea do negro em sua narrativa e à linguagem da violência evidenciada pela alta atividade descritiva do texto regida pela representação de um tempo que emula o da experiência cotidiana.

Apesar de Mario Filho não utilizar o termo “democracia racial”, como já vimos, *O Negro no Foot-ball Brasileiro* propõe como conclusão a democratização do jogo e mostra como evidência desse fato a integração racial e social em campo, com “o povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado”, descobrindo um esporte “bem brasileiro”, sentenciando que a “democratização do futebol [...] não pararia mais, a despeito de tudo”⁵⁷⁵. Além disso, resenhas da obra foram elaboradas a partir desse referencial democrático de Mario Filho. Também, é possível notar que o autor não estava sozinho nessas conclusões e parece pertencer a um grupo intelectual maior e ativo, que inclusive produz resenhistas de seu texto e que tem no conceito de democracia racial um eixo agregador nas formas de pensar o Brasil.

Antes de finalizar este preâmbulo, é necessário destacar que a dificuldade de trabalhar em perspectiva diacrônica com o conceito de democracia racial em muito advém da visão consolidada em nosso tempo em que o considera, de modo geral, um “refúgio discursivo das classes dirigentes e ideologia de dominação”⁵⁷⁶, ou ainda, um “esquema interpretativo [que] reduz todas as demais esferas a uma espécie de ‘falsa consciência’, representada pelo ‘mito da

⁵⁷⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 70 e 71.

⁵⁷⁶ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004.

democracia racial', urdido e nutrido pelo Estado"⁵⁷⁷. Portanto, não se trata de negar o fato de que o conceito no presente, e em um passado recente, presta-se a abastecer posições políticas autoritárias que apagam nuances da realidade social e racial brasileira, porque não enxergam, dentre outras coisas, a escravidão como fenômeno histórico estruturante das relações de poder e de violência no Brasil.

O problema, como dissemos, é como fazer com que essa visão não simplifique a polissemia do conceito quando este é colocado em perspectiva histórica? Nesse sentido, os nossos esforços compaginam-se aos de Antônio Sérgio Guimarães que diz:

Parte do meu trabalho nos últimos anos tem sido devolver a 'democracia racial' aos seus criadores e à época em que nela se acreditou mais profundamente. [...] As décadas em que se acreditou que a democracia poderia ser reduzida à convivência pacífica entre pessoas de diferentes cores, raças e credos, e que tal convivência poderia ser garantida pelas leis e pelos costumes, foram encerradas com os golpes de estado de 1964 e 1968. A partir desse momento, a democracia racial já não serve nem mesmo como ideal ou inspiração.⁵⁷⁸

Sendo assim, a proposta de Guimarães é compreender o conceito para os atores que o mobilizavam quando do seu surgimento, pois ao restabelecer as particularidades daquele tempo, seria possível visualizar "formas diversas de imaginar a nação brasileira"⁵⁷⁹ sendo a da "democracia racial" uma delas. Ele estabelece o horizonte da democracia racial como um "projeto nacional de mestiçagem"⁵⁸⁰, tendo por meta a igualdade entre cidadãos, calcado na crença que uma convivência pacífica pudesse ser, também, fundamentada nos costumes do povo brasileiro. Nesse ponto, o futebol poderia ser pensado, então, como lugar privilegiado de observação partindo da leitura de sua história por Mario Filho, pois dentro da esfera cultural brasileira. Portanto, não se trataria,

⁵⁷⁷ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, 2004, p. 30.

⁵⁷⁸ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, 2004, p. 30-31.

⁵⁷⁹ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004, p. 277.

⁵⁸⁰ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003, p. 19.

então, de ler a mestiçagem como um produto do intercuro sexual entre os sujeitos históricos da vida brasileira, mas antes como uma evidência histórico-cultural garantida pelos costumes brasileiros e que ofereceria, idealmente, um caminho para igualdade democrática entre negros e brancos.

Esta dimensão de projeto para o Brasil também é observada por Pallares-Burke quando ressalta o papel importante de Freyre para a sua construção e transformação em paradigma⁵⁸¹: “Freyre embarcou num projeto que iria, inversamente, transformar o que era um problema – mistura racial – em uma solução”⁵⁸². Se não há surpresas na sentença de Pallares-Burke, a observação de Guimarães amplia as nossas perspectivas:

A partir dos anos de 1940, começa a ganhar corpo uma potente ideologia nacional que reúne os principais elementos dessa agenda histórica de lutas: a democracia racial. [...] Ainda que tal ideologia tenha sido desenvolvida por intelectuais brancos como Gilberto Freyre e Arthur Ramos, ela ganhou rapidamente a adesão dos principais intelectuais negros mobilizados na luta anti-racista, como aqueles ligados ao jornal *Quilombo*.⁵⁸³

O que Guimarães trabalha no trecho acima é que não conseguiríamos entender o alcance de conceito de democracia racial na década de 1940, caso mantivéssemos nossos olhares focados exclusivamente em Freyre ou Ramos. Por isso, mostra como a frente que se criou em defesa do projeto foi ampla e também teve a participação de intelectuais negros do período, sendo o *Quilombo* um lugar de atuação desses pensadores. Guimarães, frisa ainda que o esse conceito de democracia racial possuía especificidades, uma vez que:

Tais intelectuais modificaram o sentido freyreano da democracia racial – o de uma matriz cultural híbrida em que a mestiçagem, tanto biológica, como cultural, diluía quase que naturalmente as diferenças sociais, políticas e culturais atreladas às raças humanas – para transformá-lo no ideal de igualdade política e cultural entre pessoas de cores e origens diversas, numa sociedade ainda dominada por valores estéticos inculcados pelo colonialismo português.⁵⁸⁴

⁵⁸¹ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 331.

⁵⁸² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 327.

⁵⁸³ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004, p. 280.

⁵⁸⁴ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e formas de integração nacional. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004, p. 280.

Seguindo o argumento de Guimarães, veremos que não se trata, assim, de negar Gilberto Freyre, mas de transformá-lo e, diríamos, incluí-lo, como de fato faz o *Quilombo*. Outro ponto significativo é que esse movimento de transformação/inclusão é fomentado pelo próprio pensador, uma vez que, como já analisado por Pallares-Burke, Freyre conseguia adaptar o seu discurso dependendo do lugar em que este acontecia. Em suas obras mais robustas, o olhar do pensador costuma ser mais nuançado, atento às clivagens dos fenômenos e menos pragmático no sentido de construir uma imagem do Brasil facilmente assimilável como linguagem política. Já em escritos ou falas mais imediatistas ou direcionadas ao público internacional, Freyre tende a acentuar mais um viés integracionista e politicamente unificador para caracterizar ou estabelecer um horizonte para a nação brasileira⁵⁸⁵.

Dessa forma, o ideal integracionista calcado na visão de democracia racial com forte teor político e cultural vai se apresentando como a “via brasileira”⁵⁸⁶ para a superação de conflitos raciais. Isso porque, segundo a perspectiva de Guimarães, à via brasileira apresentavam-se as situações internacionais segregacionistas, notadamente o caso dos Estados Unidos e África do Sul, assim como a tradição da solução pelo embranquecimento em solo nacional.

Como dissemos, o *Quilombo* foi criado no ano de 1948 e finalizou suas atividades em 1950. Sua concepção está intimamente ligada ao grupo de atores que atuava no Teatro Experimental do Negro, desde 1944, e possuía forte diálogo com cenários de debates raciais internacionais. Durante suas dez edições é possível ler no periódico matérias sobre filmes, música, peças, dança, literatura, conferências, congressos, concursos, estudos sobre preconceito e racismo, criminalidade, história, folclore, religião, grandes personalidades negras, política nacional e internacional relacionada com a temática racial. O *Quilombo*, ao longo desses anos, consegue mobilizar em suas páginas figuras renomadas do debate intelectual brasileiro e mundial, seja por meio de

⁵⁸⁵ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

⁵⁸⁶ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003, p. 19.

entrevistas, textos exclusivos, cartas, republicação de escritos antigos ou por meio de artigos sobre essas figuras. Alguns dos nomes que aparecem nas publicações são: Nelson Rodrigues, Gilberto Freyre, Guerreiro Ramos, Arthur Ramos, D’Almeida Vitor, Edison Carneiro, Roger Bastide, Di Cavalcanti, Rachel de Queiroz, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Katherine Dunham, Eugene O’Neill.

O personagem principal de *Quilombo*, quem assinava o texto de apresentação do jornal, assim como os outros editoriais, era Abdias Nascimento. Em 9 de dezembro de 1948, no artigo de abertura intitulado “Nós”, é possível ler as propostas do grupo, que marcarão toda a produção do jornal nas edições subsequentes, com uma postura propositiva de construção, difusão e valorização de referenciais culturais negros:

A discriminação de cor e de raça no Brasil é uma questão de fato (Senador Hamilton Nogueira). Porém a luta de QUILOMBO não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, sinão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura.⁵⁸⁷

O jornal posicionava-se contra “líderes do ‘branqueamento’”, lembrando que aos problemas raciais somavam-se os de classe, já que diagnosticavam “o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios”. Assim, em oposição a esse grupo, o jornal afirmava que o “pluralismo étnico, cultural, religioso e político dá vitalidade aos organismos nacionais, sendo o próprio sangue da democracia (Gilberto Freyre)”⁵⁸⁸.

Além disso, questionava o esquecimento seletivo em relação às obras dos negros ao longo da história do Brasil: “Podemos dizer que o desconhecimento do negro como homem criador e receptivo vem desde 13 de maio de 1898 (Artur Ramos)”. Assim, estabelecendo uma agenda, interlocutores e problematizando a memória sobre o lugar do negro na história brasileira, *Quilombo* afirma uma postura que atribuía aos negros a conquista de sua liberdade – papel ativo na história – e estabelece com esse passado uma relação exemplar na busca por

⁵⁸⁷ NASCIMENTO, Abdias. “Nós”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁵⁸⁸ NASCIMENTO, Abdias. “Nós”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

direitos na recém instalada democracia: “o negro ganhou sua liberdade não por filantropia ou bondade dos brancos, mas por sua própria luta e pela insubsistência do sistema escravocrata (Caio Prado Jr.). [...] O negro rejeita a piedade e o filantropismo aviltante e luta pelo seu direito ao Direito”⁵⁸⁹.

Vai ficando evidente que a proposta defendida pelo grupo e vocalizada por Abdias Nascimento insere-se “dentro de um clima de legalidade democrática que assegura a todos os brasileiros igualdade de oportunidades e obrigações”⁵⁹⁰. O regime democrático é aceito e as ações pensadas dentro de suas fronteiras. Há, dessa forma, a afirmação de uma identidade cultural negra, assim como de uma identidade política brasileira, pois era “como brasileiros” que protestavam “contra a existência, não só dos Ku-Klux-Klan alienígenas, como dos autóctones Ku-Klux-Klan de mentalidades e atitudes”.

O editorial termina afirmando:

Os atentados à paridade jurídica, e de fato praticados frequentemente em nosso meio, são anti-democráticos, separatistas e lesivos à integração nacional da qual o negro é um dos principais protagonistas. Nós recusamos o ‘gheto’, a ‘linha de cor’ que dia-a-dia vem se acentuando em nossas relações sociais tentando exilar-nos em nossa terra e em nosso espírito. Nada temos com partidos, nem os chamados democráticos, nem da direita, nem da esquerda, - que sempre exploram o negro eleitoralmente (Edison Carneiro). Muito menos advogamos uma política negra, mas sim uma vontade negra de ser brasileiros com as mesmas responsabilidades de todos os brasileiros.⁵⁹¹

Nesse sentido, percebe-se que a linguagem política articulada é insofismavelmente democrática. Fala-se em luta ativa por direitos assim como afirmação do negro como sujeito histórico basilar para a integração nacional. Reivindica-se pelas vias da legalidade e da cultura o direito do negro à cidadania, negando, necessariamente, a exclusão e marginalização a partir de uma “linha de cor”. Somando-se a isso, a caracterização do movimento como apartidário mostra-se como uma estratégia para aglutinar diversas vertentes políticas em seu jornal que tivessem em comum o antirracismo, a afirmação do papel ativo

⁵⁸⁹ NASCIMENTO, Abdias. “Nós”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁵⁹⁰ NASCIMENTO, Abdias. “Nós”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁵⁹¹ NASCIMENTO, Abdias. “Nós”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

do negro na história, a defesa da democracia e um projeto integracionistas de Brasil. Evidência disso é que no próprio texto de abertura, Nascimento constrói seus argumentos citando autoridades da intelectualidade brasileira que não estavam necessariamente na mesma faixa no espectro político-partidário de então. Inclusive, o *Quilombo* adere com entusiasmo à proposta de Lei formulada por Afonso Arinos e Gilberto Freyre, deputados pela UDN, que caracterizava o preconceito de cor como crime.

Para Guimarães, o *Quilombo*, por sua inclinação gregária, transformou-se em um *locus* de discussão e difusão de um projeto intelectual, que também se mostraria político em sentido estrito com a candidatura de Abdias Nascimento, pelo PSD, ao cargo de vereador do Rio de Janeiro, em 1950⁵⁹². O sociólogo estabelece a coluna “Democracia Racial” como o eixo principal dessa articulação, “uma das portas de entrada desse amplo e sólido arco de aliança entre brancos e negros na luta anti-racista” e escreve que é:

Onde o *Quilombo* publica, geralmente com exclusividade, intelectuais brancos do porte de Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, Murilo Mendes, para ficar nos brasileiros. [...] *Quilombo* inaugura uma real inserção da intelligentsia negra brasileira na vida nacional, ‘negra’ não apenas na cor, mas, e principalmente, na identidade. Esse fato impensável e improvável tornou-se realidade pela doutrina da ‘democracia racial’, do qual o jornal se faz porta-voz. E aqui é preciso não confundir o significado que tinha o termo ‘democracia racial’, neste momento, com o que passou a tê-lo depois dos anos 1960.⁵⁹³

Assim, conclui Guimarães: “nas décadas de 1940 e 1950 esta era a retórica de uma coalizão progressista e anti-racista”⁵⁹⁴. Sobre as bases edificadas por Guimarães, acrescentaríamos, ainda, de caráter democrático e que pensava a inserção da novíssima democracia brasileira no concerto das nações. Guerreiro Ramos pensa nesses termos e vai além ao propor o protagonismo do Brasil nesse complexo de relações:

⁵⁹² Abdias Nascimento acabou retirando a sua candidatura após o partido transferi-la não mais para a Câmara local, mas para a Federal.

⁵⁹³ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003, p. 37.

⁵⁹⁴ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003, p. 38.

O Brasil deve assumir no mundo a liderança da política de democracia racial. Porque é o único país do orbe que oferece uma solução satisfatória do problema racial. Com respeito aos homens de cor, oferece-lhes a sociedade brasileira praticamente todas as franquias. E se há um problema dos homens de cor em nosso país, ele consiste eminentemente em exercitá-los, pela cultura e pela educação. [...] Humana, demasiadamente humana é a cultura brasileira, por isto que, sem desintegrar-se, absorve as idiosincrasias espirituais, as mais variadas.⁵⁹⁵

Dessa maneira, a democracia racial era apresentada como um lastro de validação e garantidora das pretensões da democracia política como condutora do “brasileiro de cor [...] à sua integração definitiva na nacionalidade, através da ascensão social e econômica possibilitada pela educação e pela cultura”⁵⁹⁶. Abdias Nascimento é explícito ao referir-se à democracia racial como doutrina “cujo conteúdo ideológico se encontra em nossa tradição, em nossos costumes, que nunca permitiram ou endossaram a supremacia de um grupo étnico sobre os representantes de outras raças”⁵⁹⁷. Na mesma linha argumentativa, o pensador continua:

Observamos que a larga miscigenação praticada como imperativo de nossa formação histórica, desde o início da colonização do Brasil, está se transformando, por inspiração e imposição das últimas conquistas da biologia, da antropologia e da sociologia, numa bem delineada doutrina de democracia racial, a servir de lição e modelo para outros povos de formação étnica complexa, conforme é o nosso caso.⁵⁹⁸

Preocupado em esclarecer as linhas do projeto, Nascimento lembra ao leitor que:

A ênfase acentuando a linha da nossa evolução inter-racial não implica, evidentemente, na negação ou diminuição de importância de que se revestem os aspectos da convivência defeituosa de pretos e brancos no país, onde os primeiros, depois de libertos a 13 de maio de 1888, não mereceram como era justo e necessário, qualquer apoio econômico da República, nenhuma educação e instrução profissional que os habilitassem a usar as franquias legais, garantindo-lhes a oportunidade de continuarem existindo como elementos da mesma eficiência e

⁵⁹⁵ RAMOS, Guerreiro. “Apresentação da negritude”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, p.11.

⁵⁹⁶ NASCIMENTO, Abdias. “Inaugurando o congresso do negro”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, capa.

⁵⁹⁷ NASCIMENTO, Abdias. “Inaugurando o congresso do negro”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, capa.

⁵⁹⁸ NASCIMENTO, Abdias. “Inaugurando o congresso do negro”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, capa.

utilidade de quando eram escravos. O ônus negativo que os brasileiros negros ainda hoje apresentam, antes de uma insuficiência, de incapacidade para as tarefas e responsabilidades cívicas e sociais da hora presente, refletem o 'déficit', que se multiplica há cerca de sessenta anos, que as classes dirigentes da Nação têm para com o povo de cor negra.⁵⁹⁹

Sendo assim, para Nascimento, não há a negação dos processos violentos, das assimetrias raciais e da despreocupação do Estado em resolver desequilíbrios gerados pela escravidão quando afirma-se o projeto de democracia racial. O "déficit" no acesso às instituições republicanas seria uma grande permanência histórica na vida dos negros brasileiros (como vimos, esse mesmo ponto era trabalhado por Lima Barreto). Além disso, em artigo apócrifo, na segunda edição do jornal, é possível visualizar o padrão em ler-se a especificidade do racismo brasileiro em comparação com aquilo que acontecia nos EUA:

A discriminação de cor, que é a mancha infamante da democracia norte-americana, desenvolvia-se entre nós à socapa, camuflada, numa verdadeira guerra de luvas-de-pelica. Difícil, quando não impossível, era colher-se uma prova, um documento que testemunhasse um fato discriminatório.⁶⁰⁰

Isso também pode ser observado na fala de Nelson Rodrigues, quando comentando sobre a sua peça *Anjo Negro*, que tinha como personagem principal Ismael, um negro que recusa violentamente a sua condição racial:

Sei que muita gente se espantou com 'Anjo Negro' e disse o que ouço desde criança: ou seja, que no Brasil não existe preconceito de cor. Não existe por que? Os argumentos são patéticos. Um deles, talvez o mais convincente é o de que aqui ninguém lincha negros. Poucos admitem que o preconceito possa ter uma forma menos agressiva e mais imponderável e quase nunca se exprima em pauladas.⁶⁰¹

Em outra oportunidade, além da inserção do problema brasileiro em perspectiva internacional, vê-se o apelo à construção daquilo que Guimarães denominou

⁵⁹⁹ NASCIMENTO, Abdias. "Inaugurando o congresso do negro". *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, capa.

⁶⁰⁰ "Pelourinho | Discriminação nas obras sociais". *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1949, ano 1, n.2, p. 8.

⁶⁰¹ RODRIGUES, Nelson. "Há preconceito de cor no Teatro?". *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

“arco de aliança” progressista e antirracista quando D’Almeida Vitor escreve fazendo referência à fraternidade e solidariedade cidadã necessária à construção de uma sociedade democrática:

Se não tem o nosso negro, como nos Estados Unidos, a separação institucional da vida com os brancos, tem a mais humilhante separação no desprezo acintoso, no indiferentismo dos poderes públicos. [...] A negrofobia é um problema brasileiro. Lutar contra ele mais que um dever humano é uma obrigação social: somos todos irmãos.⁶⁰²

Após essas considerações sobre o jornal *Quilombo* e a sua atuação como articulador de um projeto intelectual e político democrático e integracionista fundamentado na ideia de democracia racial, podemos passar para a parte final de nossa dissertação que diz respeito à interseção entre Mario Filho e o projeto de democracia racial evidenciado acima. Sobre isso, Wisnik escreve sobre como *O Negro no Foot-ball Brasileiro* foi lido através de lentes que calibravam o conceito de democracia racial sem a atenção devida à sua historicidade:

Já se disse de Mario Filho que ele narra, sem rigor científico, a história do futebol brasileiro como um mito infantil de ‘dano e reparação’ que resulta numa fábula da democracia racial, com o agravante de ser seguida generalizadamente como verdade.⁶⁰³

Wisnik critica, portanto, aqueles intérpretes que atribuíam ao significado de democracia racial o processo mistificador da real situação racial no país, fazendo com que aquilo que propõe Mario Filho tornasse uma fábula. O incorreto seria não o fato de afirmar-se que o autor elabora uma visão de democracia racial, mas sim os significados anacrônicos atribuídos ao conceito para caracterizar o que fazia Mario Filho.

É possível dizer que autor de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, quando do início de sua escrita, estava em um contexto de transição no modo de se pensar as relações raciais do Brasil. Vimos como Mario Filho pertence a uma tradição intelectual mais próxima a Gilberto Freyre e seus modelos metodológicos do que àquela ligada ao pensamento sociológico que simbolicamente localizamos em

⁶⁰² VITOR, D’Almeida. “Somos todos irmãos”, *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho de 1949, ano 1, n.3, p.5.

⁶⁰³ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 197.

Florestan Fernandes e Roger Bastide, em *Negro e Brancos em São Paulo*. Sobre isso, Guimarães escreve

A geração brasileira formada pelo projeto Unesco, que a rigor comanda esse campo de estudos [relações raciais] dos anos 1950 até os 1970, buscará entender o *preconceito de cor* de um modo inovador, encravando-o no âmbito das transformações estruturais da sociedade brasileira em sua transição de sociedade de castas para a de classes, ou de sociedade tradicional para a moderna. Ao contrário de Charles Wagley, de Donald Pierson e de Gilberto Freyre, essa geração não restringe sua análise ao campo da cultura ou da interação social.⁶⁰⁴

Entretanto, é possível perceber que ele está atento à produção que o circunda devido ao valor que dá em sua obra aos fatores de classe e à imbricação entre os problemas socioeconômicos e raciais dentro de uma sociedade capitalista, como já vimos anteriormente.

Partindo do que foi afirmado para *Quilombo* e sua atuação no projeto intelectual e político em torno do conceito de democracia racial, é possível fazer algumas aproximações com a obra de Mario Filho. Para além da exposição do quadro de violência que permeia as relações raciais no Brasil, tanto *O Negro no Foot-ball Brasileiro* quanto *Quilombo* têm como objetivos a elaboração de uma subjetividade negra em um processo de “desreificação”.

Vimos o combate de *Quilombo*, nas palavras de Abdias Nascimento, contra a tentativa “exilar-nos [negros brasileiros] em nossa terra e em nosso espírito”⁶⁰⁵. A proposta do grupo era objetiva no plano político-social, mas também subjetiva, procurando dar conta do plano existencial – *nosso espírito*. Nesse mesmo sentido, posiciona-se Guerreiro Ramos quando elenca fatos consolidados nas relações raciais no Brasil:

VI – O mestiço brasileiro vê-se a si mesmo, do ponto de vista do branco. Tende a ‘camuflar-se’, disfarçar as marcas raciais.
IX – O padrão estético da população brasileira é o branco. Os negros e os mulatos preferem casar com pessoas mais claras.⁶⁰⁶

⁶⁰⁴ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, 2004, p.19.

⁶⁰⁵ NASCIMENTO, Abdias. “Nós”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁶⁰⁶ RAMOS, Guerreiro. “Contatos raciais no Brasil”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1 p.8.

As evidências colhidas por Ramos seriam a base para a sua proposição de que “a negritude não é um fermento do ódio. Não é um cisma. É uma subjetividade. Uma vivência. Um elemento passional que se acha inserido nas categorias clássicas da sociedade brasileira e que as enriquece de substância humana”⁶⁰⁷. Mais que o combate ao racismo e à negação da cidadania aos negros brasileiros, o projeto de *Quilombo*, assim como o de Mario Filho, caminhava junto do ritmo da experiência do sujeito negro no cotidiano nacional e propunha a alteração nas próprias configurações psíquicas do negro que, ao internalizar padrões e referenciais brancos, vivia em situação de permanente desterro. Um dos caminhos para subverter esse deslocamento era a partir de elementos que remetem não à dimensão da racionalidade humana, mas uma dimensão sensível – subjetiva, experiencial, passional.

Essa pode ser uma das motivações para as reflexões de Ramos sobre a dramaturgia e a sua proposta de uma nova concepção na representação teatral nomeada como “sociodrama”:

O sociodrama é precisamente um método de eliminação de preconceitos ou de estereótipos que objetiva libertar a consciência do indivíduo da pressão social. Por exemplo, adentra uma pessoa para ver um funcionário, um negro, um judeu, não à luz dos estereótipos, o *funcionário*, o *negro*, o *judeu*, mas como personalidade singulares, únicas, inconfundíveis.⁶⁰⁸

Ao combater os estereótipos, mirava-se a construção de individualidades, que por sua vez seriam fundamentais no processo de identificação do sujeito negro como personagem ativo da história e, também, da rotina democrática.

Nelson Rodrigues, em entrevista feita pelo jornal intitulada “Há preconceito de cor no teatro?”, é perguntado a que ele atribuía “o afastamento do negro ou mestiço dos nossos palcos?”. O dramaturgo então responde: “Acho, isto é, tenho a certeza de que é pura e simples questão de desprezo. Desprezo em todos os sentidos, mas físico, sobretudo”⁶⁰⁹. Rodrigues pontua como

⁶⁰⁷ RAMOS, Guerreiro. “Apresentação da negritude”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, p.11.

⁶⁰⁸ RAMOS, Guerreiro. “Teoria e prática do sociodrama”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, março e abril de 1950, ano 2, n. 7 e 8, p. 9.

⁶⁰⁹ RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

principal fator de impedimento do negro ao teatro como ator uma questão *física*, que remete a um sistema de invisibilização dos corpos negros, de negação de sua corporeidade e de sua simples aparição ao público. Tanto era assim, diz Rodrigues, que as companhias teatrais, “quando um peça exige o elemento de cor, adota-se a seguinte solução: brocha-se um branco. ‘Branco pintado’ – eis o negro no teatro nacional”⁶¹⁰.

Para Nelson Rodrigues, o negro estaria apartado do circuito teatral por questões físicas, corpóreas e também subjetivas, uma vez que os artistas negros, quando atuam, “ou fazem moleques gaiatos, ou carregam bandeja ou, por último, ficam de fora”⁶¹¹. O que acontecia, para o irmão de Mario Filho, era a subestimação da “capacidade emocional do negro, o seu ímpeto dramático, a sua força lírica e tudo o que ele possa ter de sentimento trágico”⁶¹². Segundo ele, eram poucos os que admitiam que o negro pudesse “superar a molecagem e a cachaça”⁶¹³.

O que coordenava essas atuações dos atores negros eram os estereótipos combatidos por Guerreiro Ramos. Reivindicando, também, a encenação dessa subjetividade negligenciada, Nelson Rodrigues diz que o teatro brasileiro “precisava descobrir o negro, seus temas, seus dramas” sendo necessário que “eles não tenham apenas função decorativa, mas uma ativa, dinâmica absorvente participação dramática. Transformar o negro em ‘herói’; integrá-lo no drama: admitir que ele seja trágico”⁶¹⁴. Ou seja, reivindicava-se a articulação de uma subjetividade do negro para não só a “autenticidade teatral”, mas também para autenticidade “humana”, como coloca Rodrigues. E diz que para isso, não seria necessário representar o sujeito negro em situações objetivamente políticas ou de reivindicação explícita por direitos (“nenhum dos

⁶¹⁰ RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁶¹¹ RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁶¹² RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁶¹³ RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁶¹⁴ RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

personagens negros apresenta reivindicações em comícios frenéticos”⁶¹⁵, diz Rodrigues sobre sua peça *Anjo Negro*), pois a frente antirracista aberta pelo arco de aliança, que encontrava em *Quilombo* um lugar de debate, tinha como norte uma dimensão afetiva e existencial na representação do negro, de modo similar ao que analisamos para a obra *O Negro no Foot-ball Brasileiro*.

Apesar de Mario Filho não escrever para o *Quilombo* ou ser entrevistado por ele, seu nome é citado na primeira edição do jornal, em 9 de dezembro de 1948, na coluna “Arquivo”, em um texto de Rachel de Queiroz, originalmente publicado na revista *O Cruzeiro*, em 24 de maio de 1947. Neste artigo, Queiroz rebate o que foi escrito por “um notável escritor”, o qual não nomeia. Diz que o homem teria lamentado “a invenção artificial do problema da gente de cor’ aqui no Brasil”⁶¹⁶ sendo ela mesmo uma das responsáveis por essa criação. O autor não nomeado teria classificado o grupo de Rachel de Queiroz como “sociólogos de pacotilha” e responsáveis pela criação de uma “filosofia da mulataria”⁶¹⁷.

Conseguimos rastrear, a partir de um trabalho de Marcos Chor Maio, que o interlocutor direto da escritora é Paulo Duarte⁶¹⁸, que escreveu o texto no *Estado de S. Paulo*, em 6 de maio de 1947. Indiretamente, o diálogo é travado também com Vivaldo Coaracy e Sérgio Milliet, críticos da “filosofia da mulataria”, “ideologia que não representava a realidade étnico-racial do país”⁶¹⁹. Outras personalidades que reagiram ao polêmico artigo de Duarte foram José Lins do Rego e José Correia Leite, “um dos líderes do movimento negro paulista”⁶²⁰. Duarte escreveu

criticando a ‘pequena sociologia do nordeste (...) [composta por] alguns romancistas que passaram a girar em torno da sociologia do Sr. Gilberto Freyre, agradável pela leveza, muitas vezes real mas em muitos pontos colorida de fantasia, pretende[ndo] impor

⁶¹⁵ RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

⁶¹⁶ QUEIROZ, Rachel. “Linha de Cor”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 2.

⁶¹⁷ QUEIROZ, Rachel. “Linha de Cor”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 2.

⁶¹⁸ “Atingida também pela afirmação de Paulo Duarte de que haveria uma ‘filosofia da mulataria’, a escritora Rachel de Queiroz enumera diversos exemplos de discriminação racial ocorridos em São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro”. MAIO, Marcos Chor. “Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 116.

⁶¹⁹ MAIO, Marcos Chor. “Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 115.

⁶²⁰ MAIO, Marcos Chor. “Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 116.

um tipo brasileiro negro ou mulato como o único legítimo tipo brasileiro' (DUARTE, 1947, p.6).⁶²¹

Queiroz, em um dos pontos de sua argumentação relata que para Duarte “nunca houve preconceito racial [pois] cita os nossos grandes homens pretos e mulatos e qualifica todo caso suspeito de discriminação como ‘casos individuais’”⁶²². Maio ainda explicita que Duarte, Coaracy e Milliet referem-se a Donald Pierson para reiterar a “ausência de preconceito de cor no país e a presença [...] de uma ‘linha de classe’”⁶²³.

Sendo assim, procurando amarrar a nossa argumentação no que tange à relação entre as ideias expostas no *Quilombo* e *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, convém pontuar para a nossa pesquisa a existência de dois grandes agrupamentos intelectuais com posturas diferentes na abordagem da questão racial no Brasil. Esses grupos são reconhecidos em seu próprio tempo como antagônicos. O primeiro, ligado ao arco de aliança presente no jornal *Quilombo*, com Nelson Rodrigues, Guerreiro Ramos, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, e poderíamos estendê-lo a Mario Filho e vários autores que resenharam a sua obra como a própria Queiroz, Lins do Rego, Jorge de Lima, Olívio Montenegro, Djacir Menezes e Maria Isaura Queiroz. Ao outro, para além dos três já citados, seria possível incluir o resenhista de *O Negro no Foot-ball Brasileiro*, João Lyra Filho. Mas qual a nossa intenção em evidenciar a existência desses dois núcleos? Acreditamos que a partir dessa divisão seja possível compreender com maior rigor o significado de democracia racial no período, uma vez que a visão que se tem do conceito como ferramenta interpretativa que nega preconceitos raciais e as suas manifestações de violência parece não se aplicar à rede de Mario Filho, mas sim ao grupo que se opõe às conclusões destes primeiros.

Assim, a inclusão de Mario Filho no primeiro grupo pode ser atestada pela rede mobilizada na escrita de suas resenhas, pelo prefácio de Freyre, pela interpretação que fizemos sobre a linguagem da violência, da visibilidade do corpo e da subjetividade do negro em seu texto, pela maneira como o outro

⁶²¹ MAIO, Marcos Chor. “Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 115.

⁶²² QUEIROZ, Rachel. “Linha de Cor”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 2.

⁶²³ MAIO, Marcos Chor. “Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO”. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999, p. 116.

conjunto de intelectuais referem-se ao pensadores na órbita de Gilberto Freyre e também por aquilo que Queiroz escreve para rebater Duarte e é republicado pelo *Quilombo*. A escritora, para comprovar a iniquidade racial no Brasil elenca diversos exemplos de racismo e recomenda a leitura de livro de Mario Filho:

Lembra-se o meu prezado colega e mestre de certo requerimento feito pelos comerciantes do chamado Triângulo Paulista à interventoria de S. Paulo, em abril de 1944, pedindo que fosse proibido às pessoas de cor o transito pela área do citado Triângulo? Será isso simples ‘caso individual’? E que os colégios grã-finos não aceitam alunos ou alunas de cor? [...] E que nenhuma loja das ditas elegantes daqui do Rio, de S. Paulo e de outras capitais, emprega vendedores de cor? [...] *Leu no livro de Mario Filho o que foi a batalha para se introduzirem jogadores negros nos clubes de futebol carioca?* [grifo nosso] [...] Sabe o meu distinto confrade, que a Fundação Rio Branco [...] igualmente recusa alunos de cor? Se isso não é discriminação racial – e mais grave ainda, discriminação admitida e amparada pelo governo – que nome lhe daremos?⁶²⁴

Além disso, as críticas de Duarte, em muito se assemelham às que Lyra Filho, que também ancora suas conclusões nos trabalhos de Pierson, direciona a Mario Filho. Lyra diz:

Ao contrário do que pensa o estupendo ensaísta não cremos que se desenvolva ‘processus’ de competição, entre negros e brancos do país. As diferenciações se diluem no passo que eleva o ‘status’ do mulato. [...] A tensão é do interesse econômico. [...] Não há competição entre raças. Há concorrência entre interessados.⁶²⁵

Vimos também que Mario Filho não é seduzido pelo argumento utilizado por Duarte de que a existência de figuras negras ilustres seria uma prova da ausência de preconceito de cor. Costa Pinto já havia dito que o ensaio “deixa provado, sem a menor sombra de dúvida, o quanto é insubsistente apontar-se a existência de ídolos esportivos de cor negra como prova de nossa ‘democracia racial’”⁶²⁶.

Assim, o conceito, ou a ideia já que Mario Filho não escreve o termo no livro, de democracia racial não seria descritivo de um Brasil pacífico e sem

⁶²⁴ QUEIROZ, Rachel. “Linha de Cor”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 2.

⁶²⁵ LYRA FILHO, João. O negro no football brasileiro. *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

⁶²⁶ COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

disparidades raciais. Ao contrário, seu livro insere-se em um projeto maior de intelectuais que viam na democracia racial uma possibilidade de realização do Brasil no contexto democrático pós-Vargas e pós-Segunda Guerra. Acreditava-se nessa vereda como uma solução para o país. Nesse ponto, não podemos deixar de lado que a perspectiva de democracia racial, como vimos, possui intenções de construir-se a partir da comparação com experiências internacionais. Menções ao “arianismo”, à situação de conflito aberto nos EUA e na África do Sul aparecem como contra-exemplo daquilo que poderia ser construído no Brasil, pois o projeto também apresentava-se como um conjunto de ideias desejosas de interferir na realidade política nacional. Acompanhando essa postura voltada para a construção de uma imagem do Brasil também para a comunidade internacional, não podemos menosprezar a atuação de Mario Filho no processo de internacionalização do próprio futebol brasileiro. Nesse sentido destacam-se a batalha pela primeira Copa do Mundo após a Segunda Guerra Mundial ser disputada no Brasil, a construção do Maracanã e sua ambição em ser o maior estádio do mundo e a criação do torneio mundial de clubes, denominado Copa Rio, em 1951. Ressalte-se que na 2ª edição da obra, em suas páginas finais, Mario Filho escreve sobre Pelé: “os que o admirassem pelo mundo afora teriam de admirá-lo como preto” e dizia que “pela admiração que despertava” ajudava “a quebrar barreiras raciais”⁶²⁷.

Dessa forma, é possível concluir, assim como Guimarães, baseando-se na análise do *Quilombo*, que o projeto de democracia racial “incorporou idéias elementares dispersas”⁶²⁸, mas que, mesmo com diferentes perspectivas internas, foi capaz de oferecer-se como alternativa política sem negar a linguagem da violência que estrutura as relações de raça no país.

No caso de Mario Filho, com as mudanças operadas, *O Negro no Futebol Brasileiro* (1964) apresenta, após aquele que havia sido o capítulo de conclusão na primeira edição, mais duas partes que mostram que o racismo não havia sido superado, como apresentado em sua primeira versão. Para que Mario Filho desse continuidade à história de luta do negro no futebol, era necessário suprimir

⁶²⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 342.

⁶²⁸ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Intelectuais negros e modernidade no Brasil. *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003, p. 41.

talvez a sentença conclusiva mais importante da obra de 1947 e que já citamos algumas vezes. Em 1964, Mario Filho retira do texto o seguinte trecho visando manter a coerência argumentativa:

Porque em *foot-ball* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com os seus mulatos e os seus pretos. Um preto marca um *goal*, lá vem os brancos abraçá-lo, beijá-lo. O *goal* é de um branco, os mulatos, os pretos, abraçam, beijam o branco.⁶²⁹

Ao longo dos novos capítulos, Mario Filho continua sua narrativa incluindo novos fatos e episódios demonstrando novas formas de segregação assim como novos movimentos de resistência⁶³⁰.

Ao final do livro de 1964, Mario Filho, caminhando para a conclusão, exalta a figura de Pelé:

Se Pelé é preto, pode-se ser preto. Quem é preto deve ser preto. Faltava alguém assim como Pelé para completar a obra da Princesa Isabel. O preto era livre, mas sentia a maldição da cor. A escravidão da cor. Donde tanto preto não querendo ser preto. Quanto mais alto estivesse, o preto menos queria ser preto. Se era mulato tratava de passar por moreno, esticando o cabelo. [...] Que significava isso senão fuga à cor?⁶³¹

Pelé “tinha uma missão a cumprir”⁶³², era o “rei”⁶³³, seria ele o símbolo do elo final entre o processo iniciado com a abolição da escravatura e a aceitação do negro como negro e como brasileiro. Esse eixo elaborado por Mario Filho que vai do processo abolicionista até a apoteose de Pelé, ganha em significação caso recuperemos a ideia que levantamos no capítulo anterior de que o processo de ascensão do negro no futebol brasileiro, constituía-se para o autor uma revolução lenta, gradual, cotidiana, feita (esfera da ação) e experimentada (esfera do sensível) pelos negros, uma vez que em muito se assemelha com o processo sugerido por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, no capítulo “Nossa Revolução”. Holanda assim escreve:

⁶²⁹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 293.

⁶³⁰ Por uma questão de recorte e espaço não analisaremos os capítulos da 2ª edição. Ver: SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil*: releitura da história oficial. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

⁶³¹ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 341.

⁶³² RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 342.

⁶³³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 342.

Se a data da Abolição marca no Brasil o fim do predomínio agrário, o quadro político instituído no ano seguinte quer responder à conveniência de uma forma adequada à nova composição social. Existe um elo secreto estabelecendo com esses dois acontecimentos e numerosos outros uma revolução lenta, mas segura e concertada, a única que, rigorosamente, temos experimentado em toda a nossa vida nacional. [...] A grande revolução brasileira não foi um fato que se pudesse assinalar em um instante preciso; foi antes um processo demorado e que durou pelo menos três quartos de século. Seus pontos culminantes – a transmissão da família real portuguesa, a independência política, a Abolição e a República – associam-se como acidentes diversos de um mesmo sistema orográfico. Se em capítulo anterior se tentou fixar a data de 1888 como o momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional, é que a partir dessa data tinham cessado de funcionar os freios tradicionais contra o advento de um novo estado de coisas, que só então se faz inevitável. Apenas nesse sentido é que a Abolição representa, em realidade, o marco visível entre duas épocas.⁶³⁴

Seria impreciso dizer que Mario Filho tinha em mente o processo descrito por Holanda quando indica a abolição como ponto de partida para a revolução operada também no futebol. O que podemos afirmar, porém, é que essa ideia de uma revolução de ritmo lento e sem movimentos disruptivos era um filão de leitura do país possível. No caso de Mario Filho, a revolução possuía como marca o processo de democratização das relações raciais no futebol.

Em sua 2ª edição, Mario Filho não abandona a ideia de que “em campo tinham [os negros] os mesmo direitos dos brancos, [e que] fora do campo era diferente”⁶³⁵, ou que em “campo não havia mais essa história de preto e de branco, fora do campo continuava a haver”⁶³⁶. O futebol continuava a ser um espelho a ser seguido pela sociedade brasileira, que agora encontrava em Pelé um grande expoente. Na 1ª edição, utopia concretizada, mas que não se sustenta após as análises futuras do autor. Mesmo no futebol, em campo, a democratização das relações não havia sido cumprida. Na 2ª edição, Mario Filho abre o sistema que havia sido fechado no primeiro livro para dar continuidade a

⁶³⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 2016, p.301.

⁶³⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 190.

⁶³⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 216.

sua argumentação e acaba por fechá-lo novamente. Contudo, ao fechá-lo, deixa um rastro de abertura, que é esperança. Mario Filho escreve:

Assim, Pelé cumpria sua missão. A de exaltar a cor de Dondinho e dona Celeste, de vovó Ambrosina, e de tio Jorge, de Zoca e Maria Lúcia. Para permitir que o pretos, brasileiros e de todo o mundo, pudessem livremente ser pretos. Enquanto isso não se realizar, Pelé cresce como uma grande figura solitária. A do “Preto”. A do “Crioulo”, como todos os pretos o chamam para se acostumarem a ser pretos.⁶³⁷

Pelé, rei, uma espécie de redentor de seus antepassados e anunciador de um novo tempo: o da liberdade em mostrar-se corpórea e sensitivamente como negro. Antes, o negro trazia consigo a marca da falta, como já vimos e que podemos perceber no exemplo abaixo:

Quando, um dia, a Liga Metropolitana, sem outros jogadores para mandar a São Paulo, teve que organizar um *scratch* com poucos brancos e muitos mulatos e pretos, todo mundo chamou esse *scratch* de sem família.⁶³⁸

O jogo entre Rio de Janeiro *versus* São Paulo era no período natalino e o negro, pela disponibilidade em participar, era aquele que não tinha família, raízes, laços sociais, afetivos, modos e por isso não se importava em descumprir o rito em torno das festas de Natal. Durante a história de Mario Filho, é esse sujeito que vai se revelando o principal responsável pelo lugar da cultura em que a realização nacional evidencia-se: o futebol, este ambiente de “um revirão da raça que augura a democracia racial”⁶³⁹. Fora de campo a violência permaneceria como o principal fator impeditivo para a realização civilizacional da nação. Dessa maneira, não concordamos com as análises de Luiz Carlos Ribeiro quando este afirma que Mario Filho “constrói para estudo do futebol uma categoria de análise que dissolve as contradições sociais, fazendo a apologia da harmonia social e racial no país”⁶⁴⁰. Acreditamos que a proposta de Ribeiro acaba por confundir os fins e os meios. Ou seja, o ponto de chegada de Mario Filho – democratização das relações sociais e raciais no futebol e seu caráter prescritivo para

⁶³⁷ RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010, p. 343.

⁶³⁸ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 112.

⁶³⁹ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁶⁴⁰ RIBEIRO, Luiz Carlos. História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 15, n. 149, 2010, s/p.

sociedade⁶⁴¹ – não pode obscurecer todo o trajeto histórico brasileiro permeado por formas diversas de manifestação de violência. Tanto para Mario Filho, quanto para os intelectuais do arco de aliança localizado no *Quilombo*, a democracia racial aparece como meta e utopia, não como mística evidência histórica.

⁶⁴¹ Ver: WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos a nossa discussão em um momento em que a força da ideia de “branqueamento” da nação brasileira era poderosa⁶⁴². No período que vai de meados do século XIX até os primeiros anos do XX, vigorou a todo vapor, no Brasil, as ideias do darwinismo social, do racismo científico⁶⁴³ e, longe de ser algo presente apenas nos congressos de homens de ciência que previam um país 80% branco no ano de 2012⁶⁴⁴, ou na cabeça das elites política, econômica e jurídica, estava também na vida mais banal e corriqueira, em piadas, palavrões, livros e brinquedos infantis, propagandas, contos, fábulas⁶⁴⁵ e, como vimos, na escalação de times de futebol.

Um verdadeiro modo de organização social erguia-se a partir de teses raciais. Analisamos como Lima Barreto conduz seu pensamento na brecha aberta entre a institucionalidade da República e a ausência do espírito republicano na nação brasileira. O que chamamos de “déficit republicano” é bem a diferença entre o aspecto formal da República e a sua incapacidade de realizar-se como comunidade. Por mais que o negro fizesse parte, legal e formalmente, da sociedade livre, espaços no mundo social – público e privado – lhe eram negados. Assim colocam a questão Heloisa Starling e Lilia Schwarcz:

⁶⁴² “O branqueamento, nesse quadro, parecia a única solução viável, tal como Oliveira Lima e tantos outros pensavam”. PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 272.

⁶⁴³ “O que se pode dizer é que as elites intelectuais locais não só consumiram esse tipo literatura, como adoraram de forma original. Diferentes eram os modelos, diversas eram as decorrências teóricas. Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

⁶⁴⁴ “Também o antropólogo Roquette-Pinto, como presidente do I Congresso Brasileiro de Eugenia, que aconteceu em 1929, previa, anos depois e a despeito de sua crítica às posições racistas, um país cada vez mais branco: em 2012 teríamos uma população composta de 80% de brancos e 20% de mestiços; nenhum negro, nenhum índio”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012, p 26.

⁶⁴⁵ Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

A igualdade e a cidadania eram ganhos das elites brancas e com acesso a voto, sendo que as populações que conheceram a escravidão deveriam se limitar a celebrar a liberdade de ir e vir.⁶⁴⁶

O discurso eugênico, inclusive, incorporado às dinâmicas de Estado, foi elevado a agente de modernização do país. Essa chave de leitura racial que estabelecia a via do “branqueamento” como um meio para civilizar o Brasil e colocava a miscigenação como obstáculo para o cumprimento de tal objetivo estava presente, também, em significativa parcela da elite letrada brasileira que se propunha a pensar os problemas nacionais. Para esses personagens,

ao lado dos males do clima tropical, os ‘vícios de nossa origem mestiça’, como dizia Paulo Prado, eram tidos como obstáculos praticamente insuperáveis para o desenvolvimento e a independência do país. Indolência e fraqueza intelectual e moral, considerados defeitos inerentes ao brasileiro mestiço, pareciam incapacitar o país para qualquer progresso. Tratada em geral como assunto de patologia física e social por estudiosos, só excepcionalmente ‘algumas almas solitárias’, como diz Skidmore, consideravam a mestiçagem como algo positivo.⁶⁴⁷

Esse imaginário vai sendo paulatinamente confrontado ao longo das décadas de 1920 e 1930, como também pudemos observar, principalmente a partir dos escritos jornalísticos de Freyre e da atuação do próprio Mario Filho.

Patricia Funes, em seu livro *Salvar la nación*, mostra que a questão nacional já estava presente nos debates intelectuais latino-americanos, não só brasileiros portanto, desde, pelo menos, os processos de independência. Nos anos 1920, porém, a reflexão adquire novas particularidades. De modo geral, há o deslocamento no pensamento sobre a nação a partir de análises biologicizantes e racialistas, para perspectivas que tendiam a enfatizar as condições histórico-sociais e culturais⁶⁴⁸. Nas palavras da autora, a nação “se alargou em densidade social” e aqueles indivíduos excluídos da cidadania e do voto pela ordem liberal

⁶⁴⁶ SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015, p. 344.

⁶⁴⁷ PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p. 271.

⁶⁴⁸ FUNES, Patricia. *Salvar la nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p. 137.

– indígenas, negros, mestiços, camponeses, operários – emergiram com maior intensidade no discurso nacional⁶⁴⁹.

Longe da temática estar pacificada, no ano de 1940, ou 1941, em texto breve, Sérgio Buarque de Holanda anota que:

É inegável que do conjunto dos fatores da formação brasileira foi a contribuição do negro até recentemente a mais esquecida, e não por escassearem elementos que mostrassem sua grande significação, mas exatamente devido à abundância desses elementos. Abundância intolerável para certo patriotismo que precisa deformar e apurar a realidade a fim de melhor compreendê-la e senti-la.⁶⁵⁰

Holanda aponta para dois aspectos importantes com as palavras acima citadas. Em primeiro lugar: o tópico da formação nacional centrado na figura do negro vinha ganhando espaço em análises recentes. Em sequência, afirma que analistas anteriores recusavam-se a enxergar o óbvio por conta de balizas ideológicas relacionadas ao patriotismo eugenista, que abria mão do Brasil “real” e enquadrava a nação nas molduras do “branqueamento” – deformando e apurando a realidade.

Apesar de registrar esse momento de mudança na postura intelectual diante da temática racial e reconhecer o seu valor, Holanda faz uma crítica no que tange ao modo de abordagem do objeto. Se, anteriormente, “na literatura romântica” o negro era colocado apenas como “vítima rebelde ou conformada”, agora os estudos tendem analisá-lo pelo “aspecto exótico”⁶⁵¹.

No princípio da década de 1940, Holanda evidencia como o tema da questão racial ainda era vivo, quente e em transformação. O futebol nunca esteve apartado desse tipo de discussão. No que diz respeito a’ *O Negro no Football Brasileiro*, vimos que as resenhas atestam a contínua relevância do debate racial ao longo da década. A partir das resenhas é possível restituir o lugar de *O Negro no Football Brasileiro* em seu tempo e visualizar como o livro participa ativamente dos debates intelectuais da época por variados caminhos.

⁶⁴⁹ FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.18.

⁶⁵⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque. Negros e Brancos. In: *Cobra de Vidro*. São Paulo: Perspectiva : Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, p. 12.

⁶⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. Negros e Brancos. In: *Cobra de Vidro*. São Paulo: Perspectiva : Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978, p. 13 e 14.

Mario Filho coloca-se no lugar de intérprete do Brasil e assim é aceito por intelectuais da época. *O Negro no Foot-ball Brasileiro* visto como uma obra que participa das discussões sobre a transição rural-urbana e sobre as formas de ascensão do negro na sociedade, temas caros ao período. O autor, dialogando ativamente com molduras tradicionais do pensamento brasileiro, propõe um novo objeto de investigação dentro desses marcos: estudar a história do futebol, procurando, por meio dele, compreender os processos formativos da sociedade brasileira. Dessa maneira, as resenhas aceitavam a validade pública de Mario Filho na discussão histórica e sociológica brasileira, ressaltando o valor positivo e inovador de seus estudos. Além disso, o fato de o autor ser visto como alguém de fora do universo acadêmico aparece como condição necessária para a forma com que utiliza o futebol como objeto de investigação histórico-sociológico.

Jornalista transmutado em historiador, Mario Filho apresenta o seu livro como um ensaio de caráter histórico-sociológico, e acreditamos que assim ele deve ser lido. Aceitando essa característica da obra, aceitamos que ela faça parte de uma tradição que viu no modelo ensaístico o melhor formato para pensar dilemas nacionais e procurar deslindar nós de nossa história a partir de uma perspectiva formativa da nação e da sociedade brasileira. O ensaio de formação seria, sob esse aspecto, um meio eficaz para conferir a noção de totalidade para a gênese e desenvolvimento da história, sendo o Brasil um ente singular, com suas amarras e potencialidades, dentre as outras nações do mundo. Ao mesmo tempo, a forma ensaística permitiu, para além de visualizar a nação como um todo, que Mario Filho elaborasse uma narrativa mais aberta e que pretendia entrar na “intimidade dos fatos”, como propunha também Gilberto Freyre.

Para que levasse a cabo essa proposta de inspiração freyreana de pensamento e de condução de pesquisa, Mario Filho sistematizou sua aproximação metodológica do objeto defendendo a validade historiográfica da utilização de fontes orais na reconstrução do passado do futebol brasileiro. Percebemos que por de trás dessa defesa estava uma clara concepção de escrita da história, mesmo que o resultado final de seu trabalho possa ser avaliado como tendo ou não cumprido essas promessas. Porém, sob a

perspectiva da intenção, não restavam dúvidas que Mario Filho desejava inserir *O Negro no Foot-ball Brasileiro* na prateleira de livros de história do Brasil. Daí todo esforço em afastar de si o rótulo de romancista, como o prefácio de José Lins do Rego a outro livro seu, *Copa Rio Branco*, 32, poderia dar a entender, e em oferecer ao público as condições que fariam de seu texto um exemplo da “verdade pura e simples”⁶⁵² da história.

Neste trabalho, foi analisado, também, como o prefácio e as resenhas cancelaram este lugar do autor como historiador. Além disso, observamos como os objetivos, hipóteses e uso de fontes adequam-se à dúvida que o conduz à investigação, a saber, que os documentos oficiais não teriam tanta utilidade para que a estrutura de segregação racial no futebol fosse visualizada, pois esse *corpus* apagava silenciosamente as violências raciais na história do futebol brasileiro. Com isso, chegamos à conclusão que Mario Filho sabia que a narrativa seria apenas uma das etapas do ofício do historiador, sendo necessário demonstrar toda a sua preocupação com a explicitação dos meios e pressupostos mobilizados durante o processo de escrita.

Exploramos, ainda, como o cuidado de Mario Filho em afirmar a veracidade dos fatos narrados esteve ligado a sua credibilidade jornalística e que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* fazia parte de seu projeto de escrever para público amplo. Essa constatação abala uma visão estabelecida de que, com o livro, Mario Filho teria realizado um corte em relação a sua atuação como jornalista, pois teria pretendido que sua obra circulasse apenas em meios intelectuais. Com a análise documental, descobrimos que o livro possuía uma edição de luxo e uma edição popular, com grande tiragem e preço inferior à edição de luxo, refutando, assim, a tese de que *O Negro no Foot-ball Brasileiro* teria sido escrito apenas para um pequeno grupo de pessoas.

Ao passarmos para a análise do corpo do texto, foi possível identificar como a sua história pretendia ambiciosamente suplantar uma memória precedente sobre a trajetória do futebol brasileiro. O projeto historiográfico de Mario Filho visava a articular uma nova memória para o futebol brasileiro, em

⁶⁵² RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 10.

que a presença de negros em campo fosse valorizada e responsabilizada pelo sucesso e glória do esporte, isso em contraposição à memória saudosista elaborada por pessoas brancas que, consciente ou inconscientemente, viam na abertura racial do futebol um processo de degeneração de seus anos iniciais, quando o jogo restringia a prática a grupos socialmente abastados e pessoas brancas. Diferentemente dos saudosistas, Mario Filho via nos atores negros da nossa história o vetor da nacionalidade a se construir. Os diversos personagens negros teriam urdido paulatinamente, nas ruas, nos espaços públicos, com condições materiais precárias, sem acesso às instituições um Brasil, pela primeira vez, vitorioso.

Essa nova memória gestada nas páginas de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* trazia consigo tanto um olhar diferente para o passado do futebol, quanto para a própria história do Brasil. Assim, foi abordado como o sentindo histórico do texto, pensado como tradução cultural de elementos estrangeiros para nacionais, possui a força de transformar-se em espelho daquilo que deveria ser seguido pela nação ela mesma. O passado do futebol tornava-se lugar de se pensar em futuros possíveis para o Brasil. A partir do processo histórico ocorrido em campo, toda a carga positiva da miscibilidade, da aversão à forma fixa, da espontaneidade e capacidade de improviso poderia ser visualizado como um caminho a ser seguido pelo mundo fora dos estádios.

Se o nível macro do texto permitiu que vissemos um tempo nacional em desenvolvimento, o nível micro da narrativa, na terminologia proposta por Pinto Gil, possibilitou esmiuçar a construção do passado como emulação do tempo da experiência cotidiana. Por conta da escolha de Mario Filho em assimilar as transformações históricas a partir de personagens de “carne e osso”, o autor optou por reconstruir suas aflições e sensações, fazendo do exercício historiográfico uma atividade de empatia com alguns sujeitos, no caso aqueles dentro do polo popular da história. Neste passar do tempo, que se consome *pari passu* às ações dos personagens, foi construída uma “verdadeira revolução”⁶⁵³, operada por negros e brancos pobres, que teve como resultado à

⁶⁵³ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947, p. 152.

democratização da prática do futebol e o fim do racismo em campo, assim como a ascensão social do negro. Essa revolução, que inaugura um novo tempo na história do Brasil teria como pano de fundo a transição da sociedade de castas para uma sociedade de classes e seu marco inicial na abolição da escravidão, o que não foi aceito pacificamente pelos representantes da antiga ordem, que reagiram, sem sucesso, contra este novo tempo.

A revolução proposta por Mario Filho configura-se como estratégia para encaminhar uma discussão nacional pautada na ideia da transformação gradual da organização macrossocial a partir da observação microssocial das relações pessoais. Ao reduzir a escala analítica a esse universo, Mario Filho acaba afirmando que o lugar privilegiado para as grandes transformações orientadoras de projetos nacionais é o mundo do cotidiano do Brasil popular em que as mudanças gradativas são observadas sem que haja suplementações de modelos sociais de forma abrupta e repentina. Assim, uma revolução que não miraria o lugar da grande política como alvo preferencial para suas transformações, mas que se operaria de modo assistemático e não planejado no plano da cultura e das relações sociais.

Não compreenderíamos esse caráter revolucionário das mudanças observadas por Mario Filho caso não fosse urdido pela sua narrativa uma representação do povo que valorizasse a sua heterogeneidade. Com isso queremos dizer que, apesar do povo ser também um ator dessa história, em uma relação antagônica com a elite, ele não é visto como unidade fixa e homogênea. O eixo popular é múltiplo, com múltiplos personagens povoando a história de *O Negro no Foot-ball Brasileiro* não apenas com suas ações, mas também com sua presença corpórea e todas as paixões envolvidas na dinâmica da vida cotidiana. Ou seja, o sentido da história de Mario Filho, não depende única e exclusivamente das ações dos personagens; as emoções dos sujeitos não são eliminadas do processo. Assim, o autor parte para uma intensa atividade descritiva dos acontecimentos e das sensações criando um ambiente de “democracia literária”, como proposto por Rancière, e dando “visibilidade aos corpos” que agem e sofrem nessa história e criando uma história sensível, nos termos de Didi-Huberman.

Ao mergulhar no tempo cotidiano, Mario Filho depara-se com a violência que se estabelece como linguagem mediadora das relações raciais no Brasil. Essa violência manifesta-se de múltiplas maneiras, desde da violência física até à violência simbólica, da violência aberta e escancarada à violência dissimulada. Portanto, ao fazer ver como essa violência é naturalizada dentro das relações microsociais, Mario Filho nega a representação do país como um lugar harmonioso e pacífico como um todo, especialmente em termos raciais. O espaço do futebol apresentava-se como lugar da sublimação dessa violência e da articulação de uma democracia exemplar para o mundo político e social.

No futebol, as violências que sufocavam o encontro do país consigo mesmo deixariam de existir abrindo caminho para a realização da nação. Esse processo viria da democracia racial realizada no esporte, e como interpreta Rachel de Queiroz em sua resenha, *O Negro no Foot-ball Brasileiro*:

É o estudo exaustivo de um fenômeno – a democratização, ou melhor, a mulatização (pois entre nós as duas palavras querem dizer praticamente a mesma coisa), de um esporte que desembarcou aqui com a máscara de esporte para grã-finos e ricos, mas pelo qual o povo se apaixonou.⁶⁵⁴

Vimos que essa gramática que fala em “mulatização” tem suas bases em Gilberto Freyre e assim foi identificada por seus antagonistas na época, que acusavam o grupo ligado ao mestre de Apipucos de realizar uma “filosofia da mulataria”, a qual certamente ganharia folego com o trabalho de Mario Filho como evidenciado pela própria Rachel de Queiroz em artigo, publicado pelo *Quilombo*, que rebatia as críticas feitas pelo grupo de Paulo Duarte.

Ao cruzarmos as nossas interpretações sobre livro e suas resenhas com o material produzido pelo jornal *Quilombo*, foi possível chegar à conclusão que o projeto defendido por Mario Filho em *O Negro no Foot-ball Brasileiro* possuía maior amplitude e o conceito de democracia racial estava no centro deste debate. Foi possível restituir sentidos para o programa de democracia racial encenado nas páginas do *Quilombo* que geralmente são obscurecidos pelas significações presentes dadas ao conceito. Por mais que possa nos parecer

⁶⁵⁴ QUEIROZ, Rachel de. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 07 de julho de 1948, p.5. (Edição 5789).

estranho, “democracia racial” expressava uma aliança de parte de intelectuais brancos e negros comprometidos com a imaginação de uma sociedade mais democrática, que se constituiria ela mesma, pela democratização das relações raciais. Assim, essa luta pela democracia racial, estabelecia-se como horizonte possível para uma sociedade politicamente democrática que tem como uma de suas metas a erradicação do racismo. Esse resultado da luta antirracista seria apenas o ponto final e ideal do processo, que abarcaria dentre outras coisas, a criação linguística de uma maior complexidade subjetiva às populações negras – daí, por exemplo, o esforço de Guerreiro Ramos na sugestão do “sociodrama” –, formulando um ambiente propício para a afirmação de referenciais existenciais calcados na experiência marginal das pessoas negras no Brasil, que mesmo após a abolição continuaram a viver em um sistema de relações classistas que as condicionavam a posições subalternizadas dentro da sociedade brasileira.

Para além da matriz freyreana de pensamento, vê-se um autor preocupado em inserir os fenômenos da história brasileira em molduras sociológicas que começavam a aparecer naquele período já com tom crítico a Freyre e suas propostas com demasiada atenção à cultura. Evidência disso seria a nossa sugestão em ler como antagonismo estruturante da obra, dentro do qual os conflitos raciais desenrolam-se, o par povo e elite. O racismo apareceria, assim, como um modo de frear a ascensão social do negro; ascensão social que estaria dificultada devido à sólida hierarquia social brasileira que seria obstáculo também à ascensão do “branco pobre”. Contudo, como afirma Rachel de Queiroz na matéria reproduzida pelo *Quilombo*, em que cita Mario Filho e rebate os argumentos de que o preconceito de cor seria inexistente, mostra como aspectos de classe e raça não são irreduzíveis:

O branco pobre é quase tão pária quanto o negro. Mas quase, apenas. Porque o branco, assim que se engravate e tenha dois vinténs no bolso, sai automaticamente da sua classe, ascende socialmente e penetra onde quiser. Enquanto o negro, de gravata ou sem gravata, é sempre o negro e nem com dinheiro, nem com educação, verá abertas diante de si as restrições acima enumeradas, e muitas que não foram citadas.⁶⁵⁵

⁶⁵⁵ QUEIROZ, Rachel. “Linha de Cor”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 2.

Por fim, concluímos que Mario Filho fez parte desse projeto que imaginou novos rumos para a nação brasileira em diálogo com o cenário internacional, procurando evidenciar a viabilidade da solução brasileira, mesmo com o lugar central da violência na vida cotidiana da nação. O autor procurou intercalar em suas análises tanto a perspectiva cultural quanto a econômica, em diálogo constante com tópicos tradicionais do pensamento sobre o Brasil e sua formação. Viu como as relações raciais têm muito que ver com as relações de classe, e que em um Brasil que se modernizava não se poderia pensar em alternativas nacionais sem assumir o problema a partir desses dois ângulos. Não se trata, portanto, de ver a solução para o enredo da história de Mario Filho, com o final do racismo em campo, como a construção de uma fantasia reacionária ancorada na imagem da doçura da miscigenação brasileira, mas antes como uma proposta esperançosa de resolução de problemas que impediriam o Brasil de se modernizar. Como um bom ensaísta, Mario Filho vislumbrou, em suas páginas, um destino para a nação.

Referências bibliográficas

Fontes primárias:

BARRETO, Lima. “A Liga Contra o foot-ball”. *Rio-Jornal*, 13 de março de 1919. In: PEREIRA, 1998.

BARRETO, Lima. “Vantagens do foot-ball”, *Careta*, 19 de junho de 1920, p. 20 e 21. (Edição 626).

BARRETO, Lima. “Macaquitos”, *Careta*, 23 de outubro de 1920, p.17. (Edição 644).

BARRETO, Lima. “Uma conferência esportiva”, *Careta*, 01 de janeiro de 1921. p.15 e 16 (Edição 654).

BARRETO, Lima. “Bemdito futebol!”, *Careta*, 01 de outubro de 1921, p. 5. (Edição 693)

BARRETO, Lima. “Meu conselho”, *A.B.C*, 01 de outubro de 1921. p.11. (Edição 343)

BARRETO, Lima. “Como resposta”, *Careta*, 08 de abril de 1922, p.8. (Edição 720)

BARRETO, Lima. “O foot-ball”, *Careta*, 01 de julho de 1922, p. 37. (Edição 732).

BARRETO, Lima. “O nosso sport”, *A.B.C.*, 26 de agosto de 1922, p.6. (Edição 390).

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. *Branços e Negros em São Paulo*: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Global, 2008.

“Boatos falsos”, *O Paiz*, 14 de março de 1919, p.6. (Edição 12573).

CESAR, Cesarino. “A exclusão de negros e mulatos”. *O Paiz*, 17 de setembro de 1921, p. 8 (Edição 13481).

Correio da Manhã, 27 de setembro de 1920 (Edição 7880).

COSTA PINTO, L. A. O negro no futebol brasileiro – resenha do livro de Mario Filho. *Sociologia*, São Paulo, v.9, n. 2, p. 181-184, 1947.

COSTA PINTO, L. A. e CARNEIRO, E. *As ciências sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: CAPES - Série Estudos e Ensaio – 6, 1955.

DA MATTA, Ary. “Futebol e Sociologia”. *A Manhã*, 02 de abril de 1947, p. 4. (Edição 1732).

E.B.S. “Football – Reparos”, *O Paiz*, 13 de março de 1919, p. 8. (Edição 12572);

FREYRE, Gilberto. "Roupas modernas". *Jornal da Província (PE)*, 06 de novembro de 1929. (Edição 256)

FREYRE, Gilberto. "Fair-play". *Jornal da Província (PE)*, 12 de dezembro de 1929. (Edição 313)

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Madri; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José: ALLCA XX, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Companhia Nacional: Rio de Janeiro, 1936.

FREYRE, Gilberto. "Foot-ball mulato". *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p.4. (Edição 143)

FREYRE, Gilberto. O negro no foot-ball do Brasil. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Negros e Brancos. In: *Cobra de Vidro*. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1978.

J.A. "Reparos", *Gazeta de Notícias*, 12 de março de 1919, p. 2. (Edição 70).

Jornal do Brasil, 15 de março de 1919, p. 5 (Edição 73).

LIMA, Jorge de. "O Negro no Foot-ball Brasileiro". *Jornal dos Sports*, 09 de julho de 1948, p.5 e 6. (Edição 5791).

LUSO, João. "Livros Novos - O Negro no Foot-ball Brasileiro". *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1948, p.37. (Edição 33).

LYRA FILHO, João. "O negro no football brasileiro". *Jornal dos Sports*, 06 de abril de 1947, p.7. (Edição 5406).

"Mario Filho lança hoje O negro no foot-ball brasileiro". *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.1 e p.4. (Edição 5392).

MAZZONI, Tomás. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo: S/e, 1941

MAZZONI, Tomás. *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MENDONÇA, Marcos de. "Carta sobre o 'Negro no Football Brasileiro'". *Jornal dos Sports*, 04 de fevereiro de 1949, p.5. (Edição 5968).

MENEZES, Djacir. "Um livro singularmente valioso". *Jornal dos Sports*, 29 de junho de 1947, p. 7. (Edição 5477).

MONTENEGRO, Olivio. "Uma história de football". *Jornal dos Sports*, 15 de julho de 1948, p. 4 e 5. (Edição 5796).

NASCIMENTO, Abdias. "Nós". *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

NUNES, Pedro. *Jornal dos Sports*, 23 de março de 1947, página 10. (Edição 5395).

“O negro no football brasileiro”. *Correio da Manhã*, 02 de abril de 1947, p.10. (Edição 16076).

O *Paiz*, 23 de setembro de 1920. (Edição B13122).

O *Paiz*, 26 de setembro de 1920. (Edição B13125)

O *Paiz*, 27 de setembro de 1920. (Edição B13126)

“O presidente da República não quer ‘homens de côr’ no nosso ‘scratch’”. *Correio da Manhã*, 17 de setembro de 1921, p. 5 (Edição 8233)

“O team afro-brasileiro e a sua admirável ‘performance’”. *Diário de Pernambuco*, 15 de junho de 1938, p.16 (Edição 141).

“Pelourinho | Discriminação nas obras sociais”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1949, ano 1, n.2, p. 8.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “O football e o caráter dionisíaco do brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 24 de julho de 1948, p.5. (Edição 5804).

QUEIROZ, Rachel de. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *Jornal dos Sports*, 07 de julho de 1948, p.5. (Edição 5789).

QUEIROZ, Rachel. “Linha de Cor”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 2.

RAMOS, Guerreiro. “Contatos raciais no Brasil”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1 p.8.

RAMOS, Guerreiro. “Teoria e prática do sociodrama”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, março e abril de 1950, ano 2, n. 7 e 8, p. 9.

RAMOS, Guerreiro. “Apresentação da negritude”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho-julho de 1950, ano 2, n.10, p.11.

REGO, José Lins do. Coluna ‘Esporte e Vida. “O negro no football”. *Jornal dos Sports*, 24 de maio de 1946, p. 3 (Edição 5141).

RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952.

RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Fulgor, 1965.

RODRIGUES, Mario. “As majestades de hoje”, *Correio da Manhã*, 25 de setembro de 1920, p.2, (Edição 7878)

RODRIGUES FILHO, Mario. “Confissões: O Negro no Foot-ball Brasileiro (À João Condé)”. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, 13 de abril de 1947, p.9. (Edição 38).

RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco*, 32. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943.

RODRIGUES FILHO, Mario. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Mauad, 20

RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Foot-ball Brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RODRIGUES, Nelson. “Há preconceito de cor no Teatro?”. *Quilombo*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1948, ano 1, n.1, p. 1 e 6.

ROSA, Mario Miranda. “O papel da magia o futebol”. *Sociologia*. São Paulo, v. 6, n. 4, 1944, pp. 295-304.

REGO, José Lins do. “A biografia de uma vitória”. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *Copa Rio Branco de 32*. Rio de Janeiro, Irmão Pongetti Editores, 1943.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Sociologia do esporte”. *Jornal dos Sports*, 08 de julho de 1948, p. 5 e 6. (Edição 5790).

VARGAS NETTO, Manuel. “Romance e realismo...”. *Jornal dos Sports*, 20 de março de 1947, p.4. (Edição 5392).

VIDAL, Ademar. “O Negro no Foot-ball Brasileiro”. *O Jornal*, 04 de abril de 1947, p. 4. (Edição 8260).

VITOR, D’Almeida. “Somos todos irmãos”, *Quilombo*, Rio de Janeiro, junho de 1949, ano 1, n.3, p.5.

ZINO, Antonio Palacio. “Monos en Buenos Aires”. *Crítica*, 03 de outubro de 1920.

Bibliografia:

AGÊNCIA FAPESP. Morre a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz. Agência Fapesp, 02 de janeiro de 2019. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/morre-a-sociologa-maria-isaura-pereira-de-queiroz/29492/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fatima. *Com brasileiro, não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ARAUJO, Cicero. Apresentação. In. POCOOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político moderno*. São Paulo: EdUSP, 2013.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 1930*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BARBOSA, Diego. Livro ‘O outro nordeste’, de Djacir Menezes, ganha terceira edição. *Diário do Nordeste*, 19 de novembro de 2018. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/livro-o-outro-nordeste-de-djacir-menezes-ganha-terceira-edicao-1.2027674>. Acesso em: 04 de abril de 2019

BIOGRAFIA. Ary da Matta. *Laboratório de Ensino e Material Didático da USP*. Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/1207>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

BIOGRAFIA. Jorge de Lima. *Enciclopédia Itaú Cultural*. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2816/jorge-de-lima>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

BIOGRAFIA. Rachel de Queiroz. *Academia Brasileira de Letras*. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 22, n. 1, Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL, Bruno. A Manhã, Rio de Janeiro, 1925. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-manha/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

BRINATI, Francisco. 'Bravos aos Brasileiros!': A Seleção de futebol como emblema da nação nos jornais durante o Sul-Americano de 1919. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Belém – PA, setembro de 2019.

CAPRARO, André Mendes. *Identidades imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2007.

CARVALHO, José Maurício. Djacir Menezes e o problema do conhecimento. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, v.29, 2012.

CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CORRÊA, Lúcia Helena. O racismo no futebol brasileiro. In: DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.

COUTINHO, Renato Soares. Introdução. In: *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1955)*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

COUTO, André Alexandre Guimarães. Do foot-ball ao futebol: a criação do jornal dos sports e a imprensa esportiva no rio de janeiro (1931-1950). *Usos do Passado — XII Encontro Regional de História - ANPUH-RJ*, 2006.

COUTO, André A. G. *Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2016.

COUTO, André A. G. Vargas Neto e suas crônicas: a imprensa esportiva para além de Mário Filho. *Ludopédio*, 29 de maio de 2012. Seção Literatura. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/vargas-neto-e-suas-cronicas-a-imprensa-esportiva-para-alem-de-mario-filho/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.

- CROCE, Benedetto. *La storia come pensiero e come azione*. Laterza: Bari 1966.
- DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DA MATTA, Roberto. Ópio do povo ou drama de justiça social. *Novos Estudos*, São Paulo. v.1, n.4, p.54-60,1982.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. Tese. (Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- DAMO, Arlei. Ah, eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 23, 1999.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.15, n.3, p.82-91, 2001.
- DIDI-HUBERMAN, Geoges. Rendre sensible. In. BADIOU, Alain. BOURDIEU, Pierre; BUTLER, Judith. *Qu'est-ce qu'un peuple?* Paris: La Fabrique Éditions, 2013. (Trad. Guilherme Zika, 2017).
- FRANCO JR, Hilário. *A dança dos deuses – futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. *Raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: USP, 2000.
- FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa de 1950. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 243-274, 2010.
- FRANZINI, Fábio. *À sombra das Palmeiras: A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2006.
- FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. *No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: UFPR, 2009.
- FUNES, Patrícia. *Salvar la nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia. O futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia. Fundação Joaquim Nabuco; Ministério da Educação, 2013.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil. *Revista de História*, Dossiê História do Futebol, São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010.
- GIL, Gilson Pinto. *Humildes, mascarados e gênios: ética, história e identidade nacional na obra de Mário Filho*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1996.

GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFRJ, 1977.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Intelectuais negros e modernidade no Brasil*. *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, 2003.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Preconceito de cor e racismo no Brasil*. *Revista de Antropologia*, v. 47, n. 1, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Intelectuais negros e formas de integração nacional*. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 50, 2004.

HAAG, Fernanda Ribeiro. *Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro*. *Esporte e Sociedade*, Ano 9, n. 23, 2014.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR, Cezar. *Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol*. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Maud, 2001.

HELAL, Ronaldo. *Futebol e comunicação a consolidação do campo acadêmico no Brasil*. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, Ano 8, v.8, n. 21, p.11-37, 2011.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do país do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: PUC, 2003.

IGLÉSIAS, Francisco. *José Honório Rodrigues e a Historiografia Brasileira*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, 1988.

KLINTOWITZ, Jacob. *A implementação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol - 1978*. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n.5, p. 113 – 118, 1978.

LAGE, Marcus Vinícius Costa; COUTO, Euclides de Freitas. *Representações do nacionalismo em tempos de Copa do Mundo: um estudo sobre a “grande imprensa” mineira (1949-1950)*. *Recorde*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 1-17, 2016.

LEVER, Janet. *Soccer: opium of brazilian people*. *Trans-action: Sport and Society: an anthology*, 1969.

LEVINE, Robert M. *Sport and Society: The case of brazilian football*. *Luso-brazilian review*, v. 17, n. 2, 1980.

LOPES, José Sérgio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada – A invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro*. *Revista USP, Dossiê Futebol*, n. 22, 1994.

LOVISOLO, Hugo. *Sociologia do esporte (futebol): conversões argumentativas*. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Jorge Gonçalves. (Org.). *Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LUCA, Tânia de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

MAIO, Marcos Chor. Uma Polêmica Esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o Tema das Relações Raciais. *Dados*, v. 40, n. 1, Rio de Janeiro, 1997.

MAIO, Marcos Chor. Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 11, n. 1, São Paulo, 1999.

MASCARENHAS DE JESUS, Gilmar. O futebol da *Canela Preta*: o negro e a modernidade em Porto Alegre. *Anos 90*, Porto Alegre, n.11, 1999.

MELLO, Evaldo Cabral de. O ovo de Colombo gilbertiano (1). In: *Um imenso Portugal: História e historiografia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

MORAIS, Jorge Ventura de; RATTON JR, José Luiz. Gilberto Freyre e o futebol: entre processos sociais gerais e biografias individuais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n.1, 2011.

MURAD, Maurício. Considerações possíveis de uma resposta necessária. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n.24, 1999.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-Grande & Senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. *Os hermanos e nós*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

PALOMO, Victor. Evocações do lugar de origem: a saudade em “Evocação do Recife” e “Recife”, de Manuel Bandeira. *Revista Crioula da USP*, São Paulo, n.13, 2013.

PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Unicamp, 1998.

PIAZZI, Giulia Sampaio. Esporte de massa como objeto de nicho: Uma análise editorial do mercado de livros de futebol. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Tecnologias de Edição). Belo Horizonte: CEFET-MG, 2015.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político moderno*. São Paulo: EdUSP, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O efeito de realidade e a política da ficção. *Novos Estudos* 86, v. 29, n.1, 2010.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Política, futebol e as invenções do Brasil. *Revista de História Regional*, v. 17, n.2, p. 347-377, 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 57, p. 15-43, 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes. *Revista Digital*, Buenos Aires, ano 15, n. 149, 2010.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Henrique Estrada. O conceito de formação na historiografia brasileira. In: MEDEIROS, Bruno Franco e outros (org.). *Teoria e Historiografia: debates contemporâneos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

RODRIGUES, Nelson. "O homem fluvial". In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Cia das Letras, 1994

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, v. 17, n. 34. Dossiê *Uma história do esporte para um país esportivo*, 2012.

SANTOS, Joel Rufino dos. Na CBD até o papagaio bate continência. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro n.5, p. 119 – 129, 1978.

SCALZO, Fernanda. História da literatura mora nos "Arquivos Implacáveis". *Folha de São Paulo*, Caderno Ilustrada. 21 de março de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/3/21/ilustrada/1.html>. Acesso em::21/02/2019.

SCHWARTZ, Christian L. M. Futebol em tradução: Língua nacional e estilo de jogo em relatos da imprensa argentina nos anos 20. *Revista ALED*, Brasília, n. 15, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto, Triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, n. 22, p. 30-37, 1994.

SILVA, Marcelino Rodrigues. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura). Belo Horizonte: UFMG, 1997.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

- SILVA, Marcelino Rodrigues da. Os gêneros de um clássico (Em preparação).
- SILVA, Rafael Santos. *Ordem em jogo: jornalismo esportivo, disciplina e nacionalismo na produção de Thomaz Mazzoni (1920 - 1941)*. Dissertação (Mestrado em História), Rio de Janeiro: PUC, 2013.
- SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the history of ideas. In: *Visions of Politics – Volume I: Regarding Method*. Cambridge: University Printing House, 2014.
- SOARES, Antônio Jorge. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Tese (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.
- SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antônio Jorge. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Maud, 2001.
- SOUZA, Denaldo Alchorne de. Mario Filho: a influência de Gilberto Freyre (1938-1950). **Ludopédio**, 26 de fevereiro de 2019, Seção Futebol Total. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/mario-filho-a-influencia-de-gilberto-freyre-1938-1950/>. Acesso em: 04 de abril de 2019.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 52, 2001.
- VERBETE. Djacir Lima Meneses. FGV – CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/djacir-lima-meneses>. Acesso em: 04 de abril de 2019.
- VIANNA, Hermano. A meta mitologia da democracia racial. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa. *O Imperador das Idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Colégio do Brasil; UniverCidade; Fundação Roberto Marinho; Topbooks, 2001.
- VIDAL, F.; ROSA, M.; LIMA, I. Objetos, coisas e memória popular sobre o negro escravo na Paraíba nos inéditos de Ademar Vidal. *XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB 2018*. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1411/1790>. Acesso em: 04 de abril de 2019.
- VIEGAS, Sônia. Filosofia, uma boa conversa. In: VIEGAS, Sônia. [MARQUES, Marcelo (org.)]. *Escritos: filosofia viva*. Belo Horizonte: Tessitura, 2009.
- WERNECK, Humberto. *O Santo Sujo: A vida de Jaime Ovalle*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- WISNIK. José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.